
= Maria Aparecida de Lima Ávila e Carvalho - 5/1

ANÁLISE DE UM MITO

CONTEMPORÂNEO

MDB e Arena traduzidos.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Conjunto de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP.

C253a

1560/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

AGRADECIMENTOS.

Em primeiro lugar agradeço ao meu orientador, prof. dr. Peter Henry Fry, as longas horas que gastou comigo discutindo o material e oferecendo sugestões; à prof. dra. Manuela Carneiro da Cunha, que aceitou a incumbência de substituí-lo, quando se ausentou do país, e ajudou-me a levar a bom termo este trabalho; ao prof. dr. Haquira Osakabe, que me sugeriu o método de análise do curso; ao prof. dr. Robert W. Shirley, cujas contribuições foram grandemente enriquecedoras; ao prof. dr. Antonio Augusto Arantes, que primeiro me despertou o interesse pelo estudo do comportamento simbólico; e a todos os outros professores do curso de Mestrado em Antropologia Social que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a elaboração deste trabalho.

Aos da terra, devo agradecer especialmente ao sr. José Ramos Junior, pesquisador nato, que me ofereceu espontaneamente o resultado de suas pesquisas e dos seus conhecimentos, nos muitos anos em que lá residiu. Presto-lhe aqui uma homenagem póstuma, por não ter terminado o trabalho a tempo de que o pudesse ler.

Agradeço a Vera Gomes Talavera, Edi Marinho e Maria Enói Mendes, que muito me ajudaram em diversos contatos que tive que fazer, e a todos os informantes que gentilmente me receberam.

Agradeço ainda a Eneida de Almeida Lima, que datilografou este trabalho, sem escolher dia e hora.

Espero que a defasagem existente entre a colaboração recebida e os resultados obtidos, não seja demasiadamente grande.

... ..

Í N D I C E .

- 1 - INTRODUÇÃO.
 - 1.1 - Escolha do tema e abordagem teórica.
 - 1.2 - A posição do pesquisador: um problema de identidade social.
- 2 - A EVIDÊNCIA DO MITO.
- 3 - A CONFIGURAÇÃO DO MITO.
 - 3.1 - A cidade e o município.
 - 3.2 - A formação dos partidos.
 - 3.3 - A mobilização das redes sociais.
 - 3.4 - As eleições e a reciprocidade.
 - 3.5 - A manifestação simbólica.
- 4 - A ORIGEM DO MITO.
 - 4.1 - A importância da fronteira.
 - 4.2 - Uma política sem "coronéis".
 - 4.3 - A emergência da "elite"
 - 4.4 - Burocracia e carisma.
- 5 - A ANÁLISE DO MITO.
- 6 - CONCLUSÃO.

1 - INTRODUÇÃO.

1.1 - Definição do tema e abordagem teórica.

Ao iniciar meu curso de mestrado em Antropologia Social, devendo definir meu tema de pesquisa, considerei que seria interessante estudar a alteração do comportamento das pessoas em tempo de campanha política e o envolvimento da população local no processo. Tal interesse se devia a ter eu residido, durante vários anos, em uma pequena cidade do oeste paulista, onde a agressividade e os sofrimentos pessoais, em tempo de campanha, nunca deixavam de me surpreender.

No decorrer do curso, fiz algumas pesquisas primárias, usando dados colhidos na cidade e, já no ano seguinte, munida do instrumental metodológico que me fora oferecido, iniciei a coleta de dados. A preocupação inicial passou a ser, então, apenas uma das partes do trabalho. Os dados colhidos através de informantes vários, permitiram-me reconstituir os acontecimentos que se desenrolaram durante as eleições municipais de 1972. Esses acontecimentos mostravam que, por trás da aparente simplicidade de uma divisão dicotômica a que a instituição do bipartidarismo condenara a cidade, havia uma complexidade que seria necessário esclarecer, caso se quisesse compreender e explicar a vitória de um partido e a derrota do outro.

Dessa forma, desenvolvi meu trabalho no sentido de fazer uma análise minuciosa das eleições municipais de 1972, no município de Presidente Epitácio, no extremo oeste do Estado de São Paulo, considerando que um estudo desse tipo, apesar de situado num tempo necessariamente superado, seria uma contribuição dentro de âmbito específico da Antropologia, ou seja, o do significado da classificação social (1).

.....
(1) - Lévi-Strauss, Claude. 1970, pág. 256. "Esta concepção dos sistemas classificatórios como sistemas de significação..."

O objetivo da pesquisa seria uma explicação do comportamento altamente ritualizado que se verificou durante essas eleições. Para tanto, logo nas primeiras tentativas de análise, verifiquei ser necessário recorrer a acontecimentos passados, pois os dados referentes especificamente ao ano de 1972 dariam uma visão parcial e, possivelmente, distorcida, do fenômeno observado. Assim é que, à procura do sentido, encontrei-me com alguns temas fundamentais da literatura antropológica e sociológica. Obedecendo à mesma ordem cronológica que orientou a exposição dos dados, posso citar como primeiro tema a fronteira, bastante desenvolvido na literatura antropológica, embora de desenvolvimento recente, e que levantou problemas relativos à caracterização dessas áreas pioneiras através das quais avançava para o interior a sociedade nacional. Feitos os primeiros estudos dessas áreas por geógrafos, que as designaram por "frentes pioneiras", tais estudos foram mais tarde realizados por antropólogos, que recusaram o conceito anterior, por ideológico (1) e utilizaram o conceito de "frentes de expansão". Otávio Guilherme Velho faz uma definição preliminar, considerando-as como "sendo constituídas dos segmentos extremos da sociedade brasileira que se internavam em áreas antes não exploradas, ou apenas ocupadas por sociedades indígenas." (2) Mais tarde, o mesmo conceito é usado no estudo do imigrante japonês em São Paulo, com ênfase maior nas relações inter-regionais (3).

Porém, em 1976, num estudo comparado de expansão de fronteiras nos Estados Unidos, na Rússia e no Brasil, Otávio Guilherme Velho faz uma opção em favor do conceito "fronteira em movimento." Neste trabalho, optei por uma simplificação e u-
.....

- (1) - Schuring Vieira, Francisca Izabel. O japonês na frente de expansão paulista, pág. 12.
- (2) - Guilherme Velho, Otávio. Frentes de expansão e estrutura agrária - pág. 4.
- (3) - Schuring Vieira, Francisca Izabel, op. cit. pág. 13. " A utilização dessa categoria implica no reconhecimento imediato de relações inter-regionais, remetendo a um background histórico-econômico."
- (4) - Guilherme Velho, Otávio. Capitalismo autoritário e campesinato.

so o termo fronteira para designar uma área ainda livre do controle burocrático formal, passível de ser apropriada, colocando a ênfase maior nas características da organização social que aí se desenvolve (5). Embora a fronteira apareça como um fator importante na explicação do processo estudado, este não é um estudo de fronteira.

Segundo tema, o Coronelismo aparece através da necessidade da sua negação. A literatura sobre política local no Brasil manifesta uma preocupação relacionada à existência do "coronel", figura aparentemente resistente a alterações contextuais, seja no tempo ou no espaço (6). De qualquer forma, as considerações sobre o tema demonstram apenas a preocupação de situar os líderes locais no município estudado e não a intenção de um estudo exaustivo do fenômeno coronelista no Brasil.

Terceiro tema, a estratificação social aparece na constatação do processo de formação de grupos de status, justamente um dos focos determinantes da oposição dual (7). E embora os dados demonstrem o desenvolvimento de um processo de estrati

(5) - Turner, Frederick Jackson. The Frontier Thesis - pág. 4.

(6) - Gross, Daniel. Faccionalism and local level politics in rural Brazil - pág. 124. "1. Coronelism and faccionalism are not dying out in rural Brazil, but, rather, continue to be reproduced as new political subdivisions and settlements arise. 2. the maintenance of the clientelistic system is not in spite of, but a result of economic growth, increasing participation in market, etc. 3. the very individuals who, according to modernization theorists, should be the instigators of change may often assume and wield power in the traditional manner. It is precisely these individuals who have the greatest contact with urban center and access to modern technology, capital and influence." Costa Davids, Neuza. Poder local: aparência e realidade. Pág. 54. "...por outro lado, o coronelismo de cidade, enquanto esquema basicamente conciliador, valeu-se igualmente das relações sociais primárias entre candidato e eleitor, mantidas num mínimo de familiaridade ..."

(7) - Weber, Max. Ensaios de Sociologia, pág. 218-219. "Em contraste com as classes, os grupos de 'status' são normalmente comunidades. Com frequência, porém, são do tipo amórfo. Em contraste com a 'situação de classe' determinada apenas por motivos econômicos, desejamos designar como

ficação social, decorrente de uma economia extrativista, com a consequente formação de tensões entre capital e trabalho (8), o presente estudo não pretende esgotar o assunto, mas apenas constatar a existência do fenômeno e determinar o seu peso nas consequências eleitorais. Finalmente, burocracia e carisma aparecem como uma oposição que representa, na terminologia lévi-strausssiana, uma contradição (9) a que tinha chegado a sociedade estudada. A apropriação da riqueza, extremamente desigual, não era campo propício para o desenvolvimento de uma dominação legal, que se vinha estruturando a partir de exigências constantes do poder central. O tipo de dominação legal supõe um sistema de regras, que é aplicado judicial e administrativamente segundo princípios verificáveis e é válido para todos os membros da comunidade (10). Ora, no caso em estudo, uma grande parcela da população encontrava-se impedida de realizar as exigências mais elementares de uma administração burocrática ou seja, o pagamento de taxas e impostos, havendo mesmo sido criadas, no código de posturas municipais, algumas isenções (11). Consequentemente, -

-
- (7) - (cont.) 'situação de status' todo componente típico do destino dos homens, determinado por uma estimativa específica, positiva ou negativa, de honoraria. Essa honoraria pode estar relacionada com qualquer qualidade partilhada por uma pluralidade de indivíduos e, decerto, pode estar relacionada com uma situação de classe: as distinções de classe estão ligadas, das formas mais variadas, com as distinções de status. A propriedade, como tal, nem sempre é reconhecida como qualificação estamental, mas a longo prazo ela assim é, e com extraordinária regularidade."
- (8) - Idem, ibidem - pág. 218. "Hoje em dia, a questão central é a determinação do preço do trabalho."
- (9) - Lévi-Strauss, Claude, Antropologia Estrutural, pág. 264. "Se é verdade que o objeto do mito é fornecer um modelo lógico para resolver uma contradição (tarefa irrealizável, quando a contradição é real)..."
- (10) - Bendix, Reinhardt. Max Weber - pág. 281.
- (11) - Weber, Max. Ensaio de Sociologia, pág. 243. "...um sistema estável de tributação é a precondição para a existência permanente da administração burocrática. Por motivos bem conhecidos e gerais, somente uma economia monetária - plenamente desenvolvida oferece uma base segura para este sistema de tributação."

uma ampla camada da população estava impedida, por situação social precária, de postular direitos a posições através de treinamento ou capacitação profissional. A forma de dominação carismática aparece como uma solução, não total, mas parcial do problema, na medida em que "ignora qualquer 'carreira', 'progresso', 'salário' regulares, ou o treinamento especializado..." (12) A forma de dominação carismática seria a maneira possível de personalizar as relações sociais, facilitar a prestação de favores, estabelecer trocas sociais através de critérios pouco ortodoxos, mas válidos para a sociedade em questão. Como, porém, solucionar o impasse, se um tipo de dominação nega o outro? Nesse momento é que aparece o mito, pois "...o pensamento mítico não é somente o prisioneiro de acontecimentos e de experiências, que ordena e reordena, incansavelmente, para lhes descobrir um sentido; é também libertador, pelo protesto feito contra a falta de sentido..." (13). O objetivo específico, portanto, deste trabalho, é a explicação do significado das manifestações simbólicas verificadas durante as eleições municipais de 1972, em Presidente Epitácio. Esse esforço pode ser justificado, considerando-se que a instituição do bipartidarismo no país, significou a superposição de um esquema dual sobre uma realidade na qual não fora gerado e que comportava maior número de subdivisões. As associações que se fizeram, a partir de 1965, com as siglas ARENA e MDB, em minha opinião, dão apenas uma indicação incerta a respeito das variáveis subjacentes. Parece-me que, somente através de uma série de estudos, a nível local, poderemos ter uma noção do que representa essa divisão dicotômica no contexto da sociedade nacional.

O método adotado para a realização deste trabalho foi o método estruturalista, tal como o propõe Lévi-Strauss (14).

.....

(12) - Idem, ibidem, pág. 284.

(13) - Lévi-Strauss, Claude. O Pensamento Selvagem - pág. 43.

(14) - Lévi-Strauss, Claude. Antropologia Estrutural - pág. 313.

A escolha do método deveu-se, em parte, ao núcleo da pesquisa , conjunto de panfletos mimeografados que foram denominados Diário da Minhoca, e que condensavam as idéias e procedimentos verificados durante a campanha. Sugeriu-se-me a possibilidade de estudá-lo como mito, usando os procedimentos propostos por Lévi-Strauss em seu artigo "A estrutura dos Mitos"(15), considerando cada panfleto como uma versão do mito, os quais seriam decompostos em mitemas e trabalhados em termos de oposições (16). Constatando-se, porém, que o método, talvez pelas condições do próprio texto, conduzia a resultados bastante pobres, minha preocupação voltou-se, não mais para o método de análise do material, como mito, mas do material em si, para verificar a sua qualidade de mito. Estabelecida a qualidade de mito do material a ser estudado (17), restava-me encontrar um método de análise adequado, que me foi sugerido através da leitura de "Analyse Automatique Du Discours" de M. Pêcheux, o qual propunha um método de análise linguística que ele justificava principalmente pelo "modo de acesso ao objeto (18). Referindo-se aos métodos utilizados até então pela etnologia, Pêcheux diria que os estudos para linguísticos reconheciam que, da mesma forma que existem sistemas sintáticos, existem sistemas míticos, literários, etc. E embora reconhecendo que, tanto os textos como a língua funcionam, não superavam as dificuldades próprias ao nível e à dimensão do texto. A falta de uma técnica analítica mais eficiente impedia que se separassem a teoria do mito e a prática do mito (19).Ado

(15) - Idem, op. cit. pág. 237.

(16) - Idem, ibidem, pág. 243.

(17) - Cap. 2. A evidência do mito, pág. 1.

(18) - Pêcheux, M. Analyse Automatique Du Discours - pág. 7.

(19) - Pêcheux, M. op. cit. pág. 6. "Ici se manifeste la résistance propre au niveau et à la dimension de l'objet: la disjonction entre la théorie de la langue et la pratique du mythe est encore problématique. On peut même se demander si elle est pensable, à lire ce qu'écrit un spécialiste - et non des moindres - à ces propos: (...) Comme les rites, les mythes sont interminables. Et en voulant imiter le mouvement spontané de la pensée mythique, notre entreprise, elle aussi trop brève et trop longue, a dû se plier à ses exigences et respecter son rythme. Ainsi, le livre sur les mythes est-il, à sa façon, un mythe."(Lévi - Strauss, 1964, p.13) "

tado, portanto, o procedimento de análise do discurso proposto por Pêcheux, vi-me realizando o procedimento inverso: ao invés de aplicar uma análise do mito a um texto, aplicava uma análise de texto a um mito. A proposta de Pêcheux apresenta peculiaridades, porém, dentro da própria linguística, no momento em que recorre à Sociologia para a realização da sua análise (20). Assim sendo, crescem de importância os dados etnográficos, dos quais vai emergir o significado da análise linguística. Neste ponto, passamos da noção de estrutura, segundo Lévi-Strauss (21), que nos serve para o propósito mais amplo da análise, para a noção de estrutura, segundo Radcliffe-Brown. A partir dela, os interacionistas construíram suas técnicas para análise da realidade empírica, tentando passar, do uso metafórico de rede de relações sociais, para o uso analítico (22). Poderia parecer, à primeira vista, uma incoerência o uso de redes de relações sociais para a análise do processo estudado, considerando-se que o objetivo da mesma é a construção de um modelo, a partir da realidade empírica. A coerência, porém, é dada pelo próprio Lévi-Strauss ,

-
- (20) - Pêcheux, M. op. cit. pág. 109. "D'une part, en effet, - nous laissons au sociologue la responsabilité de définir dans le détail les traits qui caractérisent spécifiquement une condition de production discursive à travers la situation et la position des protagonistes du discours dans une structure sociale donnée; ..."
- (21) - Lévi-Strauss, Antropologia Estrutural, pág. 315. "O princípio fundamental é que a noção de estrutura social não se refere à realidade empírica, mas aos modelos construídos em conformidade com esta."
- (22) - Mitchell, J. Clyde. The Concept and Use of Social networks pág. 1-2. "The image of 'network of social relations' to represent a complex set of inter-relationships in a social system has had a long history. This use of 'network', however, is purely metaphorical and is very different from - the notion of a social network as a specific set of linkages among a defined set of persons, with the additional property that the characteristics of these linkages as a whole may be used to interpret the social behaviour of the persons involved. When Radcliffe-Brown, for example, defined social structure as a 'network of actually existing social relationships', he was using 'network' in a metaphorical and not an analytical sense."

quando diz que as noções de estrutura social e de relações sociais foram muitas vezes confundidas: "As relações sociais são a matéria prima empregada para a construção dos modelos, que tornam manifesta a própria estrutura social." (23)

Coerente com o procedimento dos interacionistas, o método empregado na apresentação dos dados é o da análise situacional (24) em que os personagens aparecem como figuras ímpares, colocadas num tempo e espaço determinados, porém demonstradoras de um processo geral através do qual se transforma a sociedade. (25) Considero pois que a análise situacional e o uso de redes de relações sociais, são dois procedimentos coerentes com a procura do modelo inconsciente (26). Há apenas, entre os dois, uma diferença no nível de abstração.

Este trabalho deverá tratar, primeiramente, da caracterização do mito, tal como é feita através das diversas obras de Claude Lévi-Strauss. A segunda parte deverá tratar das condições que permitiram o aparecimento do produto mítico. Essas condições foram propiciadas a partir do imperativo de definição po

.....
(23) - Lévi-Strauss, Claude. Antropologia Estrutural, pág. 316.

(24) - Van Velsen, The extended-case Method and Situational Analysis. pág. 140-141. "By this method the ethnographer not only presents the reader with abstractions and inferences from his field material but also provides some of the material itself." "...a situational analyses pays more attention to the integration of case material in order to facilitate the description of social process."

(25) - Van Velsen, op. cit. pág. 140. "...I have argued that situational analysis offers better opportunities for integrating the accidental and exceptional with the general.."

(26) - Lévi-Strauss, Claude. Antropologia Estrutural, pág. 318. "Os modelos podem ser conscientes ou inconscientes, segundo o nível onde funcionam." O modelo inconsciente é chamado por ele de estrutura profunda: "...: quanto mais nítida é a estrutura aparente, mais difícil torna-se de apreender a estrutura profunda, por causa dos modelos conscientes e deformados que se interpõem como obstáculos entre o observador e o objeto."

lítica, durante as eleições municipais, entre duas lealdades apenas, excluída qualquer possibilidade alternativa. A terceira parte se refere às condições anteriores à configuração do mito, já que o mito não pertence apenas à ordem da sincronia, mas também ao da diacronia. Finalmente, na última parte, é realizada - uma análise do discurso, tal como é proposta por Maurice Pêcheux, em *Analyse Automatique du Discours*, com o intuito de perceber - as implicações mais profundas da divisão dicotômica e construir seu modelo.

... ..

1.2 - A posição do pesquisador: um problema de identidade social.

A partir do estabelecimento da natureza simbólica do objeto de estudo da Antropologia Social (1), verifica-se que o trabalho do antropólogo, quando confrontado com a natureza concreta da pesquisa de campo, se realiza em um terreno de areias movediças. Armado, ele próprio, de um arcabouço ideológico, fruto de sua condição histórica e social (2), defronta-se com outras construções ideológicas, geradas em outras condições que não as dele e que serão de importância primordial na compreensão dos dados obtidos. (3)

-
- (1) - Lévi-Strauss, Claude. 1969, pág. 54 - "Estabelecendo a natureza simbólica do seu objeto, a antropologia social não entende por isso desligar-se dos realia. Como o faria ela, pois a arte, onde tudo é signo, utiliza meios materiais? Não se podem estudar deuses, ignorando suas imagens; ritos, sem analisar os objetos e as substâncias que fabrica ou que manipula o oficiante; regras sociais, independentemente das coisas que lhes correspondem. A Antropologia Social não se isola numa parte do domínio da etnologia; e não se para cultura material e cultura espiritual. Na perspectiva que lhe é própria - e que nos será necessário situar - ela lhes consagra o mesmo interesse. Os homens se comunicam por meio de símbolos e signos; para a Antropologia, que é uma conversação do homem com o homem, tudo é símbolo e signo, aquilo que se põe como intermediário entre dois sujeitos. "
 - (2) - Mannheim, Karl. 1968, pág. 100 - "Enquanto não se tiver posto em questão a própria posição, encarando-a como absoluta, ao passo que se interpretam as idéias dos opostos como meras funções da posição social que ocupam, ainda não se terá dado o decisivo passo adiante."
 - (3) - Idem, ibidem, pág. 103 - "Mas é precisamente esta expansão e difusão da abordagem ideológica que levam, finalmente, a um ponto em que não é mais possível para um ponto de vista e uma interpretação, refutar os demais por serem ideológicos, sem ter que enfrentar essa acusação."

Considerando o aspecto contextual do significado, cabe ao antropólogo a compreensão das relações para chegar ao sentido dos termos (4). Embora sua pesquisa possa parecer, em determinados aspectos, uma coleta de dados objetivos, tais como números colhidos a partir de recenseamentos, verificação de documentos e publicações, na realidade o seu verdadeiro material de pesquisa é a palavra dos homens (5).

A função do antropólogo social é captar mensagens.(6) Mas ele não pode apenas captá-las porque, na mesma condição de ator social, ele também emite mensagens que são captadas através de seus sinais mais evidentes pelos informantes. O antropólogo, portanto, não está livre para compor a sua imagem e, muito menos, uma imagem neutra, pois deverá estabelecer o contato através de uma linguagem por meio da qual só serão ditas as coisas possíveis dentro dela. O entendimento da mensagem vai remeter ao posicionamento do indivíduo pois, segundo Bailey, não podemos saber o que um homem está falando antes de saber quem é e com quem fala (7).

-
- (4) - Lévi-Strauss, Claude. 1970, pág. 74. "Os termos nunca têm significação intrínseca, sua significação é de 'posição', função da história e do contexto cultural, de uma parte, e de outra, da estrutura do sistema em que são chamados a figurar."
- (5) - Lévi-Strauss, Claude. 1970, pág. 50: "E, certamente, a prova continuará amplamente ilusória: não sabemos jamais se o outro, com quem afinal de contas não nos podemos confundir, opera a partir dos elementos de sua existência social, uma síntese que se pudesse superpor exatamente àquela que elaboramos. Mas não é necessário ir tão longe; é preciso somente - e para isso, o sentimento interno basta - que a síntese, mesmo aproximativa, resulte da experiência humana. Devemos nos assegurar disso, porquanto estudamos homens; e como somos nós mesmos homens, temos a possibilidade de fazê-lo. A maneira pela qual Mauss põe e resolve o problema, no *Essai sur le don*, nos conduz a ver, na intersecção de duas subjetividades, a ordem de verdade mais aproximada à qual as ciências do homem podem pretender, quando enfrentam a totalidade do seu objeto."
- (6) - Bailey, F.G. 1971, pág. 10: "We signal our way through life and, from one point of view, society and community are an endless exchange of messages."
- (7) - Idem, *ibidem*, pág. 12: "We do not really know that a man

No caso dos pesquisadores que se dirigem pela primeira vez a um campo de trabalho, uma das primeiras preocupações consiste em como introduzi-lo na comunidade a ser estudada. É forçoso reconhecer que há condições em que a pesquisa se torna impraticável, ou seja, quando o pesquisador não consegue ser aceito através de um papel condizente com os códigos vigentes - em determinada sociedade. Desde que ele consiga se inserir na sociedade, através de um papel social qualquer, passará a compor a rede de relações sociais (8) nela existente. E a pesquisa vai exigir dele a possibilidade de mobilização de determinadas redes de relações sociais, cujos conteúdos podem ser vários, como parentesco, amizade e outros. Segundo Mitchell, o aspecto interacional mais importante das ligações entre pessoas é o sentido que as mesmas dão a elas (9). E sugere que se chame o reconhecimento normativo da interação, de conteúdo. Outros autores, porém, usaram o termo conteúdo no sentido de troca ou informação. O uso do termo em sentido normativo, não exige que se exclua a possibilidade da troca ou da informação (10) estarem presentes na interação estabelecida entre os componentes da re-

.....

(7) - (cont.) is saying until we know he is and whom he is speaking. All this follows from the fact that interactions - convey messages about status; ..."

(8) - Mitchell, J. Clyde. 1969, pág. 2: "...social network as a specific set of linkages among a definite set of persons, with the additional property that the characteristics of these linkages as a whole may be used to interpret the social behaviour of the persons involved."

(9) - Mitchell, J. Clyde. op. cit, pág. 20: "From a sociological point of view the most important interactional aspect of the links in a person's network is that which concerns - the meanings which the persons in the network attribute to their relationships. The links between an individual and the people with whom he interacts come into being for some purpose or because of some interest which either or both of the parties consciously recognize. We may speak thus of the content of the links in a person's network."

(10) - Idem, ibidem, pág. 22: "Here content refers to the content of the flow of communications through the network. Kapferer refers to this aspect of interaction as exchange content ... "

de de relações sociais. Essa troca e essa informação, no entanto, estão condicionadas às normas que orientam os relacionamentos, determinando o que e com quem trocar, o que e com quem falar. O problema da reciprocidade na interação, ligado ao mesmo conteúdo, como amizade, vizinhança ou parentesco (11), perde a importância quando se trabalha em termos de papéis, já que cada papel vem acompanhado de uma série de procedimentos normativos que determinarão a reciprocidade adequada a cada caso (12).

Segundo Bailey, uma comunidade é um conjunto de valores e categorias compartilhados (13). Toda uma série de normas permeia os relacionamentos sociais e as respostas só serão conseguidas se, através de um relacionamento estabelecido, normas e interesses reconhecidos assim o exigirem (14). E segundo Mitchell, atores e observadores de uma situação social são capazes de entender o comportamento das pessoas envolvidas porque correspondem a um sentido em termos de normas, crenças e valores associados ao comportamento (15). Seguindo essas considerações, torna-se evidente a importância da classificação do antropólogo dentro do seu campo de estudo, como ator social entre outros atores, que se comunicarão com ele através de um código já elaborado e cuja interação só se tornará possível através do estabelecimento de papéis que permitam perguntas como: quem sou eu pa

- (11) - Idem, ibidem, pág. 22. "Here content refers to the normative context in which interaction takes place such as kinship, friendship, common religious belief; economic obligation, etc."
- (12) - Idem, ibidem, pág. 26. "A network exists in the recognition by people of sets of obligations and rights in respect of certain other identified people."
- (13) - Bailey, F.G., op. cit. pág. 8. "... a community is a set of shared values and categories."
- (14) - Mitchell, J. Clyde. op. cit, pág. 20. "The links between an individual and the people with whom he interacts come into being for some purpose or because of some interest - which either or both of the parties consciously recognise."
- (15) - Mitchell, J. Clyde. op. cit, pág. 20.

ra lhe falar assim? - quem é você para me falar assim? É a partir de um posicionamento prévio que se desenvolverá o diálogo possível, portador do sentido que o pesquisador tentará descobrir, procurando, dentro da diversidade superficial, os efeitos metafóricos comuns (16).

Considerando o trabalho de campo desta perspectiva, apresentam-se três aspectos importantes:

- 1) a posição do pesquisador diante da ordem social existente, - pois é a partir dela que lhe serão fornecidas as informações;
- 2) a interpretação que ele dá às informações que recebe, a partir da posição de quem informa;
- 3) qual a reciprocidade estabelecida que lhe permite esperar que respondam.

No meu caso particular, voltava a uma cidade onde havia morado durante nove anos e na qual desempenhara os seguintes papéis:

- 1 - mulher do engenheiro da Ponte;
- 2 - mulher do presidente do Lions;
- 3 - Diretora Executiva do Centro Social;
- 4 - redatora do jornal;
- 5 - diretora de escola primária;
- 6 - professora de jardim de infância;
- 7 - diretora de Escola Normal;
- 8 - Chefe-de-Serviço de Colocação Familiar;
- 9 - mulher do prefeito.

.....

(16) - Pêcheux, M. op. cit. pág. 32. "... le même système de re présentations se réinscrit à travers des variantes qui le répètent de proche en proche: c'est cette répétition de l'identique à travers des formes nécessairement diverses qui caractérise à nos yeux le mécanisme d'un processus de production; la "struture profonde" apparaît ainsi comme un tissu d'éléments solidaires, s'étayant et s'assurant lui même à travers les effets métaphoriques qui permettent d'engendrer une série quase infinie de 'surfaces' tout en astreignant celle-ci à des limites de fonctionnement au-de là desquelles la "struture profonde" eclaterait."

Essa variedade de papéis, embora pareça demasiadamente ampla e incoerente, encontra sua coerência na ordem dos acontecimentos. Chegando em 1960, no início da construção da Ponte, fui identificada indiretamente através da função que o marido exercia. Em seguida, com a fundação do Lions Clube, fui identificada ainda pela posição do marido na nova associação. Mais tarde a identificação passou a ser direta, pois provinha do desempenho meu em uma obra social que se iniciava na cidade, motivada pelo grande afluxo populacional advindo com a construção da Ponte. Os papéis de diretora de escola primária, professora de jardim de infância e diretora de Escola Normal, estavam todos relacionados com os trabalhos docentes realizados num conjunto de atividades. O papel de redatora de jornal se devia à participação com artigos semanais em um pequeno jornal local, que comentava os últimos acontecimentos e defendia interesses locais e localizados. O papel de Chefe-de-Serviço de Colocação Familiar foi consequência do trabalho desenvolvido no Centro Social, que provocou uma nomeação do Juiz da Comarca. Finalmente, a partir do desempenho das funções profissionais do marido dentro de um determinado momento estrutural e dos trabalhos desenvolvidos por mim junto à camada mais pobre da população, assumi o último papel: o de mulher do prefeito.

Quando voltei para conseguir os depoimentos que me permitiriam analisar as eleições municipais de 1972, para cada grupo de pessoas com quem me relacionara de determinada maneira, eu voltava em determinado papel. A abordagem, porém, era dificultada pelo último papel desempenhado, pois me colocava imediatamente, aos olhos da população local, como pertencendo ao partido político ao qual o marido pertencera e me punha sob suspeita diante dos adeptos do outro partido, mais ainda pelo fato do assunto da pesquisa ser de natureza política.

As relações múltiplas, porém, foram um elemento capaz de minimizar a divisão mais importante na época, que era a exis

tente entre os partidários da Arena e do MDB. Pode-se aplicar aqui a idéia de "redundância" de Frankenberg, segundo a qual, havendo muitos canais haverá canais alternativos, quando um canal falha (17).

A princípio, foi mais fácil atingir os partidários do partido do marido, que vinham chorar a derrota e rememorar os "bons tempos". Em muitas atividades havíamos estado juntos e a derrota dera a direção de tudo ao partido da oposição. Essas - pessoas eram de uma camada mais alta, tinham ocupado, em sua maioria, cargos de direção e tinham estreita ligação com os candidatos derrotados. Outra camada à qual eu tinha acesso fácil - era a dos conhecidos que haviam sido atendidos pelo Centro Social, no tempo em que eu trabalhava lá. Apenas, havia uma questão que merecia cuidado: pelas informações obtidas, sabia - se que tinham sido ardorosos defensores do partido da Oposição, mas a mim lamentavam a derrota da Situação e lembravam os benefícios recebidos, embora não negassem a participação nos comícios da Oposição, justificada pela maior facilidade de condução e por serem mais divertidos, pois eram muito concorridos. Os mais corajosos queixavam-se dos líderes da Situação, contavam as peripécias por que passaram quando a eles recorreram, chegavam mesmo a atacar a integridade moral dos candidatos, mas diziam que, para cumprir um dever de lealdade, tinham dividido os votos da família em partes iguais. Os líderes políticos eram atingidos através da condição de mulher do ex-prefeito e a partir das relações que mantiveram com ele, já que na ocasião eu não participava da vida política como tal, embora tivesse peso político minha atuação junto à camada mais pobre da população. Assim é que tive livre acesso à casa de ex-vereadores, ex-vice-prefeito, ex-candidato a prefeito, ex-prefeito, etc. Acontecia, porém, ...

(17) - Mitchell, J. Clyde. op. cit, pág. 21 - "The idea of multi

plexity also relates Frankenberg's notion of 'social redundancy' to the personal network. The basic idea behind 'redundance' is that in multi-channel routes alternative channels are available if any one channel should fail."

não ter eu condições de chegar aos líderes da Oposição, logo após uma vitória violenta em que muitos ataques pessoais foram feitos à Situação. Eu os conhecia, porém, através de redes de relações sociais de conteúdo não político.

Sabendo que haveria uma reunião na Câmara Municipal, para comunicar ao povo a instalação do Banco do Estado, achei - conveniente comparecer. Iniciada a reunião, para surpresa minha fui saudada pelo presidente da Câmara, que me viu no auditório e cuja filha fora minha aluna no jardim de infância; fui abraçada, efusivamente, pela dona da livraria onde eu comprava material para a escola e que era esposa do terceiro homem que liderara a campanha da Oposição; no intervalo, fui cumprimentada pelo prefeito, que era primo de uma professora que trabalhara comigo na Escola Normal; pelo vice-prefeito e esposa, pais de ex-alunos meus; e por um vereador que, muitas vezes, ajudara a promover festas para o Centro Social. No fim da reunião, fui convidada para um cafezinho nas dependências da Câmara, onde me fizeram convites para visitá-los em suas casas. No entanto, essa abertura não significava franqueza nas conversas, principalmente no que dizia respeito às táticas políticas. As informações, salvo raras exceções, se resumiam em afirmar a atuação deficiente da Situação e a necessidade de renovação política.

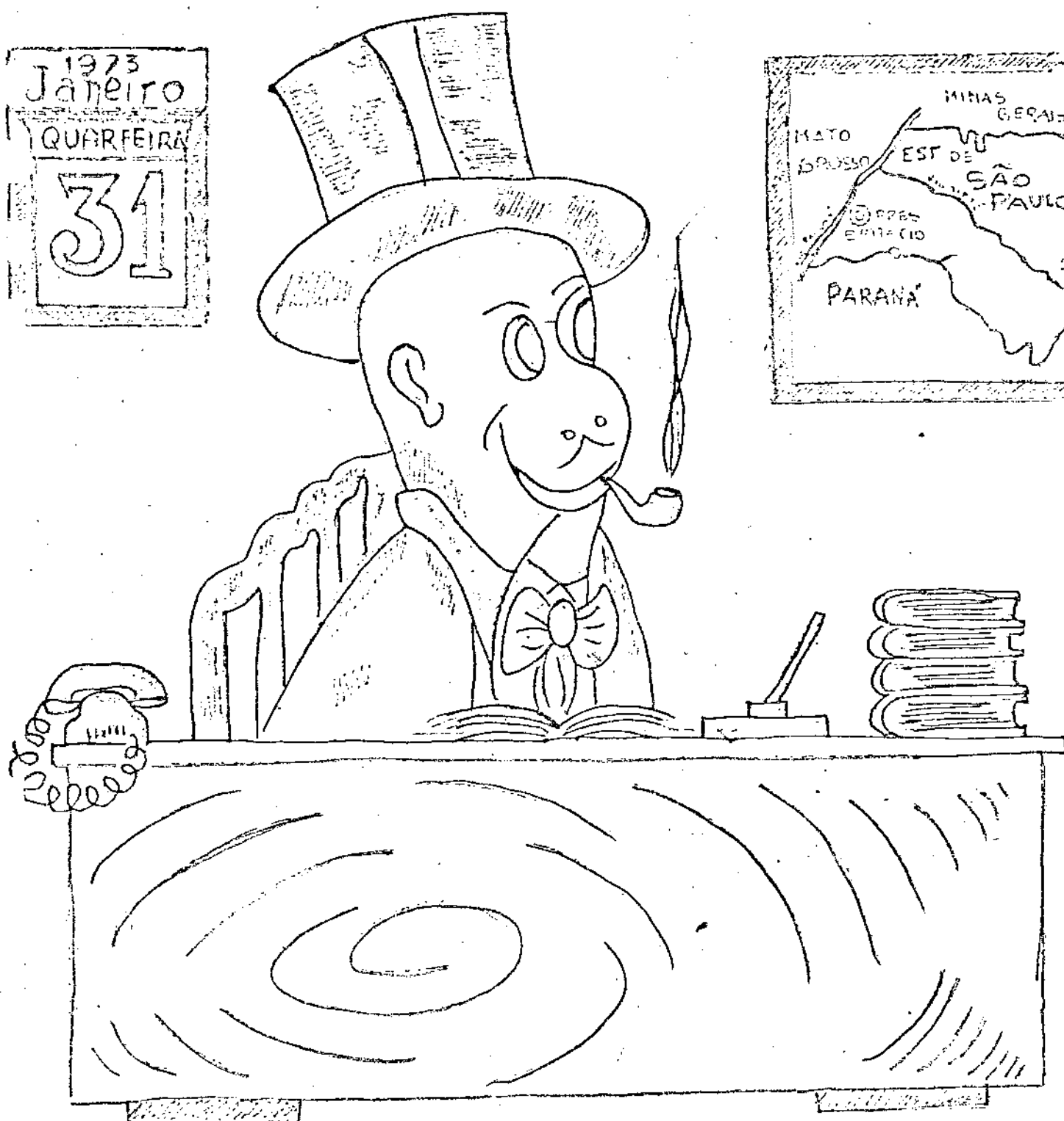
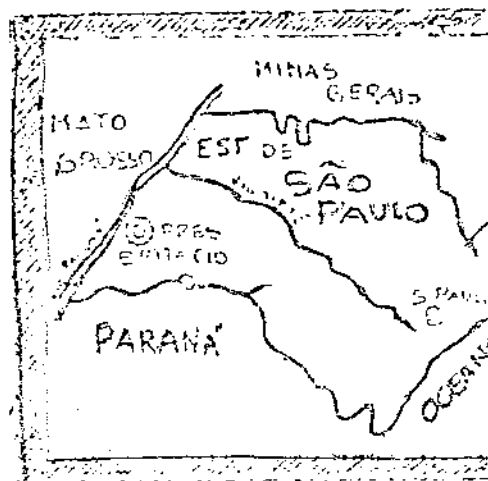
Tendo tratado, até agora, dos dois primeiros itens, - chego ao terceiro. Em todos os casos em que a rede de relações me permitia atingir uma pessoa, havia um princípio de reciprocidade que induzia o informante a colaborar.

No entanto, minhas visitas a uns e outros não deixaram de ser notadas. Depois de algum tempo os líderes do novo governo começaram a desconfiar e os boatos começaram a correr. Era a mulher do ex-prefeito refazendo os contatos para preparar a volta do marido nas próximas eleições. E quando, finalmente, uma noite visitei a mulher do Secretário de Obras, antiga amiga minha, na manhã seguinte soube-se, por um fiscal da prefeitura, -

que o Prefeito, ao chegar ao almoxarifado, perguntara ao Secre
tário de Obras: - Como é, já está passando para o lado de lá?

No entanto, embora à primeira vista se pudesse supor que a pesquisa se tornaria impossível a partir daí, acredito - que não. De qualquer forma, desde que o pesquisador entra no campo, ele assume seu posicionamento, donde se pode concluir - que é a partir de uma identificação prévia que o pesquisador te
rá acesso aos dados da pesquisa. Ele vislumbrará apenas uma par
te possível da verdade. E essa verdade será sempre histórica e contextual, exigindo dele uma preocupação constante na avalia
ção dos dados colhidos que, segundo Van Velsen, não são dados objetivos fornecidos pelos informantes, mas material que deve ser analisado cuidadosamente pelo pesquisador, a partir do posi
cionamento do informante em relação a ele e aos fatos observa - dos (18).

.....
(18) - Van Velsen, op. cit. pág. 134. "...such statement should be considered as an aspect of the behaviour of these persons and treated as such and they should therefore be related to the informant's position in the group and the in
formant's involvement in the actions in question."



ÉSTA É A HISTÓRIA
DA MINHOCA...

2 . A EVIDÊNCIA DO MITO .

De nada valeria descrever o comportamento das pessoas durante a campanha eleitoral, se não se tentasse ligar esse comportamento ao seu sentido. Assim é que, à procura do sentido, mais propriamente das idéias e interesses que mobilizaram toda uma população em comícios políticos e ampanhas de tipo diverso, minha primeira intenção foi deter-me na análise dos discursos que foram proferidos durante a campanha. Porém, tais discursos não haviam sido escritos previamente, mas apenas gravados enquanto eram proferidos, frutos da emoção do momento, transbordando muitas vezes em frases comprometedoras que, por vários motivos, deviam melhor ser esquecidas que lembradas. Tendo tido acesso a apenas alguns deles, em quantidades diferentes para cada facção, considerei que o material recolhido não serviria para uma análise completa, mas apenas como ilustração, onde fosse conveniente. Decidi, portanto, concentrar a análise da ideologia do movimento em uma série de panfletos que foram distribuídos nos últimos dias da campanha e mais tarde recolhidos e grampeados sob a forma de um pequeno jornal mimeografado que se chamou "Diário da Minhoca". Cada folha do jornal era composta de pequenos períodos ilustrados, que iam transmitindo os últimos acontecimentos, comentando-os, e doutrinando os leitores aos quais eram dirigidos - os correligionários da Minhoca - chegando, muitas vezes, às mãos dos correligionários da Panela. Panela era o partido formado, em sua maioria, por profissionais liberais e pequenos comerciantes, residentes no município por pouco mais ou menos que uma década, e que se viam, no momento, donos do poder e do prestígio. Minhoca era o partido formado por filhos de antigos moradores locais, alguns já formados em universidades, e uma grande maioria de proletários, empregados em serraria, firmas de construção naval, pescadores e marinheiros, congregando ainda uma camada de sub-empregados,

que viviam de expedientes e principalmente de trabalhos sazonais de colheita de algodão e amendoim, integrando a categoria dos comumente chamados "bóia-fria" .

Encontrava-se, portanto, a população da cidade dividida em duas facções opostas, mas que localmente se denominaram Panela e Minhoca. Essa classificação que, à primeira vista, poderia ser entendida por referência a associações simples a que os termos remetem, tinha um sentido particular para os atores envolvidos na ação, que a eles associavam idéias sobre os acontecimentos locais e que poderiam levar ao conhecimento mais profundo da realidade estudada. Pessoas que há anos desempenhavam atividades públicas dentro da cidade, eram rotuladas como "de fora" e outros, apenas recém-chegados, sem atuação passada nenhuma, eram ditos "da terra", por serem filhos de antigos imigrantes, os desbravadores do passado. Ricos proprietários de terra se diziam "pés de chinelo" e comerciantes de poucas posses eram chamados de ricos, pois a distinção ostensiva entre ricos e pobres não era corroborada por uma correspondência estrita na ordem sócio-econômica. Uma aparente luta de classes vinha permeada de apelos individualistas, de dependência e assistencialismo.

A objeção que talvez se possa fazer à focalização da análise sobre um material que, aparentemente, fora produzido pelos Minhocas, introduzindo um viés de base no trabalho, encontra sua justificativa nas considerações subsequentes que o classificam como mito e no restante do corpo do trabalho que demonstra, através de dados etnográficos, como ele foi um produto social, englobando os correligionários dos dois partidos e, apenas por um acaso de imaginação e iniciativa, saído das penas de correligionários da Minhoca, ainda assim com nomes falsificados, o que permite que se o considere anônimo.

Embora sua linguagem e sua apresentação me sugerissem estar na presença de um mito, havia um impedimento de ordem teórica, que era o fato do mito vir sendo estudado como um fenôme-

no peculiar das sociedades "frias". Não que os métodos de análise estrutural do mito não tivessem sido aplicados a outras categorias de produção linguística (1), ou que não se determinasse vagamente a qualidade de mito de certas crenças ou tradições populares, num sentido ambíguo de mentira, ilusão ou ideologia. Pareceria haver um consenso de que, os estudos que se desenvolvessem em sociedade complexa, deveriam referir-se à ideologia do processo, eliminada a possibilidade de um produto mítico, nestas alturas dos acontecimentos. Minha afirmação, porém, é de que me encontro frente a um relato mítico, não aplicando portanto uma técnica de análise do mito, mas detectando a existência pura e simples do mito.

Encontro-me, portanto, obrigada a tentar, primeiro, - determinar as diferenças existentes entre mito e ideologia, para em seguida estabelecer a qualidade de mito do material a ser examinado neste trabalho. Começarei pela afirmação de Lévi-Strauss, na qual ele estabelece claramente a relação entre mito-sociedades primitivas, ideologia-sociedades complexas: "Nada se assemelha mais ao pensamento mítico do que a ideologia política. Em nossa sociedade contemporânea, talvez esta tenha se limitado a substituir aquele." (2) A minha afirmação, porém, é de que mito e ideologia podem coexistir, estando os dois situados em diferentes níveis simbólicos, de modo que o mito pode conter, e realmente contém, elementos ideológicos - já que tanto ele como as crenças são manifestação das representações coletivas de uma sociedade.

Segundo Geertz, as ideologias são sistemas de símbolos inter-relacionados (3) e, como tal, sejam os símbolos cogni

.....

(1) Por exemplo, Edmund Leach em *The legitimacy of Salomon*, in *Genesis as Myth and other essays*, pág. 29. "The fact that his method has so far been applied to very primitive contexts need not lead us to suppose that it cannot be applied to more sophisticated ones."

(2) Lévi-Strauss, Claude. *Antropologia Estrutural*. Tempo Brasileiro. R.J. 1967, pág. 241.

(3) Geertz, Clifford. *A ideologia como sistema cultural*. Pág. 28, in Eliséo Verón, *El proceso ideológico*. "... sin examinar jamás seriamente las ideologias como sistemas de símbolos inter-relacionados, como pautas de significados inter-funcionales."

tivos ou expressivos, são fontes extrínsecas de informação, em função dos quais se organiza a vida humana (4). Sua importância, porisso, é fundamental quando as regras institucionais de conduta se encontram enfraquecidas ou ausentes (5).

O surgimento das ideologias seria, portanto, resultado de tensão sócio-psicológica e da ausência de recursos culturais por meio dos quais essa tensão pudesse adquirir sentido, (6) constituindo mapas de uma realidade social problemática e matrizes para a criação de uma consciência coletiva (7). A ideologia, porém, não se limita a dar uma resposta a uma realidade social problemática, em termos de idéias, mas está comprometida com a ação, pois a atitude provocada por ela é uma atitude de compromisso, referindo-se à parte da cultura à qual compete o estabelecimento e a defesa de crenças e valores (8). Porisso, - seu estilo é deliberadamente sugestivo, já que seu objetivo é a ação motivada (9).

.....

(4) - Idem, op. cit., pág. 39: "Sean cuales fueren sus otras diferencias, ambos símbolos o sistemas de símbolos, los así llamados 'cognitivos' y los 'expresivos' tienen, al menos, una cosa en comun: son fuentes extrínsecas de información en términos de las cuales la vida humana puede ser organizada..."

(5) - Idem, op. cit., pág. 40: "Como las diversas espécies de sistemas culturales son fuentes extrínsecas de información, patrones para la organización de los procesos sociales y psicológicos, desempeñan un papel crucial en las situaciones donde falta la clase especial de información que ellos proporcionan, donde las guías institucionalizadas de conducta, pensamiento o sentimiento son débiles o están ausentes."

(6) - Idem, op. cit., pág. 2: "Es la confluência de tensión socio psicológica y de ausencia de recursos culturales por medio de los cuales puede adquirir sentido (político, moral o econômico) esa tensión (y cada factor reforzando al otro), lo que monta el escenario para el surgimiento de ideologías (políticas, morales, económicas) de carácter sistemático."

(7) - Idem, op. cit., pág. 43.

(8) - Idem, op. cit., pág. 45: "... la ideologia es la dimensión justificatória, apologética - ella se refiere a aquella - parte de la cultura a la que le concierne de modo activo el establecimiento y la defensa de pausas de creencia y valor."

(9) - Idem, op. cit., pág. 44: "Su estilo es ornado, vívido, deliberadamente sugestivo... busca la acción motivada."

Podemos verificar, a partir das colocações de Geertz, que há características comuns entre a ideologia e o mito, a principal delas sendo o fato de aparecerem como produto de situações sociais problemáticas. Segundo Lévi-Strauss, "o pensamento mítico não é somente prisioneiro dos acontecimentos e experiências, que ordena e reordena incansavelmente, para lhe descobrir o sentido, é também libertador pelo protesto feito contra a falta de sentido..." (10) Da mesma forma, tanto o mito como a ideologia podem ser vistos como sistemas simbólicos estruturados, cuja compreensão vai depender das relações que os termos estabelecem entre si. (11)

Os mitos, porém, possuem algumas características próprias que o diferenciam fundamentalmente das ideologias e, nesse ponto, seria interessante que se estabelecessem os níveis simbólicos em que se situam um e outro.

Nicole Belmont (12) estabelece dois níveis de representações mentais dentro da ordem simbólica: o nível consciente e o inconsciente. No nível inconsciente estariam as representações coletivas subjacentes às crenças, que seriam a sua atualização em forma concreta e consciente (13). Haveria, portanto, uma interação constante entre os dois níveis, convertendo-se um

(10) - Lévi-Strauss, Claude. O Pensamento Selvagem, pág. 43

(11) - Lévi-Strauss, Claude. A estrutura e a forma, in Antropologia Estrutural II, pág. 141: "mas, na verdade, compreender o sentido de um termo é sempre permutá-lo em todos os seus contextos."

(12) - Belmont, Nicole. Las creencias populares como relato mitológico, in Eliseo Verón, El proceso ideológico.

(13) - Belmont, Nicole, op. cit., pág. 106: "...las creencias populares de una cultura son conocidas por las personas pertenecientes a dicha cultura, se transmiten de una generación a otra, (...) están presentes en las palabras y en los actos... Las representaciones colectivas son, en alguna medida, subyacentes a las creencias a las cuáles confieren su eficacia. A su vez, las creencias confieren a las representaciones una actualización bajo una forma concreta. Existe pues, entre ambas, un defasaje de nivel que pertenece al orden simbólico: la creencia tiene por función representar la representación."

em representante do outro. O mito, embora apareça também como uma expressão das representações coletivas, situa-se na ordem do imaginário, de modo que as relações entre as crenças e os mitos são as relações que se estabelecem entre o simbólico e o imaginário (14). Determinados esses dois níveis de representação mental, fica mais fácil distinguir ideologia e mito, desde que a primeira estaria situada no nível das crenças, conservando assim o seu caráter de sistema de símbolos inter-relacionados, produzidos a partir das possibilidades oferecidas pelas representações coletivas, em situações de tensão sócio-psicológica. A diferença entre as crenças e a ideologia seria a existência ou não dessa tensão: a crença teria uma função passiva e a ideologia uma função ativa.

Isolado assim o mito, como produção mental da ordem do imaginário, podemos levantar algumas características que lhe são peculiares. Segundo ainda Nicole Belmont, o mito é um relato, formado de uma sucessão de enunciados (15), portadores de um sentido que advem do encadeamento das sequências (16).

.....

- (14) - Idem, op. cit., pág. 106: " (la representación)...puede ser traducida por un gran numero de creencias y cada una de las creencias puede ser el soporte de una o várias representaciones. Pero se trata siempre de una interacción entre dos niveles, uno de los cuales se convierte en representante del otro; nos hallamos, por consiguiente, frente al orden simbólico. Al mismo tiempo se advierte que el mito proviene del orden de lo imaginario, y que las relaciones entre creencia popular y mito son las de lo simbólico y lo imaginario."
- (15) - Idem, op. cit., pág. 97: "Está de más decir que... ya que se trata de un relato, un mito está formado por una sucesión de enunciados." Também, à pág. 107: "...la forma que adopta la creencia popular (enunciado cerrado sobre si mismo) y la del relato mítico (forma narrativa).."
- (16) - Idem, op. cit. pág. 97: "En el relato mítico el encadenamiento de las secuencias tiene un sentido, en tanto que la lógica de una sucesión de creencias populares, si es que existe realmente, no es inherente al enunciado de estas últimas como en el caso del relato mítico."

O relato mítico aparece sob a forma de história (17), e nesse sentido é importante notar que o mito não é uma narrativa, mas a contém. Por isso Lévi-Strauss afirma que "a substância do mito não se encontra nem no estilo, nem no modo da narração, mas na história que é relatada." (18)

O Diário da Minhoca contém uma história: o dr. Minhoca, ajudado pelo seu amigo Minhoca-Tank, cuja agressividade e valentia vêm ressaltados no texto, entra em luta contra três inimigos: Zé-Piranha, cujo nome aparece acompanhado de "coitado", visto como um oponente inexpressivo; Pintado, cuja situação é diferente, pois parece fraco mas é atacado como se fosse forte; e o Touro-Panela, também chamado Mestre-Cuca e Burgo-Mestre, que, junto com o Pintado, é acusado de todas as dificuldades por que passa o município. Depois de muitas peripécias, o dr. Minhoca vence o Touro-Panela e sua vitória é comemorada com grandes festas.

A história contida no mito precisa, porém, ser compreendida, a partir do nível em que o mesmo se situa. Por isso, Lévi-Strauss diz que, "se queremos perceber os caracteres específicos do pensamento mítico, devemos, pois, demonstrar que o mito está simultaneamente, na linguagem e além dela." (19)

.....
(17) - op. cit. pág. 98. "Con todo, este sentido es mucho menos evidente que el manifestado por el mito, el cual es en primera instancia una historia..."

(18) - Lévi-Strauss, Claude. "A estrutura dos mitos", pág. 242.

(19) - Idem, op. cit. pág. 240

Pois o mito é uma linguagem que pertence tanto ao domínio da língua, como da palavra. Partindo da oposição língua - fala (20), Lévi-Strauss afirma que "...a língua pertence ao domínio de um tempo reversível, e a palavra, ao domínio de um tempo irreversível. Se já é possível isolar estes dois níveis na linguagem, nada impede que possamos definir um terceiro." (21) É neste terceiro nível que vamos encontrar o mito, movimento discursivo possível a partir de restrições gramaticais, mas cujos movimentos não se prendem ao momento de tempo que os manifesta: "...o valor intrínseco atribuído ao mito provém de que estes acontecimentos, que decorrem supostamente em um momento do tempo, formam uma estrutura permanente. Esta se relaciona simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro." (22)

Consultando-se o conjunto de panfletos, pode-se verificar que a linguagem usada vai além da metáfora e transpõe o tempo, associando significados que só poderão ser entendidos se relacionados às transformações históricas e sociais verificadas na sociedade estudada e às projeções que se faziam em direção ao futuro.

E é por abarcar um universo tão amplo, que a linguagem mitológica deve necessariamente aparecer sobrecarregada de sentido. "O mito é linguagem; mas uma linguagem que tem lugar em um nível muito elevado, e onde o sentido chega, se é lícito dizer, a decolar do fundamento linguístico onde começou rolando."

(23) E é nesse desligamento do sentido inerente ao símbolo que

(20)- Pécheux, M. op. cit. pág. 9. "Cette opposition appartient à la tradition linguistique post-saussurienne;..."

(21)- Lévi-Strauss, Claude. op. cit. pág. 241. "Esta dupla estrutura, ao mesmo tempo histórica e não histórica, explica que o mito pode pertencer, simultaneamente, ao domínio da palavra (e ser analisado como tal) e ao domínio da língua (na qual ele é formulado) e ainda oferecer, num terceiro nível, o mesmo caráter de objeto absoluto."

(22)- Idem, ibidem. pág. 241.

(23)- Lévi-Strauss, Claude. op. cit. pág. 242.

se manifesta, no mito, o desvio da analogia gramatical, apresentando a característica de exprimir-se "com o auxílio de um repertório cuja composição é heteróclita e que, apesar de extenso, permanece não obstante limitado: é preciso, todavia, que dele se sirva, qualquer que seja a tarefa que se proponha, porque não tem mais nada ao seu alcance." (24) Comparando o pensamento mítico ao bricolage, Lévi-Strauss mostra que os elementos utilizados pelo mito estão "pré-constrangidos" (25) desde que as combinações possíveis são limitadas "pelo fato de serem obtidas - por empréstimo, da língua em que já possuem um sentido, restringindo a liberdade de manobra." (26)

A partir desta comparação é que Lévi-Strauss pode afirmar que "tudo pode acontecer num mito; parece que a sucessão dos acontecimentos não está aí sujeita a nenhuma regra de lógica ou de continuidade. Qualquer sujeito pode ter um predicado qualquer; toda relação concebível é possível." (27) E é por causa dessa aparente falta de sentido que o mito não pode ser analisado a partir de seus elementos constituintes, isoladamente ,

.....
 (24)- Idem. O Pensamento Selvagem. pág. 38. "O bricoleur está apto a executar grande numero de tarefas diferentes, mas diferentemente do engenheiro, ele não subordina cada uma delas à obtenção de matérias primas e de ferramentas, concebidas e procuradas na medida do seu projeto: seu universo instrumental é fechado e a regra do jogo é a de arranjar-se sempre com os meios limites, isto é, um conjunto, continuamente restrito, de utensílios e de materiais heteróclitos, além do mais, porque a composição do conjunto não está em relação com o projeto do momento, nem aliás com qualquer projeto particular, mas é o resultado contingente de todas as ocasiões que se apresentaram para renovar e enriquecer o estoque, ou para conservá-lo, com resíduos de construções e destruições anteriores."

(25)- Idem. "A estrutura e a forma", pág. 149. "Tomando emprestado um neologismo à técnica da construção, poderíamos dizer - que, diferentemente das palavras, os mitemas são 'proten-didos' (pré-contraints). Claro, são ainda palavras, mas com duplo sentido: palavras de palavras, que funcionam simultaneamente entre dois planos, o da linguagem, onde cada uma tem seu próprio significado, e o da meta-linguagem, onde intervêm como elementos de uma super-significação, - que somente pode nascer de sua união."

(26) - Idem. O Pensamento Selvagem. pág. 40.

(27) Lévi-Strauss, Claude. "A estrutura dos mitos" pág. 239.

mas é necessário verificar como esses elementos se combinam. O mito é, por sua natureza repetitivo, e a estrutura do mito só será percebida através da análise: "todo mito possui, pois, uma estrutura folheada, que transparece na superfície, no e pelo processo da repetição."(28)

O material proposto para análise é elaborado em língua - gem heteróclita, servindo-se de termos que já têm um sentido na língua da qual foram emprestados, mas cujo sentido inicial aparece desviado e sobrecarregado. Assim acontece com o termo *Minho ca*, animal da terra, associação inicial que remete a várias outras que vão compor o modelo. Também os outros termos, onde *panelas*, *chupins* e *parasitas* aparecem junto a *pintados*, *piranhas*, *tanques* e *pés-de-chinelo*, numa heterogeneidade que, se respeitada a ordem de exposição e o sentido inerente aos termos, redundaria em perfeita incoerência.

Os 21 panfletos apresentam também a característica repetitiva do mito, através da qual será possível descobrir como se combinam os elementos aparentemente desorganizados e qual a estrutura subjacente às diversas versões.

Esta caracterização enfoca o mito como meio de expressão, mas Lévi-Strauss reconhece que os mitos, que, "...à maneira do bricolage (...) decompõem e recompõem conjuntos acontecimentais", (29) constroem arranjos estruturais que "...exercem, alternativamente, o papel de fins e de meios."(30)

E é na determinação dos fins que aparece a função do mito: "O sistema mítico e as representações que proporciona ser -

(28) - Idem, ibidem, pág. 264.

(29) - Idem, O Pensamento Selvagem, pág. 55.

(30) - Idem, ibidem. pág. 55.

vem, portanto, para estabelecer relações de homologia entre as condições naturais e as condições sociais, ou mais exatamente, para definir uma lei de equivalência entre contrastes significativos que se situam em vários planos..."(31)

Vamos, pois, verificar que a finalidade do mito é também alcançada pelo material estudado, pois permite a elaboração de um modelo lógico subjacente à divisão dicotômica. Resultado de uma realidade social problemática, o aparecimento dos grupos de status levantava questões a respeito das qualidades a serem exigidas dos participantes. Gluckman, perguntando-se o porquê da maior incidência do ritual nas sociedades primitivas, justificava pelo fato de que, nelas, as relações sociais servem a vários propósitos e sugere que: a) quanto maior a diferenciação de papéis, menor a ritualização; b) quanto maior a indiferenciação e a superposição de papéis, maior a incidência do ritual para separá-los.(33) A partir das considerações de Gluckman, podemos supor que a indeterminação quanto à hierarquia dos papéis sociais, num momento de crise, em que a definição das posições era um imperativo do momento, fosse propícia ao aparecimento de produtos míticos e comportamentos ritualizados, retratando uma impossibilidade concreta de definição e criando, a partir da realidade vivida, um modelo lógico e abrangente, capaz de dar uma resposta a um problema sem solução.

.....
(31) - Idem, ibidem, pág. 117.

(32) - Gluckman, Max. "Les rites de passage". pág. 26.

(33) - Idem, ibidem. pág. 34.

3 - A CONFIGURAÇÃO DO MITO .

3.1 - A cidade e o município.

Presidente Epitácio é um vasto município de 1.071 km² de área, de terreno arenoso, clima seco (precipitação pluviométrica de 1.430 mm), baixa altitude (261 m), com uma temperatura que oscila entre a máxima de 40° e a mínima de 10° C.

Suas matas têm sido, desde os primórdios, derrubadas e substituídas por pastos. Segundo o censo de 1970, a área destinada a pastagens foi avaliada em 41.539 alqueires, enquanto a área utilizada para lavoura somava apenas 5.521 alqueires.

A produção extrativa vegetal ainda era considerada, em 1969, como a principal fonte de recursos e a base econômica do município. Quanto à criação e engorda de bovinos, o município estava em sexto lugar no Estado, com 66.577 cabeças em 1970. Nesse mesmo ano, o censo registrou 182 propriedades rurais. Sabendo-se que o município se encontra dividido em grandes propriedades, pode-se inferir que grande parte da terra está em poder de poucas pessoas, enquanto uma parte menor está dividida em pequenas propriedades, quase todas localizadas no Bairro do Campinal, mancha de terra de primeira qualidade que, antiga reserva florestal do Estado, foi sendo invadida por posseiros, grandes e pequenos; eles tiveram, em determinado tempo, seus direitos reconhecidos, não sem lutas e mortes.

Nas grandes propriedades, o número de empregados é mínimo, chegando mesmo a um ou dois, sendo os outros trabalhadores contratados como arrendatários, com a obrigação de procederem ao desmatamento, devolvendo a terra plantada de capim, depois de dela desfrutarem por três anos.

Nessas fazendas formam-se núcleos provisórios de casas rústicas, em geral de barro batido e cobertas de capim, que serão abandonadas ao vencer o trato. Esses elementos são, na

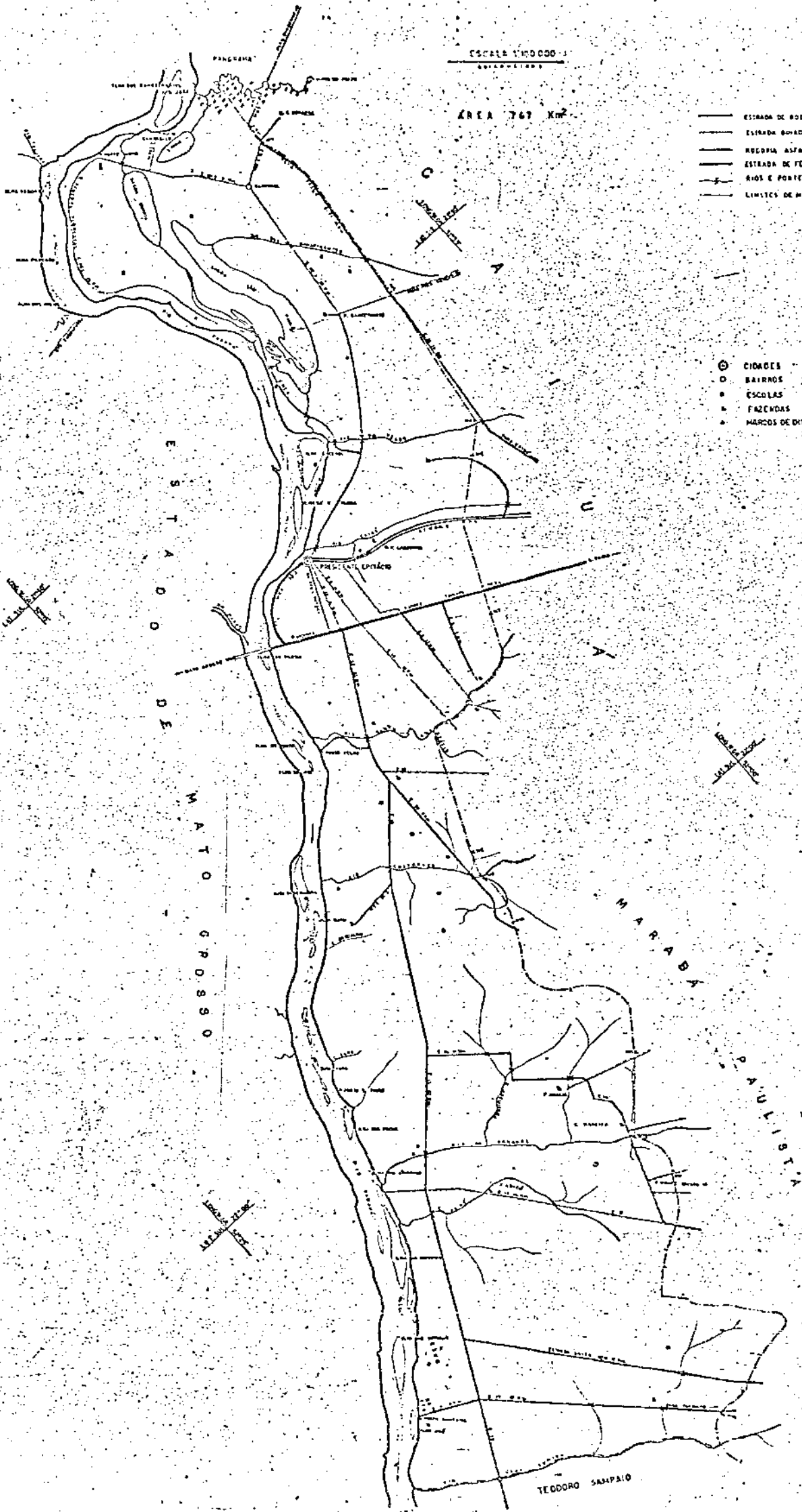
MUNICIPIO DE PRESIDENTE EPITÁCIO

ESCALA 1:100.000

ÁREA 749 Km²

- ESTRADA DE RODAGEM
- ESTRADA BOQUEIRA
- RODOVIA ASFALTADA
- ESTRADA DE FERRO
- RIOS E PORTES
- LIMITES DE MUNICÍPIO

- ⊙ CIDADES
- BAIRROS
- ESCOLAS
- FAZENDAS
- ▲ MARCOS DE DIVISA



TEODORO SAMPAIO

maioria, analfabetos.

As sedes das grandes fazendas, salvo raras exceções, são casarões baixos de madeira, sem forro, chão lavado, dentro de um ajuntamento que inclui depósito de ferramentas, currais, casa de retireito, pomar e tulha de cereais. A produção agrícola que aí se desenvolve é apenas para consumo da fazenda.

No Bairro do Campinal desenvolveu-se uma agricultura intensiva, algumas fazendas já funcionando em forma de empresa, como a da família Yoshihara, produtora de melões para exportação. No Bairro há uma colônia japonesa numérica e eleitoralmente significativa, embora os chefes das grandes famílias sejam, em sua maioria, nascidos no Japão e não eleitores. Têm, porém, ascendência sobre os nascidos aqui, brasileiros e eleitores.

Residem no município três grandes proprietários: o primeiro, filho de grileiro da Reserva nos anos sessenta, que foi alargando suas fronteiras e mantendo seus direitos com o auxílio de capangas. O segundo, herdeiro de grande fazenda formada pelo pai, que reside na cidade. E o terceiro, o menor dos três, fazendeiro de porte médio que montou um armazém no Bairro e através do qual, fornecendo aos pequenos proprietários, foi aos poucos comprando-lhes as terras.

Há outros grandes proprietários no município, mas que residem fora e não atuam senão através de prepostos. Sua produção mais significativa é a carne, cujo mercado está situado nos grandes centros.

Os pequenos proprietários são, em sua grande maioria, ex-posseiros ou compradores de posses, com propriedades que vão de 2 a 10 alqueires e cujas instalações já se encontram melhoradas, havendo mesmo algumas aquisições ou empréstimos de tratores, pois sabe-se que a terra nessa região tem alto índice de produtividade, o que dá margem grande de lucro ao produtor. Eles produzem, principalmente, algodão e amendoim, mas também milho, arroz e feijão em quantidade suficiente para o consumo doméstico.

O Bairro do Campinal é uma pequena vila, com algumas casas de comércio - na maioria bares e botequins -, farmácia, Grupo Escolar e Ginásio. Foi construída nos últimos anos uma grande igreja, que se encontra em fase de acabamento e que não tem padre residente, sendo atendida aos domingos pelo padre da cidade.

A assistência médica é conseguida na cidade através de médicos e farmacêuticos, ou na Santa Casa de Presidente Wenceslau, pois o Bairro tem fácil acesso à sede do município vizinho. Todos os outros recursos, como Cartório e Bancos, são procurados na cidade, cuja Prefeitura é responsável pelos melhoramentos públicos do Bairro.

Um terço do número de eleitores encontra-se no Bairro, que é considerado a balança política de Presidente Epitácio: quase três mil votos, entre os aproximadamente oito mil com que conta o município.

Fazem parte do município dezoito ilhas, com um total de cento e noventa e uma (191) residências, em sua maioria ranchos palafitas, sendo que a Ilha Bandeirantes, em frente ao Bairro do Campinal, é a mais povoada, com noventa e oito residências e uma escola. Os habitantes das ilhas são os mais pobres do município e sofrem anualmente o problema das enchentes, que os obriga a se instalarem na cidade, servindo-se de parentes ou amigos, da Prefeitura, da assistência social ou da caridade pública.

Vivem, geralmente, de uma lavoura de subsistência, plantando milho, batata doce e abóboras quando o rio desce, deixando a terra crestada pelo sol mas úmida por baixo. Em geral, têm árvores frutíferas que resistem às enchentes. Consomem também o peixe, que pescam nas beiradas do rio, ou de rodada.

Somando-se os moradores dos pequenos núcleos temporários das grandes fazendas, os habitantes das ilhas e do Bairro do Campinal, teremos um total de 9.054 pessoas na zona rural do município.

A maior produção agrícola é de algodão, com 465.560 arrobas, seguindo-se em quantidades menores a do amendoim (- 58.666 arrobas), mamona (43.333 arrobas), arroz (18.000 arrobas) milho (16.520 arrobas) e feijão (3.200 arrobas).

A produção de melão foi de 30.000 frutos e a de melancia, 18.000 frutos.

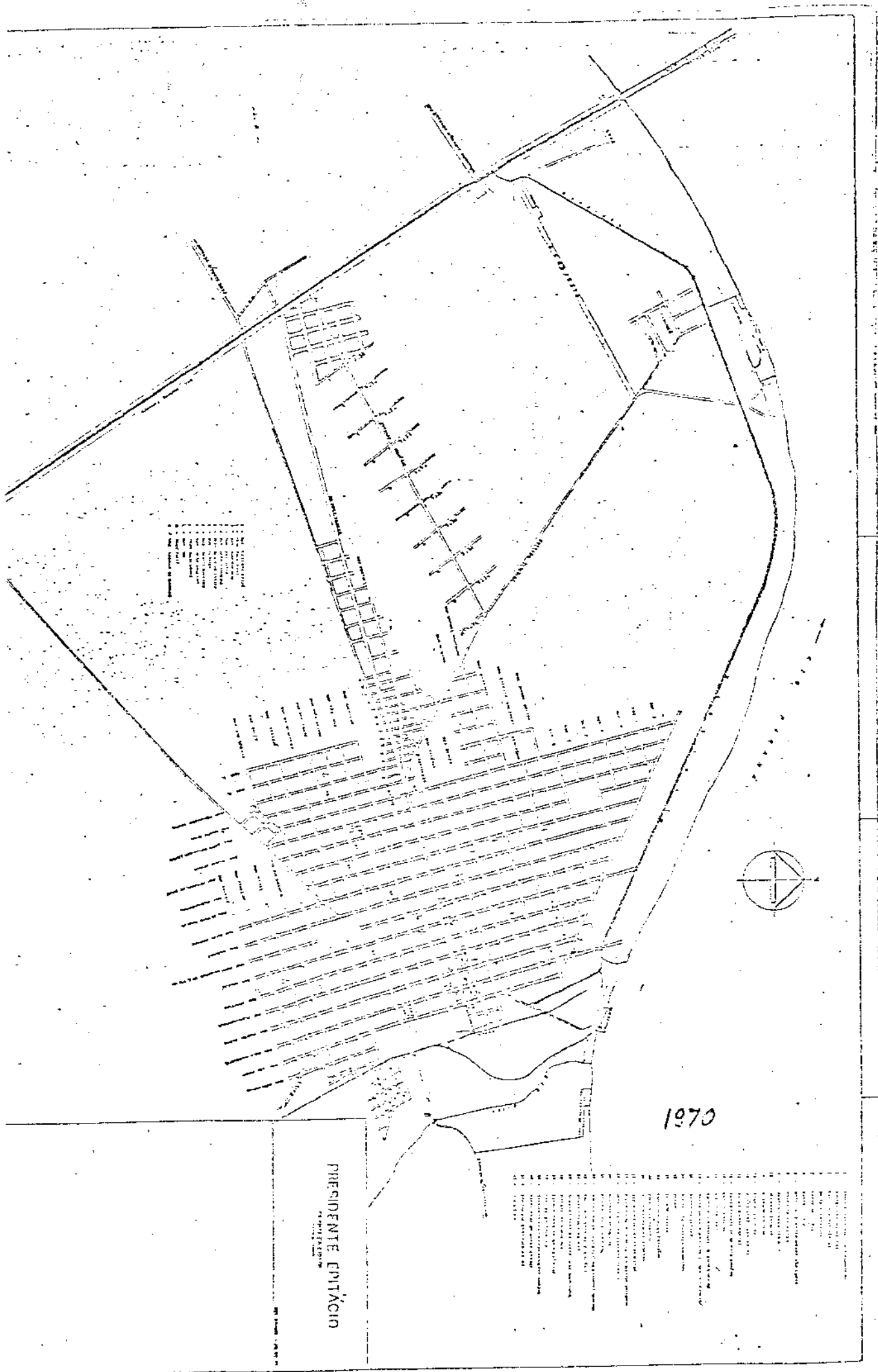
Na cidade residiam 26.428 pessoas à época do censo de 1970, que, por estimativa, foram consideradas 29.000 (1972) para efeito de realização do Plano Preliminar de Desenvolvimento Integrado, encomendado pela Prefeitura por exigência governamental.

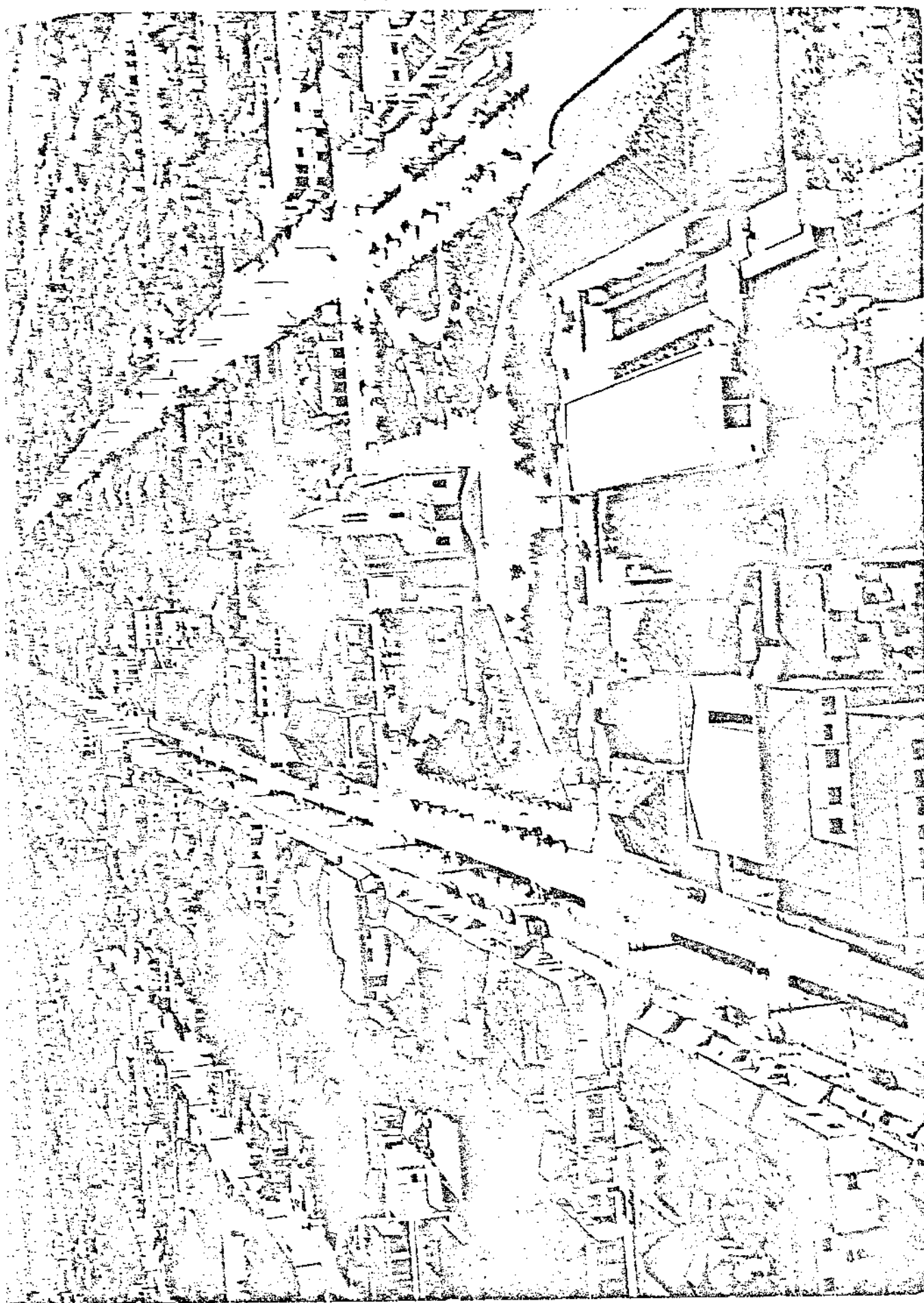
... ..

A cidade de Presidente Epitácio, sede do município - do mesmo nome, encontra-se a quatro quilômetros da Rodovia Raposo Tavares, que vai de São Paulo até a divisa do Estado de Mato Grosso, numa distância de 660 quilômetros, onde foi construída a Ponte Professor Maurício Joppert da Silva.

O acesso à cidade - único da região a não receber a pavimentação prometida pelo Estado - consta de uma grande estrada, reta e larga, poeirenta e entremeada de poças d'água, conforme o tempo se apresente. Mas Epitácio pode também ser atingida por uma estrada anterior a essa, na lombada, quase em frente ao Posto do Arley. É uma estrada antiga e estreita, conhecida por seus "facões" e areião e que desemboca na periferia da cidade, passando por casas de madeira escurecida, sem forro e sem venezianas, até atingir, à medida em que melhoram as ruas e as casas, o centro da cidade.

Há ainda uma estrada asfaltada, que começa no ponto de onde se divisam a ponte e o rio. São sete quilômetros de asfalto margeando o rio e que, na seca, quando as águas do rio estão limpas e baixas, deixa entrever, por entre os tufo de capim colônias das beiradas, extensas praias. Essa estrada termina em um cruzamento poeirento que o levará ao cais, à Cia.





Vista aérea da cidade em 1970.

Construtora de Navios, ao Restaurante das Peixadas ou, então, à cidade, passando pelo cemitério velho cujos portões escancarados deixam ver restos de túmulos esquecidos entre os eucaliptos. Bem em frente, o prédio novo em que se instalou a Prefeitura.

O centro da cidade é a Igreja Matriz de São Pedro, de construção simples, pintada de branco, em meio a um jardim reformado há mais de uma década, quando foi construído um coreto descoberto e uma fonte luminosa musical.

Alguns anos mais tarde foi construída uma torre sobre uma base de tijolos, na qual está colocado um aparelho de televisão que funciona todas as noites e a cujos programas o povo assiste de pé. Ao redor da torre foram colocados letreiros luminosos anunciando as lojas e os restaurantes da cidade.

Ao redor da praça estão situadas lojas e escritórios, o cinema e a agência de ônibus.

A rua que passa à esquerda da praça é a avenida principal. Está calçada de concreto desde a Estrada de Ferro Sorocabana até a oficina mecânica do japonês. Daí em diante, ela continua em linha reta, sem calçamento, até atingir a Rodovia Raposo Tavares. Na avenida estão todas as outras lojas significativas da cidade, os escritórios, as quatro agências bancárias, as duas Caixas Econômicas, o Fórum, os três maiores supermercados, os postos de gasolina, as oficinas elétricas e mecânicas, a clínica dentária, o consultório médico mais antigo.

Ficam fora da artéria principal o Hospital, o Centro de Saúde, o Centro de Puericultura, a Capitania dos Portos, o depósito da Prefeitura, a Prefeitura, o INPS e mais alguns não tão importantes.

Em 1965, a Caixa Econômica Estadual abriu a carteira habitacional e grande número de pessoas de maior renda construiu suas casas de tijolos, que antes dessa época eram muito raras e simples. Assim, construindo em terrenos que já lhes pertenciam ou no mesmo da casa anterior, ficaram juntas, mui-

tas vezes, velhas casas de madeira sem forro, cercadas de ba -
laústres, e casas de tijolos com grandes varandas de piso vi -
trificado, lajes e vitrôs. Essas casas se espalharam de manei -
ra desordenada dentro da cidade, embora com maior concentração
rumo ao centro e em direção à barranca, lado da cidade conside -
rado de melhor frequência por não sofrer a afluência diária -
dos pobres que se dirigem para o lado oposto, à procura dos
serviços do Centro Social.

Segundo o censo de 1970, havia um total de domicílios
estimado em 5.014, sendo 3.776 considerados duráveis e 1.238 -
considerados rústicos, isto é, ranchos de madeira velha, caixõ
tes, folhas de zinco e cobertas de palha.

A iluminação elétrica atingia 2.667 residências e, co
mo a cidade não contava ainda com rede de esgoto, apenas 880
residências possuíam fossas sépticas; 3.078, fossa rudimentar;
43 tinham outro tipo qualquer de escoamento.

As ligações de água que vinham da Estação de Trata -
mento atingiam 3.418 residências, ficando 1.596 expostas ao pe
rido de contaminação por não usarem água de poço e serem, jus -
tamente essas, as que, encontrando-se na parte periférica da
cidade, contavam com fossas rudimentares.

3.408 residências utilizavam fogão a lenha e 1.493 ,
fogão a gás. 3.439 possuíam rádio e 277 relevisão. 432 morado -
res possuíam automóvel.

Os aluguéis variavam de trinta, a cento e vinte cru -
zeiros, em 1.621 residências, e de cento e vinte a quatrocen -
tos e oitenta, em 68 residências.

Esses dados dão uma visão bem clara de que os inqúi -
linos eram na sua maioria da camada mais baixa da população ,
sendo a camada mais alta, quase na sua totalidade, proprietá -
ria do imóvel que ocupava.

Os anos 60, justamente quando se deu a construção da
Ponte, foram os que apresentaram maior taxa de crescimento po
pulacional, com 15,3%, decaindo em 70 para 5,2%.

De 1950 a 1970 a população urbana passou de 2.509 - pessoas para 17.374, enquanto a do campo passava de 3.875 para 9.054, de onde se pode concluir que o aumento populacional da cidade não foi causado pelo abandono dos campos, mas o município como um todo recebeu um contingente migratório externo, principalmente composto de elementos provenientes da região - nordeste do país, via São Paulo, como será explicitado no decorrer do trabalho.

A população do município encontra-se dividida ao meio entre indivíduos de menos de quatorze anos e de mais de quatorze: 12.012 (45,48%) abaixo de quatorze e 13.435 (50,87%) de 15 a 59 anos, havendo apenas 963 (3,65%) indivíduos com mais de 60 anos.

A maioria da população é residente na cidade há 10 anos ou menos (65,54%) e o restante há mais de dez anos, o que justifica as considerações acima.

Considerada a proporção entre indivíduos jovens e adultos, o índice de analfabetismo não é dos maiores: 45,66% da população não sabe ler. Apenas 0,12% tem curso superior e 0,66% o segundo ciclo completo.

Estão matriculados em estabelecimentos de ensino da zona urbana 3.950 alunos em nível primário e 2.240 em nível secundário e colegial. Na zona rural, 2.012 alunos, sendo 85 em nível ginásial (Ginásio do Campinal) (1)

Para uma população estimada em 29.000 habitantes, o município contava, em 1970, com um Posto de Atendimento Médico Social, um Posto de Puericultura, um hospital particular com 22 leitos (1.018 habitantes por leito), 4 médicos, 5 dentistas e um técnico de laboratório: 7.250 habitantes por médico, 5.800

(1) - A nomenclatura usada se refere ao período anterior à última reforma do ensino, que dividiu o ensino básico em dois ciclos: o primeiro com oito anos e o segundo com três. Na época referida, a divisão era feita em curso primário, com quatro anos, curso ginásial, com quatro e curso colegial, com três.

habitantes por dentista e 29.000 habitantes por técnico de laboratório (2).

O rio tem muita importância na vida da cidade: dele se servem os madeireiros para o transporte da madeira que vem do Paraná ou do Mato Grosso; os comerciantes de cereais, que transportam soja e milho, destinados aos grandes centros e que, chegados à barranca, são transportados para os vagões da Estrada de Ferro Sorocabana; do rio vivem as dezesseis empresas de navegação que mantêm linhas regulares nos rios Amambai, Iguatemi e Piqueri, no Estado de Mato Grosso, além da linha de Presidente Epitácio a Guaira, no Estado do Paraná.

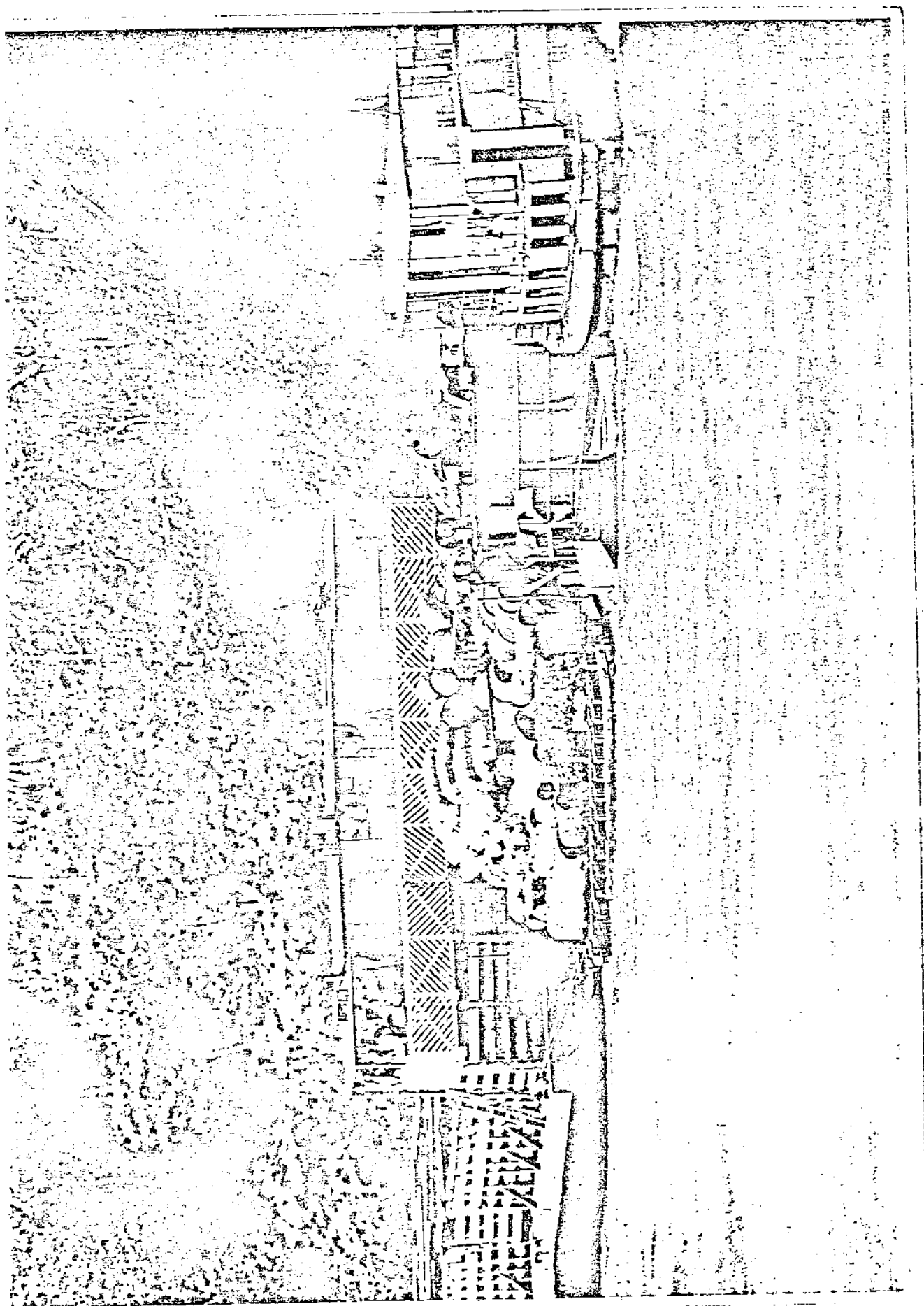
Também existem, em função do rio, estaleiros maiores e menores, especializados na fabricação de barcos, lanchas e rebocadores, sendo que o maior deles constrói grandes embarcações de aço e chatas com divisórias.

Em nível mais modesto, vivem os donos de restaurantes especializados em peixadas, atração turística que, aos domingos, atrai comensais de toda a região. Essas peixadas monopolizam a produção de peixe dos mais humildes exploradores do rio: os aproximadamente mil pescadores que vivem nas suas margens, queimados, descalços, desdentados e maltrapilhos, visados pelos fiscais do Serviço de Pesca, afugentados dos seus ranchos pelas enchentes, conhecedores profundos das manhas do rio e que, aos domingos, carregam turistas pelas ilhas para "aguentar a vida".

Um pequeno número de moradores locais já começa a se servir do rio para esportes aquáticos, e as primeiras lanchas brancas aparecem encostadas nas barrancas do Figueiral.

Em quase todos os bares e restaurantes há um quadro da Ponte, pintado por artista anônimo, ou assinado. Desenhada

(2) - Os dados utilizados na descrição do contexto foram retirados da Coleção de Monografias, IBGE, 05.5.955; também do Plano de Desenvolvimento Integrado de Presidente Epitácio e do Censo de 1970, de cujos dados também se valeu o Plano Diretor.



Embarcações do Rio Paraná, para transporte de gado,
cereais e madeira.



Vista aérea da cidade, vendo-se o novo cais.

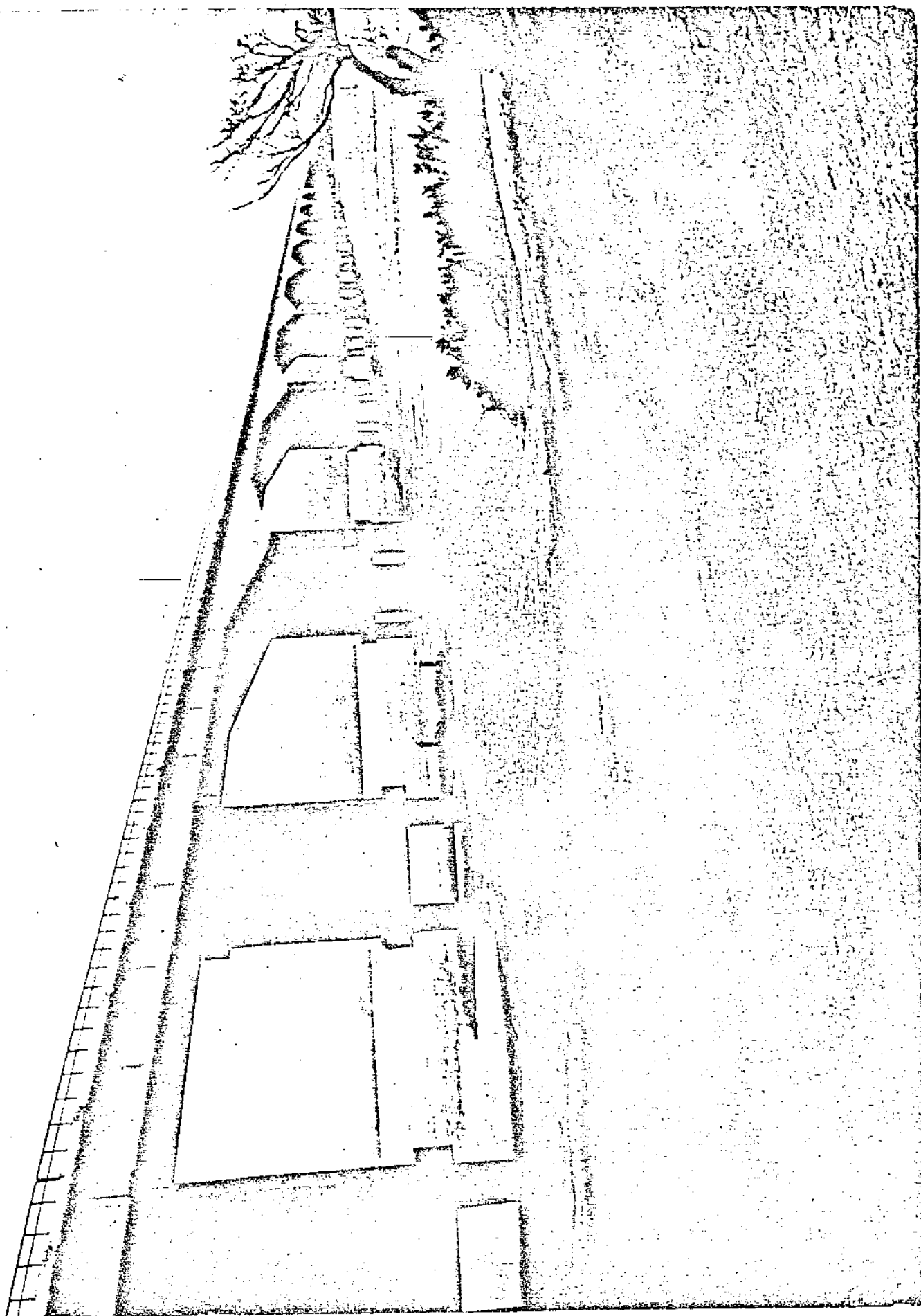
nas paredes dos bares, nos postos de gasolina, em casas e escritórios, a figura da Ponte. Nos fotografos, postais da Ponte. Ela ficou como um marco na vida da cidade, que depositou na sua construção, suas grandes esperanças de progresso.

A Ponte hoje está lá, cruzando o rio numa distância de 2.250 metros, servindo de sacada aos que querem ver o rio; vista de longe pelos marinheiros que passam sob ela nos navios; admirada pelos turistas que, semanalmente, vão a Guaíra, com destino à Foz do Iguaçu, no navio Epitácio Pessoa; e dando passagem a inúmeros veículos diários, que seguem levando manufaturados para as cidades de Mato Grosso ou em demanda ao Porto Velho ou Paraguai, trazendo de volta, para a capital, gado, cereais e madeira.

A cidade, ao contrário do que se esperava, ficou à margem. Os veículos que, antes da Ponte, eram obrigados a nela entrar e a seguir para o atracamento das balsas no Figueiral, permanecendo muitas vezes durante dias, devido à precariedade delas, hoje passam direto. A cidade, ponto de passagem, entreposto comercial, perdeu grande parte dos seus clientes. Continua exercendo essa função no que se refere ao movimento do cais e da Estrada de Ferro, mas que se desenvolve de maneira concentrada, não atingindo o grosso da população. Acrescentando-se a isso a tendência crescente à utilização de equipamentos mecânicos atualizados, que dispensam a contratação de mão-de-obra que, até então, vivia dos serviços de carga e descarga.

Em termos esquemáticos, a cidade apresentava uma população em forma de pirâmide, constituída de uma base ampla - composta de assalariados de salário mínimo, sub-empregados e desempregados, geralmente enquadrados na categoria bóia-fria - um vértice diminuto - composto de profissionais liberais, professores e comerciantes -, ficando entre essas duas camadas uma população indiferenciada, numericamente reduzida, composta de funcionários públicos e trabalhadores especializados, identificando-se ora com os de cima, ora com os de baixo.

... ..



A ponte sobre o Rio Paraná, ligando São Paulo a Mato Grosso.

3.2 - A formação dos partidos políticos.

Este trabalho dirige suas preocupações a transformações que se dão na ordem da sincronia, ou seja, os acontecimentos verificados durante o ano eleitoral de 1972. A explicação deles a nível sincrônico, obrigou a um afastamento no tempo, pois o trabalho se destinava a esclarecer um processo no qual necessariamente se encontrariam elementos pertencentes ao passado, e vi-me obrigada a levar em conta, tanto o eixo das simultaneidades como o eixo das sucessividades (2). Esse fato levantava um problema teórico, que era o das relações da História e da Antropologia (3). Gaboriau, porém, conseguia demonstrar ser possível à Antropologia Estrutural absorvê-lo, desde que se considerasse que a diversidade de uma sociedade no tempo não é mais do que um caso particular de coexistência no espaço: "O estabelecimento no espaço e a sucessão no tempo oferecem perspectivas equivalentes." (4) E para evitar ambiguidades, propõe que se substitua o termo história pelo termo diacronia (5). Integrando sincronia e diacronia, embora em dois tempos diferentes do trabalho, para reuni-las somente na análise final, passarei à exposição dos fatos sincrônicos que tornaram possível a configuração do mito.

.....

(2) - Costa Lima, Luiz. O estruturalismo de Lévi-Strauss, pág. 22: "É sincrônico tudo que se refere ao aspecto estático de nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções."

(3) - Keith Thomas, Evans - Pritchard, Sartre, Lévi-Strauss, entre outros.

(4) - Gaboriau, Marc. Antropologia estrutural e história, in - Luiz Costa Lima, op. cit.

(5) - Gaboriau, Marc. Idem, op. cit. pág. 140.

O tempo das eleições começa, oficialmente, quando são feitas as reuniões de diretório para a indicação dos candidatos. Os primeiros entendimentos, no entanto, são feitos bastante tempo antes, para a organização do esquema político.

Nas eleições em questão, a contagem de tempo começou no início de 1971, quando um engenheiro que trabalhava em Mato Grosso como funcionário do Governo Estadual, nascido na cidade, de pais imigrantes, deixou por algum tempo seu emprego e tentou uma aproximação com o Prefeito, com a intenção de ingressar no partido da Situação. O Prefeito, porém, negou-lhe participação, mesmo porque já estava comprometido com seu Secretário de Obras, amigo e compadre, que há muito queria ser prefeito mas que, nas últimas eleições, perdera a oportunidade de competir por ocasião da indicação do diretório.

Dizia-se na cidade que o engenheiro queria começar carreira política, mas que aceitaria começar como vereador. A Situação, porém, tinha as posições de seu quadro muito bem estabelecidas e não queria correr o risco de vê-las alteradas.

Havia um segundo elemento com pretensões políticas. Referindo-se a ele, depois de uma agressão por motivos políticos, dizia o proprietário do jornal: "...personagem muito conhecido na região por sua turbulência e seus negócios confusos e tido como tipo de sujeito macho. Teve e tem vários processos na Justiça contra si. Esteve foragido longo tempo. Consta que nessa época homiziou-se numa fazenda de Jango Goulart, na fronteira - do Brasil-Paraguai ou Brasil-Bolívia, onde serviu como piloto a viador. Essa fazenda era administrada por um amigo seu, ex- prefeito de Presidente Epitácio e também foragido da Justiça, por estar envolvido em processo de peculato." (7)

Estava ele, havia apenas pouco tempo, em pleno gozo de sua liberdade, condenado que fora por matar a esposa do Chefe da Estação de pequena cidade vizinha, quando fazia acroba -
.....
(7) - A Gazeta Epitaciana, 1973.

cias com o "teco-teco" do aeroclube local. Era filho adotivo de um fazendeiro que viera do nordeste nos primeiros anos do século e que adquirira, por meios diversos, grande quantidade de terra, tanto no município como do outro lado do Rio Paraná. Era ele o herdeiro de uma das três grandes propriedades existentes no Bairro do Campinal, citado em páginas anteriores.

Voltando à cidade, falecido o pai e herdadas as terras, duas vezes teve seu nome rejeitado para membro do Lions e, como o engenheiro, sua tentativa de ingressar no partido da situação fora frustrada. No primeiro comício da oposição, ele assim se explicava: "... estávamos marginalizados na política epítaciana. Não tínhamos condições sequer de dar um palpite, de dar uma orientação ou de ser ouvido para qualquer coisa em Presidente Epitácio. Antes de iniciar os preparativos para a escolha dos candidatos, eu e o candidato a prefeito nos dirigimos ao Prefeito Municipal, nós dirigimos a todos os representantes da Arena, solicitando a nossa inclusão na Arena. Não fomos atendidos, não fomos ouvidos. Disseram eles: eles querem vir para a Arena tomar o lugar da gente." (8)

O terceiro elemento que comporia a trinca dirigente da oposição seria o ex-Secretário de Obras da Prefeitura que, na gestão atual, perdera seu cargo em benefício do amigo e compadre do Prefeito. Dizia-se, a boca pequena, que fora membro do extinto PC, tendo recebido trino de táticas de guerrilha.

Até aquele momento, a Oposição praticamente não existia, pois seu presidente falecera há algum tempo e os papéis do partido permaneciam esquecidos na gaveta da mesa em que trabalhara, em uma sala da Prefeitura. Acresce a isso o fato de que o presidente falecido era um presidente apenas nominal - porque era um elemento da Situação, colocado ali para evitar a possibilidade de a Oposição vir a se tornar efetiva. Isso pode ser melhor entendido se soubermos que o bipartidarismo, implantado

(8) - Fita gravada.

em 1965, viera impor uma divisão dual sobre uma realidade política pluripartidária (9). Dadas as condições estruturais existentes, isto é, a dependência do município em relação ao Estado e ao Governo Federal, e o seu pauperismo progressivo, a maioria dos prefeitos em exercício, na época, filiou-se ao partido do Governo -no caso, a Arena - ficando o MDB na condição de oposição legal, mas não efetiva. As divergências locais existentes poderiam, porém, em tempo oportuno, usar a legenda no desenvolvimento de estratégias políticas regionais. No caso em estudo, essa possibilidade tinha sido prevista e o MDB tinha como presidente um indivíduo ligado ao prefeito em exercício e, portanto, ao grupo que estava no poder.

Morto seu presidente e eleito o sucessor do prefeito, o partido ficou como uma estratégia política disponível, para que a Oposição se tornasse atuante, logo que o partido fosse regularizado, o que aconteceu com a ajuda de um deputado estadual da Oposição, amigo pessoal e advogado da família do Turbulento Aviador (10).

Conseguido o partido, restava indicar o candidato a prefeito: a solução seria o engenheiro, moço, simpático e, principalmente sem passado pois, dos dois outros elementos, poderiam ser lembrados acontecimentos anteriores que seriam condenados pela maioria da população local.

Armado o esquema oposicionista, começaram as adesões
.....

- (9) - Neuza Costa Davids, Poder local: aparência e realidade. A autora faz um estudo detalhado do desenvolvimento do pluripartidarismo depois de 1930. Ver pág. 155 e ss.
- (10)- Nos relatos de ações de indivíduos que foram por mim considerados significativos para a explicação do processo, seus nomes não foram substituídos por pseudônimos, mas receberam a alcunha referente ao papel social que desempenharam. Como as pessoas desempenham vários papéis sociais, ao mesmo tempo, será invocado o papel mais evidente durante o período estudado ou o papel mais representativo na ocasião.

de elementos anteriormente pertencentes à Situação mas que, de uma forma ou de outra, se encontravam à margem do poder. O dono do cartório - escritor nas horas vagas - que não era levado a sério quando externava seus rompantes municipalistas e patrióticos, através de artigos que publicava no pequeno semanário local; o proprietário de um alto-falante instalado numa sala de armazém, que era também sua residência, que se dizia "jornalista da imprensa escrita e falada". Colaborava em jornais locais, quando existiam, e comparecia às sessões da Câmara Municipal para fazer reportagens, com pretensões a secretário da Câmara, cargo que nunca lhe ofereceram; a proprietária de uma empresa de areia que, tendo seu porto de areia impedido de funcionar pelo encalhamento de um navio de outra companhia, - amiga pessoal do Prefeito e do Secretário de Obras -, a eles recorreu e não foi atendida, tendo, como consequência da paralização de sua indústria, que vender imóveis a qualquer preço para não falir; também o proprietário de um escritório de despachante, que vira o nome de seu irmão, advogado recentemente falecido, preterido pelo Prefeito por ocasião da nomeação da Biblioteca Municipal, em favor do nome do fundador do Rotary; e muitos outros que, por um motivo ou por outro, nutriam mágoa contra os elementos da Situação.

Pela categoria dos principais indivíduos envolvidos - no esquema partidário da Oposição, verifica-se que só foram feitas referências a proprietários, para usar a divisão feita por Weber entre proprietários e não-proprietários. Nota-se a ausência absoluta de grandes proprietários, a não ser através da presença do Turbulento Aviador, já um elemento da geração nova e herdeiro fortuito de bens que não ajudara a conquistar.

Feitas as negociações preliminares, mandava o procedimento formal que se procedesse à indicação dos nomes dos candidatos pelos diretórios dos partidos, os quais seriam eleitos pelos filiados ao partido em dada marcada para isso e em local determinado. Eleitos os candidatos, eles seriam indicados em -

convenção do partido.

O partido da Oposição fez a sua convenção em primeiro lugar, conseguindo reunir expressivo número de pessoas e começando a trabalhar imediatamente. Começava o ano de 1972. Foi indicado como candidato a prefeito o engenheiro recém-chegado, - mais tarde chamado carinhosamente pelos seus correligionários de dr. Minhoca e, como candidato a vice, o Turbulento Aviador, cuja energia justificaria sua nova alcunha, Minhoca-Tank.

Depois das eleições, um ex-vice-prefeito, integrado na Situação, dizia: "Eles venceram porque começaram a trabalhar antes de nós. Faziam um baile em cada bairro e dançavam com o povo. A situação só começou a trabalhar muito depois. Diziam : deixe que eles se desgastem. No fim, eles tomaram posição e não teve mais jeito." (11)

A convenção da Situação foi realizada no recinto da Câmara Municipal: compareceram políticos de fora e estavam presentes os "mais importantes" da cidade. O Prefeito presidiu à sessão, tendo os candidatos a vereadores se sentado nas cadeiras destinadas aos vereadores em exercício. Terminado a convenção, foi feita uma passeata de carros, com os participantes entoando músicas da campanha. Da convenção da Situação, saíram homologados dois candidatos: o Secretário de Obras da Prefeitura, comerciante estabelecido na esquina da praça da Igreja, de quem se disse que era "feio e feroz", pois seus modos bruscos não o tornavam simpático aos olhos da população. Justificando sua derrota, uma empregada doméstica dissera que ele perdera as eleições "porque não sabia sorrir para o povo". O segundo candidato era um ex-prefeito, o qual, vencidos oito anos de ostracismo político, voltava à luta. Seus correligionários permaneciam fiéis, ligados a ele, frequentando sua casa ou conversando nos bancos do jardim. Eram antigos funcionários da Companhia de Navegação da Bacia do Prata, agora extinta, dos quais o candidato fora o re-
.....
(11) - Palavras ou frases entre aspas, sem indicação, são referências feitas a falas de informantes, constantes do diário de pesquisa.

presentante. Estavam, porém, em disponibilidade, vendo os dias passarem sem ter o que fazer e sem poder fazer, sob pena de perderem o emprego. Eram chamados genericamente de "baianos" e sabia-se que, no passado, sua atuação política fora decisiva. Pejorativamente, eram chamados em grupo de "baianada", termo que no momento presente tinha relações de sentido com mulato, pobre, gentinha. Um refrão antigo dizia: "quem decide a eleição é a baianada."

O desejo do ex-prefeito de voltar à luta política vinha de encontro aos interesses dos elementos da Situação. Eles sabiam, embora não avaliassem a extensão, que a penetração do seu grupo era pequena na camada proletária. Viram na sublegenda um artifício para somar votos. Enquanto o ex-prefeito, percebendo a pouca aceitação popular do candidato da Situação, fez o raciocínio inverso, acreditando possível sua vitória, somados os votos que teria e os que teria o candidato a Prefeito (12).

O terceiro passo formal do processo eleitoral seria a instalação de comitês, isto é, a inauguração de um local onde o candidato ou seus cabos eleitorais estariam à disposição dos eleitores para toda espécie de contatos e solicitações.

Enquanto o comitê da Oposição fora instalado quase na surdina, em pequena sala alugada em rua secundária, o comitê da Situação foi instalado solenemente, contando com a presença do ilustre Governador do Estado, que veio em trem especial, tendo chegado com sua comitiva, com quatro horas de atraso. Saiu da Estrada de Ferro acompanhado do Prefeito, do seu candidato e do Vigário local. O comitê seria instalado em um grande salão de frente para a Praça e no qual havia tanta gente que era quase

.....

(12) - A sublegenda foi um mecanismo criado para minimizar as dissensões internas dos partidos, herdeiros de antigas correntes partidárias diferentes. Pelo mecanismo da sublegenda, as mesmas não serviriam de pretexto para o esvaziamento do partido, permitindo a soma dos votos de todas as sublegendas da mesma corrente partidária.

impossível entrar. Do comitê, o Governador desceu, a pé, a distância de dois quarteirões que separavam a praça central do terreno do Forum, onde seria feita a inauguração do novo prédio. Havia elementos da Situação incumbidos de não permitir a aproximação de elementos da Oposição que, segundo se sabia, queriam se aproximar do Governador com a intenção de tirar uma fotografia para usar na campanha. A filha do Chefe da Estação - candidato a verador pela Oposição - tentou entregar um ramo de flores ao Governador, mas não conseguiu aproximar-se dele, tendo, ao que se sabe, levado uns empurrões. Esse acontecimento, aparentemente incoerente, pois o Governador do Estado era do partido da situação local, encontra sua coerência em entrevista concedida à Rádio de Presidente Venceslau pelo Presidente do Diretório local do MDB: "O povo epitaiano, na política, não vê partido político, na minha opinião. O povo vê, sim, são doze, quatorze ou dezoito anos de administração passada continuando a baterem na mesma tecla. Estamos aí praticamente abandonados e qualquer povo que vê uma gente nova com vontade de trabalhar e progredir, nessa hora adere ao movimento. Para nossa felicidade, agora chama-se Movimento Democrático Brasileiro, como qualquer outro partido legal que existisse." Mais adiante, confirma: "O MDB de Presidente Epitácio é um partido de oposição, de oposição municipalista, nosso problema em relação ao partido é como uma válvula e única válvula que podemos fiscalizar a administração atual e pleitear junto ao povo uma renovação." E, finalmente, reafirma: "Meus amigos, no final desta entrevista, eu gostaria de lembrar mais uma vez, quanto à questão do MDB no que se refere à oposição. Quero dizer novamente que o MDB como oposição, ele é simplesmente oposição municipalista, porque no começo da campanha já existem assim vamos dizer, do outro lado, dizendo que nós estamos contra o governo, que nós estamos do lado contrário ao Governo. Mas vamos esclarecer. Nós não temos nada contra o governo. E se nós estamos com um partido legal, um partido registrado, com as candidaturas lançadas e aprovadas dentro do -

MDB, foi porque o próprio Governo nos deu essa condição." (13)

Embora fosse possível que os dirigentes tivessem posição contra o Governo Estadual ou Federal, não era aquele o momento de levantar tal problema. Era necessário usar a retórica da adesão, mesmo porque o povo sabia, na sua maioria, que os recursos para o município eram sempre "dados" pelo Governo, verificando-se que a política do "adesismo" referida por Vitor Nunes Leal em 1946, continuava de pé. (14)

Se no tempo da força política dos deputados, ele era importante, sob um governo forte se tornava duplamente importante. Não só se negavam os benefícios ao opositor, prejudicando o município, mas o próprio opositor poderia, a qualquer momento, ser considerado suspeito e afastado da vida pública. Era importante afirmar que, caso eleitos, a incompatibilidade com o Governo do Estado, principalmente, não seria um fator a mais a impedir o "progresso" do município, já tão precário quando essa incompatibilidade não existia (15).

Assim também um candidato a vereador não deixava margem a dúvidas: "Nós do MDB, que somos um partido da Revolução, um partido democrata, queremos antes de tudo iniciar esta nossa demonstração cívica em primeiro lugar, fazendo nossa convicção

.....

(13) - Transcrito de fita gravada.

(14) - Nunes Leal, Vitor. Coronel, enxada e voto, pág. 45. "É sabido que os serviços públicos do interior são deficientíssimos, porque as municipalidades não dispõem de recursos para muitas de suas necessidades. Sem o auxílio financeiro do Estado, dificilmente poderiam empreender as obras mais necessárias, como estradas, pontes, escolas, hospitais, água, esgotos, energia elétrica. Nenhum administrador municipal poderia manter por muito tempo a liderança sem realizar qualquer benefício para sua comuna."

(15) - Idem, ibidem, pág. 49, citando Basílio de Magalhães: "quando nos municípios surgem facções, de ordinário em acirrada pugna umas com as outras, todas conclamam desde logo, cochalhantemente, o mais incondicional apoio ao situacionismo estadual."

de confiança às autoridades que nos governam, ao eminente Presidente da República, ao honrado Governador do Estado e a todas as autoridades constituídas que também representam o pensamento revolucionário brasileiro. (palmas) " Mais adiante: "O voto , - meus amigos, é um ato de vontade, é um ato livre que nos garante e todos aqueles que tentam nos enganar, nos ludibriar, para que o eleitor fique confuso, está praticando um crime, um crime eleitoral que é uma coação e por essa razão ninguém deve dizer: que o MDB é um partido contra o Governo. Nós não somos contra o governo, porque nenhum homem de bem é contra um governo constituído. Nós somos contra o governo municipal que queremos renovar."(16)

A evidência do aspecto estratégico da escolha do partido e da ausência de uma base ideológica nacional, concretizou-se quando do aparecimento dos apelidos que substituíram as siglas dos partidos. Se algumas vezes elas apareceram na retórica dos atores, isso não se deveu ao fato de remeterem ao contexto político nacional, mas à necessidade de informar o eleitor, que deveria "traduzir" os significados locais na hora de servir-se das cédulas impressas. Arena e MDB encontraram seus sinônimos contextuais (17) através de circunstâncias fortuitas: um bêbado contumaz e popular bebia em um bar da cidade, onde se discutiam as qualidades dos candidatos, enquanto um mais apaixonado enfatizava a qualidade de filho da terra do candidato da Oposição . Foi quando o bêbado raciocinou: " -ora, filho da terra é minhocas." A Arena foi chamada de Panela pelo candidato a vice-prefeito, o Turbulento Aviador, que a acusava de ser um grupo fechado que se nutria do bem público. Os "paneleiros" assumiram a alcunha, querendo sem sucesso alterar-lhe o sentido, alegando que "panela é utensílio limpo".

.....
(16) - Transcrito de fita gravada.

(17) - Pêcheux, M. Analyse Automatique du Discours, pág. 31: - "Nous faisons, quant à nous, l'hypothèse que les synonymies contextuelles sont la règle..."

O termo *Panela*, que aparece aqui como designativo de *Arena*, pode parecer, a princípio, enquadrar-se perfeitamente - dentro do conceito de *panela* que já faz parte da literatura política, sendo no caso um sinônimo não contextual (18). Segundo Robert Shirley, "no sul do Brasil foi geral a substituição da oligarquia de *clãs* pela '*oligarquia funcional*', baseada menos - no parentesco que na habilidade profissional de seus membros, que se completavam em um ambiente de crescente complexidade social. Estes grupos oligárquicos eram frequentemente chamados '*panelinhas*', definidas por Anthony Leeds como um grupo primário e informal, relativamente fechado, agindo por interesses pessoais e econômicos." (19) No entanto e significativamente, temos o mesmo termo usado em outra acepção. "Os amigos do dr. João Pinheiro... foram chamados de grupo de *paneleiros*, pelo fato de o ilustre chefe ser proprietário, em Caeté, de uma indústria de artefatos de barro." (20) Os *paneleiros*, em Presidente Epitácio, - pertenciam, em sua maioria, às associações mais expressivas da cidade, mas não compunham um bloco monolítico. O Rotary contava com 21 elementos da *Panela*, contra 6 da *Minhoca*. O Lions estava dividido ao meio, 10 a 10. E o Cursilho contava com 22 da *Panela* e 8 da *Minhoca*, sendo que no total, nas três associações, encontramos 53 elementos da *Panela* e 24 elementos da *Minhoca*. Alguns elementos podiam pertencer a duas associações ao mesmo tempo, o que reforçava o peso de sua atuação. Na maioria eram amigos íntimos e dirigidos espirituais do Vigário local, diretor do Cursilho.

O vereador mais votado da Oposição, referindo-se mais tarde à campanha, disse que "um pequeno grupo tinha tomado conta

(18) - Pêcheux, M., op. cit. pág. 31: "...la synonymie non-contextuelle apparaîtrait ainsi comme une limite vers laquelle tend une synonymie contextuelle vérifiée sur des conditions de production de plus en plus nombreuses, ce qui renvoie à la question des intersections sémantiques non-vides."

(19) - Shirley, Robert. The end of a Tradition . pág. 78

(20) - "Grupos políticos em Minas Gerais", RBEP. nº 22, pág.231.

de todas as posições-chave e tinha marginalizado a grande maioria; que ele era um homem que não se metia em política, mas que não tivera outra alternativa senão participar."

Um empregado da prefeitura, que podava a grama do campo de futebol e dos jardins da Prefeitura, correligionário da Panela, "uma grama que precisava podar de joelhos, com o alfanque sem cabo, seguro pelas duas mãos", disse que "quando a gente ia aos comícios, via a diferença. No comício da Panela, só tinha 'gente de ciência', no comício da Minhoca, só tinha gentinha, - gente pior do que eu..."

A nova diretora da Creche, depois das eleições, dizia que foi de casa em casa fazendo campanha e que o medo dela era de que o pessoal da Minhoca não votasse direito, "porque era - muito atrasado."

Dessa forma, embora se possa perceber que o termo Panela, usado na acepção de Anthony Leeds, poderia adequar-se à situação existente, a rejeição do termo como sinônimo não contextual vem da necessidade de relacioná-lo ao seu contrário, no caso, o termo Minhoca, sem o qual perderia o sentido (21). A cidade encontrava-se dividida em duas partes, identificadas através de uma classificação simbólica, que tentava reunir uma variedade de índices em indicadores para, finalmente, transformá-los em código. A definição era um imperativo das circunstâncias e envolvia significados subjacentes de difícil interpretação. Conta um ex-vice-prefeito "baiano" - cuja carreira política resvalara por siglas como PTB, PSD e Arena, ao sabor das circunstâncias, - que, ao tentar aproximar-se de um grupo de professores primários para angariar votos para a Arena, perguntou-
.....

(21) - Lévi-Strauss, Claude. O Pensamento Selvagem, pág. 201.

"Para um pensamento baseado numa operação dicotômica, o princípio de tudo ou nada não tem apenas um valor heurístico, exprime uma propriedade do ser: tudo oferece um sentido, senão nada tem sentido."

lhes: - "Mas vocês estão contra mim?" obtendo a resposta: - "Nós não estamos contra o senhor, é o senhor que está contra nós." O que queria significar que ele, "baiano", aliando-se à elite que compunha o partido da Panela, estava traindo os princípios de "união" que caracterizara o pensamento social dos primeiros moradores e dos quais os professores em questão eram descendentes diretos.

Turner diz que as sociedades humanas obedecem a dois modelos sociais contrastantes. O primeiro modelo "é o da sociedade como uma estrutura de posições, cargos, status e funções jurídicas, políticas e econômicas, no qual o indivíduo só pode ser ambigualmente apreendido atrás da personalidade social. O outro modelo é o da sociedade 'communitas', formado de indivíduos concretos e idiossincráticos que, apesar de diferirem quanto aos dotes físicos e mentais, são contudo considerados iguais do ponto de vista da humanidade comum a todos." (23) No caso em estudo, verificamos uma confrontação entre os dois modelos: a Panela aparecia como representativa do primeiro, a Minhoca, do segundo.

O comportamento altamente ritualizado que se verificou na época das eleições visava a classificação. Comícios, passeatas, marchas e desfiles, enfim, toda uma série de pantomimas se realizaram, nas quais a distinção feita por da Matta, entre fantasia e farda, torna-se impossível. (24) O apelo à criatividade, característica da fantasia, não visava salientar as ambiguidades, mas demarcar limites e posições. E o apelo a símbolos indicativos da estrutura, como bandeiras religiosas e fitas verde-amarelo, eram incorporadas sem obedecer às exigências do modelo. Segundo Pêcheux, existem, no mecanismo de toda formação social, regras de projeção que estabelecem as relações entre as

(23) - Turner, Victor. O Processo Ritual. Pág. 214.

(24) - da Matta, Roberto. O Carnaval como um rito de passagem, pág. 142.

situações, que são objetivamente definíveis, e as posições que são as representações dessas situações. (25) A situação em que se encontravam as pessoas na cidade ainda não haviam sofrido um processo de depuração em que determinados índices situacionais correspondessem a uma posição. Devido ao desenvolvimento histórico particular verificado, variáveis heterogêneas achavam - se reunidas, compondo um mesmo indicador. As mudanças estruturais que se verificaram na última década, com a chegada dos profissionais liberais, exigiam uma adequação da situação à posição. Portanto, as posições representadas no ritual, sob o rótulo de duas facções, Minhocas e Pannels, significavam uma tentativa de demarcação de posições estruturalmente antagônicas, disfarçadas em tempos normais por relações que transgrediam diversos princípios de classificação. A referência de Gluckman à maior incidência do ritual onde as relações são multiplexas (26), poderia - ser aplicada, na situação em estudo, com relação à necessidade do comportamento simbólico como elemento demarcador, não de papéis, mas de posições (27). Certamente, papéis estão relacionados intimamente com posições, o que não quer dizer que em certas situações históricas concretas a posição de determinados papéis ainda não tenha sido definida. A sociedade local ainda não havia construído a sua escala hierárquica de papéis sociais.

.....

(25) - Pêcheux, M. op. cit., pág. 19.

(26) - Gluckman, Max. *Les Rites de Passage*, pág. 26: "... each social relation in a subsistence economy tends to serve manifold purposes. It is what I have called 'multiplex' and Talcott Parsons 'difuse' ".

(27) - Gluckman, Max. op. cit., pág. 34: "...the greater the multiplexity of undifferentiated and overlapping roles, - the more the ritual to separate them."

3.3 - A mobilização das redes sociais.

Coerente com a metodologia escolhida, deve deter-me na ordem de relações sociais que Mitchell chama de ordem pessoal, por meio da qual o comportamento das pessoas, em situações estruturadas ou não, pode ser interpretado em termos de laços pessoais que as pessoas têm entre si ou com outras (1). Segundo Barnes, a noção de rede social foi desenvolvida em Antropologia Social para analisar e descrever processos sociais envolvendo laços que entrecruzam limites de grupos e categorias. Os laços inter-pessoais são parte da rede total e a análise da ação em termos de rede social revela, entre outras coisas, os limites e a estrutura interna dos grupos. Farnes faz uma primeira abstração da realidade e fala de rede social total que, para fins analíticos, é considerada infinita. A rede social parcial seria uma porção da rede social total, separada a partir de algum critério particular. Considerando assim, a rede social é um conjunto de relações diádicas entre indivíduos, de modo que, para isolá-la, é necessário escolher um indivíduo Alfa, como ponto central da rede. Nesse sentido, Barnes reconhece as qualidades ego-cêntricas da rede social (2).

Mayer faz uma distinção entre rede social passiva e ativa. No primeiro caso, temos a rede social persistente através do tempo, em forma latente. No segundo caso, temos a rede ativa

- (1) - Mitchell, Clyde. Networks in Urban Situations, pág. 10:
 "These are not three different types of actual behaviour: they are rather three different ways of making abstractions from the same actual behaviour to achieve different types of understanding the studies, even when supplemented by an account of the social categories which are meaningful in general social interaction are insufficient to explain details of social behaviour. To do this an account of the social networks of the actors involved is essential."
- (2) - Barnes, J.A. In Clyde Mitchell, op. cit.

ou conjunto de ação que emerge, em um conjunto específico, com finalidades específicas. No presente estudo, os dois conceitos são usados, já que em campanhas eleitorais as redes sociais passivas são mobilizadas e se transformam em conjuntos de ação (3). O elemento Alfa do conjunto de ação é sempre um líder, ou como chamaria Mitchell, "um patrocinador", nunca porém um indivíduo tirado aleatoriamente de uma rede social total. Com a finalidade de levantar a tecitura social que se formou na cidade, a partir da mobilização das redes dos principais líderes políticos, começo referindo-me ao candidato a prefeito pela Minhoca, termo que, já tendo sido definido, ocupará de agora em diante o lugar da sigla MDB. O engenheiro que se apresentava como candidato a prefeito pelo Partido da Minhoca pertencia a uma família grande, há muito radicada no lugar, tinha vários primos adultos que colaboravam ativamente na campanha, influenciando suas áreas específicas, tendo mesmo uma prima professora-primária que se elegeu vereadora. Levantando a rede social do dr. Minhoca, verificamos que ela, por si só, não seria condição da sua vitória. Atingia, diretamente, parentes e, direta e indiretamente, os remanescentes e descendentes dos primeiros moradores locais, os primeiros portugueses que se dedicaram à extração da madeira, os húngaros da Colônia Arpad e os "baianos", grande contingente de negros e mulatos que descera do nordeste na década de trinta. Os descendentes dos primeiros moradores, indivíduos da sua geração, compunham a elite local emergente; eram todos estudantes do Ginásio local e mesmo alguns já cursavam a universidade. No final dos anos sessenta, eles se reuniram sob a sigla GREIPE, com a finalidade de organizar promoções para fins beneficentes, como se mostrará na segunda parte do trabalho. Este contingente jovem concorreu de maneira importante para a vitória, conseguindo modificar lealdades estabelecidas pelos mais velhos em relação à elite dos "novos".

.....
(3) - Idem, ibidem.

Vamos verificar que a figura simpática e jovem do dr. Minhoca aparecia como um elemento novo, que se apresentava providencialmente naquele momento político. Duas grandes qualidades o caracterizavam. Dizia o povo: "o que pegou foi doutor e da terra". Ora, a primeira qualidade poderia ser explicada através da constatação feita por Nunes Leal, da pobreza progressiva a que foram submetidos os municípios brasileiros desde os seus primórdios. No caso estudado, o técnico era visto como o elemento indicado para tirar o município da sua estagnação. Seu valor aumentava na razão direta da pobreza do município, já que o erário público não tinha condições de contratar técnicos e essa deficiência deveria ser suprida pelo próprio prefeito. A segunda qualidade requer um recuo no tempo, para sua explicação e está diretamente relacionada com as idéias igualitárias manifestadas durante a campanha, aparecendo a configuração da luta política a partir das idéias que a população local tinha a respeito dessas duas categorias.

A rede do Turbulento Aviador também tinha raízes profundas. Procedente de Caiuá, município vizinho mais antigo, que Presidente Epitácio, era conhecido dos primeiros moradores desde menino. Seus desacertos na vida escandalizavam os moradores mais novos, principalmente os profissionais liberais e comerciantes chegados na década de sessenta, com a construção da Ponte, mas não os mais antigos para os quais a violência, a agressividade e a valentia ainda estavam presentes como normas. Filho de grande proprietário de terras, no município e fora dele, era conhecido no Bairro do Campinal há muitos anos, pois seu pai era proprietário de uma das grandes fazendas que ele herdou, já ao tempo de sua candidatura.

Convivera com um ex-prefeito do município, conhecido seu e de seu pai, quando estivera foragido em uma fazenda no Mato Grosso, ele como piloto do ex-presidente João Goulart e o outro como administrador de fazenda próxima. A solidão de degradação consolidou uma amizade que tinha sua origem profunda no tem

po, pois o ex-prefeito, quando fora soldado e delegado local, ajudara seu pai a garantir a posse das suas terras. A atuação do ex-prefeito, na campanha, mostrou-se eficiente, apesar de clandestina, pois estava impedido de aparecer publicamente, devido à possibilidade de prisão, em decorrência de processos em que, entre outras acusações, era acusado de peculato. Essa ligação lhe traria a solidariedade dos correligionários políticos do ex-prefeito, o qual aparece na segunda parte do trabalho sob a alcunha de Soldado. (4)

Outras ligações importantes na decisão eleitoral foram as que se estabeleceram a partir de relações comerciais que mantinha, por ser possuidor de grandes recursos em dinheiro. Finalmente aceito pelo Lions local, através das gestões de um amigo comprometido por grandes favores financeiros, aliou-se aos elementos menosprezados pelo grupo, fosse por não se adequarem ao comportamento dos profissionais liberais em termos de etiqueta, fosse por não seguirem as normas de ética comercial e moral aceitas pelo grupo. Mais um elemento importante na sua rede, e que foi responsável pela sua imagem entre a camada mais pobre, foi o administrador de sua fazenda, no Campinal que, no tempo em que o pai ainda era vivo, servia como intermediário nos pedidos de favores e complacências do fazendeiro.

-
- (4) - Depois das eleições, no tempo da retaliação tradicional, um jornalista comentava os ataques feitos aos ex-prefeitos, referindo-se a esse nos seguintes termos: "É curioso que o sr. Presidente da Câmara se refere ao 'Baiano'... Por que não faz menção aos dois outros prefeitos que o antecederam? Estes, sim, foram os que receberam as nossas mais violentas críticas. Por que o sr. Presidente da Câmara não desenterrou esses defuntos político-administrativos, para melhor me execrar perante a opinião pública? Os ataques ao 'Baiano'... foram 'água de cheiro' em comparação aos recebidos pelos que o antecederam. Será que não os desenterrou porque pertencem a um mesmo ideal político - agora todos são revolucionários. Ou será porque um deles, lídimo líder janguista em nossa cidade, aqui esteve para apoiar alguns dos atuais mandatários, durante a campanha eleitoral? ou será porque responderam ou respondem, não sei em que pé estão as coisas, a processo por peculato e corrupção administrativa?" - Gazeta Epitaciana, nº 6, 27-3-1973.

A rede de relações do candidato a vice-prefeito não seria suficiente para o desenvolvimento de uma campanha vitoriosa. Era um morador recente, embora conhecido há tempo. Não tivera ocasião de desenvolver trocas sociais que atingissem extensos setores da população local. A conjuntura, porém, lhe era favorável: sua ambição política aliara-se à ambição do engenheiro recém-chegado e à insatisfação do ex-Secretário de Obras, nos quadros da Prefeitura, substituído já no fim da gestão do Prefeito atual, quando o mesmo percebeu não ter nele um aliado na campanha do compadre, amigo e 'companheiro'.

O ex-Secretário de Obras era pessoa simples e acessível, de bom relacionamento com a camada baixa da população, à qual tinha oportunidade de prestar pequenos favores. Sua atuação como Secretário de Obras da Prefeitura lhe rendera amigos entre os funcionários e trabalhadores, com os quais se relacionava de maneira igual. Seu trabalho no Bairro do Campinal abria-lhe praticamente todas as casas, pois incursionava pelas fazendas nos consertos de estradas e mata-burros. Um japonês, produtor de melões, comentando as eleições depois da derrota da Panela, à qual pertencia, elogiava a conduta do ex-Secretário de Obras, "que teve um grande desempenho na tática da campanha e que esteve no Campinal por dias inteiros, comendo na casa de todos, mesmo dos adversários, cedendo a cabine da caminhonete às mulheres que pediam carona e indo, ele mesmo, na carroceria." Salientou o fato dele beber no mesmo copo que outra pessoa, sem se importar. Ao mesmo tempo, lembrou o candidato da Panela, que dava carona, mas sempre na carroceria, fosse a homens ou mulheres.

Um elemento importante na sua rede foi seu irmão, funcionário da coletoria, ex-vereador que, no fim da década de cinquenta e início de sessenta, tivera atuação política junto aos sindicatos, que representavam, antes de 1964, a força política local, como se verá na segunda parte do trabalho. No momento estudado, permaneciam na cidade os seus remanescentes: eram opera

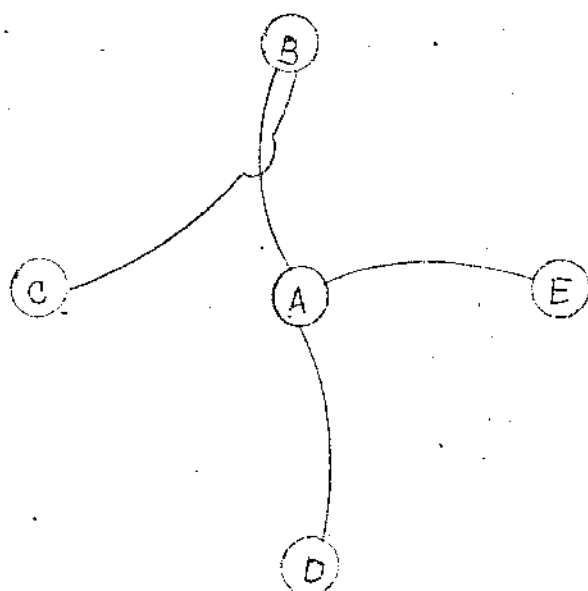
dores do porto, empregados de serraria e marinheiros, representando, portanto, o contingente proletário assalariado. Outro elemento importante aparecia na figura de seu cunhado, deputado estadual pela Arena, que acenava para os oposicionistas com a complacência futura do Governo Estadual, ao colocar-se, na ocasião, como intermediário, tentando assegurar vantagens para os dois lados, segundo o tradicional esquema governista (5).

Mobilizadas desta forma três redes sociais que, por si sós não tinham grande alcance, a rede ativa que se formava atingia uma parcela significativa da população. Ela atingia a área rural e o funcionalismo municipal, através do ex-Secretário de Obras. As famílias mais antigas procedentes da Colônia Arpad - antigo núcleo de pequenas propriedades habitadas por refugiados da guerra de 1914-1918, ou dos município vizinhos, com seus prolongamentos de lealdade baseados em parentesco, amizade e serviço, eram atingidas pelos candidatos a prefeito e vice-prefeito. Mas não atingia a camada mais baixa da população, que compreendia os sub-empregados e desempregados, incluídos os bóia-fria, que residiam nos bairros periféricos; "quase todos os moradores da Vila do Gerônimo vão trabalhar na bóia-fria, vão famílias inteiras, só ficam os que estão empregados."

Essa camada tivera seu consumo subvencionado, durante quase dez anos, pelo Centro Social São Pedro. O atendimento do plantão fora, porém, cessando até quase extinguir-se, continuando apenas o atendimento da creche, atingindo no máximo cem famílias residentes, na maioria compostas de mulheres e filhos, analfabetas e, portanto, sem título de eleitor. O Albergue noturno, agora transformado em Centro de Triagem, alojava imigrantes por três dias e os despachava para onde fosse possível. O Consórcio de Promoção desenvolvia um serviço paralelo na linha de "promoção humana", dando cursos de artesanato e costura, mas que não

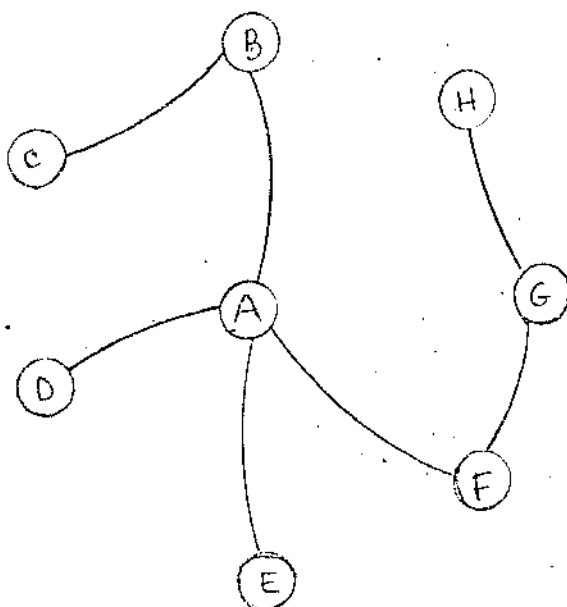
(5) - Nunes Leal, Vitor. Coronelismo, enxada e voto, pág. 48: "...frequentemente, o oficialismo estadual apóia a corrente que já conseguiu posição preponderante no município."

Rede social do candidato a prefeito, pela Oposição.



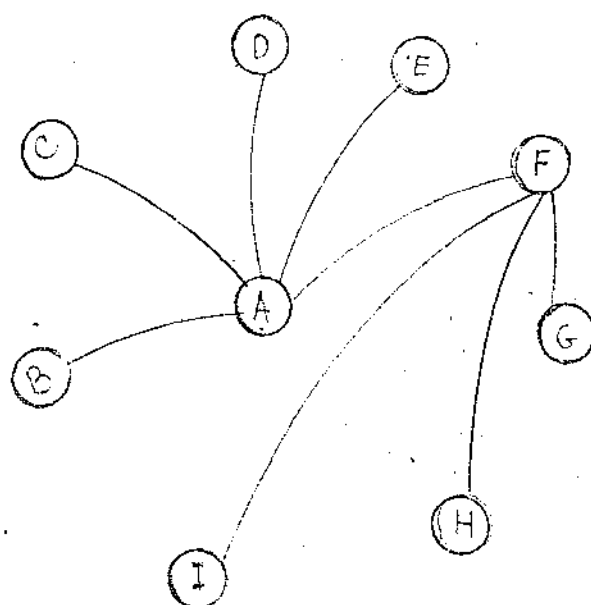
- A. candidato a prefeito (dr. Minhoca)
- B. mãe
- C. moradores antigos da cidade
- D. parentes
- E. amigos de infância.

Rede social do candidato a vice-prefeito, pela Oposição.



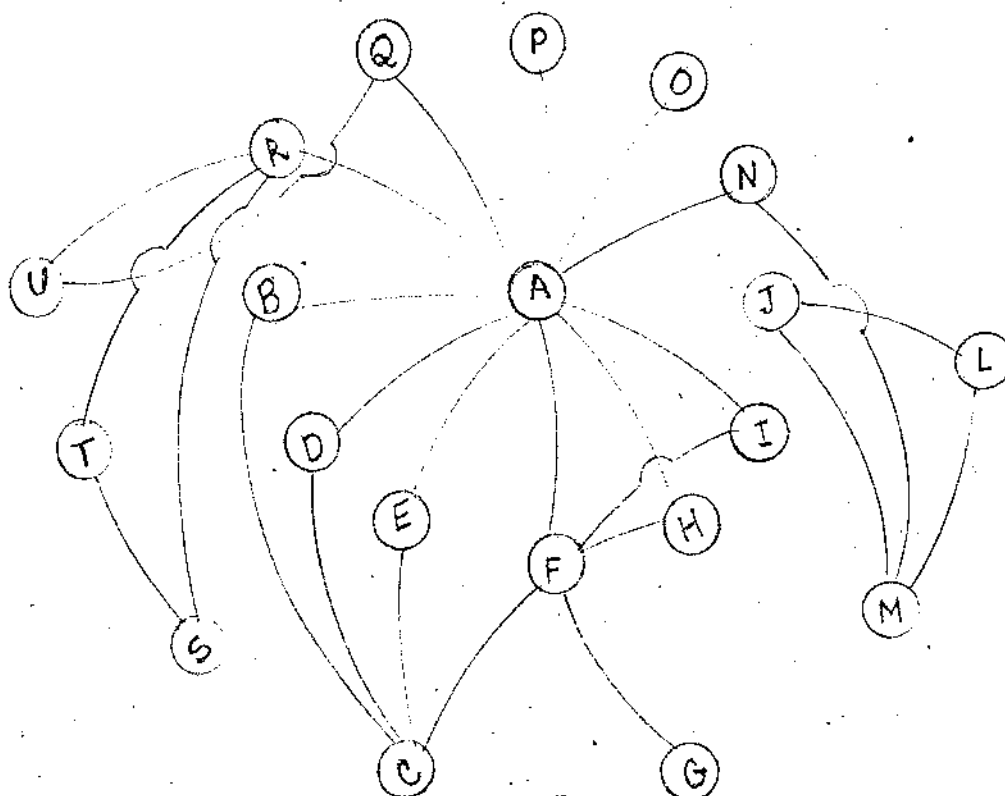
- A. candidato a vice-prefeito (Turbulento Aviador)
- B. ex-prefeito (Soldado)
- C. correligionários políticos do ex-prefeito
- D. pessoas com que estabelecia relações de comércio
- E. pessoas pertencentes aos clubes de serviço, mas menosprezadas pela "elite"
- F. administrador da fazenda do pai
- G. arrendatários da fazenda
- H. moradores do Campinal.

Rede social do ex-Secretário de Obras da Prefeitura.



- A. ex-secretário de obras
- B. pequenos proprietários residentes no Campinal
- C. funcionários da prefeitura
- D. moradores da zona rural (arrendatários)
- E. moradores da cidade
- F. irmão
- G. cunhada
- H. irmão da cunhada
- I. proletariado urbano

Rede social ativa (action-set)



- A. candidatos do MDB
- B. mãe do candidato a prefeito
- C. moradores antigos
- D. parentes do candidato a prefeito
- E. moradores jovens, já eleitores, descendentes dos antigos
- F. ex-prefeito, (Soldado)
- G. correligionários políticos do ex-prefeito
- H. pessoas com quem o Turbulento Aviador mantinha relações comerciais
- I. os sócios de clubes de serviço, menosprezados pela "elite"
- J. administrador da fazenda do Turbulento Aviador
- L. arrendatários da fazenda
- M. moradores do Campina
- N. pequenos proprietários residentes no Campina
- O. funcionários da prefeitura
- P. moradores da zona rural (arrendatários)
- Q. moradores da cidade
- R. irmão do ex-secretário de obras
- S. cunhada do ex-secretário de obras
- T. irmão da cunhada do ex-secretário de obras
- U. proletariado urbano

atingiam, por motivos óbvios, os mais carentes. Esse contingente humano - do qual se poderia ouvir frases como: "foi ele que me levantou depois de morto e depois de mim levantou muita gente", dita por um ex-operário da Ponte, referindo-se ao auxílio recebido por ocasião de doença; ou "devemos pedir pelos fracos, porque são os que precisam de ajuda, mas também pelos grandes, porque os grandes empurram os pequenos", dito por um pai-de-santo de uma tenda de umbanda local - estava desvinculado de obrigações, pois os 'grandes', aos quais teriam de recorrer, Prefeito, Padre e os mais ricos da cidade, haviam cortado suas ligações com eles. O processo de desligamento não fora rápido, mas consequência de transformações estruturais que se precipitaram na década de sessenta e que serão descritas na segunda parte do trabalho.

Como foi dito páginas atrás, a Arena aparecia, no município, com dois candidatos, um pela Arena I e outro pela Arena II. Englobados os dois sob a denominação comum de Panela, reforçaram as próprias desvantagens diante da população local, embora pertencessem a setores distintos, tanto social e econômica, como politicamente. A coincidência de uma mesma sigla, embora diferenciada numericamente, representava um artifício semelhante ao que fora usado durante a vigência do pluripartidarismo.

O candidato a prefeito pela Arena I construiu sua rede social durante os últimos dez anos, dentro da Associação Atlética Epitaciana, da Câmara dos Vereadores, da Prefeitura, do Rotary, do Centro Social e do Cursilho de Cristandade. Suas relações compreendiam: "os companheiros" do Rotary; os funcionários da Prefeitura, desde o mais alto ao mais baixo escalão, pois como Secretário de Obras lidava diretamente com os trabalhadores braçais de menor remuneração; os funcionários qualificados do Centro Social e alguns assistidos que, na falta de atendimento na obra, a ele recorriam como autoridade maior - presidente do Consórcio de Promoção Social que era -, tendo poder para decidir sobre um favor negado ou impossível; e os membros do Cursilho,

que "eram como uma família", realizando reuniões parciais durante a semana e gerais, uma vez por mês. Contava, em sua atuação passada, com um desempenho ativo como presidente da Associação Atlética Epitaciana, no início apenas um time de futebol, que sensibilizou a opinião pública da cidade. No momento, porém, sua atuação como presidente do Clube se desenvolvia no sentido de construir sua sede própria e somente sensibilizava a elite da cidade, pois proporcionava condições para a realização dos bailes de Debutantes - promovidos pelo Lions -, desfiles de modas - promovidos pelo Rotary - e para as reuniões festivas dos dois Clubes que reuniam não só os "importantes" da cidade, como também os visitantes de fora, mais ou menos ilustres.

O seu cargo de presidente da Câmara, conseguido várias vezes durante as duas últimas gestões - ambas da situação -, era uma demonstração da influência que exercia junto aos vereadores locais, na sua totalidade pertencentes à situação.

Como membro do Cursilho, sua posição não era das mais cômodas, pois o desenvolvimento do mesmo estava causando problemas dentro da própria igreja, onde um cursilhista sugerira que se distribuissem os livros de cânticos de cursilhistas a todos os participantes da missa e que nunca se fizesse referência aos cursilhistas, em particular, mas aos católicos, em geral, porque isso estava causando mal estar.

Sua posição como proprietário de armazém lhe permitia, dentro das possibilidades do seu capital, fazer alguns favores a trabalhadores rurais, que tinham necessidade de um fornecimento a prazo, o qual só poderia ser pago em tempo de colheita. Um eleitor da Panela, na época das eleições funcionário da Prefeitura, justificava sua posição partidária contando que "morou em algumas fazendas, vivendo por conta própria, recebendo do dono da terra apenas a terra, com o trato de dar o capim plantado no final do prazo. Nessa época é que conheceu o candidato do Prefeito, que tinha armazém. Já havia procurado um tio que tem oficina e que é considerado o rico da família, mas o tio não quis

garantir o fornecimento para ele. O candidato do Prefeito, que não o conhecia, garantiu sem pedir fiador. Diz que foi obrigado a tirar a mão de cima de um parente e pôr em cima de um estranho. Que se põem uma pedra ao lado de um pão, ele tem que ir para o lado do pão." Mas o capital do candidato não era muito e não permitia muitos "fiados", de modo que outra eleitora dizia - que "ninguém gostava dele, nem o povo da fazenda, por causa do comércio. Esse povo nem sempre tem patrão para fornecer e, se não acha um comerciante que venda fiado, não aguenta. Disse que quem está no mato não está fabricando dinheiro, mas só vai ter dinheiro no fim do ano. Que o candidato do Prefeito não fiava - para essa gente."

A rede de relações do candidato do Prefeito mostrava-se, portanto, compacta na medida em que as pessoas a ele relacionadas poderiam ser atingidas diretamente ou através de um pequeno número de ligações. Mostrava-se densa, desde que as ligações possíveis entre as pessoas, realmente existiam. A densidade me parece ser uma característica que pode ser considerada como uma constante em redes sociais de sociedades de pequena escala, onde as relações face a face têm o seu peso aumentado pelas relações multiplexas. Era uma rede heterogênea, já que atingia várias categorias de pessoas, como vereadores, companheiros de clube, membros do Cursilho, funcionários da Prefeitura, jogadores de futebol, freqüentes do armazém e, fora do município, deputados estaduais e federais, pois há dez anos participava do poder local. Atingia a camada mais baixa em dois níveis: os assalariados e os sub-empregados. A camada baixa tinha sua importância, como se verá mais tarde, ligada à desproporção numérica em relação à camada alta. Considerando que esta última fosse composta apenas de elementos com instrução secundária e superior - o que não acontecia -, teríamos apenas 6,07% da população total do município. Incluindo os elementos com instrução primária ou quatro anos de estudos, teríamos 27,41% da população (6).

.....
(6) - Plano de Desenvolvimento Integrado de Presidente Epitácio.

Se fôssemos tirar conclusões apenas a partir das características morfológicas da rede, poderíamos supor que estaria em boas condições de competir. Porém, incluindo na análise as características interacionais, temos que nos remeter ao problema do conteúdo, isto é, do sentido que as pessoas dão ao seu relacionamento. Mitchell frisa o aspecto normativo do conteúdo, salientando que os atores de uma situação social são capazes de entender o comportamento das pessoas envolvidas porque entendem o sentido das normas, crenças e valores que estão associados a esse comportamento. Transposto o sentido normativo para um contexto heterogêneo, vamos verificar que o conteúdo pode ser melhor trabalhado em termos de papéis, e expectativas relacionadas a esses papéis. A troca e a informação estariam, dessa forma, subordinadas às normas que regem o comportamento entre indivíduos.

No caso do candidato da Situação, a reciprocidade estabelecida era uma consequência das condições concretas que a troca encontrava para se realizar, na maioria dos casos trocas horizontais, sendo que, no caso das trocas verticais, ou elas não se manifestavam, por não estar o candidato interessado nelas, ou se manifestavam de maneira conflitiva, por não coincidirem as expectativas envolvidas no ato: aos assistidos do Centro Social ele negava os favores, a partir de uma medida de contenção de despesas que fora adotada logo que o Consórcio de Promoção passara a funcionar, pois as verbas oferecidas pelo Estado se destinavam a fins específicos e não poderiam ser gastas ao sabor das necessidades do momento. Seu desempenho como presidente da obra e como presidente do Consórcio se desenvolvera mais ao nível administrativo interno, não favorecendo, portanto, o estabelecimento de relações com os necessitados.

Uma eleitora da Minhoca, mulher acostumada à lida da roça, cabeça da família porque o marido sofria de "mal do estômago", que alternava o trabalho da terra com o de lavadeira em casas de família, justificava sua posição contrária ao candidato do Prefeito, a partir de dois acontecimentos: no primeiro, -

quando precisou de recursos médicos para um filho que veio a falecer, justificou seu pedido alegando que o marido era doente. O candidato, então presidente do Centro Social, comentou que era "doente para trabalhar, mas não para fazer filho", o que provocou um grande descontentamento na eleitora pois, de acordo com sua visão de mundo, não havia incompatibilidade entre ter um marido doente e ter filhos, já que os filhos seriam mais braços no trabalho e não encargos, como os via o presidente da obra, para o qual quem não pode criá-los não deve tê-los.

O segundo incidente foi mais grave: ao ter sua última menina, passando mal há cinco dias, mandara pedir uma ordem ao Centro Social para consulta. Chegando ao hospital, o médico viu que era grave a situação em que se encontrava e passou-a à frente dos outros, constatando que o caso só poderia ser resolvido "no canivete". Como fosse pessoa sem recursos e o hospital em questão fosse particular, falou-se em mandá-la para a cidade vizinha. Mas ela não tinha condições para viajar. Pediu que chamassem a patroa e, quando ela chegou, disse-lhe: "minha vida está em suas mãos", frase reveladora de uma condição de dependência, em que a falta de uma aceitação tácita de responsabilidade social tornava completamente insegura. Nesse caso, a troca social necessariamente iria se revestir de um conteúdo emocional mais forte. Reunidos a patroa, o Vigário e o presidente de Centro Social - o agora candidato da Situação -, propuseram que a despesa do tratamento fosse dividida pelos três. Os dois primeiros concordaram, mas na hora do presidente dar sua adesão, observou que "não sabia se aquele infeliz tinha pai". A eleitora disse que "se sentiu até mais forte de tanta raiva." Fizeram-lhe, finalmente, uma cesária e também uma operação "para não criar mais família." Dessa forma, ele não só negara o primeiro favor, de maneira ofensiva, como fizera o segundo de modo inconveniente. A eleitora não se sentia absolutamente devedora de nenhum favor. Seu agradecimento era dirigido à patroa e ao Vigário, mas estes não pediam votos.

A respeito do seu desempenho na Prefeitura, se dizia

que ele não gozava de prestígio junto aos trabalhadores. Um elei tor seu, funcionário da Prefeitura, dizia que o candidato do Prefeito "...era um homem bom que fazia muitos favores aos ou- tros. Só não gostava de gente vagabunda, preguiçosa, que é o que são os da Prefeitura, que só querem ver correr o mês e receber ordenado." Um ex-vice-prefeito da Panela disse que "ele não go- zava de prestígio junto aos trabalhadores. Fazia a turma traba- lhar."

Uma eleitora da Minhoca, a mesma do trabalho da terra e do tanque, disse que o candidato do Prefeito "era grande por causa da pobreza e que ele não podia ter desprezado assim, por- que quando ele precisou, não serviram ele." Essa frase é bem significativa da posição do candidato que, não concedendo favo- res ou concedendo-os de forma inconveniente, não foi alvo de re tribuição.

Seu candidato a vice, devido ao trabalho que desenvol- via junto aos marítimos, como gerente de uma firma distribuido- ra de petróleo - seu depósito ficava na beira do rio e tinha contato diário com as tripulações -, tinha feito com que os con vencionais duvidassem da viabilidade do candidato do Prefeito e sugerissem uma inversão na composição da chapa. O Prefeito, po- rém, já tinha dado sua palavra, e o vice seria apenas um elemen- to que poderia colaborar com uma boa parcela, na soma de votos. Seu relacionamento com os marítimos, porém, não era de índole a exigir retribuição. Embora fosse "simpático e popular", exercia uma função de troca comercial que se encerrava no próprio ato. (7)

Um exemplo da idéia de que a troca social é, por natu- reza, imponderável e ambígua, deixando depois de si a possibili- dade de retribuição, que não tem medida estipulada, foi dada -
.....

(7) - Blau, Peter. Exchange and Power in Social Life. Pág. 94.

"Only social exchange tends to engender feelings of personnal obligations, gra- titude and trust; purely economic exchange as such does not."

por um comentário de um eleitor depois da vitória da Minhoca: "O vice-prefeito estava ontem no poço onde caiu a mulher. Mas agora ele é autoridade, tem obrigação." (8)

.....
(8) - Idem, ibidem, pág. 91: " 'Social change' as the term is used here, refers to voluntary actions of individuals that are motivated by the returns they are expected to bring and typically do in fact bring from others."

3.4 - As eleições e a reciprocidade.

Verificaram-se, a partir do que já foi exposto, as redes sociais mobilizadas pelos candidatos em tempo de campanha. Embora as condições da cidade e do município permitissem um conhecimento pessoal bastante extenso e generalizado, as obriga - ções advindas das relações mais próximas seriam insuficientes para carrear a quantidade necessária de votos. Outras relações, já existentes em tempos normais, deveriam ser ativadas para que o voto entrasse como objeto de retribuição, mas de maneira indireta. Por isso, a preocupação dos candidatos era atingir as pessoas que tivessem grande círculo de influência. Eram esses os intermediários e os grandes eleitores.

Os intermediários tinham a característica comum de se colocarem entre a camada mais alta e a mais baixa da população. Eram elementos que tinham condições de chegar até às autorida - des locais ou pessoas mais influentes, para pedir favores para o seu bairro ou para sua rua - como postes de iluminação ou extensão de rede de água -, ou simplesmente um favor pessoal para um amigo. Entre esses elementos, podemos citar a dona de um boteco, "que não tinha nada para vender, apenas umas garrafas de cachaça. A porta vivia meio fechada. Nas Missões, os rapazes da igreja estavam fazendo um levantamento dos católicos, verificando os batizados e casamentos. Quando bateram lá, o marido não quis atender, porque tinha gente de fora lá dentro. Os candidatos tratavam com ela na base do dinheiro. Ela tinha conhecidos e comprometidos, porque arrumava encontros. Passava nos bares, parava meio longe, mandava chamar, marcava o encontro. Muita gente devia favores inconfessáveis a ela."

Grandes eleitores eram os que tinham estabelecido extensas redes de comunicação: eram pessoas que, geralmente, tinham funções de longo percurso ou se encontravam estabelecidas em lugares onde havia grande afluência de pessoas. Do primeiro tipo, podemos citar um Congregado Mariano, rezador de terços em

fazendas e casas da cidade. Foi incorporado ao partido da Minhoca a partir do pressuposto de que seria necessária uma pessoa de influência dentro da igreja. Elementos do mesmo tipo eram dois irmãos nordestinos que chegaram à cidade como mascates e que se estabeleceram depois com uma pequena loja atrás da igreja. Mas continuavam a fazer viagens periódicas como mascates, o que lhes rendia grande número de relacionamentos, principalmente entre seus conterrâneos, que não eram poucos.

Do segundo tipo, podemos citar principalmente os donos de boteco, pequenos bares de ponta de rua, de sortimento pobre quase que só resumido a bebidas vulgares, frequentados diariamente pelos homens de residência mais próxima. Quando o boteco vendia também mantimentos, fornecendo um bom número de fiados e ficando credor da adesão do devedor, a atuação de grande eleitor do seu proprietário se confundia com a de intermediário, pois sua força maior correspondia a um peso maior nos seus pedidos diante dos "grandes".

Outros elementos que tinham redes de comunicação de grande alcance eram os charreteiros, motoristas de taxi, vendedores de bilhetes e prostitutas.

Grandes eleitores eram também os donos de peixarias - ou de restaurantes da beira do rio, pois tinham relações com um grande número de pescadores que lhes forneciam peixes, e com grande número de freguezes, que lhes frequentavam o estabelecimento. Assim também os chefes de famílias numerosas que, embora pouco profundas no tempo, eram o que se pode chamar de família extensa, composta do casal mais velho, dos filhos, noras, genros e netos - ou mesmo de parentela, já que entravam, muitas vezes, mais alguns parentes reconhecidos por outros laços menos definidos.

Temos assim, portanto, os intermediários, que tinham força eleitoral porque capitalizavam os favores que faziam, podendo ser trunfos na campanha em favor dos "grandes" aos quais pediam. E os grandes eleitores, cujo poder advinha de estarem -

em condições de difundir informações ou de conseguir e controlar grande número de votos, baseados em redes sociais cujo conteúdo podia ser parentesco, amizade, freguezia, etc.

Tanto os intermediários como os grandes eleitores estão incluídos na referência feita por um ex-vide-prefeito: "quem ganha eleição é cabo eleitoral", acrescentando, a respeito da pouca atenção que o candidato da Situação dava ao povo: "A gente tem que dar atenção a um pau d'água, que às vezes não é nem eleitor, mas tem prestígio dentro do povo."

Mas existia um terceiro tipo de cabo eleitoral, arregimentado entre os elementos considerados desclassificados ou sem escrúpulos. Estavam incluídos nessa categoria os homossexuais, os desempregados contumazes e os mentirosos (1). Sua característica comum estava no fato de serem indivíduos considerados "desviantes" e, como tal, capazes de desafiar sem falsos escrúpulos as normas eleitorais vigentes. Esses eram geralmente aliados de última hora e recebiam pagamento. Dedicavam-se, desde a ensinar os eleitores mais ignorantes a fazer um X no lubar "certo", como eram capazes de desafiar os fiscais e levar o eleitor até a boca da urna. Eram também os veículos de difusão das infâmias e calúnias, nos locais mais "baixos" da cidade.

Enquanto o cabo eleitoral era um elemento intermediário entre o eleitor e o candidato, o líder eleitoral era o próprio candidato. Era o que Mitchell chamou de "patrocinador": os que concedem os favores, executam as promessas, comprometem-se com a vitória ou a derrota. Eram indivíduos que, a partir de circunstâncias conjunturais e estruturais, conseguiam fazer convergir o interesse e a lealdade de um determinado número de correligionários. Esses eram, portanto, o alvo dos "pedidos" dos eleitores. Bem definindo a ética eleitoral, dizia uma eleitora da camada baixa: "em tempo de eleição, tem que procurar quem pre

(1) - Figura popular de fofoqueiro e intrigante, citado no trabalho de Neuza Costa Davids sobre poder local, em Rio Claro.

cisa de voto, porque quem já dá, nesse tempo dá mais, e quem não dá, nesse tempo tem que dar." Com isso, ela se referia aos canais de retribuição. Se eles já existem, devem ser ativados. Se não existem, devem ser criados. Tão logo se manifestasse a figura do candidato, seria então assediado com todo tipo de pedidos. A expectativa era de que atendesse a todos e a impossibilidade ou pouca vontade de atender o tornaria inviável para o cargo.

O armazém do candidato da Situação andava cheio de pessoas que iam em busca de favores. Um companheiro de partido, comentando depois a derrota, dizia que um homem fora lá pedir uma calça para usar no dia da eleição, mas que o candidato mandara voltar no dia seguinte. E que os assistidos do Centro Social iam pedir aviamentos de receitas e ele dizia "que não estava tratando dessas coisas."

Não havia, porém, uma determinação simples entre o favor recebido e o voto. O contexto ao qual se referiu Nunes Leal, em que "o fazendeiro paga o eleitor para praticar um ato que lhe é indiferente" (2), já não era o mesmo. O eleitor urbano não se encontrava mais na dependência direta de um patrão, mas tinha alternativas. Nas condições específicas de Presidente Epitácio, ele era, na maioria, um desvinculado, pois os grandes patrões não existiam. Os proprietários das grandes fazendas residiam na capital e o número de empregados nelas, era mínimo. Não havia lá as antigas "colônias" nem havia colonos. Quando muito, aldeamentos provisórios, de casas construídas de barro e cobertas de coqueiro, que reuniam um número significativo de pessoas para o desmatamento. Terminado este, o núcleo seria abandonado. Os núcleos mais importantes, na época, situavam-se na fazenda Xavante, que procedia ainda ao seu desmatamento; fazenda Santa Fé, em fase de abertura; fazenda Santana, com aproximadamente quarenta famílias residentes, também para trabalhos de desmatamento; e a fazenda Santa Cruz, com a maior população de eleitores.....

(2) - Nunes Leal, Vitor. op. cit. pág. 21.

res e cujo proprietário, residente no município vizinho, mas primo de candidato a vereador pela Situação, tomou partido, proibindo a realização dos comícios da Minhoca. A medida, porém, foi esvaziada pelo dono do armazém onde os lavradores faziam compras, que era do partido da Minhoca e que colocou um caminhão à disposição dos freguezes, conseguindo fazer proselitismo político entre as mais de cem famílias que lá residiam. As normas que regiam esse tipo de trabalho não estabeleciam vínculo empregatício nem obrigação de espécie alguma, por parte do proprietário, o que lhe tirava a possibilidade de influência.

O eleitorado do Bairro do Campinal, significativo em termos de votos, era composto de arrendatários ou pequenos proprietários nacionais, além de pequenos e médios proprietários japoneses e nisseis. Formava também um eleitorado desvinculado do patrão, aproximando-se do eleitorado urbano nas estratégias políticas adotadas.

Finalmente, o eleitorado urbano, composto de funcionários de serraria -na época em pequeno número -, marinheiros de firmas particulares, funcionários da Prefeitura e um contingente de "bóias frias" que eram todos os que, por um motivo ou por outro, não conseguiam incluir-se na categoria de assalariados -de salário mínimo. Sendo esse e o contingente do Campinal os componentes do eleitorado numericamente mais significativo, restava uma parcela de força política que estava nas mãos dos funcionários públicos, professores, comerciantes e profissionais liberais. Relacionando esse tipo de pessoa aos dados do censo, podemos ter uma idéia de sua dimensão, observando-se que 0,12% tinha curso superior e 0,66%, segundo ciclo.

O favor, portanto, dadas as condições do eleitorado, não tinha sua retribuição garantida. Um ex-vice-prefeito da Panela se queixava de que, tendo dado catorze sacos de cimento e cinco maços de pregos a um suposto correligionário, vira-o, depois, "trabalhando" com os minhoqueiros. A Oposição distribuía balas para as crianças e bebidas para os homens. A Situação tam

bém distribuía, mas as crianças gritavam o nome do candidato da Oposição ou então arremedavam a campanha da Situação, fazendo o V da vitória com os dedos, mas gritando: veado, veado.

A incerteza quanto à retribuição levava a erro nas expectativas e conduzia ao que foi chamado de traição: "o povo é muito sem-vergonha, houve muita traição." As traições, porém, - não se verificavam apenas ao nível dos presentes de última hora. Envolviam expectativas relacionadas a outros tipos de lealdade, que não a política: a mulher de um gerente de firma tinha uma empregada que ia se casar e à qual estava dando o enxoval. No dia das eleições, quando a empregada voltava para casa, depois de votar, a patroa perguntou-lhe: "Como é, votou na Panela?" - ao que ela respondeu: "Que Panela, que nada, votei tudo na Minhoca." A patroa a despediu e tomou o enxoval.

Havia traições que atingiam maior profundidade e grande repercussão. Como o caso do sacristão, que dizem ter perdido a casa que ia ganhar do Vigário por causa das eleições. Isso porque o Vigário desconfiou que ele fosse minhoqueiro e pediu à plantonista do Centro Social para fazer uma sondagem, que veio acompanhada de confirmação. Então ela foi à casa do sacristão, rasgou um retrato do candidato do Prefeito pela Arena I, que estava pregado na porta e "lhe disse umas verdades". Ele deu parte à polícia, alegando invasão de domicílio, e aproveitou para acusar outra funcionária do Centro Social, com quem discutira no jardim, chamando-a de biscate e sendo, em troca, chamado de veado.

No dia marcado, compareceram à delegacia os acusados pertencentes ao partido da Panela, acompanhados pelo Vigário, e os acusadores da Oposição, acompanhados pelo candidato a vice-prefeito e um candidato a vereador. O Vigário manteve-se, prudentemente, do lado de fora. Quando o delegado percebeu que a arenga seria longa e comprometedora, resolveu dar o dito por não dito e encerrar o assunto.

Verifica-se, pois, que o voto aparece como um bem a ser

trocado, de acordo com as normas aceitas pelo grupo; circulando através de canais de lealdade estabelecidos. Essas lealdades delimitam campos e estabelecem barreiras. No momento da crise, o voto é um instrumento de definição. É preciso definir quem está - com quem. A definição não se faz, porém, dentro da sala de votação. A definição se faz na participação ritual, e esta se mostra muito mais comprometedora que a "traição" realizada secretamente nas urnas e impossível de ser verificada.

Na grande massa proletária, cuja situação é de desigualdade de poder e dependência, há uma eversescência muito grande. Há a percepção difusa de que o poder, ao menos de quatro em quatro anos, está em suas mãos. Há uma voz geral que diz que é a "baianada" que resolve as eleições. É preciso agradar a "baianada", porque eles vão retribuir com o voto. É a hora de todos os favores. É a hora da tradicional "compra" de votos. Mas é também a hora das "traições". Os dois pagaram, mas o eleitor escolheu - um. Um só pagou, mas foi rejeitado. Qual a lealdade mais forte que determinou a direção do voto?

Essa massa proletária, numericamente muito superior à pequena elite recém-formada, não tem acesso aos benefícios públicos de forma generalizada. Não há hospital gratuito, os serviços dos Postos de Saúde e de Puericultura apresentam-se deficientes. Para eles, permanece a situação insegura dos primeiros tempos, em que um ajuda o outro para ser ajudado depois. Com uma variante: um fraco não pode ajudar outro fraco, desde que a condição de ser forte já lhe é vedada: as terras já foram apropriadas, as madeiras já construíram grandes fortunas. Não há mais o de que se apropriar. A troca está agora sancionada: trabalho em troca de salário. O que falta vem do favor da mulher rica, que tem pena das crianças; da diretora do Grupo Escolar; do dono do armazém, que vende fiado; do médico, que atende de graça; do prefeito, que providenciou a ambulância ou deu meia dúzia de tábuas. Esses favores são permeados de uma dose de amizade, "respeitadas as proporções", que legitimam a situação.

Em tempo de eleição, portanto, os que devem obrigação procuram resgatá-las. As obrigações não são simples como votar - com o patrão, ou votar porque ele me vendeu fiado, mas votar em quem "me ajudou a pôr o pão na boca dos meus filhos", "me levantou da cama", "me acudiu na hora da desgraça".

Essa feição moral do voto nada tem a ver com a compra e venda de votos, que é um procedimento eleitoral formal, não o brigando a nada além do próprio ato. Vende-se o voto porque se compram votos. Mas as alianças de última hora não subsistem.

3.5 - A manifestação simbólica.

A campanha começou oficialmente com o primeiro comício da situação, realizado em um terreno baldio, perto do Grupo Escolar e cujo palanque fora armado sobre a carroceria de um caminhão, equipado com alto-falantes e iluminação pelo seu artífice costureiro, o encanador-eletricista mais conceituado da cidade, que fora, em outros tempos, "pau-mandado" do ex-prefeito da década - de 50. Casara-se com professora primária de família local e era agora membro do Lions, sendo que, por motivos profissionais, iluminava tanto a Situação como a Oposição.

Depois de falarem os primeiros oradores da noite, subiu ao palanque um candidato a vereador: advogado, famoso pelas defesas melodramáticas no Fórum local, começou seu discurso com um repto ao adversário, que não era o candidato a prefeito, mas o candidato a vice, o Turbulento Aviador, de ações e falas contundentes, alegando acusações e ameaças. Abrindo a camisa ao peito, dizia em voz tonitroante: "Atire aqui, se tiver coragem. Você - não tem moral para atacar. Querem saber quem é o candidato a vice? É um assassino que esteve fugido da polícia, é um ladrão que foi processado por peculato, é um homem que dá cheques sem fundos."

E para que soubessem quem era o candidato a prefeito, chamou a servente do Grupo - doceira e cozinheira das festas dos ricos, sempre metida e intronada em acontecimentos dramáticos -, - mulher pequena e magra que subiu ao palanque e falou que o candidato a prefeito pela Minhoca era mesmo um ladrão, pois, quando mocinho, roubara umas meias em casa de um "turco", o que ela podia afirmar com certeza porque seu filho fora companheiro na ocasião.

Mas a oposição não estivera de braços cruzados. Um grupo de adolescentes, portando faixas no peito e na testa com os nomes dos candidatos, fazia algazarra e gritava o nome deles. Os

Os oradores tinham dificuldade em se fazer ouvir.

Quando chegou a vez do Prefeito, sua paciência já se havia esgotado e se referiu a eles dizendo "esses desgraçados", "pés-de-chinelo", "essa corja" e outros apostos considerados ignominiosos - principalmente por ser o grupo composto de quase crianças -, que foram incorporados com êxito à campanha da oposição, sendo que "pés-de-chinelo" foi juntar-se, em mesmo nível de importância, à significação de minhoqueiro.

Embora as considerações anteriores mostrem uma divisão entre pobres e ricos, na classificação mais simples entre Minhocas e Pannels, a própria fala dos que se referiam demonstrava que os elementos sujeitos à divisão não eram homogêneos. É o que se pode observar através da fala do jardineiro da Prefeitura, que pertencia à Arena e que dizia que no MDB "só tinha gentinha, gente pior do que eu".

Significativo na mesma heterogeneidade, é um incidente à saída da urna, quando a mulher do médico mais antigo da cidade, herdeira de muitas terras e muito gado, filha de morador dos anos 20, foi interpelada por outro médico da situação: "Rico não vota em Minhoca..." Ao que ela respondeu: "Nós somos pés-de-chinelo." O epíteto serviu, portanto, para designar e arregimentar não só os despojados materialmente, mas os socialmente prejudicados. Essa afirmativa tem relação com a formação da elite local, pois certos moradores dos primeiros tempos não conseguiam manter relações satisfatórias com os profissionais liberais da década de sessenta, embora a variável renda a parecesse igual ou maior. Estabelecia-se assim, dentro da própria elite, uma discriminação de posição, o que impedia que ela fosse homogênea e solidária.

Os ataques gratuitos com que a Panela iniciou seus comícios rendeu correligionários para a Oposição. Embora, verificadas as consequências, o tom aparecesse mais brando em outros comícios: "Porque nós primeiro realizamos, porque nós primeiro fizemos, para depois sairmos candidatos a prefeito e a vice -

prefeito. Nós não somos candidatos de última hora e também não somos candidatos de uma escola de aprendizagem... Nós primeiro nos preparamos, para depois administrar o nosso município.*

Suas alegações, porém, caíam sempre no problema crucial dos municípios brasileiros. Nunes Leal já alertava para o seu constante empobrecimento e os congressos municipalistas nada mais fazem do que constatá-lo. Qualquer alusão ao que já tivesse sido realizado cairia no vazio, frente às grandes necessidades a enfrentar. A oposição, portanto, sentia-se à vontade para retrucar: "Os que estiverem contentes e acharem que a atual administração foi boa, foi progressista, avançou em Epitácio, Epitácio não parou, devem votar com o candidato que representa a situação. Os que acharem que Epitácio estacionou no tempo, não progrediu, regrediu, devem renovar. Nós estamos com a renovação, porque achamos que Epitácio estacionou..." *

O primeiro comício da oposição foi muito concorrido. Eis a fala de um candidato a vereador, despachante com escritório montado, estudante de Direito em cidade próxima: "Nós, como democratas, não podíamos aceitar que Epitácio não disputasse um pleito com dois candidatos. Não seríamos democratas se aceitássemos um candidato único, imposto por uma minoria. Era necessário que nós saíssemos com candidato próprio e que este povo escolhesse nas urnas quem o governasse, mas era necessário que o povo exercesse esse direito que custou tanto aos nossos antepassados e que nós vamos saber dia 15 mostrar o valor que é o valor maior que temos como povo livre, como povo que amamos a liberdade (palmas)." *

A "liberdade", no caso, tinha muito que ver com o fato da disputa política se dar a nível eleitoral ou a nível de diretório. A acusação de candidato único se devia a manobra de diretório que indicara, pela oposição, nas eleições anteriores, um candidato solitário e inexpressivo. O descontentamento, por

* - as citações marcadas com * são procedentes de fitas gravadas.

tanto, mesmo existindo, não teria possibilidade de se manifestar. Assim é contestada a legitimidade do prefeito em exercício, quando o candidato a vice-prefeito pela Minhoca assim se expressa, referindo-se a ele: "Um outro candidato da Arena, um outro candidato milita pela Prefeitura, milita pela Prefeitura há vários anos, ora como colaborador, ora como palpite, ora como Secretário de Obras, indicado pelo Prefeito, que não foi posto na Prefeitura pela vontade popular porque não tinha com quem disputar." E mais adiante: "Tinha que alguém enfrentar, tinha que alguém lembrar-se da eleição passada que não houve adversário, que puseram na marra um prefeito que não deu conta." E ainda: "Estamos com um tormento atravessado na garganta porque um cidadão acuado para ser prefeito, pulou de uma janela e embaixo tinha um cavalo arriado chamado Prefeitura e ele saiu montado. (palmas, gritos)" *

O maior ataque se fazia, porém, ao candidato da sub-legenda da Arena, líder dos ex-funcionários da Cia. de Navegação da Bacia do Prata, pessoa aparentemente inofensiva, superado pelas transformações sociais do município e pelos achaques da idade. O ataque parecia, portanto, desproporcional. Dizia o candidato a vice: "Tinha que se lembrar que ia ser lançado um cidadão que hoje pelo povo se chama oito anos. Esse cidadão - que governou oito anos e, todos vocês em silêncio, eu posso perguntar: tem alguém capaz de me dizer o que este cidadão que governou oito anos, todos vocês aponte-me uma obra dele. Aponte-me uma obra de Epitácio. Oito anos, oito anos que eu me refiro, é o ex-prefeito, o ex-prefeito por oito anos, cassado por esta Câmara Municipal que aqui se encontra. Vejam bem, senhores, cassado pelo pessoal da Arena e hoje convidado pela Arena para participar da campanha. (...).foi cassado por não comparecer à Câmara Municipal ..." *

Enquanto isso, era apresentado o jovem candidato a prefeito pela oposição: "...um garoto novo, que aqui nasceu, estudou fora, veio para cá como engenheiro, com um canudo na mão,

um diploma na mão e o anel de doutor no dedo (palmas)." *

A situação não o via com os mesmos olhos: "Ele fala e inventa porque cada vez que vem para o Campinal, ele precisa de um na frente e outro atrás, para não se perder, porque não conhece isto aqui. Entretanto, meus amigos, nós que conhecemos o Campinal, nós que conhecemos as suas dificuldades, as dificuldades do seu povo, nós estamos dispostos a continuar dando o nosso esforço, a nossa capacidade, o nosso trabalho, em prol de vocês."*

Mas o trabalho da Prefeitura não era visto com tão bons olhos: "A galinha de ovos de ouro é o seguinte: toda a terra que aqui se pôr, tudo aquilo que se faz aí inutilmente como está, vocês agora pisando na lama aí, esse é o exemplo, o dia que asfaltar isso aí, gente, sabe o que vai acontecer? Vai acontecer que não há mais jeito de explicar pro povo e muito menos para o Tribunal de Contas, que a água levou a terra. É muito fácil explicar outra situação: esses cidadãos que aí estão iniciaram a Santa Casa há quanto tempo. (...) Está lá a Santa Casa. Não queimou porque é de concreto. Se fosse de madeira, já tinha queimado. E tem mais uma: o Governo de São Paulo deu para Epitácio nesta gestão quarenta milhões de cruzeiros para a Santa Casa. Sabe o que aconteceu? Ninguém foi buscar. (...)...foi autorizada a verba para o Correio Municipal. Ninguém lá compareceu para buscar a verba." *

Finalmente, falava o candidato a prefeito, o que chegou "com um diploma na mão e o anel de doutor no dedo", e que vinha, através de uma longa arenga, defender suas origens epitacia^{nas}: "Disseram que eu nasci em Epitácio por acaso. Ora, meu povo, uma família que aqui reside há 34 anos, não é por acaso. Se aqui eu trouxe minha esposa para que em Epitácio nascessem os meus dois filhos, não é por acaso. E aqui eu tenho hoje o meu saudoso pai enterrado nesta terra que me viu nascer, não é por acaso." *

Uma antiga moradora, representante da pequena burguesia local, paraguaia casada com um alemão, muito bem situada entre os profissionais liberais chegados na década de sessenta, mas por mo

tivos particulares opositora ferrenha nas eleições em questão , disse que "num comício enorme do dr. Minhoca ela passou em sua casa, pegou uma rosa, e, chegando lá, pediu licença para subir no caminhão, onde entregou a flor a ele, dizendo: quero entregar esta rosa a este moço, que é filho de Presidente Epitácio, como meus filhos."

Sucederam-se os comícios nas noites de todos os domingos, salvo alguns menores realizados durante a semana, em geral nas pontas de rua e nos bairros mais afastados. Por precaução, nos comícios da Situação, escalaram um funcionário do IBGE local, para impedir a aproximação de moleques da Minhoca, que atrapalhavam os comícios. Ele corria atrás deles "com tanta raiva que até rangia os dentes."

A população comparecia em peso aos comícios de domingo. A filha da merendeira do Grupo Escolar - cujo salário era de 130 cruzeiros e sem registro -, "contratada à parte pelo diretor" -, não perdia um comício, disse que eram muito divertidos, "chamavam todo mundo de ladrão". Também a mulher que plantava roça no Mato Grosso, lavadeira quando não era tempo de lidar na terra, disse que nunca foi a tanto comício em sua vida, que "a turma da Minhoca não deixava de mandar caminhão e eles aproveitavam. Que foi uma sujeira, mas não foi só do lado da Minhoca, como andaram dizendo, foi do lado da Panela também, pois chamaram o vice da Minhoca de assassino e disseram no palanque que o engenheiro era ladrão de meias."

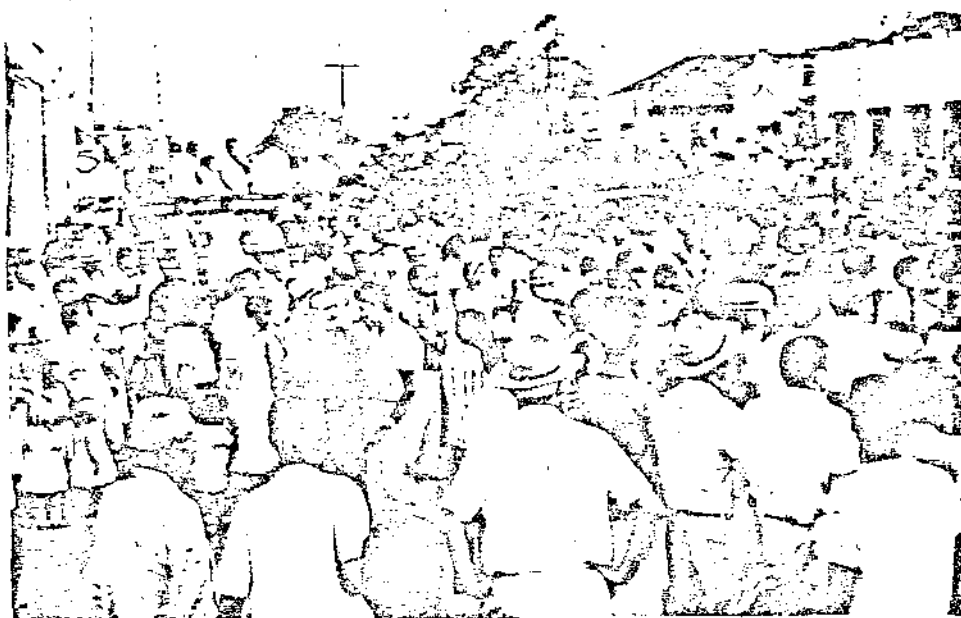
Os comícios foram realizados também no Campinal e em alguns núcleos populacionais de grandes fazendas. Tais núcleos eram atingidos, em épocas normais, principalmente pelo Vigário que, de tempos em tempos, ia lá rezar missa, e pelos comerciantes, onde eles vinham fazer compras. Aos comícios da zona rural comparecia grande número de eleitores da cidade, que lotavam caminhões.

Uma antiga moradora do Tibiriçá - pequeno povoamento onde moravam os funcionários da navegação -, "baiana", mulher de

um mestre de oficina, conta que "houve muito comício feio no Campinal, que foi gente da Minhoca para ouvir e que os da Panela não gostaram. Na volta, o gerente do Banco fechou a estrada com dois caminhões e só deixava passar gente da Panela. Quando chegaram - os da Minhoca, 'quebrou o pau'. Disse que o candidato do prefeito tinha um capanga que desceu o braço nas moças da Minhoca."

Nesse comício, o Prefeito chamou os adversários de "piniqueiros": "A Panela trouxe um Ginásio do Estado que funciona ali à noite. A Panela trouxe a vocês quarenta e três mil metros de rede de energia elétrica, beneficiando todo esse Bairro. E já teve aqui gente que veio dizer que essa energia foi trazida aqui com dinheiro dos fazendeiros. Eu quero esclarecer a vocês que esses homens do pinico não sabem o que falam, porque, meus amigos do Campinal, essa rede de energia elétrica custou cento e trinta e oito mil cruzeiros à Prefeitura e realmente nós recebemos uma colaboração de alguns fazendeiros. Três deles ofereceram uma colaboração à Prefeitura. Foram trinta mil cruzeiros de colaboração. Mas o que o Homem do Pinico não falou aqui é que o cheque dele ficou noventa dias sem fundo na Prefeitura." * Uma semana depois, houve a marcha dos "piniqueiros". Não ficou nenhum pinico para comprar nas lojas da cidade. Desfilaram com eles na cabeça. Na semana seguinte, houve a marcha da Panela, "em que as grãfinas da cidade desfilaram com panelas na cabeça", embora depoimentos das mesmas afirmassem que as levavam nas mãos. Para essa passeata da Panela, vista pela Situação como uma necessidade de mostrar sua força à Oposição, reuniram-se as mulheres dos principais componentes do grupo, em casa da mulher do gerente de uma empresa de navegação, para pintar camisetas com o desenho da panela sobre um fogo vermelho em alguns paus de lenha. Convidaram para ajudá-las um rapaz da cidade que pintava faixas, "mas que era da Minhoca e ouviu os planos..." Elementos da Oposição infiltraram-se na passeata, que não foi das mais suaves. A plantonista do Centro Social amassou a panela que levava na cabeça da Rainha das Minhocas, recentemente eleita e coroada.

A Oposição passou a fazer reuniões todas as noites, mas



Comícios em praça pública.

como seus simpatizantes eram em grande número, essas reuniões se transformavam em comícios que eram prontamente denunciados ao Juiz. Numa dessas denúncias, o Juiz respondeu que a incumbência era de responsabilidade da Delegacia de Polícia, o que indicou à Situação a posição política que ele assumira.

Um fiscal da Prefeitura disse que, no tempo das eleições, todos ficaram loucos. Até pessoas de idade pulavam na rua e faziam gestos, o polegar para baixo, dizendo que o candidato a prefeito pela Situação já estava derrotado. Alguns respondiam, insultando: "Não tem vergonha, velho assanhado?" Mas desde o começo, os da Situação sentiam que "estavam indo para o brejo", porque o povo os vaiava na rua. Disse que um dia foi ver um comício da Oposição. Havia uma multidão, mulheres com as crianças sentadas sobre lençóis. Todos queriam ver o candidato a vice-prefeito falar. Quando o informante e um companheiro estavam bem no meio do povo, uma mulher gritou: "Olha os puxa-saco do Prefeito". E eles tiveram que se afastar rapidamente, para não serem agredidos.

Comícios e passeatas, entremeados, contavam com a criatividade dos eleitores: numa delas, foi construída uma grande minhoca de papel marrom, que era tão comprida como a largura da avenida; na outra, apareciam grandes figuras pintadas: o Prefeito, representado por um rato de óculos, e um candidato a vereador, representado por um tatu.

... ..

Os moradores da cidade já estavam classificados. O epíteto de Minhoca fazia convergir uma série de significados em um único. Pobre, habitante da periferia, despojado e deshonrado, "baiano", "negrada", antigos, da terra. Panela, igualmente, vinha associado com novos, de fora, ricos, elite, exploradores, orgulhosos. Esses dois conjuntos de significados caíam sobre uma realidade heterogênea, efetuando difícil divisão dicotômica. Isso porque não havia só pobres na Minhoca, nem só ricos na Panela. Não havia só brancos na Panela, nem só negros na Minhoca. "Baianos" estavam agora situados nos dois partidos, alguns já forma -

dos em cursos superiores; outros, prósperos negociantes pertencentes ao Rotary. De um deles que fora mestre-serrador, dizia um companheiro "baiano": "Depois que entrou no Rotary, ficou meio besta. Eu disse a ele: isso é um jeito de separar os ricos dos pobres. A gente não pode falar, mas é verdade." Ao mesmo tempo, outros "baianos" se queixavam dos novos tempos e engrossavam as fileiras da Minhoca; uma antiga moradora do Tibiriçá disse que lá "os brancos conviviam com os de cor, sem fazer diferença. Ela só veio a sentir a diferença quando se mudou para a cidade, pois gente pobre não pode estar frequentando Rotary e Lions. Os lugares onde se pode ir são a Filarmônica, que é muito misturado, ou a Epitaciana, em que a mesa custa uma fortuna. O jeito é ficar em casa e ver televisão." Disse que nas eleições "o povo ficou revoltado, que quem deu a vitória à Minhoca foi a Panela, quando o Prefeito chamou os adversários de pé-de-chinelo, gentinha, cachorrada, negrada. Isso revoltou muitos brancos que tinham pretos na família." Os políticos da Panela iam visitar as casas dos eleitores e diziam que "o governo devia ficar nas mãos de gente boa, não podia cair nas mãos da 'baianada'." Havia, porém, subjacente a esses significados variados, uma divisão clara entre novos e antigos, da terra e de fora. Entre os novos, não se encontravam os moradores mais recentes, mas os que chegaram na década de sessenta, em sua maioria profissionais liberais. Eram desse grupo o Prefeito e seu candidato, comerciante instalado na praça da igreja. E, embora o seu adversário, o engenheiro filho de alemães, -nascido na cidade, apenas há um ano ali residisse, tendo passado muitos anos fora e não tendo ainda atuação nenhuma, -pudesse ser considerado morador recente, diziam-no "da terra". Dessa forma, novos e antigos, da terra e de fora, não formavam a oposição simples que aparentavam e a junção de doutor e da terra trazia em si uma contradição básica: um profissional liberal que não se incorporava ao seu grupo, mas ao dos primeiros moradores, os que chegaram sem lastro e sem passado, para conquistar seu futuro.

Um elemento, porém, permanecia sem definição: era o Vigário local. Elemento indispensável em festas cívicas, religiosas ou apenas sociais, dedicara-se ultimamente à organização dos Cursilhos de Cristandade, estando afastado das obras sociais nas quais se empenhava durante anos, mesmo porque o atual convênio com a Secretaria de Promoção Social garantia verba mensal às obras sociais já existentes na cidade. No entanto, encontrava-se em posição difícil, ligado que estava por laços de amizade e interesse à elite local e, conseqüentemente, à Situação.

Aproximava-se o desfecho da campanha. Faltava jogar o último trunfo e esse era o Vigário. Era preciso que ele se manifestasse publicamente, para que não houvesse dúvidas, por parte do eleitorado, quanto ao lado em que se colocava. Os fatos acontecidos se desenrolaram em outubro de 1972, menos de um mês antes das eleições e representaram o ^{seu} momento crítico. Alguns elementos da Panela haviam mandado imprimir uns volantes, em que convidavam o povo em geral para uma marcha, que seria realizada à noite e levaria o nome de Marcha da Família com Deus pela Verdade. Tal marcha tinha sido sugerida numa reunião informal realizada em casa de uma professora primária, que estava fazendo curso de Pedagogia em cidade próxima e antiga moradora do lugar, filha de madeireiro. Fora educada em colégio de freiras, em São Paulo e, na ocasião, era membro do Cursilho de Cristandade, recentemente organizado em Epitácio. Nessa reunião estava presente o Vigário local.

Uma segunda reunião foi marcada, com o maior sigilo e com menor número de pessoas - para não levantar suspeitas - em casa de um guarda rodoviário que havia sido convidado pelos paneleiros para trabalhar junto aos companheiros, visando anular a influência de outro guarda que já trabalhava para os minhoqueiros. Este se dizia honrado em ter sido escolhido pelos paneleiros, considerados a elite local, que ele tentava frequentar desde que chegara à cidade. Nessa reunião estavam presentes: um funcionário de uma firma de navegação fluvial, componente do Rotary; um

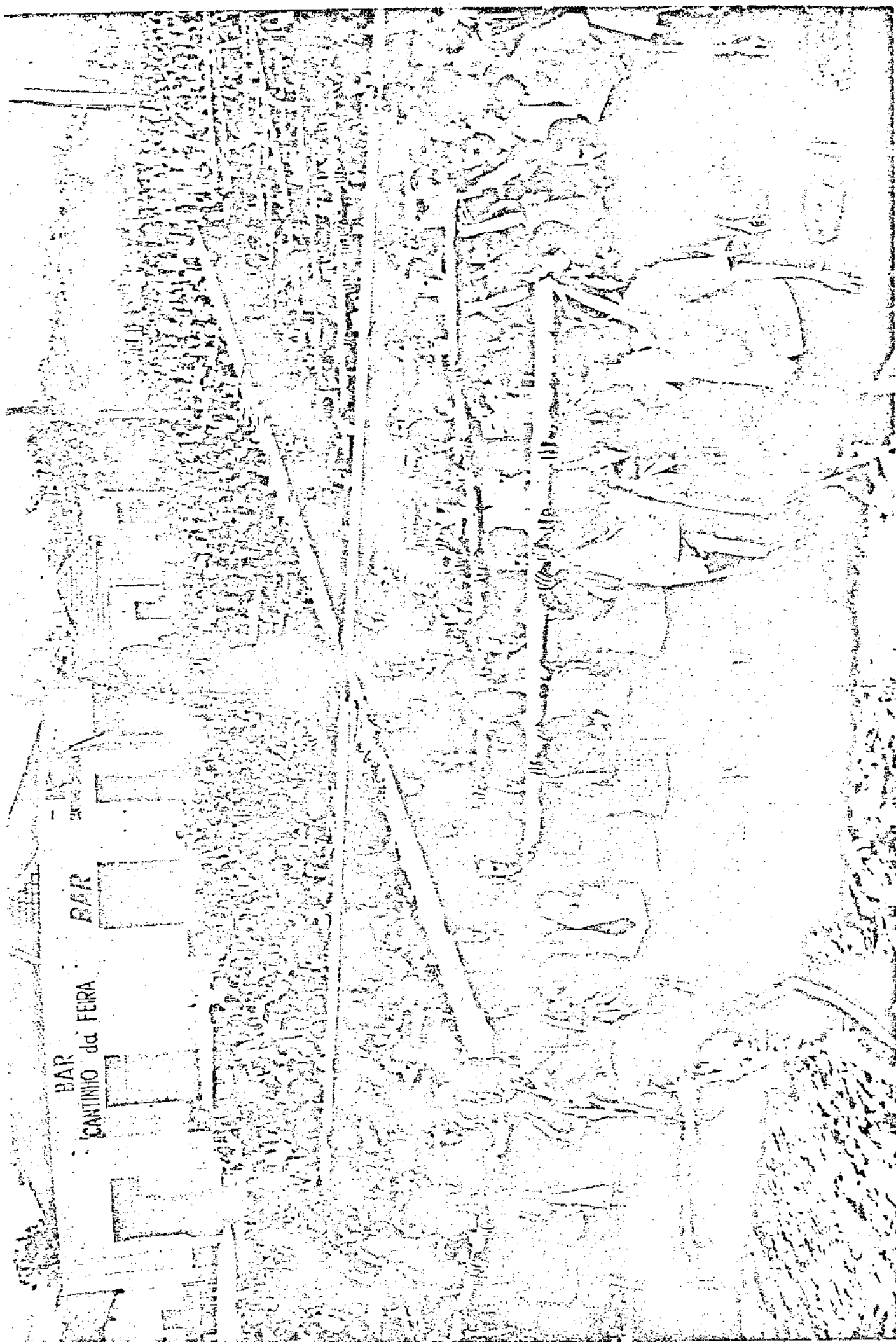
ex-vereador, ex-presidente da Câmara, filho de antigo "baiano" funcionário da Bacia do Prata e político local, membro do Lions e estudante de Direito, em Presidente Prudente; uma professora - primária, chefe da Merenda Escolar, ligada por meios indiretos à família de madeireiros; e a dona da casa, de quem se diz ter surgido a primeira inspiração. Durante a reunião, a filha do guarda rodoviário permaneceu na porta para ver se não aparecia nenhum espião da Minhoca. Parece ter sido essa a única atividade dos paneleiros, que os minhoqueiros não descobriram a tempo. O fato é que foram impressos os volantes e distribuídos à luz do dia, para a população.

Os minhoqueiros, ao tomarem conhecimento do movimento, colocaram na rua seu carro de propaganda, convidando seus correligionários a comparecerem a esse ato de fé. Essa atitude fazia parte de uma política seguida desde o começo, que era entrar em todos os acontecimentos apolíticos locais e tomar conta deles, - pois eram numericamente superiores. Mas não custou a chegar ao conhecimento do Diretório da Minhoca o fato de tal marcha a ser realizada pelo Diretório da Panela.

Novamente saiu à rua o carro de propaganda, desta vez para dizer que esta era a Marcha da Mentira, que o povo tinha sido ludibriado, que estavam misturando religião com política e que os minhoqueiros não comparecessem. Acontece, porém, que já estava na hora marcada para a saída da marcha e muitos minhoqueiros já se encontravam a postos. Grande quantidade de pessoas se concentrava nas proximidades do Cruzeiro, confluência de duas ruas onde estava fincada enorme cruz, que fora levada pelo povo para o ponto extremo da avenida central, por ocasião das Missões, realizadas alguns meses antes. (1)

Os paneleiros organizaram-se em fila dupla, com uma fita verde-amarela pregada ao peito e uma vela acesa na mão. Tive -

.....
(1) - As Missões constam de pregações religiosas realizadas em intervalos de tempo, relativamente grandes, que visam a renovação do fervor religioso. São geralmente feitas por pregadores com dotes oratórios e vêm acompanhadas da realização de casamentos e batizados em grande escala.



Cruz de madeira, levada pelo povo durante as Missões.

ram de acendê-las muitas vezes, porque garoava e elas se apagavam. Os minhoqueiros, que haviam saído de casa para participar da Marcha, avisados a tempo, permaneceram nas calçadas, de onde vaiavam e insultavam os paneleiros: "É o enterro do Candidato do Prefeito! É o enterro do Padre!" Atrás dos paneleiros ia um jipe, tocando músicas sacras.

No dia seguinte houve grande inquietação na cidade. Os minhoqueiros queria esclarecer a participação do Vigário na Marcha: seria o idealizador ou teria apenas dado licença? De qualquer forma, era preciso decidir e esclarecer de que lado ele se colocava, se do lado dos paneleiros, se dos minhoqueiros. Sabia-se de sua ligação anterior com vários elementos da Panela, inclusive ligação de amizade muito antiga com o candidato do Prefeito. Sabia-se também que ele, quando fora rezar missa de domingo no Campinal, levava com ele o candidato a vice-prefeito pela Panela, que era maçon, embora já tivesse tido vários atritos com outros maçons que recusara como padrinhos de batizados.

Mas os minhoqueiros não podiam fazer uma luta aberta, porque não tinham provas evidentes. A Marcha parecia-lhes indício seguro de que o Vigário estava do lado dos paneleiros. O Vigário foi chamado ao Forum. No dia seguinte, foi procurado na sacristia pelo candidato a vice-prefeito, o Turbulento Aviador, e o primo do dr. Minhoca. Mais tarde, a secretária da igreja diria que eles xingaram o Vigário na frente dela.

Mais uns dois dias e recebia, novamente, a visita do Turbulento Aviador, acompanhado desta vez do dr. Minhoca em pessoa. Nesse dia estava presente um padre recém-chegado, que pretendia fixar residência na cidade e que achou melhor retirar-se da sala. Mais tarde, indagado sobre o que se passara, não teve como informar.

Finalmente, num domingo de manhã, o Vigário foi convidado pela esposa do despachante, candidato a vereador pela Minhoca - fiéis assíduos e amigos antigos - para almoçar em sua casa.

Chegando lá, foi recebido pelos elementos mais categorizados da Minhoca, entre eles o ex-Secretário de Obras da Prefeitura, que tinha sido substituído pelo compadre do Prefeito. Falou-se que queriam que o Vigário proibisse a plantonista do Centro Social de participar na campanha, alegando que tal entidade de assistência aos pobres estava abertamente trabalhando a vafor da Panela. Queriam também que o Vigário se definisse publicamente. Nesse mesmo dia, viram-no conversando com o Burgo-Mestre, cabeça da Panela, durante mais de duas horas, num local afastado da cidade, onde estava sendo construído um frigorífico.

Soube-se que o Vigário ia subir em palanque e que sua ida à sede da Diocese se prendia a uma licença que ia pedir ao Bispo; mas voltou sem conseguí-la. Nesse momento, correram boatos de que os minhoqueiros iam apresentar o filho dele no próximo comício, inclusive um depoimento da própria mãe. Havia também uma outra criança que estava sendo procurada para ser apresentada em palanque, que nascera de uma assistida do Centro Social e que fora levada pelo Vigário para o hospital, para fazer uma cesárea.

No domingo seguinte, à tarde, o Vigário rezou missa e depediu-se. Quando o povo rodeou a igreja e chegou à sacristia para alcançá-lo, ele já tinha saído pela outra porta lateral. Soube-se depois que tinha ido para a casa de um cursilhista e amigo pessoal, industrial pertencente ao Lions. Ficou escondido lá até de madrugada, quando foi até a casa paroquial, de onde retirou seus livros e suas roupas, levando duzentos cruzeiros emprestados aos cursilhistas. Seguiu para uma cidade próxima, onde se hospedou em casa de um padre amigo. Daí, tomou rumo ignorado.

Na noite desse domingo, houve comícios da Panela e da Minhoca. No comício da Panela reinava a maior consternação. Algumas mulheres, antigas assistidas do Centro Social, ao saberem da saída do Vigário, começaram a chorar. A Chefe do Serviço de Colocação Familiar, professora primária filha de antigo farmacêutico local, que sempre que subia em palanque se dirigia "às mulheres

de minha terra", nesse dia falou: "Hoje eu falo aos homens de minha terra, porque hoje um homem chorou." Falou do trabalho que esse homem tinha realizado com a pobreza, dos movimentos de jovens, dos cursos de noivos, do Cursilho. "Enquanto vocês, homens, pensavam em sua própria família, ele se preocupava com todas as famílias." O povo do comício chorava. Quando a oradora percebeu que o espetáculo estava se tornando muito comovente, resolveu encerrar, mas o Burgo-Mestre, que estava ao seu lado, a instigou: "continua, continua."

No dia seguinte, restava a grande interrogação: quem tinha sido o causador da "fuga" do Vigário? Um correspondente local do jornal O Estado de São Paulo mandou a notícia para a capital, acusando a Minhoca. Essa notícia foi copiada em volantes e distribuída durante a madrugada de terça-feira, por elementos da Panela.

O correspondente d'O Estado de São Paulo, responsável pela notícia, era um antigo professor que, já por diversas vezes, fora ameaçado e, algumas vezes, agredido por causa de seus ataques. Sempre que suas parcas condições o permitiam, mantinha a publicação de um jornal local. Tinha uma sólida tradição de oposicionista, o que o levou, quando da instituição do bipartidarismo no país, a filiar-se ao MDB local. Como autor da notícia divulgada pela Situação, foi procurado no dia seguinte, pelo Turbulento Aviador, que já trazia pronto um pedido de demissão, que ele deveria assinar. Mas ele se recusou a fazê-lo. Convocaram, então, uma reunião do partido para expulsá-lo, para a qual não esperaram o prazo legal. Ele era apontado e insultado, quando passava pela rua: tornara-se o autor das acusações contra a Oposição.

Vendo que "a cidade inteira estava contra ele", resolveu ir a São Paulo pedir garantias. Saiu na mesma noite em que a Oposição se reunia para expulsá-lo. Na cidade, disseram que ele havia fugido. Outros disseram que estava preso. Mas quando o viram voltar dizendo ter sido recebido por um militar do SNI, ficaram com medo dele e calaram. Esse acontecimento é significativo da

Vigário deixa a Paróquia

Em Presidente Epitácio, a luta política levou o Padre [REDACTED] a deixar a sua paróquia. Ao final da missa vespertina de domingo último, o sacerdote comunicou aos fiéis que, em virtude das ofensas que vinha recebendo de elementos do M D B, além de ameaças pelo telefone, não se sentia mais em condições de continuar à frente da paróquia.

O padre [REDACTED] deixou, depois, a cidade, tomando rumo ignorado.

Política faz padre protestar

Em sinal de protesto contra o "clima de tensão política reinante na cidade", o padre [REDACTED] abandonou a paróquia do município de Presidente Epitácio e se retirou para um local desconhecido. Seu ajudante, padre [REDACTED], também deve ter saído da cidade, pois ninguém o vê desde anteontem. O bispo de Presidente Prudente foi informado do fato.

Tendo em vista a decisão do padre, a diretoria do Apostolado convocou para hoje a tarde uma romaria da porta da igreja até o Cruzeiro, na entrada da cidade.

Há alguns dias atrás, o padre [REDACTED] foi insultado por vários candidatos do M D B no interior da igreja, o que causou protesto entre autoridades municipais.

dificuldade de utilização de um partido de oposição, a nível local, percebendo-se que o mesmo acontecimento, a nível nacional, poderia vir a ter uma conotação inconveniente para os que o utilizavam.

Alguns minhoqueiros que frequentavam a igreja, sentiram-se, no primeiro momento, resultados com "o que fizeram com o Padre", mas logo depois, devidamente informados pelo partido, souberam que ele havia tirado uma licença. Comentaram: "ele não precisava ter feito essa encenação toda. Padre não deve entrar em política, sua obrigação é com os fiéis."

A maioria paneleira mostrava-se consternada, pois grande parte deles era cursilista e perdiam, assim, seu diretor espiritual. Acusavam o partido da Minhoca de ter maltratado o Vigário, a ponto dele não ter outra alternativa senão ir embora. Mas houve quem dissesse que tudo não passara de um golpe da Panela para sensibilizar a opinião pública, mas que infelizmente não dera resultado.

Foi formada uma comissão de elementos minhoqueiros, que se dirigiu à sede do Bispado, com o fim de conseguir do Bispo algum esclarecimento. Foram recebidos pelo secretário do Bispo, que lhes garantiu que o Vigário tirara apenas uma licença e que em breve estaria de volta.

Saindo o Vigário da paróquia, ficou o padre recém-chegado, que estava disposto a trabalhar nos encargos demasiado numerosos para um só e que assistira, atônito, aos últimos acontecimentos, sem compreendê-los muito bem.

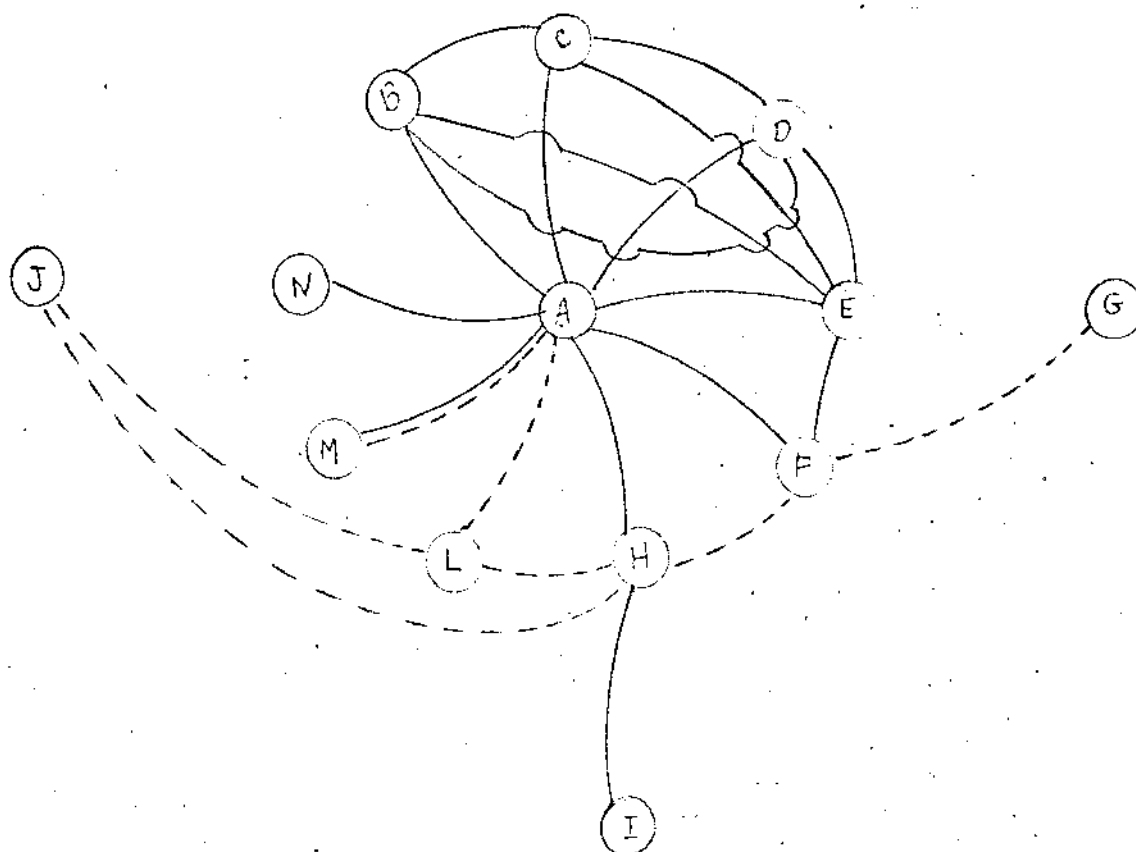
Alguns dias depois, apareceram na casa paroquial o Turbulento Aviador e o dr. Minhoca, para lhe oferecerem quinhentos cruzeiros para uma viagem, com o fim de procurar freiras que quisessem tomar conta do Centro Social, quando eles ganhassem as eleições. O padre foi e voltou, sem conseguir as freiras. Na sua volta, encontrou os candidatos da Minhoca muito preocupados com a campanha para lhe darem atenção. Mesmo porque não eram frequentadores assíduos da igreja; e os candidatos da Panela, arredios, desconfiados dele, porque aceitara dinheiro da Minhoca.

Uns dias após uma cursilhista, que costumava abastecer a geladeira do Vigário, verificou que não havia absolutamente na da para comer. Alergou alguns outros cursilhistas, que reuniram algum dinheiro e mandaram entregar na sua casa. O Padre arrumou as malas e foi-se embora.

Esse episódio, envolvendo uma autoridade religiosa aparentemente desvinculada do processo político - a não ser por ligações tangenciais através do Cursilho -, parece incompreensível dentro de uma sequência de acontecimentos, a não ser num aspecto: o de que todas as pessoas estavam obrigadas a uma definição de posição. Mas essa razão seria muito pequena, para uma pressão tão grande. Da mesma forma que o ex-prefeito "Baiano", atacado vio - lentamente e, aparentemente com intensidade desproporcional, o Vigário desenvolvera uma grande rede de relações dentro da camada mais baixa da população, na década anterior, e era visto como - credor da retribuição de muitos favores. A retribuição requerida no momento era o voto e a intensidade do ataque vinha associada à urgência do momento. Sua definição indicaria o caminho a uma grande parcela da população.

Os acontecimentos posteriores demonstraram, porém, que tanto um partido como o outro estavam superestimando a sua força política. Como foi dito páginas atrás, a instalação do Consórcio de Promoção Social e a organização do Cursilho levaram-no a desenvolver uma rede de relações fechada e homogênea, constando apenas da recém-formada elite local e desvinculada totalmente da camada carente da população. A suposição, porém, da sua força política tinha fundamentação em acontecimentos anteriores, que se rão explicados no decorrer do trabalho e que levantavam, na época em que aconteceram, problemas de delimitação do campo de atuação da religião, manifestada na expressão já citada: "estão misturando religião com política", e no comentário do Diário da Minhoca: " (...) É um desrespeito se utilizar de motivos religiosos - para encenações políticas, somente pessoas incientes ou falsos católicos e que se julgam poderosos são capazes de incluir o

Rede de relações do Vigário local, durante as eleições
municipais de 1972.



- A. Vigário
- B. Prefeitura
- C. Lions
- D. Rotary
- E. Cursilho
- F. Igreja
- G. fiéis
- H. Centro Social
- I. dirigentes
- J. assistidos
- K. Consórcio de Promoção Social
- L. moradores do Campinal
- M. moradores do sul de MT.
- N. moradores do sul de MT.

----- relações mal estruturadas, em
termos de expectativas.

SANTO NOME DE DEUS, em uma passeata fantasiado como aquela, - PANELA na cabeça, vela acesa e fazendo oração e ainda um alto-falante tocando músicas sacras, não atendendo assim a um pedido feito pelo REVERENDO." (2)

O segundo fato mostrado dentro do episódio crítico, vem reforçar a ênfase na definição da lealdade, colocada sobre um indivíduo que se supõe nem tivesse transferido ainda seu título de eleitor, recém-chegado, que assistia o desenrolar dos acontecimentos sem compreendê-los. Esses acontecimentos demonstraram a impossibilidade prática da indefinição.

... ..

Nos últimos dias da campanha, começaram a ser distribuídos os panfletos, ponto final da configuração do mito. A narrativa mítica emergia de uma realidade conturbada, explicando uma divisão dicotômica inexplicável, sob a forma inocente de uma sátira em quadrinhos.

Considerando desnecessária a reprodução do jornal, na íntegra, seguem-se algumas páginas - apenas como ilustração -, e o resumo do texto, alertando, porém, para o fato de que a análise final recairá sobre a totalidade dos discursos.

.....

(2) - O Diário da Minhoca, nº 16.

O DIÁRIO DA MINHOÇA
1972
1976
PRES. EPITÁCIO



Ano
ZÉRO

O DIÁRIO

Presidente Epitácio. 6 / 1 / 1919
40 Dias Antes da Eleição

DA MINHOCA

NUMERO

1º

Redator: - MINHOCA-ÚQU
Secretário: MINHOCA
Oficinas: MINHOQUINHA

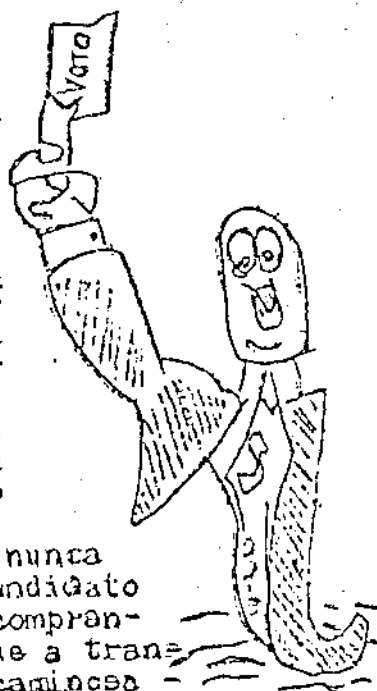
Of. Red. R. dos Buracos, 12 Anos - Tel. 31-01-73

VAMOS VOTAR

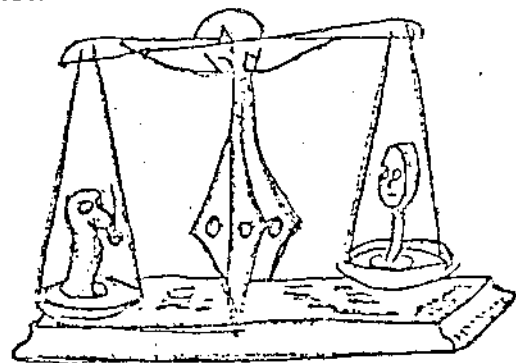
HONESTAMENTE

Votar honestamente quer dizer votar naquele candidato que, na opinião objetiva e sincera do ELEITOR é bem qualificado para promover com justiça e capacidade e prosperidade os destinos do Município - sem atender se é ou não de vantagens ou lucro pessoal para o eleitor.

O eleitor honesto nunca deve VOTAR num candidato que lhe suborna, comprando votos, uma vez que a transação é ilícita, pecaminosa - como também por se tratar de uma transação ilegal, FUJA DELES...



VAMOS PESAR AS QUALIDADES



QUALIDADE "BOA"

É :-

Honestidade; Competência; Dinamismo e respeito com o POVO em geral.

QUALIDADE "MÁ"

É :-

Hostilidade; Usar o cargo para enriquecimento pessoal, parentes e amigos, a Incompetência que prejudicará o Município por não saber como administrá-lo.

Este dever é imposto pela justiça legal, pois, cada cidadão tem o dever de contribuir com o seu quinhão para o bem comum, neste caso o quinhão vem a ser o VOTO CONSCIENTE.

AJUDE EPIITÁCIO VOTANDO NO M. D. B.

MESTRE-COZA

ZÉ-PIRANHA

PINTADO



Zé-Piranha — Cuidado Beto-Minhoca, esta vai ser dura...

Beto-Minhoca — Que nada! Eu sou mole e a terra é dura, tanto faço que ela fura.

VOTE CERTO

VOTANDO NA MINHOCA.

O DIÁRIO DA MINHOCA.

Esta é a história da Minhoca!...

A Minhoca tem duas cabeças, porisso ela pensa mais...

Amigos, cheguei!... Sou filho da terra
e desta terra, prefeito quero ser.

O município tem direito de ser governado
por homens dinâmicos e capazes.

Não há o dever de votar

por parentesco, amizade ou partido,

mas naquele que é o BOM,

que tem honestidade, competência e administração.

A renovação da política da nossa cidade
se faz necessária.

Vamos substituir as peças velhas, que não funcionam.

Uma boa administração dá, aos seus munícipes,
uma vida humana e digna:

água, esgoto, iluminação, higiene e saúde,
ensino, do primário ao superior e profissional;
assistência social, asfalto, estradas,
telefones e bancos, para financiamentos
agrícolas e industriais;
amparo ao comércio e aos esportes.

O Prefeito se trancava em seu gabinete
e o povo nada ficava sabendo.

'Ninguém pode se sustentar em uma só perna,
por muito tempo, se quiser empreender
uma longa caminhada.'

Aí é que a MINHOCA apareceu,
assustando os PANELEIROS...

Os MINHOQUEIROS vão oferecer aos amigos da MINHOCA
no dia 15 de novembro,

PEIXE DE PANELA temperado com molho de PARASITAS.

O problema da sucessão municipal já está resolvido para o lado da Minhoca Do Barulho.

Depois dos ataques professados pela PANELA vimos a MINHOCA subir mais um degrau.

Prova-se aí, que os MINHOQUEIROS não são contra o Governo, mas sim seus colaboradores.

As MINHOCAS não gostam de buracos, mas a lama nós agradecemos. Nela, formamos nosso extenso e fértil MINHOCAL.

Todos os PANELAS do mundo não serão capazes de comer as MINHOCAS criadas por eles mesmos.

Nosso correspondente PÉ-DE-CHINELO informou que o PINTADO fará seu primeiro comício.

Vamos ver a manifestação da panela VAZIA.

Nossa cidade está sendo governada por um bando de CHUPINS, forjando nomes para dirigir os destinos da cidade e não deixar cair a soberania da PANELA, dos que vivem em torno do seu próprio bem.

Amigos Minhoqueiros, pés-de-chinelo e piniqueiros, o dr. Minhoca e sua turma da pesada fará cair a soberania paneleira.

Alerta, MINHOQUEIROS, 15 de novembro vem aí.

VOTE BEM, VOTANDO no MINHOCA-TANK e no dr. MINHOCA.

ZÊ-PIRANHA não tem capacidade para governar.

Sr. Mestre CUCA, nossas crianças não precisam de PIRULITOS. Com PIRULITOS o senhor nada conseguirá.

Peço aos Minhoqueiros que votem na chapa completa da sigla da Minhoca Do Barulho.

O dr. Minhoca está no último quadrinho da cédula. Obrigado.

Após a reorganização política brasileira, foram constituídos dois partidos.

Portanto, não tem cabimento dizer que o MDB é contra o governo.

Ambos são oposição quando é preciso,
ambos são situação quando estão cumprindo a vontade do POVO.
Aqui, em nossa cidade, somos oposição à atual administração.
É um desrespeito se utilizar de motivos religiosos
para encenações políticas.
Somente falsos católicos, que se julgam poderosos,
são capazes de incluir o SANTO NOME DE DEUS em uma passeata.
Isso causou o afastamento do PADRE
e agora os PANELEIROS acusam os MINHOQUEIROS de culpados.
Sr. Mestre-Cuca, onde estão as chaves da Igreja e das capelas?
O sr. não pode andar com elas no bolso,
pois não são propriedade sua.
Caro Mestre Cuca, não adianta trazer Chupins de fora
para ajudar na sua campanha.
O coitado do Zé Piranha está liquidado,
com ou sem apoio dos CHUPINS.
Só resta aos paneleiros conformarem-se com a derrota
e respeitarem o dr. Minhoca
e sua equipe da MINHOCA DO BARULHO.
Falsos católicos que se julgam deuses,
utilizam a religião por motivo de prudência.
Vocês se dizem ELITE,
mas que elite mais covarde!
Senhores PANELEIROS, tirem a máscara da face.
Nós, MINHOCAS sabemos trabalhar.
Somos pobres,
mas o pouco com DEUS é muito e o muito sem DEUS é nada.
Que lhes valeu dizerem que somos contra o governo,
se cada vez nosso grupo aumenta mais?
Acredito na VITÓRIA maiúscula e esmagadora.
Cada Minhoca que tiver seu carro pode pô-lo a trabalhar
em prol da Minhoca Do Barulho.

Vamos botar a PANELA pra fora.

Coitado do Zé-Piranha, pensa que vai saborear a MINHOCA!

Nós, minhoqueiros, é que vamos saborear peixada de panela com molho de chupins e parasitas.

Vamos sugerir ao Minhoca-Tank e ao dr. Minhoca, oferecer essa peixada ao POVO.

Zé-Piranha saiu para pescar e procurou minhoca como agulha no palheiro.

Só conseguiu físgar o Pintado, para auxiliá-lo na fracassada vitória.

O Pintado só vive fazendo conta de votos:

Zé-Piranha vai ter tanto, eu vou ter tanto, os meus mais os dele, eu papo essa.

Olhe, Pintado, não fique gastando sua cuca, seu prestígio acabou,

nosso eleitorado não é mais aquele, nossa cidade não pode mais eleger ineptos, em plena era espacial.

A Panela está fervendo, está de pressão alta.

Amanhã ela vai explodir.

Chegou o dia D, o dia da VITÓRIA.

Vimos uma bela tourada:

El Torero Don Minhoca Dominou Bem a ARENA.

'El Torero Don Minhoca' vence com grande facilidade o propalado poderoso TOURO-PANELA, que cai por terra, sucumbido por mais de 4.000 cabeçadas.

Don Minhoca levanta seus braços, fim do espetáculo.

O Touro-Panela, desnortado, saiu de mansinho, ninguém mais o viu.

Depois daquela grande Tourada, tivemos a corrida do poder legislativo, que disputamos com o time da PANELA.

Conseguimos oito e meia cadeiras.

Isso prova que o Povo estava com a PANELA
atravessada na garganta.

Agora, com essa magnífica VITÓRIA,
teremos sempre abertas para nós
as portas do Majestoso Palácio Morumbi.

Depois desta, o ex-Rei Pintado pode fazer as malas
e ir direto para sua terra, na Bahia.

Se quiser se eleger,
terá que dizer que é MINHOCA também,
porque lá é a terra dele. BOA VIAGEM."



4. A ORIGEM DO MITO.

"Habría que examinar si todos los mitos fundamentan efectivamente la existência de algo, aun cuando no siempre lo digan explícitamente, lo que equilvadría a decir que todo mito es mito de origen." (1)

O povoamento da região aparece como um fator importante no desenvolvimento do processo político, em 1972, caracterizado por três oposições básicas: pobres/ricos, antigos/novos, da terra/de fora. Embora a expressão pobre definisse uma situação de carência material atual, de uma grande massa proletária e subproletária chegada ao município em tempos mais recentes, era utilizada como auto-denominação por descendentes dos primeiros moradores, cujas maneiras não se adequaram ao comportamento dos profissionais liberais chegados na década de sessenta. A expressão antigo referia-se à pequena burguesia e mesmo a moradores de menores posses, que ocupavam as posições de maior proeminência antes da década de sessenta e que, com a construção da Ponte e a consequente introdução de um novo contingente populacional, viram suas posições ameaçadas ou subvertidas. E finalmente, da terra era uma expressão que tinha uma conotação mais pesada, pois envolvia a idéia de direito aos postos de mando e à permanência na cidade.

As três expressões juntas, pobre, antigo e da terra remetiam, a nível de representação coletiva inconsciente, aos primeiros tempos da expansão da fronteira oeste do Estado de São Paulo, quando a região recebeu seus primeiros moradores.

.....

(1) - Belmont, Nicole. Las creencias populares como relato mitológico, pág. 112, in Eliséo Verón, El Proceso Ideológico.

4.1 - A importância da fronteira.

"Aqui todos se davam, quem tinha casa de comércio também era fraco. Todos eram pobres."

As condições de vida na fronteira foram produtoras da ideologia igualitária observada durante a campanha, em suas diversas manifestações simbólicas. Os dados comprovam a existência da fronteira, e a persistência de certas práticas e idéias provenientes dela não devem ser vistas como herança cultural, mas como possíveis a partir de condições sociais ainda instáveis, em que a relação homem/função apresentava uma abundância relativa.

As terras onde hoje se encontra a cidade de Presidente Epitácio faziam parte de uma gleba doada pelo Estado à Companhia de Viação São Paulo-Mato Grosso, sendo um dos acionistas o próprio Governador do Estado. Sua finalidade precípua era a colonização das terras, tendo em seu poder uma faixa de 100 km de largura, a partir da margem esquerda do rio Santo Anastácio, para o sul, indo em sentido norte até o rio Veado; de Indiana às margens do Rio Paraná, atingia 25 léguas de profundidade, em sentido leste-oeste.

Conta-se que, já em 1904, um dos sócios do empreendimento estivera em visita às terras, chegando até as margens do Rio Paraná, na embocadura do rio Santo Anastácio, onde acampou por alguns dias em uma casa de "sopapo" (construída com ripas de coqueiro e barro). Esse local foi chamado de Porto Tibiriçá, em homenagem ao então Governador do Estado. A importância da instalação do porto se devia ao desenvolvimento do comércio do gado, que deveria sair dos pantanais matogrossenses com destino a São Paulo. Em 1906, registros da Cia. de Viação dão conta de uma viagem do dr. Francisco Tibiriçá e de Artur Aguiar Diadericsen às margens do Rio Paraná, e da fundação da Companhia, com ordem de abertura de estrada que demandava o leste do Estado de São Paulo.

Igual serviço estava sendo realizado, partindo de São Mateus de Campos Novos do Paranapanema, em direção ao Porto Tibiriçá. A primeira expedição saiu de Campos Novos do Paranapanema (hoje Campos Novos Paulista), levando uma turma de mateiros constituída de machadeiros, foiceiros, remadores, caçadores, apresadores de índios, num total de 115 homens e cerca de 300 cabeças de gado bovino para alimentação da tropa. Grande parte dos homens ia a pé. Fez pouso em distâncias médias de seis léguas paulistas (- 36 km), chegando a Porto Tibiriçá vinte dias depois. O trabalho foi iniciado com o desmatamento de uma clareira, onde seriam construídas as primeiras casas que serviriam à administração, armazém, serraria, ferraria e outros.

O desenvolvimento da "boiadeira" do lado paulista deu-se mais ou menos concomitantemente à abertura da boiadeira do lado do matogrossense, que foi realizada pelo Major Cecílio, Manoel da Costa Lima (1), o qual recebera extensa gleba de terras do Go

(1) "...palavras escritas pelo sr. Governador do Estado, dr. Fernando Correa da Costa... 'Conheci bem Manuel da Costa Lima, Manuel Cecílio, como chamávamos. Fui seu médico e de sua família por muito. Era homem de poucas palavras e contou - me aos pedaços, entre uma visita e uma consulta e outra, a Grande Aventura de sua vida: a construção da estrada para Porto XV eo transporte da embarcação adquirida em Assumpção do Paraguai, de afluentes do rio Aquidauana ao Paraná, arrastada em carretas puxadas por juntas de bois pelo espigão divisor das águas das duas bacias. Foi epopéia digna de herói grego (nº 128, 31/1/65).

"Descendentes de Manoel Cecílio da Costa Lima, aliados a ingênuos e adúladores ignorantes, desenvolvem uma campanha para que a ponte seja batizada com o seu nome, alegando que foi Costa Lima, o sertanista, que abriu a estrada do Porto 15 de novembro a Campo Grande. Não há dúvida, foi o Major Cecílio o empreiteiro de tal estrada, no entanto ele foi um "empreiteiro" regamente pago; recebeu do então governador de Mato Grosso 72.000 hectares de terras, 12 contos de réis em dinheiro, importância equivalente hoje em dia a, no mínimo, Cr\$30.000.000,00 (trinta milhões de cruzeiros) e a concessão, por tempo indeterminado, da travessia do rio Paraná, concessão e terras que transferiu mais tarde à Cia. Viação São Paulo-Mato Grosso; ..."

(Ponte sobre o Rio Paraná, Pery Barbosa Martins, in "A Vigilância" nº 127 - 17/1/1965.)

verno do Estado de Mato Grosso, atingindo estas as margens do Rio Paraná, com a condição de abrir uma estrada que ligasse Campo Grande ao extremo sul do Estado (2), chegando ao local denominado Porto XV de Novembro.

Pode-se perceber que uma não poderia existir sem a outra, pois o gado que pisava o chão paulista, depois da travessia, era procedente dos campos e alagados matogrossenses. Travessia difícil, feita a nado pelo gado e sobre "pelotas" de couro, pelos homens, foi amenizada com a colocação, no rio, da primeira balsa. A epopéia é descrita por Hernani Donato em seu romance sobre o desbravamento do oeste paulista:

" Construída no Rio de Janeiro, descera o oceano até o Prata. Subindo o Rio Paraguai, em meses de viagem paciente, arribara em Aquidauana - no outro lado, quase, do Brasil. Ali começara propriamente a dureza da empreitada. Foi preciso trazê-la de volta, por terra, para a metade do continente. Um certo Major Cecílio Lima tomara a peito conduzi-la até o Rio Paraná. Centenas de quilômetros através de campos, matas, alagadiços! Armaram uma carreta descomunal para a atreladura de cem juntas de bois, os melhores animais de canga recrutados dezenas de léguas ao redor. Sujeitar a balsa na carreta foi um trabalho como poucos! Por fim a carreta recebeu os bois e a sua carga. Um leque de homens saiu à frente, rompendo o mato e devassando o campo, abrindo o picadão para o passo tardo dos animais e o ranger plangente do carro. O monstro desfilou pela vastidão, enchendo de pasmo e de legendas as terras e o coração da gente que se derramou de fazendas e povoados para assistir a procissão incomum. (...) A despeito de tudo, dia após dia, sem domingos e vagares, sem desânimo e sem afoiteza, o machado cortava, a foice aparava, os bois chapinhavam a terra e a carreta rolava os seus guinchos de aviso e comiseração! Assim, até as águas do Inhanduí onde a balsa desceu para o seu elemento e bordejou até o Rio Pardo vindo dar no Rio Paraná, para se transformar na solda que ligou os dois braços da 'boiadeira'."

(3)

.....
(2) - Donato, Hernani. Chão Bruto, pág. 74: "Do lado matogrossense, a 'boiadeira' existiu desde quando deixou de conduzir o gado pelos caminhos do Triângulo Mineiro. Pelo lado paulista, a bem dizer, foi aberta no governo Jorge Tibiriçá. Antes disso, havia furos no matagal e trilhos nos campos, pelos quais se tangiam rebanhos estafados, em regime de mingua."

(3) - Donato, Hernani. Op. cit., pág. 75.

Em janeiro de 1907, chegava a Porto Tibiriçá o primeiro administrador da Companhia, Cel. Francisco Whitaker, partindo em companhia do Cel. Paulino Carlos, do Porto de Laranja Azeda, a primeiro de dezembro do ano anterior. Vinha o Coronel assinar a escritura de compra, pela Companhia, da concessão do porto de embarque de gado do Porto XV de Novembro, até então pertencente ao Major Cecílio, Manoel da Costa Lima. Nesse mesmo ano tomou posse o segundo administrador, Ovídio Braga, cujo sobrinho, Quincas Braga, era o encarregado da condução de tropas e boiadas oriundas de Mato Grosso. Essas boiadas eram levadas para as fazendas da Companhia, em Ibitinga e Trabiujú. Em 1908, o novo administrador, Cel. Francisco Sanches de Figueiredo, abriu a estrada boiadeira margeando o Rio Santo Anastácio, à direita, em direção a Indiana, de onde o gado era enviado a várias regiões do Estado.

" A 'boiadeira' é um rio de carne. Caudal viva, aspeada de chifres, turbilhonante de cascos, vibrante de aboios e mugidos, do estrupido de atropeladas e do cavo, pachorrento caminhar de milhares de reses. Ora tem calma de remanso, furiosa às vezes como corredeira. A boiada leva personalidade, tal qual os homens que a guiam. O ondulante rio de carne tem cor, tem cheiro, tem maneiras próprias. Cada mestiço zebu é um cartucho pronto a explodir sob o calor exasperante da caminhada, o estalar dos relhos, o anavalhar dos gritos. É um perigo permanente e mesmo o torcer do vento na capoeira ou o estalar de uma taquara na restinga pode provocar o estouro. Já o panta-neiro é um trágico. Fora de sua querência, é um abatido. Bravio e apanhado a laço no chão nativo, o seu casco mole abre-se em feridas no solo duro da estrada batida. Vai marcando com sangue e ossadas o longo do caminho para a engorda e o sacrifício. O seu mugido é um lamento, o seu passo, um arrasto." (4)

Desde 1906 mantinha a Companhia uma linha de navegação fluvial de Jupiá - ponto final da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil -, a Porto Tibiriçá. Nesse espaço, estabeleceu vários postos de distribuição de combustível que, na época, era lenha, para alimentar as caldeiras dos barcos a vapor. Um depoimento de antiga moradora da região, procedente de Sorocaba, dá conta de -

.....
(4) - Donato, Hernani. Op. cit.

sua viagem de trem pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil até Jupiá. De lá, embarcou no vapor Amambai, levando vários dias para chegar a Porto Tibiriçá, isso por volta do mês de agosto de 1941. Seu pai ia com destino à fazenda Ponto Alegre, da mesma Companhia de Viação, onde se empregaria como cozinheiro. Permanecendo por oito dias em Porto Tibiriçá, lembra-se de ter conhecido várias pessoas, todas funcionários da Companhia. Porto Tibiriçá contava, nessa época, com pouco mais de uma dezena de casas e algumas dezenas de pessoas, funcionários da Companhia e suas famílias. Já existia, então, uma picada mandada abrir em 1908, Paranã acima até a foz do Rio Caiuá, cuja finalidade era estabelecer uma ligação mais fácil entre os portos Tibiriçá, Caiuá e Novais. Essa picada foi o primeiro caminho em direção ao local em que mais tarde se formaria a sede do município.

Sabe-se que o local doado pelo Governador do Estado não era a terra desocupada que constava no mapa. Muitos "alongados" já se haviam internado para oeste, antigos colonos de café que, insatisfeitos com as condições já estabelecidas nas lavou - ras mais antigas, procuravam terra própria, mais pródiga e mais farta. Eram, porém, em sua maioria, analfabetos e suas posses, registradas em cartórios sempre distantes, assinadas com uma cruz em baixo, nada representavam na ordem das coisas. (5) A doação das terras à Companhia de Viação favoreceu a entrada de novos elementos na região, pois a grande extensão das terras impedia uma ação global e eficaz de preservação das mesmas. Através dos depoimentos e documentos observados, sabe-se que a Companhia doou aos seus administradores, ou vendeu, aparentemente de maneira desigual, pedaços de terra que nem sempre foram utilizados e que eram invadidos por terceiros, dando origem a demandas e conflitos. Um documento datado de 1938, da Comarca de Presidente Prudente, dá conta de uma ação movida por descendentes do Coronel Francisco Sanches de Figueiredo, que assim se justificavam: "...
.....
(5) - Donato, Hernani. op. cit.

"...as terras acima descritas foram objetos não somente de uma divisão amigável devidamente homologada por sentença de 20 de maio de 1916 (doc. nº 3) senão também por uma legitimação de posse julgada em vinte e cinco de junho de 1901 (doc. nº 4) que provando os direitos dos suplicantes sobre o imóvel 'Ribeirão Taquarussú', de várias sucessões universais, é claro que sua posse sobre o mesmo decorre de um preceito indubitável de nossa Lei Civil, que determina, aliás, que a exercida pelo de-cujus, antes de sua morte, se transmita, só por efeito desta, aos seus herdeiros, sem necessidade de qualquer apreensão material das coisas possuídas; 5º - que, entretanto, ultimamente, os suplicantes, desejando tirar proventos materiais dos bens herdados originariamente de seus ancestrais Cel Francisco Sanches e sua mulher, já citada, contrataram com o snr. Joaquim Ramos Portugal a defesa do imóvel aludido, não somente para recuperar a parte porventura já ocupada por terceiros, senão também para impedir a incursão de novos intrusos - facto comum nesta região de formação ainda recente, em que, como é geralmente sabido, pululam aventureiros dos mais audazes e inescrupulosos; 6º - que, desincumbindo-se de sua missão, o snr. Joaquim Ramos Portugal informou aos suplicantes que as terras do 'Ribeirão Taquarussú' estavam invadidas..." (6)

Justamente, o Cel. Francisco Sanches de Figueiredo fora, segundo verificação junto aos escritórios da Companhia de Viação, administrador da mesma em 1908. Também depoimentos há que fazem referência à formação de uma invernada de 5 alqueires, dentre os 50 comprados à Companhia de Viação pelo sr. Quincas Braga. Esta pessoa é citada como administrador da Companhia em 1907. Em 1912, os srs. Quincas e Ovídio Braga venderam os 50 alqueires ao sr. Enoch Vieira, coletor de impostos em Mato Grosso que, por sua vez, os vendeu a João Branco e este a Joaquim Martins, que abriu uma "vacaria" no local onde hoje se localiza a sede do município. O fato é que, com o povoamento da Alta Sorocabana, que "se efetivou dentro do contexto da retomada da marcha do café, em direção ao extremo oeste paulista, logo após o término da Primeira Grande Guerra" (7), a região foi alvo de interesse e cobiça de pes-

(6) - Conforme anexo.

(7) - D'Incao e Mello, Maria Conceição. O Bóia-Fria: acumulação e miséria, pág. 39.

terras na região, menciona uma cláusula existente no contrato - feito entre o Governo do Estado e a Companhia de Viação, segundo a qual a mesma se comprometia a colonizar a área de 750 mil ha no prazo de dez anos. Decorrido o prazo e não tendo a Companhia cumprido totalmente a cláusula, teriam as terras sido consideradas devolutas, apossando-se delas os primeiros que chegaram. Assim, os Guimaro teriam adquirido de terceiros, principalmente de Antonio Mendes Campos, uma área inicial de 4 mil alqueires e outra de 25 mil, partindo daí várias demandas que seriam resolvidas muito mais tarde. A longa demanda entre a Companhia de Viação e os Guimaro impediu que as terras do município passassem por um processo de retalhamento, fracionada em pequenas, médias e grandes propriedades, como acontecera na região próxima de Presidente Prudente (10). O latifúndio era uma realidade e a penetração se fez através do desenvolvimento de uma economia extrativista. As exuberantes matas virgens existentes no local forneciam os dormentes que a Estrada de Ferro Sorocabana exigia para sua construção e a lenha consumida pelas caldeiras das máquinas a vapor.

A partir da compra de terras pelos Guimaro, chegaram de Portugal vários patrícios seus, a chamado uns dos outros, que se dedicaram à extração e venda de madeira. Os proprietários das terras empreitavam a derrubada de árvores e a confecção de dormentes, com a finalidade última da formação de pastagens. O desenvolvimento de uma fazenda, contada por um administrador, dá idéia do processo que se desenvolveu na região: primeiro, ele procedeu à derrubada da mata com cem pessoas, entre brasileiros, por

(10) - D'Incao e Mello, Maria Conceição, op. cit., pág. 39: "Duas figuras marcaram presença nesse povoamento: a dos grandes empresários de café e a dos especuladores de terra. Os primeiros realizavam a posse da terra nos termos legais vigentes, isto é, em função da instalação e cultivo da mesma. Os especuladores faziam aquisições legais ou ilegais de grandes glebas, com o intuito de vendê-las aos que chegassem depois. Essas glebas eram loteadas e os lotes vendidos a prazo, para atender a uma população menos provida de capital, que para cá se dirigia, com o intuito de plantar café."

tugueses e húngaros. Levou trinta anos para desbravar 4 mil alqueires e formar invernada e dos quais retirou aproximadamente um milhão de metros cúbicos de madeira, sendo peroba - em maior quantidade -, ipê e cedro. À medida em que a invernada ia sendo formada, iam introduzindo o gado, geralmente procedente de Mato Grosso.

Por volta de 1916, o sr. Álvaro Coelho, preposto do sr. Antonio Mendes Campos, foi autorizado a vender parte das terras, devido ao interesse despertado pela próxima chegada dos trens até a barranca. Para tanto, procedeu ao arruamento de um conjunto de lotes, que foram vendidos às seguintes pessoas: Joaquim de Souza Martins, Zeferino Pereira, Domingos Francisco dos Santos, Antonio Batista e Maria José de Oliveira (Maria Bonita). Esses são considerados os fundadores da cidade e, como tantos outros, dedicavam-se à extração de madeira, passando alguns, mais tarde, a desenvolver atividade comercial, em pensões e botecos. Com a venda dos lotes e o consequente desenvolvimento da pequena vila, a contenda recrudescceu e sabe-se que o dr. Artur Diadericsen, administrador da Companhia de Viação, alertava para o fato de que "quem comprar terras do dr. Antonio Mendes de Campos Filho tem de pagá-las outra vez, pois estão griladas e não são dele." (11)

Em 1917 instalou-se um Regimento de Cavalaria da Força Pública, em Santo Anastácio, com um destacamento em Presidente Wenceslau e outro em Presidente Epitácio. Tal medida vinha de encontro ao pedido dos moradores, no sentido de disciplinar a posse da terra e evitar contendas. É dessa época a construção do quartel, que mais tarde foi abandonado, com a transferência do destacamento para Presidente Wenceslau.

Desde 1914 estava instalada, na foz do Rio Caiuá, a Cia. Mate Laranjeira, de propriedade de argentinos e paraguaios, com sede em Guaíra, que fazia o comércio pelo rio, levando erva-mate, colhida nos seus ervais de Campanário, região compreendida entre

.....
(11) - Ramos Jr., José História de Presidente Epitácio, mimeografado. 1974.

Dourados e Guaíra; e madeira para exportação, que era levada até o porto de Jupiá, para ser despachada pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

A década de vinte trouxe três acontecimentos importantes para a região: a chegada da Estrada de Ferro Sorocabana à Estação de Presidente Epitácio Pessoa, cujo nome era dado em homenagem ao então Presidente da República; a vinda de refugiados de guerra, em sua maioria húngaros, trazidos pela Companhia Agrícola de Imigração e Colonização, em entendimentos com a Companhia de Viação São Paulo-Mato Grosso; e a venda da incipiente Companhia de Navegação a um grupo alemão, conservando, porém, uma parte das ações. A chegada do trem mara o início da vila, que contava, na época, apenas com um botequim e pensão, a uma quadra da Estação, instalados em casa coberta de palha de coqueiro. Diante alguns quilômetros, os imigrantes instalaram a Colônia Arpad, com uma população de 500 famílias, em terra comprada em pequenos lotes de 5 a 10 alqueires. No início, trabalharam no corte de lenha, empilhando-a às margens dos trilhos e vendendo-a à E.F.S. a dois mil e quinhentos réis o metro cúbico. Depois, formaram sítios, onde plantaram frutas, verduras e flores. A aridez da vida difícil e sóbria que levavam os portugueses, economizando na alimentação para fazer fortuna -comiam mandioca, feijão e alguma caça -, foi amenizada pela presença dos húngaros, tchecos, eslovenos e outros, que criaram agradável ambiente social e são lembrados hoje pela excelência de suas frutas, pela beleza de suas flores e pela alegria de suas festas. Uma informante húngara, ainda hoje moradora em um sítio do município, disse que "antes é que era bom, que na colônia Arpad tinha baile todo o sábado, com banda húngara. Quando chegaram, só havia os trilhos da Sorocabana. Eles fizeram, primeiro, umas casas de barro cobertas com folhas de caragoatá, mas que não seguravam a chuva. Mais tarde, começaram a fazer telhados com tabuinhas de madeira...Havia muita formiga no lugar e muitos foram embora por não terem meios de acabar com elas, pois não havia os inseticidas atuais. Eles socavam os olheiros com paus."

O funcionamento da Cia. Mate Laranjeira é responsável pela chegada dos primeiros paraguaios à vila recém-formada, onde circulava, junto com o dinheiro nacional, o peso argentino, com o qual eram pagos seus funcionários em Guaíra, e que circulou na vila até 1932. Nas lembranças de um antigo marinheiro, - no ano de 1972 já um comandante aposentado -, podem ser verificadas as condições da vida da cidade e da navegação, na época: "...recor-

dando como vi Porto Epitácio e a navegação no Rio Paraná na linha Jupiá a Guaíra nos remotos anos de 1921 a 1926; (...) Neste meio semi-civilizado, eu e outros companheiros, estudantes do Liceu, aqui desembarcamos no dia 14-12-1921, em busca de aventuras (tinha então 17 anos incompletos, físico magro, disposição para tudo). Neste mesmo dia, consegui embarque como marinheiro no vapor Rio Pardo, armador Cia. de Viação São Paulo-Mato Grosso. O barco em apreço estava atracado no Porto Epitácio, em regime de carregamento, cargas destinadas a Porto Guaíra (...)...fui...contratado verbalmente.(...) Imediatamente mandou-me substituir um marinheiro que estava acamado, atacado de maleita. Mais tarde fui visitá-lo, fiquei apavorado, era um farrapo humano. Estava alojado lá no fundo de um dos porões de proa das chatas. Pálido, barriga inchada a ponto de estourar; vomitava continuamente bilis amarela e, às vezes, verde. Junto dele estava uma lata com água, um punhado de comprimidos de quinino. Já não pronunciava mais nem uma só palavra. No outro dia era cadáver. O enterro foi cedo, igual a todos os enterros de pobre naqueles tempos, depressa e de qualquer jeito.(...) Lá pelas tantas da noite terminamos o - carregamento das três chatas. Estavam atestadas com noventa toneladas de cargas. Manobramos as mesmas, colocando-as no costado do vapor "boroeste e bombordo", outra no reboque cabo largo, deixando-as preparadas para a viagem. Depois de tudo - concluído, estávamos cansados, quebrados, extenuados, o capitão do navio viu em nossas fisionomias o cansaço e a estafa. Modificou o horário da saída do barco para a madrugada do dia seguinte. (...) Tomamos nosso banho, jantamos, depois rumamos para terra: fomos tomar "umas cachaças das boas" num boteco - de pau a pique, coberto com palha de coqueiro. Foi a primeira casa comercial do ramo e também casa residencial em Presidente Epitácio. Estava situada onde hoje é a rua São Paulo... Era de propriedade de um espanhol, Estevan Vilalón. Regressamos para bordo; durante o trajeto vínhamos todos alcoolizados, cantando, gritando, atirando a esmo para espantar as onças - que eram comuns por aqui, naqueles tempos. (...) Nesses tempos, não existiam a bordo de qualquer embarcação no Alto Rio Paraná as documentações necessárias hoje...Também não se conheciam horas extraordinárias, repouso semanal remunerado, acidente de trabalho, etapa de rancho, férias ..." (12)

.....
 (12) Santos, Carlos dos -Como eu vi Porto Epitácio e a Navegação do Rio Paraná, de 1921 a 1926, in A Vigilância, nº 131, 20-2-1965.

A primeira missa foi rezada em 1923: "Foi na atual Rua São Paulo... Ventava muito e prepararam um altar sobre uma pequena mesa e um crucifixo. Havia pouca gente, pois a cidade, naquele tempo, era formada por quatro ou cinco casas, mas havia algumas pessoas de fora. Foi celebrado, nessa missa, o primeiro casamento religioso desta cidade." (13)

Com a venda da Companhia de Navegação, chegaram ao Porto Tibiriçá os novos administradores. O grupo alemão reformulou a Companhia e a fez progredir. Já se desenvolvia um crescente comércio pelo rio, levando de Jupiá rio abaixo, sal e charque: o sal para as fazendas de gado do sudoeste de Mato Grosso, particularmente Entre-Rios (Rio Brilhante), Nioac e Apa; o charque para os portos e fazendas ao longo dos rios Paraná, Pardo e Ivinhema. Levavam também manufaturados diversos, como tecidos e quinquilharias, querozene e farinha de trigo. De volta, traziam, principalmente, erva-mate e couros frescos e salgados. No entanto, as condições de sobrevivência permaneciam precárias. Salvo a lavoura da Colônia Arpad e do Bairro de Santa Cruzinha, onde um grupo de espanhóis e brasileiros comprara algumas pequenas propriedades, nada se plantava. A principal fonte de alimentação eram a pesca e os produtos silvestres, que existiam nas matas em grande quantidade, como palmito e jabuticabas. Um informante da época relatou que "...muitas vezes, enquanto os companheiros se distraíam, nas horas de descanso, ele, abatido pela saudade da esposa e dos filhos deixados em Portugal, prostrado pelo cansaço, escondia-se por detrás do barraco onde vivia e punha-se a chorar, lamentando a vida de sacrifícios que levava." O trabalho de todos resumia-se em derrubar árvores, lavrar madeira, fabricar dormentes. A única distração dos homens era a conversa nos botequins, enquanto o sol não descia de todo, pois com a chegada da noite vinham também espessas nuvens de mosquitos, que obrigavam as pessoas a se recolherem cedo para suas casas. A maleita era endêmica, chamada no local de "febre intermitente" e atacava pessoas e

(13) - Sczucs, Luiza. "Catolicismo em Epitácio", in Folha do Povo, nº 12, 27-3-1959.

animais. Um proprietário de terras no Mato Grosso, mais tarde morador da cidade, lembra assim os tempos em que passava por ela como boiadeiro: " Em 1922, quando conheci Presidente Epitácio e iniciei, desde então, viagens periódicas por estes pagos, nós, matogrossenses, ou vínhamos aqui como eu, para embarcar boiadas vindas desde os pantanais da minha terra, ou em demanda de São Paulo e outras cidades, em busca de curas, de férias ou, mais ainda, levando os filhos aos estudos, quase sempre em Botucatu, único centro da região onde havia colégio credenciado e confortável. Presidente Epitácio era o fim do sertão do Oeste paulista e o início da civilização para o matogrossense de uma parte do sul do meu grande e querido Mato Grosso. Na - aquele tempo, eu era boiadeiro. O embarque de uma boiada era um problema difícil e duro; as composições da Sorocabana nunca estavam em dia marcadas encostadas no embarcadouro; em geral, os vagões necessitavam de consertos diversos; os interessados, de martelo, pregos, parafusos e porcas, alicate e arame em punho, percorriam os vagões, um por um, consertando -os, para evitar que as rezes embarcadas escapassem durante o trajeto até Pirambóia, Oiti ou Conchas, onde havia invernadas, pois nas áreas em que, a começar daqui, existem hoje grandes pastos, eram totalmente cobertas de florestas, aqui e ali pontilhadas de pequenas roças.

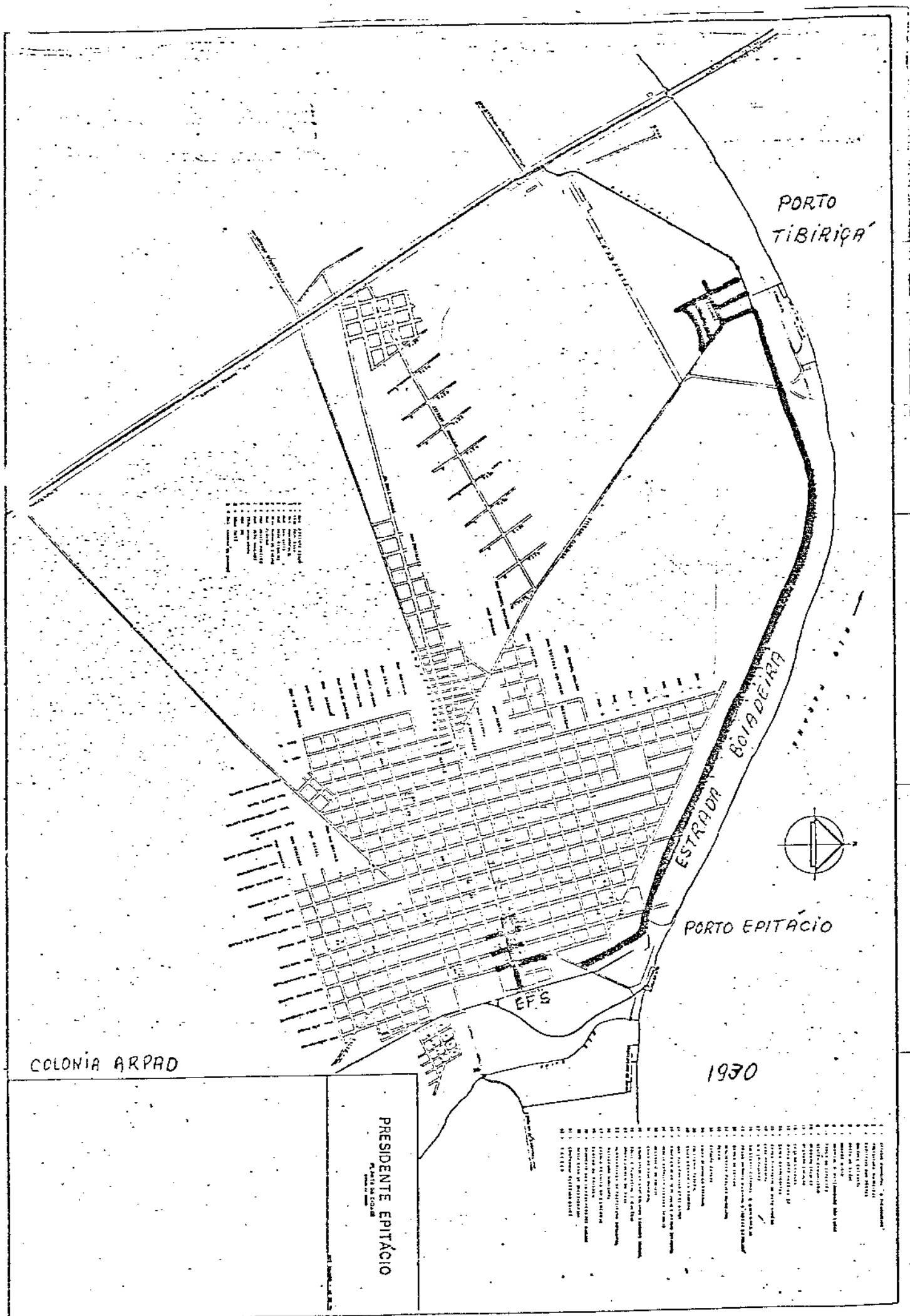
Naquele tempo, as dificuldades eram muitas para quem - como eu era boiadeiro; acontecia sempre que, dois ou três dias depois do embarque de um lote de bois, é que aparecia outra composição; assim sendo, uma boiada composta de 1 000 rezes, demorava 15 ou mais dias para ser totalmente despachada. Nada havia a se ver em Presidente Epitácio; além da Estação, uma picada carroçável na mata trazia o forasteiro até a atual rua São Paulo, onde havia um arremedo de pensão do saudoso - Joaquim Martins e, anexo, o boteco do seu sócio Domingos. ... A picada continuava até o Porto Tibiriçá, e esta mesma picada tornou-se mais tarde em Avenida Tibiriçá, homenagem ao grande governador de São Paulo que desbravou o Oeste paulista ... Na primitiva picada, tanchos de portugueses serrando dormentes, caboclos lavrando toros e lenheiros cortando lenha para alimentar as caldeiras das "Marias Fumaças", as locomotivas que ainda existem nalguma estação de entroncamento, empregadas em manobras." (14)

Nessa época, a região pertencia ao município de Presidente Wenceslau, atingindo o Pontal do Paranapanema, e o Fórum da Comarca ficava em Santo Anastácio, distante aproximadamente sessenta quilômetros.

.....
 (14) - Martins, Pery Barbosa. "Reminiscências de Presidente Epitácio" in A Vigilância, nº 126 - 3-1-1965.

Numa descrição feita de Porto Tibiriçá, em meados da década de vinte, diziam que a rua principal tinha, do lado direito, na descida, a casa de um carroceiro; uma casinha onde funcionava uma cadeira de barbeiro sob frondosa figueira que ainda hoje existe; a "casa dos bugres", onde morava a família Turiba; depois vinha uma casa de tijolos, onde funcionava a Coletoria, - que estava sob a direção de um substituto, em vista da prisão do titular; mais adiante havia uma casa de madeira, onde trabalhavam os funcionários da alta administração da Companhia de Navegação, na maioria alemães. Vinha depois o hotel, situado na esquina da barranca e precedendo o prédio onde funcionavam armazém e escritório, bem como farmácia e escola. Estimava-se em 250 o número de habitantes da vila. Já funcionava, nessa época, uma linha de navegação entre Porto Tibiriçá e Entre-Rios, hoje Rio Brilhante, percorrendo uma distância de 600 quilômetros nos rios Pardo, Ivinhema, Brilhante e Vacaria, cujas viagens eram feitas em batelões a remo, sempre com saída de Porto Tibiriçá, no dia 22 de cada mês, levando na época das cheias, vinte dias de ida e volta e, na seca, três meses. Havia também a linha Guaíra-Jupiá, feita pelos vapores Paraná e Tibiriçá, este último atualmente restaurado e em uso turístico no Rio Tietê, em Barra Bonita.

No início da década de 30, várias pessoas chegaram à procura de serviço na navegação, vindos dos serviços do Rio São Francisco ou dos Estados de Minas Gerais, Bahia e uns poucos Estados do Nordeste. Alguns já tinham ofício, outros não. Ao chegar, aceitavam qualquer trabalho, "porque quem chega não escolhe" mas havia muito o que fazer e logo passavam a mensalistas. Ganhavam pouco, mas gastavam a metade. Os empregados antigos na navegação fazem referências elogiosas à esposa do chefe alemão, uma chilena "que se interessava por todos. Tinha um pomar de mixiricas que, aos domingos, abria para as crianças da vila. Não deixava doente sem leite." Reconheciam-se pobres, mas diziam que a vida era barata e sempre sobrava alguma coisa. Referindo-se à época, vários informantes fizeram referências semelhantes: "era uma



Planta da cidade, tendo assinalado em negrito os locais povoados em 1930

união que essa gente tinha." Havia o costume de realizar todas as festas em conjunto, não faltando desde o funcionário mais humilde até o mais graduado, "do chefe ao cozinheiro". Assim eram festejados os aniversários, casamentos e batizados. O restaurante não tinha divisão em função de cargos. Dizem que os funcionários da Mate Laranjeira desaprovavam esse procedimento e em suas instalações em Guaíra havia uma divisão estrita a partir dos cargos, sendo que os da hierarquia mais baixa comiam em um galpão chamado "comedor". "A disciplina era severa, o peão era sempre peão, não se misturava nos meios sociais; cada um tinha sua organização separada; ..." (15) É interessante notar que, muitos anos depois, na década de cinquenta, depois da Companhia ter sido encampada pelo Governo Federal, no tempo da Segunda Grande Guerra, houve o casamento da filha do Superintendente e os convites foram feitos por alto-falante.

Embora atestem que os chefes sempre foram brancos, desde os tempos dos alemães, continuando depois da encampação pelo Governo, com uma única exceção, não acham que havia discriminação de cor, pois se realizavam muitos casamentos mistos e as festas em comum obrigavam à convivência. O que se pode notar pelos depoimentos é que os recém-chegados não traziam recursos, vinham sem formação profissional, alguns com o curso primário apenas, verificando-se entre os que assumiram posições de mando, mais tarde, marinheiros procedentes do Rio São Francisco e um carpinteiro procedente de Taubaté. Um dos informantes, contando como foi sua vida profissional, diz que em um dia em que um torneiro fizera uma peça errada, ajudou-o a consertar e o chefe da oficina, um alemão de nome Fritz, colocou-o na oficina. Ele ficou satisfeito, porque até aquela época viajara no navio XV de Novembro, que fazia a travessia do Figueiral ao Porto XV, onde as brigas eram constantes. Tivera, em certa ocasião, de esconder-se no porão do navio, para fugir a um tiroteio. Esta pessoa foi conhecida.....

(15) - Santos, Carlos dos. "Como eu vi Porto Epitácio e a Navegação do Rio Paraná, de 1921 a 1926", in A Vigilância, nº 131, 20-2-1965.

da mais tarde como Mestre João, acatado e respeitado pelos moradores da vila. Outro informante, também dos primeiros a chegar, procedente de Minas Gerais, da região do São Francisco, empregou-se primeiramente como lixeiro, chegando até o cargo de vice-superintendente da Companhia, justificando não ter chegado ao posto máximo por não querer, pois a responsabilidade não era proporcional aos vencimentos.

De acordo com a classificação corrente em papéis oficiais, o primeiro informante era preto e o segundo pardo (16), sendo que este se casou com mulher procedente do Ceará, que assim se expressou: "tinha tanto preto aqui que quando aparecia um branco, parecia um estrangeiro". Disse também que todos eram escuros, como ela e o marido. Ela, porém, embora tivesse a pele escura, tinha os cabelos lisos e feições de branco, quanto o marido tinha feições de negro e cabelo pichaim. Ainda dentro da mesma preocupação, um informante branco - ex-funcionário da Navegação na mocidade -, conta que a vida na Vila se desenvolvia no Tibiriçá e que o único clube existente era lá. O carnaval era muito animado e os moradores da cidade compareciam às festas. O médico da Companhia, que era branco, frequentava os bailes e dançava com as pretas, acrescentando o informante que havia muita mulher bonita entre elas. Dentre os moradores pretos, lembrou-se particularmente de Mestre João, que era chefe da oficina, de um mecânico e de um tocador de sanfona, "que era um preto gordo". - Disse que, ainda hoje, muitas dessas famílias permanecem na cidade, como a de Mestre João, que se casou com preta; do Comandante, que se casou com húngara; e do ex-prefeito, ex-funcionário da Na

(16) - Essa classificação por raça não é feita em caráterêmico, mas ético, devido ao fim a que se destina. O objetivo é dar uma visão do processo visto de fora e, para tanto, usei termos gerais que devem dar uma idéia do tipo de pessoa que ocupava determinados cargos e desempenhava determinados papéis. Os brancos englobam aqui os brasileiros de pele clara, muitas vezes de descendência estrangeira, recente ou mais distante, sendo as mais comuns no caso em es

gação, que se casou com uma húngara que era empregada na casa do chefe alemão. Uma informante preta referiu-se à "baianada", termo genérico aplicado indiscriminadamente aos imigrantes que desciam para a navegação, dizendo que os brancos eram muito poucos. Entre eles, podia citar o carpinteiro, filho de italianos, que chegara procedente de Taubaté e que chegou a superintendente. Também o outro superintendente, que chegou depois da encampação, transferido do Lloyd Brasileiro pelo Governo, do Rio Grande do Sul, mas afirmando que os brancos conviviam com os de cor "sem fazer diferença". Disse que o povo da cidade frequentava as festas do Tibiriçá, citando como exemplo a família do farmacêutico, a família de uns espanhóis que tinham loja de artigos diversos, a família do dono do Cartório e outros. Lembra-se apenas da esposa do diretor da Companhia Mate Laranjeira, que não comparecia "para não se misturar com a negrada e sair fedendo". O Tibiriçá, visto pelos moradores da cidade, era assim: "Tibiriçá tinha água e luz, aqui a água era de poço. Lá tinha desde água mineral até whisky. Tecidos, perfumes, até relógios."

A mais ou menos cinco quilômetros de distância, desenvolvia-se a vila diante da Estação de Estrada de Ferro. O trem misto que chegava às 11 horas da manhã, partia às 15 horas, levando os passageiros para uma baldeação em Santo Anastácio. A única via pública transitável era a principal, chamada primeiro de Estrada Tibiriçá, depois de Avenida Tibiriçá e, mais recentemente, até os dias atuais, Avenida Presidente Vargas. As outras vias, à

(16)- (cont.)...tudo, a descendência húngara, alemã, italiana, libaneza e portuguesa. Os mulatos são os mestiços de branco e negro em diversos graus, devido à variedade dos cruzamentos, compreendendo pessoas de pele clara, mas com traços marcados da raça negra, até pessoas de pele mais escura e características da raça branca. E os caboclos são os paulistas da zona velha, com mestiçagem índia e de pele "cor de cuia". No Dicionário Folklórico Brasileiro de Luiz da Câmara Cascudo (INL. RJ. 1954), à pág. 192, lê-se: Caboco - o indígena, o nativo, o natural; mestiço de branca com índio; mulato acobreado, com cabelo corrido.(...) Diz-se comumente do habitante dos sertões, caboclo do interior, ...".

falta de conservação, serviam como caminhos para andar a pé ou a cavalo, sendo roçadas com foice, de tempos em tempos, por funcionários da sede do município, Presidente Wenceslau. Contam os moradores da época que, defronte ao hotel, havia capim amargoso e maxixe, que era chamado de pepino pelos da terra. A água utilizada era a do rio, que em tempo de cheia ficava muito suja, e a de poços, que chegavam a ter 45 metros de profundidade. A iluminação era feita com querosene, utilizando-se a luz de lamparina. Os primeiros comerciantes instalados tinham, a princípio, pequenas casas em que vendiam fumo, corda, pinga, doces e outras utilidades mais procuradas, mas aos poucos foram ampliando seus negócios. Na década de trinta, a cidade contava com algumas casas comerciais, sendo a mais importante delas uma casa de tijolos - de tijolos, nessa época, só havia a Estação e o quartel abandonado - que atendia toda a população espalhada pelos portos instalados nas margens do Rio Paraná, de Jupiá a Guaíra. Havia uma loja de tecidos, uma selaria, uma padaria, uma alfaiataria, uma farmácia, uma loja de artigos diversos chamada "La Tropical" e um carro de praça, o único automóvel da cidade. O movimento comercial se fazia através da exportação de toros para São Paulo - 1.200 metros cúbicos de toros embarcados por mês - através da Estrada de Ferro Sorocabana, da venda de lenha, do transporte de gado - que já em 1925 transportava por volta de 120.000 cabeças - e do peixe, que era exportado para várias localidades, principalmente São Paulo. Houve, na época, um frigorífico instalado, que tinha máquinas de fazer gelo e caminhões, mas que depois fechou.

"Em 1930, foi organizada a primeira festa em prol da construção da primeira capela. A atual praça... foi devidamente preparada para tal, depois de tudo pronto, foi plantada a primeira cruz de madeira bastante rústica, com quase três metros de altura. Essa cruz ficava diante de uma espécie de galpão, coberto - de folhas de palmeira, que servia para abrigar os objetos de prendas para as festas. Pelo ano de 1931, foi organizada uma procissão que foi à Estação da Sorocabana buscar um quadro de São

Pedro, mais tarde chegou também uma estátua do mesmo Santo. Foram as primeiras imagens da capela que foi inaugurada em 1932, no mesmo local onde havia sido a primeira festa. Algum tempo depois, devido à muita queima de velas ao pé do Cruzeiro (agora na frente da capela), pegou fogo na cruz e queimou uma parte, sendo em seguida substituída por um senhor que havia feito uma promessa. Veio então uma cruz maior, de quase cinco metros. Todos os anos foram feitas festas em benefício da igreja. No início, vinham celebrar a Santa Missa sacerdotes de Santo Anastácio, depois de Presidente Wenceslau." (17)

Uma cadeia pública fora construída em 1925, fruto de subscrição popular: "A Cadeia Pública de Presidente Epitácio, tal como ainda se conserva, foi edificada em 1925 por subvenção popular, ficando a construção na importância de Cr\$2.500,00. Foi inaugurada pelos 15 tripulantes paraguaios da lancha Don Pancho da Empresa Mate Laranjeira, presos em consequência de motim a bordo e tentativa de agressão contra o Comandante Felipe Ferreira e o imediato Quincas Nogueira." (18) Esses marinheiros eram, juntamente com os boiadeiros, a grande freguezia do comércio local, que passava muitos dias sem vender mas que vendia muito quando eles chegavam. Foram esses freguezes itinerantes os responsáveis pelo grande número de hotéis e pensões, melhor se diria hospedarias, que se encontravam junto aos botecos de pinga, aos armazéns e outros estabelecimentos comerciais. As comitivas de boiadas, suprimida a importância da boiadeira pela implantação do transporte ferroviário, continuaram a ser um fator social e econômico importante, desde que a boiadeira fora suprimida somente no lado paulista, continuando a funcionar no lado matogrossense, sem o qual o comércio de gado não faria sentido. Dessa forma, embora transportado em balsas de gado, e conduzidos por um corredor cer

.....
(17) - Sczucs, Luiza. "Catolicismo em Epitácio", in Folha do Povo, nº 12 - 27-3-59.

(18) - "Aspectos históricos de Presidente Epitácio" in Folha do Povo, nº 12 - 27-3-1959.

cado de cinco quilômetros até os vagões da Estrada de Ferro, com destino a São Paulo, eles já tinham percorrido antes do rio um longo pedaço de terra, onde a figura do boiadeiro permanecia inalterada. (19) Marinheiros e boiadeiros eram os frequentadores das pensões de mulheres, das quais os informantes guardam lembranças que se resumem em nomes, como "uma tal Iolanda" ou Maria Bonita, "que era uma preta feia", da qual "se contam muitas histórias." Realmente, a grande afluência de homens sós que vinham tentar a sorte, os primeiros imigrantes portugueses que deixaram as famílias em Portugal, indo buscá-las alguns, deixando-as e constituindo família aqui muitos outros - ou mesmo os nacionais, que saíam de suas cidades de origem em excursão tentativa, só depois indo buscar a família, faziam com que o grosso da população fosse constituída de homens. Mulheres moças, só as que vinham acompanhando algum parente, como no caso de uma informante que desceu com a mãe e a irmã, a convite de um parente que tinha loja de tecidos: "...veio para cá em 1932, na época da revolução, descendo de Crato no Ceará, pelo interior... Vieram com destino a

- (19)- De um depoimento de antigo condutor de boiadas, que fazia parada na cidade, hospedando-se na pensão do Batista, português e casando-se com moça da cidade, em 1924, podemos deduzir os mesmos critérios que governavam a condução das primeiras boiadas. A marcha da boiada obedecia a um limite de distância de 22 km por dia, entre um pouso e outro. Empregavam-se de modo geral 10 peões para 1.000 bois, usando-se seis animais-burros com a tralha de cozinha e os gêneros alimentícios. Essa comitiva usava o sistema de viajar das cinco da manhã até o meio dia, na frente da boiada, parando a essa hora para o almoço da peonada e logo após este, seguia para o pouso seguinte, já com a comitiva seguindo atrás com a boiada. A classificação dos peões era a seguinte: o ponteiro, que usava o berrante, segurando a boiada; dois fiadores, que tinham a função de manter a boiada na linha, seguindo o ponteiro; dois meeiros, os quais endireitavam a boiada atrás dos fiadores; dois chaveiros e dois culatreiros, que mantinham a boiada alinhada, seguindo os já citados. A média de viagem feita pelo informante, de Maracaju a Porto XV era de trinta dias de marcha.

Presidente Epitácio a chamado de um parente que tinha uma pequena casa de negócios. Diz que aqui dava maleita até em criação, que ela mesma teve três maleitas e que, quando se casou, era 'maleitosa'...que acharam o lugar muito ruim, mas não voltaram por não poder." No mais, as mulheres que já tinham marido e as mulheres das pensões: paraguaias, vindas através de Guaíra, e as deportadas que a Polícia de São Paulo mandava periodicamente pela Estrada de Ferro até o fim da linha. Das mulheres deportadas, se diz que, ou se tornavam companheiras de algum morador ou se destinavam às pensões, havendo alguns casos de fugas e capturas, pois já havia um destacamento policial na cidade. Dos homens deportados se diz que procediam à limpeza da esplanada da Estação e que abriram a estrada carroçável que liga Presidente Wenceslau a Presidente Epitácio, a troco de comida.

Foi só a partir de 1932 que a cidade contou com médico e farmacêutico. Antes disso, quando havia necessidade, recorriam à farmacêutica do Tibiriçá. Se fosse coisa grave, "tinha que apelar a Deus, se aguentasse ia até Wenceslau."

Os ecos da Revolução Constitucionalista pouco se fizeram sentir, a não ser pela paralização do vapor Don Pancho e pela movimentação de tropas, sem outras consequências.

Em 1933, por sugestão do gerente da Companhia Mate Laranjeira, foi criada uma escola primária, regida por uma professora vinda de Presidente Wenceslau, com o compromisso de fornecer alimentação e moradia para seus filhos, em número de sete, que representavam o maior contingente de alunos. Porém o quarto ano primário tinha que ser feito fora, geralmente em Santo Anastácio, ficando os alunos em casas de amigos da família ou de parentes.

A insalubridade do lugar começava a ser combatida com a instalação de um posto de combate à malária.

Em 1935 foi instalada a agência de Correios e Telégrafos e, em 1936, o Distrito de Paz, sendo realizado o primeiro casamento civil. Data dessa época o início da dependência política

e econômica em relação ao município de Presidente Wenceslau, do qual a região se tornara um distrito. Foi criada a sub-prefeitura. Os moradores afirmam que o município não aplicava o produto das arrecadações locais em suas próprias necessidades, que deviam ser supridas através de campanhas, como a que foi feita para a construção do primeiro grupo escolar. Também a iluminação das ruas, para a qual foi feita uma campanha visando a doação dos postes.

Alguns elementos do distrito passaram a representá-lo como vereadores à Câmara de Presidente Wenceslau. Os cargos de Delegado de Polícia, Juiz de Paz e Sub-Prefeito deram oportunidade ao surgimento das primeiras lideranças.

Dos acontecimentos acima relatados pode-se depreender a existência, em região de clima seco e quente, à margem de um grande rio de dois quilômetros de largura, de uma população formada por imigrantes portugueses, endurecidos na luta diária contra o desconforto, a doença e a solidão; por marinheiros e boia-deiros, frequentadores periódicos do lugar, brasileiros e paraguaios sem passado e de futuro incerto; alguns paulistas das regiões mais antigas, escorados na esperança de dias melhores, enquanto curtiam a dureza dos dias atuais; húngaros, tchecos, alemães e poloneses, "húngareses" como foram chamados pela população local, trazendo consigo conhecimentos sobre outra maneira de viver; e muitos "baianos", de todas as procedências e tonalidades, vestidos de uniforme, comandantes e marinheiros, o dinheiro no bolso no dia certo, a segurança do emprego. Uns extraíam madeira, outros desenvolviam o comércio, outro fazia trabalhos em couro, mais um hospedava os viajantes, outros viajavam rio abaixo, rio acima; uns ganhavam mais, outros menos; uns tinham mais astúcia, outros se deixavam enganar; hoje ganhavam, amanhã perdiam. Embora a posse da terra estivesse vedada aos pequenos e médios proprietários, devido à prolongada pendência judicial, a apropriação da madeira era possível, mesmo quando em mãos de depositário da Justiça, como dizem que aconteceu, dando origem a

grandes fortunas. Desenvolvia-se dentro da cidade uma hierarquia de posições que se modificava a partir do sucesso ou do fracasso de cada um. Nenhum critério, porém, se havia solidificado a esse respeito, pois a fixação no lugar era precária, a manutenção da riqueza, incerta; ninguém era melhor do que ninguém, embora eles estivessem em condições de dizer quais eram os mais abonados: - "Ele era meio ricaço, tinha um meiozinho."

A região aparece, portanto, como uma região tipicamente de fronteira e, como tal, incorporou os componentes ideológicos dela decorrentes. Falando sobre a fronteira americana, Frederick Jackson Turner diz que a ordem social que aí se desenvolve é diferente da existente em regiões de colonização antiga, e ele a justifica como resultado do conjunto de forças que operam na fronteira: poucos homens e muita terra, o que oferece uma oportunidade de progresso econômico individual que as comunidades antigas não podem oferecer. No caso em estudo, embora a terra já estivesse apropriada, não estava ocupada. E sua grande extensão foi mesmo a causa da dificuldade de sua ocupação efetiva. Tanto quanto a posse da terra, em região de fronteira, o usufruto da mesma compunha a relação homem/terra, que Turner assinala na fronteira americana, de modo que os recursos eram muito mais abundantes que a possibilidade da sua exploração.

A fronteira é produtora de dois elementos opostos, mas que, entretanto, aparecem juntos: o individualismo e a solidariedade (20). O sentimento de auto-suficiência aparece intensificado pela abundância de recursos naturais e pela distância e conse

- (20)- The Frontier Theses. Introduction, pág. 4: "Still others showed that the frontier was an area where cooperative activity - in the form of cabin raisings, logrollings, husking bees and similar activitye - was more common than in Eastern Villages; how, they asked, could such a region foster individualism?" - Turner, Frederick Jackson, op. cit., pág. 16. "... the frontier is productive of individualism.(...) It produces antipathy to control, and particularly to any direct control."

quente inoperância dos centros de controle social e econômico. A insuficiência do poder público, distante e desinteressado, serve como um estímulo às empreitadas grupais, com finalidades comuns, como se pode notar nos dados referentes à construção da igreja e da cadeia. O mesmo pôde ser notado depois da instalação da prefeitura local, sempre que os recursos e a iniciativa públicos foram insuficientes para responder às necessidades e expectativas sociais.

A coexistência do individualismo e da solidariedade apareceria justificada pelas próprias condições instáveis da fronteira, que induziria os indivíduos à cooperação. A situação social dos habitantes era bastante incerta e o código que se desenvolveria seria calcado em regras de valentia, coragem, astúcia e impiedade. A contrapartida seria o auxílio generalizado, justificando a oscilação entre o poder dar o e precisar pedir. Interessante notar que Maria Sylvia de Carvalho Franco (21) se refere à violência inerente às condições de existência dos homens livres no tempo da Colônia. A alteração constante dos quadros individuais, apesar da permanência do bairro, é citada por ela como um fator determinante, as pendências devendo ser resolvidas a nível pessoal, já que as próprias condições instáveis do aglomerado humano impediam a formação de normas institucionais de resolução do conflito. Também no caso estudado, mesmo durante a implantação de controles institucionais emanados do poder central, a violência era comportamento aceito para resolver conflitos, rejeitados como não éticos apenas pelos habitantes mais recentes, provenientes de regiões de povoamento antigo e impregnados de normas comportamentais tradicionais.

Turner faz referência à procedência diversa dos homens que chegam à fronteira onde, misturando-se e convivendo, desen -
.....

(21) - Homens livres na ordem escravocrata.

volvem traços e hábitos que formarão uma nova sociedade (22). De acordo com os dados levantados, podemos observar que portugueses, húngaros, paulistas da zona velha, paraguaios e a "baianada", foram os componentes de uma sociedade peculiar em que a ausência de distinções hereditárias e a "visão do bem ilimitado" (23) puderam produzir uma ideologia igualitária.

Os acontecimentos que se desenvolveram no começo do século, portanto, interessam à análise na medida em que esse componente humano encontrava-se presente nas eleições de 1972, se não em pessoa, através dos filhos, herdeiros de um estilo de vida recente que encontrava, ainda no momento da análise, apesar de todas as transformações ocorridas, condições de produção adequadas. É dessa época, mais especificamente da década de quarenta, a presença dos pais do dr. Minhoca, eles também imigrantes, que enfrentaram o barro, os mosquitos e o desconforto, integrando-se naquela comunidade heterogênea, onde a fraqueza de todos, entremeada de vitórias e fracassos, induzia à solidariedade e à colaboração, como estratégia necessária de sobrevivência.

... ..

.....
 (22) - The Frontier Thesis, pág. 2: " On the frontiers, men from different backgrounds met and mingled, each contributing traits and habits which slightly altered the emerging civilization."

(23) - Velho, O.G. - Capitalismo autoritário e campesinato.

4.2 - Uma política sem Coronéis.

"Terra de aventureiros. Não tínhamos um líder político de posição social."

Os líderes municipais são chamados, na literatura sobre política local corrente no Brasil, de "Coronéis". O nome teve sua origem quando da criação da Guarda Nacional, em 1831 (1), para substituição das milícias e ordenanças do período colonial. Barbosa Lima Sobrinho, em seu prefácio a Nunes Leal (2), diz que "a patente de Coronel correspondia a um comando municipal ou regional, por sua vez dependente do prestígio econômico ou social de seu titular, que raramente deixaria de figurar entre os proprietários rurais." E mais: "...as patentes traduziam prestígio real... No fundo, estaria o nosso velho conhecido, o latifúndio, com os seus limites e o seu poder inevitável." Também Marcos Vilela e R. Albuquerque, citados por Barbosa Lima Sobrinho, dizem que "o que nele se traduzia era uma hegemonia econômica, social e política..." (3). Raimundo Faoro faz uma tipificação sociológica do Coronel: "Eles são essencialmente honoratioren, - pessoas que, graças à sua situação econômica, podem dirigir um grupo como profissão acessória não retribuída, ou mediante retribuição nominal ou honorária, sustentados pelo apreço comum, de modo a gozar da confiança do seu círculo social. A origem do seu poder, mais do que a situação econômica, deriva do prestígio, da honra social tradicionalmente reconhecida" (4).

No caso em estudo, os primeiros líderes políticos não tinham as características dos "Coronéis", pois não eram ricos -

(1) - Basílio de Magalhães, cit. Vitor Nunes Leal, pág. 19.

(2) - Coronelismo, enxada e voto - pág. XIII

(3) - op. cit., pág. XV.

(4) - Os Donos do Poder - pág. 636.

nem "honrados". Sua posição de liderança se desenvolvia a partir de dotes pessoais de simpatia e comunicação, que os colocava em situação de dispensar favores, o que era um fator importante na manutenção da posição. Alfaiate um, soldado o outro, foram durante o desenvolvimento de todo o processo, até o ano de 1972, os elementos políticos mais importantes.

O primeiro líder político local veio da Bahia, na década de trinta e, como outros tantos "baianos", trabalho na Companhia de Navegação São Paulo-Mato Grosso. Desligado, montou uma alfaiataria no próprio Porto Tibiriçá, transferindo-a mais tarde para a cidade. Dizem que pelo fato de ser alfaiate "andava muito bem vestido." Como pessoa independente, podia defender os interesses dos "baianos", empregados na Navegação. Embora os relatos dêem conta da organização assistencial que fazia a vida dos funcionários mais amena, eles também demonstram a preocupação com a falta de segurança que lhes acarretava a ausência de leis trabalhistas.

O segundo líder era um nordestino, que desceu através do Mato Grosso, tendo estado algum tempo em Paranavaí, como colono de café. Com a falência do empreendimento, deu com os custos em Presidente Prudente, indo afinal parar, por falta de melhores oportunidades, em Presidente Epitácio. Lá chegando, montou um pequeno armazém de secos e molhados, onde fabricava e vendia algumas beberagens aprendidas no nordeste.

A atuação do "Baiano" começou antes mesmo da emancipação política do município, quando o distrito de Presidente Epitácio tinha seus sub-prefeitos nomeados pelo prefeito de Presidente Wenceslau. Nessa época, "já era cabo eleitoral, tinha muitas amizades, jogava futebol, se ajeitava com a 'baianada'."

Foi o primeiro sub-prefeito nomeado para o distrito, tendo exercido também a função de delegado, cargo que lhe propiciou a fama de "justo" nas suas decisões: quando os dois únicos soldados prendiam um bêbado ou arruaceiro de "boa família", ele

dava ordem para soltar; não perdoava moço que "punha moça a perder" e depois fugia. Mandava os soldados atrás e fazia casar. Sua presença no município, portanto, data da época em que os caminhões fornecidos pela Prefeitura de Presidente Wenceslau transportavam eleitores para votar na sede e que nem sempre transitavam em segurança: "Perto da Colônia húngara deram um tiro no pneu do carro, mas não pegou."

Seu casamento é lembrado ainda pelos "baianos" antigos. Tendo por noiva, como tantos outros, uma moça húngara da Colônia Arpad, a festa foi realizada na cidade, em um salão de esquina, tendo amanhecido o dia nas danças e bebidas.

Depois de 1936, com a instalação do Distrito, as urnas eram levadas para a cidade, mas não por muito tempo, pois "em 1937 não teve mais eleição." O ano de 1940 veio encontrar a cidade com quatro ruas e um quarteirão roçado, com uma pequena capela cujo sino era um pedaço de trilho. A loja mais importante era ainda a dos espanhóis.

Funcionava, no porto, um guindaste que retirava as toras das chatas e as colocava nos caminhões, cujo destino era a serraria ou, mais frequentemente, as gôndolas da Estrada de Ferro. Já se havia instalado a primeira serraria, dando início à fase de industrialização da madeira.

Com o tempo, o pequeno porto foi tendo suas funções absorvidas pelo desenvolvimento do distrito, algum tempo depois emancipado. Essa emancipação se deveu ao acelerado desenvolvimento da industrialização de madeira, chegando mesmo a contar com 14 grandes serrarias, atingindo na década de cinquenta, quase uma centena, entre grandes e pequenas (pica-paus). As condições da cidade se apresentavam deficientes em relação às necessidades do desenvolvimento da iniciativa particular. Uma visível insatisfação dominava a população local, que via sua crescente arrecadação de impostos ser levada para a sede, enquanto se avolumavam as necessidades sociais do distrito. Um vereador à Câmara Municipal do município, mas morador no distrito, consultou sobre o mon

tante da renda necessária para que um distrito pedisse sua emancipação. Informado de que era a de cem contos de réis e verificada uma arrecadação de 154 contos, foi desencadeado o movimento pela emancipação, conseguido afinal a 24 de dezembro de 1948, através da Lei nº 233.

A instalação do município deu-se em 1949. A cidade, porém, não tinha ainda suas forças políticas arregimentadas a nível local. A relação política e econômica desenvolvida durante anos com a sede, dera-lhe alguns líderes, ocupantes de cargos como Juiz de Paz, Delegado de Polícia e Sub-Prefeito. Entre os sub-prefeitos anteriores estava um comerciante de madeira que tinha firma em Wenceslau e que, já desde 1925 desenvolvia seu comércio no distrito. Por duas vezes fora eleito prefeito de Presidente Wenceslau. Reuniram-se, pois, as lideranças locais e convidaram-no para candidato único, havendo na época uma coligação dos partidos existentes e uma divisão amigável das cadeiras na nova Câmara Municipal.

Iniciava-se a década de cinquenta. As grandes fortunas já estavam consolidadas. Antigos lavradores de dormentes eram agora grandes proprietários de terras, não só no município, cuja compra fora bastante dificultada pela condição de terra litigiosa, anteriormente descrita, mas principalmente do Estado vizinho, cujas terras ainda eram passíveis de apropriação. Grande área do município, na época o maior do Estado de São Paulo, encontrava-se transformada em pastagens para engorda de bois. O comércio de gado se expandia e os antigos moradores de toscas casas de madeira transferiram residência para São Paulo, criando seus filhos no luxo. Permanecia na cidade a nova leva dos que vinham tentar "fazer a vida", gerentes e guarda-livros de grandes companhias madeireiras, que se expandiram também em companhias de navegação particulares; os prepostos dos grandes fazendeiros, que ficaram para cuidar dos seus negócios; as famílias dos grandes fazendeiros matogrossenses, cujos filhos, criados nas fazendas, com professores particulares para o ensino das primeiras letras, procu-

ravam uma educação de acordo com os novos padrões estabelecidos.

Enquanto a primeira teia de relações matrimoniais se desenvolvera entre negros e húngaros, portugueses e húngaros, alemães e paraguaios, brasileiros e paraguaios, nordestinos e paulistas da zona velha do Estado, paulistas e matogrossenses, -apareciam agora novos fatores que orientavam as trocas matrimoniais. Dizem as "más línguas" a respeito de um casamento da época: "ela casou com o dr. dele e ele com as vacas do pai dela."

O fato é que já apareciam alguns fatores discriminatórios mais marcados para orientar os casamentos, o que em épocas anteriores se tornava praticamente impossível, como se pode constatar pelos casamentos entre o encarregado do Posto de Malária - com a cunhada do gerente da Companhia Mate Laranjeira, entre o filho do comerciante mais forte com a filha do seleiro, entre o comerciante de dormentes com a mulher do vizinho, e outros.

Nessa época ainda permanecia o costume de chamar de - doutor os homens mais letrados, independentemente do título, e ainda em cinquenta se pode constatar o casamento de um funcionário da companhia que empreitara a instalação da rede de água da cidade - e que era comumente chamado "doutor da água" - com a - herdeira de grande fortuna no Mato Grosso.

O início da década de cinquenta mostra o aparecimento dos primeiros clubes, como a Associação Atlética Epitaciana, na cidade, e o Esporte Clube Fluvial, dos funcionários do Serviço - de Navegação da Bacia do Prata, com sede em Porto Tibiriçá.

Não só se transformavam as relações sociais, como também se instalavam no município os órgãos arrecadadores de impostos, que até então estiveram instalados na sede do antigo município, o que facilitava a evasão dos mesmos para mãos particulares e, conseqüentemente, dificultara a fiscalização por parte do Estado.

Em 1950 foram instaladas a Coletoria Estadual, com - dois exatores, e a Caixa Econômica Estadual, que funcionava anexo. Nesse ano se desenvolvia a gestão do primeiro prefeito, que

viria, porém, a morrer prematuramente, provocando novas eleições e, com elas, o início do processo político local.

Nota-se, portanto, através do desenrolar dos acontecimentos, que os últimos a chegar já traziam bagagem, diversamente dos primeiros: eram os funcionários de rendimentos mais altos, - prepostos que tinham poder de decisão em áreas importantes, proprietários mais fortes que os primeiros comerciantes de secos e molhados. Eram poucos, porém, no cômputo geral.

O "Baiano" veio substituir o primeiro prefeito, morto em desastre de avião em 1951, depois de uma gestão de apenas - dois anos. Sua candidatura veio colocar-se em oposição à de um morador da cidade, dono de açougue e que viria mais tarde incorporar-se à florescente burguesia local.

Já nessa época se manifestava uma idéia de superioridade entre os "brancos" da cidade em relação à "baianada". Incorporavam-se eles ao partido do Governo, na ocasião o PSP, enquanto a "baianada" engrossava as fileiras do PTB. As duas facções, porém, estavam ainda equilibradas. As eleições deram a vitória ao comerciante da cidade por um voto, mas o candidato prejudicado recorreu, sob a alegação de que havia dois votos nulos, e três meses depois, o "Baiano" assumia a Prefeitura, também por um voto.

A primeira câmara mostrava também uma situação de equilíbrio, com cinco funcionários da Companhia de Navegação da Baía do Prata, sendo três pretos, um mulato e um branco, um ferroviário aposentado, quatro profissionais liberais e sete comerciantes. O número, maior que o estabelecido, se deve ao fato de ter sido o período bastante tumultuado, com mortes e cassações, tendo essas pessoas passado pela Casa Legislativa, mas não ao mesmo tempo.

Já se fazia sentir a divisão entre proprietários e não proprietários. A divisão, porém, não era simples. Entre os profissionais liberais estava um farmacêutico, que poderia também ser classificado comerciante e, entre os comerciantes, esta

va o segundo dos líderes dos "baianos" que, desta vez, não viera da Bahia - sendo um cearense claro, saído do nordeste com um amigo mulato, para tentar a sorte no sul. Chegando à cidade, montara um pequeno armazém (comumente chamado 'boteco'), onde fabricava e vendia algumas beberagens aprendidas no nordeste. Como o líder anterior, ocupara cargos que lhe deram oportunidade de prestar favores aos que o procuravam, como soldado e delegado de polícia. O primeiro cargo lhe valeu mais tarde o tratamento pejorativo de Praça, por parte dos profissionais liberais. Mas ele será, por nós, chamado simplesmente Soldado.

O município já contava, na época, com quatro empresas de navegação fluvial: Navegação São Paulo - Paraná Ltda., Comércio e Navegação Alto Paraná Ltda., Navegação Fluvial Moura Andrade e Serviço de Navegação da Bacia do Prata, que mantinham linhas regulares entre Epitácio e Guaíra, servindo também os portos intermediários. Avultava a força política dos funcionários da Navegação que, em 1944, fora encampada pelo Governo Federal e transformada em Companhia de Navegação da Bacia do Prata, passando seus empregados a funcionários públicos. A modificação provocada por essa alteração apareceu em dois fatos: um acréscimo do número de empregados, aumentando portanto o peso relativo dessa população dentro do conglomeração humano; e o desenvolvimento de uma política interna que não existia anteriormente, já que os cargos de chefia não eram suscetíveis de serem conseguidos, pertencendo por direito a seus proprietários. A partir da guerra, abriu-se precedente por imposição da desconfiança a que foram submetidos os alemães, e os outros funcionários foram funcionários de carreira, um deles de cor e os outros brancos, sendo que a verificação da procedência dos mesmos, profissão e carreira dentro da empresa, não fazem supor que houvesse algum tipo de discriminação racial. Houve uma constante no nível de instrução - primária, a maioria - e na claramente reconhecível trajetória social ascendente, com exceção do primeiro superintendente nomeado depois da encampação, que foi um gaúcho procedente do Lloyd Brasileiro.

Nas eleições de 1953, o prefeito "Baiano" indicou o Soldado; também vereador na última legislatura, como seu candidato ao cargo de prefeito. O candidato da oposição era outro vereador, o farmacêutico da zona velha paulista, que lá chegara sem bagagem. Montara a primeira farmácia da cidade, cujo balcão era "uma tábua sobre dois cavaletes, com uns vidrinhos em cima".

Os contemporâneos dizem que o Soldado confraternizava com o povo, enquanto o candidato da oposição oferecia churrascos para os eleitores mas não comparecia. "Não tinha jeito para enfrentar o povo." Dizem que "fazia política subterrânea". O fato é que, sentindo-se derrotado, usou o estratagema de atirar, certa noite, afastado da cidade, no próprio carro. Mas o povo descobriu e a ação não teve o efeito desejado. De trágica que se queria, transformou-se em cômica.

Interessante notar que houve um expediente, não usado apenas uma vez, que foi o de aliciar elementos da "baianada" para colaborar na política dos proprietários. Assim é que o vice do farmacêutico era um "baiano", funcionário da Bacia, pertencente ao PTB, que mudou de partido a convite dos líderes do PSP. Foi eleito o Soldado, permanecendo a oposição PTB X PSP, com a vitória do PTB.

A Câmara dos Vereadores, nessa segunda legislatura, sofreu um "branqueamento", embora possamos verificar também um "rebaixamento" em termos de hierarquia funcional. Assim é que vamos encontrar um único preto e três mulatos, incorporavam-se ao grupo dois caboclos, vindos da zona velha paulista. Do grupo de proprietários, apareciam apenas quatro representantes. Os responsáveis pelo citado "rebaixamento" eram um "carapina" (carpinteiro, tirador de madeiras); um oleiro; três pequenos comerciantes (bares e botecos); e um funcionário da Navegação, somando-se a ele, por categoria, se não por função, o ex-prefeito "Baiano". O vice-prefeito foi um Comandante da Navegação, preto.

O Soldado contou, desde o começo, com o problema das contas, que nunca deram certo. Sua campanha fora financiada por

um agiota de Presidente Wenceslau, e a despesa tinha que ser incluída quando da prestação de contas. Segundo um contemporâneo, o Tribunal de Contas não era muito exigente. O problema eram os adversários políticos, que ficavam verificando as obras e calculando os preços, para descobrir algum desvio.

O Bairro do Campinal, ligado por estrada a Presidente Wenceslau é desligado da sede do município ao qual pertencia, não tinha significação econômica e política na vida da cidade. Conta-se que os primeiros caminhos em sua direção, partindo da cidade, foram abertos por madeireiros em busca de perobas. A primeira iniciativa oficial partiu do governo municipal na gestão em foco - 1953-1957 - da qual se conta um fato pitoresco, que vai transcrito com as devidas ressalvas: um vereador, diante da declaração do Soldado, de que a estrada estava pronta, e do montante do custo das obras, resolveu reunir uma comissão para verificar "in loco" a realização. Como, porém, a estrada não tinha mais de 200 metros concluídos, ao chegar ao local, com treva e tudo, encontraram-se com o prefeito, de tocaia no mato, armado de revólver, acompanhado de alguns "paus-mandados", que lhes disse o que eles iam medir: o cano de seu revólver.

O fato é que a população andava armada e, embora disfarçadamente, cada um sabia quem era "pau-mandado" de quem. Havia uma contenda por posse de terra no Campinal, entre o Soldado e o filho de um dos desbravadores do sul matogrossense, conhecidos, pai e filho, pelo uso de métodos violentos. Dessa forma, tanto um como outro dos contendores, andavam armados e escoltados.

Durante sua gestão, o Soldado comprou um terreno, um tanto afastado do centro, fazendo um loteamento que não obedecia ao traçado da cidade e vendendo-o depois em lotes pequenos, a prestações, a pessoas de menor poder aquisitivo. Como, porém, deixasse de pagar a terra, criou-se um problema com a Companhia de Viação, cujo preposto tinha que andar acompanhado de guarda-costas, para livrar-se de possíveis agressões. Dizem que os lotes foram vendidos por preço muito baixo, bastante facilitado, porque

o lugar não era procurado. Foram comprados pelas pessoas de menor poder aquisitivo, "mas rendeu politicamente".

Terminado o período administrativo 1953-1956, vamos encontrar um quadro sucessório bastante complicado: os dois correligionários "baianos" - o "Baiano" alfaiate e o Soldado - haviam discutido por motivos particulares e o primeiro atirara contra o segundo, atingindo, porém, a perna do irmão deste. A detenção do "Baiano" parecia ter acabado com sua candidatura. O Soldado, então, lançou para seu sucessor um vereador do PTB, no caso, o terceiro vereador do PTB candidato a prefeito, filho de antigo pescador local, que já fora pequeno comerciante e dono de escritório de contabilidade. Indivíduo de boas falas e sorrisos, parecia um bom competidor.

A oposição aparecia agora sob a sigla da UDN, liderada por matogrossense, filho de desbravador do sul de Mato Grosso, radicado atualmente na cidade.

A Folha do Povo, jornal local na ocasião (5) descreve a situação: "Depois do julgamento (do Soldado) a situação parece que mudou um pouco, os dois candidatos do "Baiano" existentes (o "Matogrossense" e o "Filho do Pescador") lançaram-se à campanha com mais ardor. A qualificação de eleitores é a preocupação constante... Existem no município, atualmente, mais de mil e trezentos eleitores qualificados." Mais adiante: "O 'Baiano' foi absolvido, mas o promotor apelou e ele ficará detido, o que vem impossibilitar a sua candidatura pela legenda do PSD. Diante dessa situação, o PSP apoiará o 'Matogrossense'. Segundo informações do candidato da UDN (o mesmo), grande parte do PSP apoiará sua candidatura, o mesmo acontecendo com uma ala do PTB."

Essa breve sucessão de siglas mostra como a filiação partidária não era ideológica, mas pessoal, embora se possa perceber a oposição latente entre proprietários e não proprietários. O aparecimento da sigla UDN deve-se à vinda de matogrossenses pa

.....
(5) - Folha do Povo - Ano I, nº 2 - 26-9-1956.

ra o município, já filiados ao partido no Estado vizinho e que o organizaram no novo local de residência. Significativamente, antes das eleições, um articulista do jornal comentava: "Uma coisa que extranhamos é que nenhum dos candidatos ainda apresentou um programa popular para ser executado após as eleições; nenhum programa surgiu ainda contendo as reivindicações populares." (6)

Nessa ocasião, manobras políticas de diretório deixaram o "Baiano" sem legenda e ele teve que concorrer pelo PRT. PSP e PTB se juntaram para derrotá-lo.

Preso até oito dias antes da data marcada para as eleições, foi recebido na cidade, quando da sua chegada pela Estrada de Ferro, por uma verdadeira multidão, que esperou o trem atrasado até dez horas da noite. Um informante conta que "essa baiana-da, essa ponta de rua, uma mulherada", deitava os meninos no chão, mas não desistia. E que vendo isso, um espanhol, dos pri-meiros a chegar na vila, mas agora já próspero comerciante, per-tencente ao PSP, quando viu aquela gentarada, correu para o dire-tório do PTB e disse: "vamos nos reunir, que essa 'baianada' tem o Padre Cícero nas costas". Mas o "Baiano" foi derrotado por três votos. Dizem que a eleição "foi roubada", que na realidade ele havia ganho por sessenta votos, mas o fato é que a contagem começou antes da chegada do Juiz, que tinha o mau costume de "dormir demais", favorecendo assim a contagem de votos nulos a favor do adversário. As eleições, apesar de tantas articulações de grupos através de siglas, tinha sido decidida, desta vez, dentro do PTB. A pequena burguesia ascendente tinha ficado de lado mais uma vez.

Contam os da época que, no dia da vitória, um tio do eleito dizia em altos brados na porta de sua casa: "Esse sobri-nho acabou comigo, me deixou sem nada." E os eleitores do vito-rioso, então, jogavam bombas e rojões na parede da casa dele, para fazê-lo calar a boca.

.....
(6) - Folha do Povo, nº 12 - 27-3-1959.

A Câmara Municipal incorporava agora dois ex-prefeitos: o Soldado, incluído na classificação de "baiano", acompanhado de seis elementos ligados à Cia. de Navegação da Bacia do Prata; e o dono do açougue que fora prefeito por apenas três meses, durante a segunda legislatura, e que tinha por companheiros mais três comerciantes, todos de pequeno porte. Em termos funcionais, teríamos dois trabalhadores braçais, quatro comerciantes, cinco funcionários ou ex-funcionários da Bacia do Prata, em cargos hierárquicos variados; e um funcionário autárquico, inspetor do IAPM (7), ligado portanto aos marítimos ou "baianos". Contamos entre eles, seis brancos, três caboclos, dois mulatos e um preto. Nessa disposição, a categoria de proprietários estava em visível inferioridade numérica.

A nova prefeitura contava, portanto, com um prefeito do PTB - o Filho do Pescador -, tendo como vice o filho do dono da casa de comércio mais forte dos anos trinta - o que se casara com a filha do seleiro - que foi citada no início como uma das três construções de tijolos existentes na época: ela, a Estação e o quartel abandonado. Em entrevista concedida à imprensa local, no segundo ano de sua gestão, lê-se o seguinte: "Disse ainda S.Excia., relembando as lutas políticas, que se destacavam no primeiro plano as atividades desenvolvidas pelo operariado local e pelo seu partido político, o PTB, que em coligação com outras agremiações, guidou-o ao alto cargo de prefeito." (8)

A década de 50 evidenciou a supremacia do proletariado, numericamente superior, deixando à margem a pequena burguesia - que se formava e que trazia em seu bojo o germe da separação. Significativamente, as comemorações da vitória eram feitas jogando-se fogos uns contra os outros ou atacando-se mutuamente.

Nessa época, aumentava o número de pessoas na cidade e

(7) - Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos.

(8) - A Folha do Povo, nº 12 - 27-3-1959.

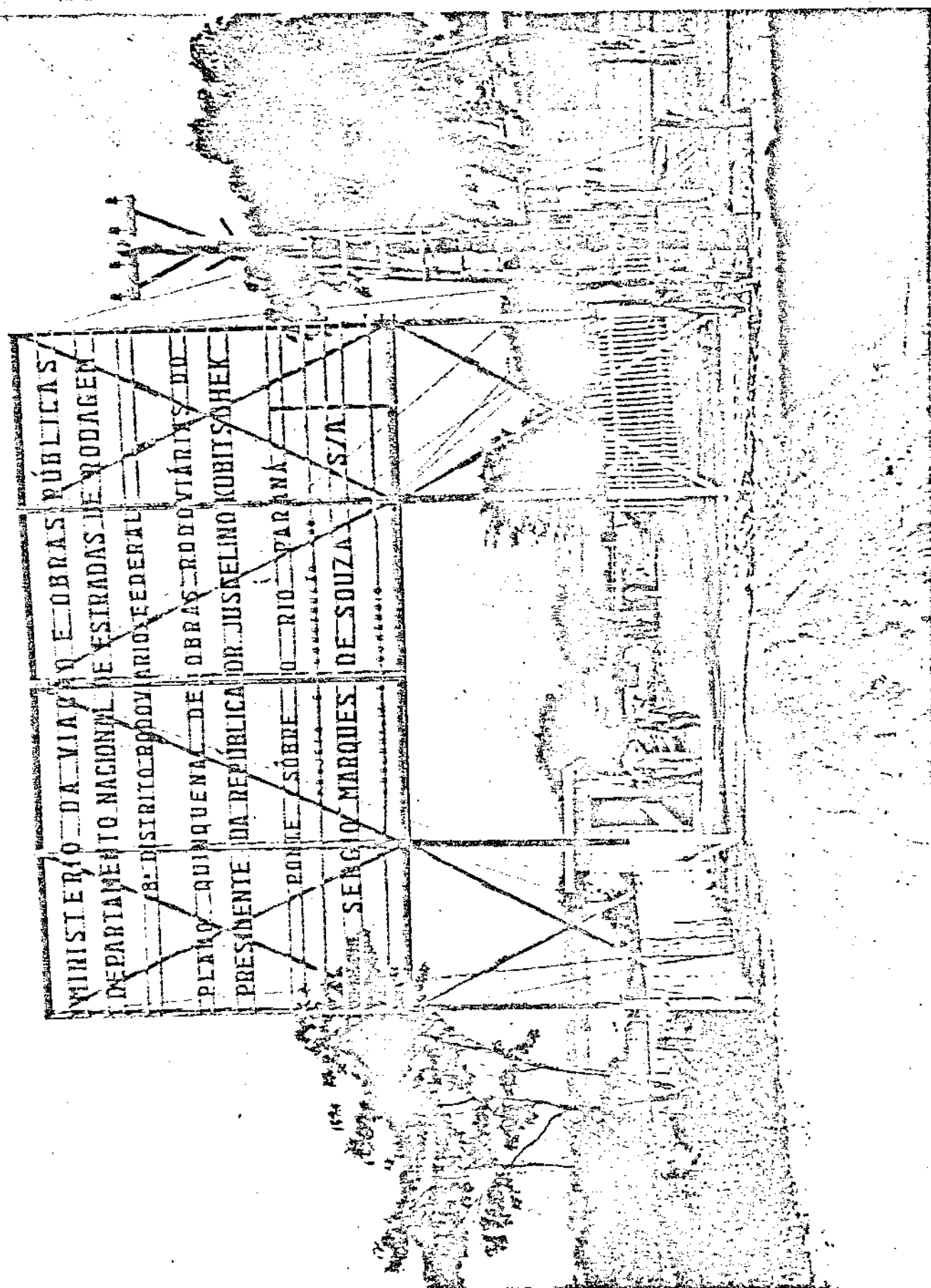
os núcleos populacionais existentes foram desaparecendo à medida em que terminava a exploração da madeira e que o boi tomava o lugar dos homens, nas grandes invernações. Sintomática desse processo é a criação do 2º Grupo Escolar, em 1956, mediante junção das Escolas Mixtas de Presidente Epitácio, Bairro Satélite, Santa Cruzinha e Santa Cruz do Cabral (9).

O aumento do número de escolas traria, necessariamente, um novo contingente humano de pessoal qualificado, visto pela população local como elementos de nível alto, por serem "formados". Essa condição era tão importante que, ainda em 1973, um professor primário chegado entre os primeiros, defendia-se das injúrias de um vereador, nos seguintes termos: "Inicialmente, o sr. Presidente da Câmara ...nega-me, de forma injuriosa, minha qualidade de professor, procurando ultrajar-me sob diversas formas, partindo de falsas premissas, no intuito de levar aos epitacianos uma falsa imagem da minha pessoa. ...sou professor primário, sob todos os títulos, quer queira, quer não...Nos idos de 1951, aqui cheguei, portando um diploma de professor normalista, conseguido galgando degrau por degrau todos os escalões escolares. Além do diploma, uma mala comum de viagem contendo algumas roupas e objetos de uso pessoal." (10)

A década de sessenta começou com um acontecimento há muito esperado pelos habitantes do município: a construção da ponte, uma ponte de 2.550 metros que ligaria São Paulo a Mato Grosso. Durante todo o ano de 1960 foi desenvolvido o trabalho de construção do acampamento, que só ficou pronto no início de 1961. Na cidade reinava grande euforia, principalmente entre os comerciantes, pois a cada dia que passava, maior número de pessoas chegava para fixar residência no lugar.

.....
(9) - Também o Grupo Escolar de Porto Tibiriçá foi produto da junção de escolas - duas escolas mixtas. O primeiro Grupo Escolar já existia desde 1945.

(10) -Gazeta Epitaciana. Resposta à 'Carta Aberta' do Presidente da Câmara Municipal, pág. 5, ano I, nº 6 - 27-3-1973.



Primeira placa do Canteiro de Obras.

Esse ano, no entanto, não transcorreu apenas na expectativa de progresso, com a chegada dos profissionais liberais e operários, que vinham para a construção da Ponte, e do dinheiro que necessariamente deveria entrar no município; mas despontou - como um ano político.

Era tempo de iniciar as negociações dos partidos em nível de diretório, para determinar quem sairia para competir nas eleições que se deveriam realizar a 7 de março de 1961.

Nessa época, ainda vigorava um calendário eleitoral diferente para os chamados "municípios novos", criados pela lei de 1948: as eleições se realizavam a 7 de março e a posse a 14, isto é, sete dias depois. Somente em 1968 foi unificado o calendário eleitoral, realizando-se as eleições a 15 de novembro e dando-se a posse a 31 de janeiro, no ano seguinte.

De modo geral, a cidade se encontrava dividida entre quatro partidos: o PTB, cuja força se concentrava na população - de Porto Tibiriçá, funcionários da Bacia e Beneficiários do IAPM; o PSD, que congregava os comerciantes e proprietários locais; o PSP, constituído de fiéis e antigos ademaristas; e a UDN, que se formara a partir de um coletor de impostos e proprietário de terras no Mato Grosso, que se radicara na cidade e que, em seu Estado, já pertencia ao mesmo.

As alternativas, em termos de candidatos que se apresentavam à população, reduziam-se aos dois líderes da década passada: o primeiro, com fama de intratável, incapaz de diálogo, despreparado para as novas necessidades do município; o segundo, com fama de corrupto e violento, pois suas contas não tinham sido aprovadas, pesando sobre ele suspeita de peculato.

O último prefeito não tinha condições de indicar candidato, porque, embora no seu governo se tivessem realizado os primeiros melhoramentos urbanos de grande envergadura, através de contatos políticos para conseguir verbas para o município, durante a sua gestão levantou a desconfiança do povo a respeito do destino dado às verbas, devido à sua fama de jogador e, já no fim

do seu mandato, majorou os impostos, o que desagradou à população. Surgiram, portanto, nessa época, as primeiras articulações dos moradores da cidade, numa tentativa de retirar o poder das mãos da "baianada". Assim, logo no começo do ano, foi expedido um convite para as pessoas mais "representativas da cidade", com o seguinte teor:

Presidente Epitácio, 31 de dezembro de 1959.

Prezado Senhor.

Com o exclusivo propósito de promover benefícios em favor do nosso município, a Comissão que assina o presente, despida de cor política e partidária, convida V.S. ou representante credenciado, a comparecer no dia 4, às 20 horas, em o salão da Associação Atlética Epitaciana, quando será levado ao conhecimento de V.S. assunto de magno interesse coletivo, causa do presente convite.

Contando com o comparecimento certo, indispensável e necessário de V.S., somos, atenciosamente

(Assinavam o coletor federal, o proprietário do segundo posto de gasolina da cidade, o dono da escola de datilografia e o coletor estadual e proprietário de terras em Mato Grosso)(11)

Tal reunião, para satisfação de alguns e espanto de outros, era para lançar a candidatura do dono da loja de artigos finos e de cerâmica, casado com a filha do proprietário de terras em Mato Grosso. Não é por pura coincidência que seu nome vinha acompanhado com a sigla da UDN.

Os moradores mais novos, desde os professores da década passada, os funcionários públicos ou de firmas particulares, como também os recém-chegados profissionais liberais, viam na nova candidatura uma esperança de transformar os padrões rústicos da cidade em um ambiente agradável, que apresentasse alguma seme

.....
(11) - "Panorama Político" in Folha do Povo, Ano III, nº 45, 1-1-1961.

lhança com as cidades mais antigas de onde vinham e que lhes oferecesse as oportunidades de sucesso a que aspiravam.

Aparecera, pois, a oportunidade da UDN engrossar suas fileiras. Desde as eleições anteriores, o partido tentava lançar candidatura, sem o conseguir. A alteração da composição social da cidade fornecia-lhe agora essa oportunidade.

Os moradores mais recentes, tentando ingressar nos partidos locais, haviam encontrado dificuldade para se situar, já que deviam se subordinar aos líderes antigos, geralmente de menor grau de instrução e com aspirações bastante diferentes.

Por esse motivo e devido à facilidade de proliferação dos partidos políticos, surgiram, sob a influência do Governador do Estado em exercício (12), dois novos partidos, o PDC e o PTN, sendo que sob a sigla do primeiro acolheram-se principalmente os professores e, do segundo, os elementos de idéias menos conservadoras, como o engenheiro do DNER, cujo acampamento se instalara ao lado da ponte, para exercer sua fiscalização; o delegado do IAPM, o Presidente da Federação dos Marítimos e outros, de bastante penetração popular. Reunidos todos em torno do candidato da UDN, desenvolveram-se as conversações preliminares, envolvendo a decisão sobre que pessoas ocupariam determinados cargos, bem como promessas de diversos tipos, desde a abertura de estradas e extensão de rede elétrica em trechos de interesse do correligionário, até a determinação do número de vereadores que cada partido lançaria. Não houve, porém, entendimento. O candidato se mostrou inábil em contornar situações e desagradou a muitos. Durante o desenrolar dos entendimentos, a vitória do comerciante era tida como certa. Com a saída do grupo dissidente, o PTN, o panorama político viu-se alterado. O grupo dissidente, porém, não tinha ainda condições de lançar um candidato próprio. Era preciso apoiar um dos dois candidatos restantes.

Apresentavam-se, portanto, ao eleitorado, o comerciante.....
(12) - Governador Carlos Alberto de Carvalho Pinto.

te - candidato da UDN -, apoiado pelo PDC; os dois ex-prefeitos anteriores: o "Baiano", com fama de honesto e bruto, apoiado por uma ala do PTB e pelo PTN; e o segundo ex-prefeito, o Soldado, grileiro de terras, cujas contas deixavam dúvidas, ameaçado de punição por peculato. Vinha apoiado pela outra ala do PTB e - pelo PSD.

O delegado do IAPM, dentista da entidade e professor do Ginásio, pessoa benquista e de grande popularidade, encabeçou a campanha do "Baiano". Suas qualidades de honestidade foram devidamente exploradas na campanha (13), enquanto se imputavam todos os crimes ao seu adversário. As palavras dos oradores nos comícios eram manipuladas com êxito pelos adversários, principalmente pelos elementos do PTN, devido à sua influência nas camadas mais baixas da população e, de modo especial, sobre os marítimos. Dessa forma, correu o boato de que os "cartolas" haviam dito que a "baianada veio de alpargatas da Bahia". O boato se alastrou como labareda e englobou sob o estigma de "cartola" tanto os partidários do comerciante da UDN como os do Soldado, apoiado pelos antigos proprietários locais, já agora bem situados economicamente e ligados por casamento e outros laços a profissionais liberais e funcionários categorizados.

A vitória sorriu mais uma vez ao primeiro líder da "baianada", o alfaiate do Tibiriçá, já agora mais velho, menos sociável, desfasado no tempo para as novas necessidades que se apresentavam. No dia em que foi proclamado o resultado, o vencedor teve medo de sair à rua. OS costumes locais registravam ataques a bombas e rojões, quando a facção vencedora bombardeava os vencidos. A vitória tinha sido ainda de um "baiano", mas, embora a diferença de votos já se apresentasse maior do que antes, não se rompera o equilíbrio entre eles, pois o adversário, o Soldado, ...

(13) - Desenvolvia-se, no Brasil, uma grande "ação saneadora" desde alguns anos atrás, com a presença do vereador, deputado, governador e presidente Jânio Quadros, grande figura de óculos empunhando uma vassoura moralizadora.

tinha conseguido número de votos aproximado ao das últimas eleições. As comemorações eram, pois, representativas dessa situação e delas não participavam os recém-chegados. Contam estes que, durante as comemorações, houve "tiroteio e pancadaria".

Logo depois da posse, foi organizado um churrasco na chácara de um vereador. Durante o churrasco, os correligionários da nova geração mostravam-se entusiasmados e um deles, o engenheiro do DNER, sugeriu que se fizesse um programa conjunto de administração. Para surpresa sua e de muitos, ouviu do "Baiano" que o prefeito era ele e que a ele cabia decidir. A consequência desse fato foi a retração do PTN, elegendo para a presidência da Câmara de Vereadores um novo inimigo do prefeito.

A Câmara Municipal contou, nessa gestão, com um comerciante do Campinal, preto, inaugurando a participação política do bairro que, até agora, fora inexpressivo, política e economicamente, ligado que estava à sede anterior; uma professora primária, casada com um médico, branca; o inspetor do IAPM, branco; o delegado do IAPM, dentista, branco; um funcionário da Bacia, mulato; o Presidente da Federação dos Marítimos, branco; o dono de escritório de contabilidade, ex-funcionário da Bacia, branco; o dono do segundo posto de gasolina da cidade, ex-gerente de serraria, branco; um proprietário de casa de jogo e explorador de lenocínio, preto; um funcionário da Bacia, branco; um professor primário, branco. Verifica-se, portanto, em relação à Câmara anterior, um 'branqueamento', visto que estavam presentes apenas dois pretos e um mulato; a introdução de uma mulher no quadro de vereadores; a presença dos primeiros professores. Nesta Câmara pode-se notar a ausência dos pequenos comerciantes locais e a presença de profissionais liberais chegados na década anterior. A maioria da Câmara estava em mãos do PTN, vindo em segundo lugar o PTB e finalmente o PDC. Por conseguinte, subjacentes a essa composição, apresentavam-se ainda os eleitores da Bacia como o contingente mais expressivo.

Empossado o prefeito, começaram os entendimentos da Com

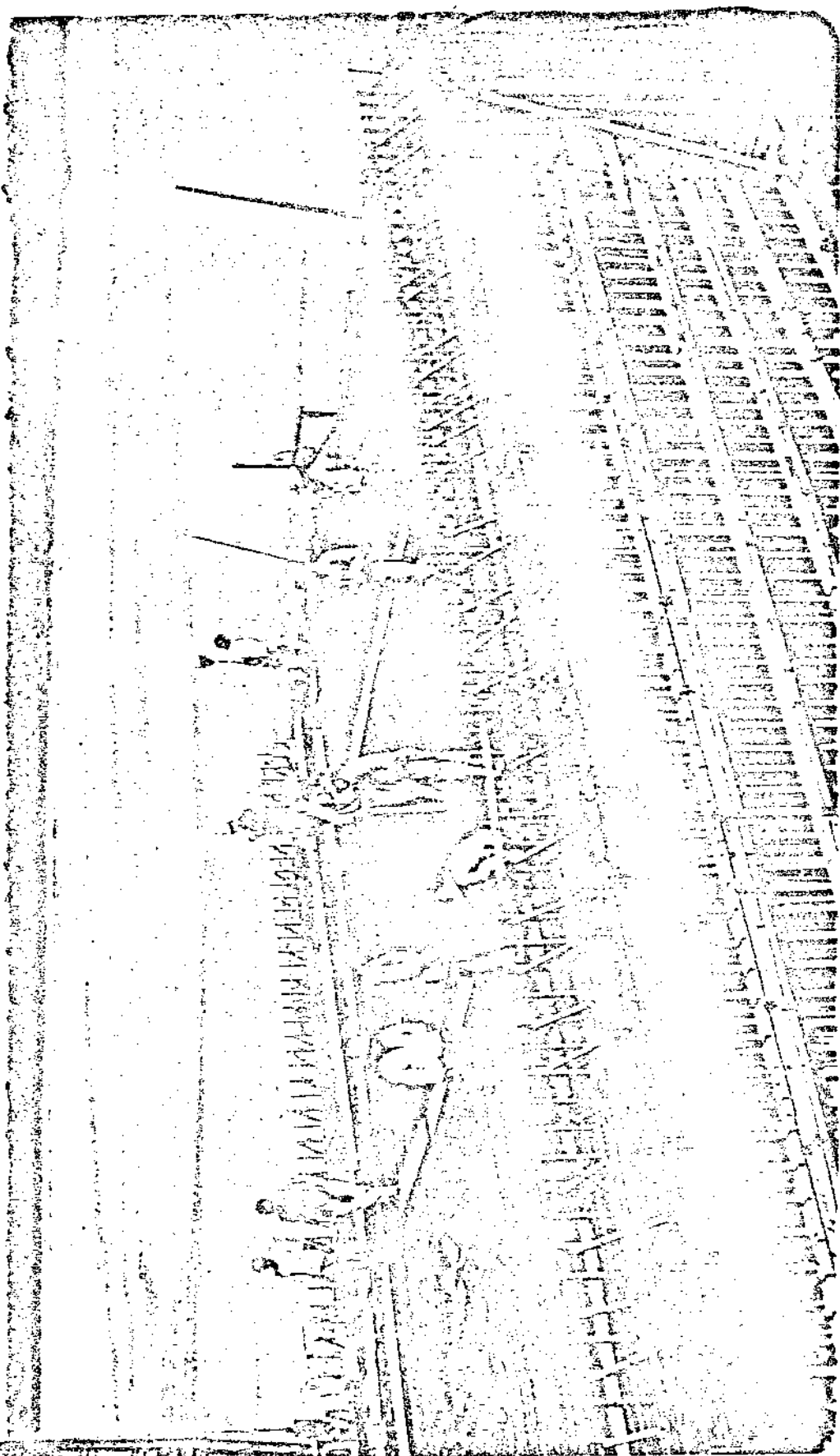
panhia construtora da Ponte com a Prefeitura, para resolver problemas práticos da obra. O primeiro problema surgido foi o da condução dos operários residentes na cidade, para a obra - distante cinco quilômetros. Já havia um ônibus que fazia o percurso cidade-Porto Tibiriçá, transportando os professores do Grupo Escolar e os moradores do bairro. O engenheiro encarregado, portanto, foi solicitar que tal linha fosse estendida por mais alguns quilômetros, até o local da ponte. O "Baiano" porém demorou para tomar as providências e a chefia da obra resolveu contratar um terceiro para o transporte dos operários. Ofendido, o Baiano foi à Delegacia e pediu a apreensão do veículo. Consultado um advogado, que fazia parte do grupo que apoiara o prefeito e que com ele se indispusera no churrasco, informou não haver lei proibindo a circulação do novo ônibus. Estando o delegado impedido de agir, o Prefeito enviou uma lei à Câmara, regulamentando a matéria, com a finalidade de impedir a circulação do veículo, mas um de seus novos inimigos coordenou a votação e a lei não passou.

Depois desse incidente, o Prefeito ficou algum tempo sem contato. Mais tarde, porém, por intermédio de um comerciante - que já começara a fornecer mercadorias para a firma construtora e vira as possibilidades que poderiam advir de melhoria para a cidade, através de grande quantidade de maquinaria e mão-de-obra existente na construção da ponte -, foi feita a aproximação do Prefeito com o engenheiro chefe, por meio de uma visita do Prefeito à Ponte, aproveitando a ocasião para pedir que a firma consertasse as ruas da cidade.

Obra com prazo previsto para dois anos, a Ponte teve seu cronograma atrasado por imposição dos acontecimentos políticos que se desenvolveram depois da renúncia do Presidente Jânio Quadros, ocasionando várias interrupções nas funções administrativas do Governo (14).

Foram duas as principais repercussões locais: a primei

.....
(14) - Para esclarecimentos, verificar Skidmore, Thomas: De Getúlio Vargas à Castelo Branco.



Operários trabalhando na Ponte.

ra se referia à retirada da placa com o nome do Presidente da República que saía, e à colocação de outra com o nome do que tomava posse; e a segunda, era a suspensão das verbas destinadas à construção, até posterior reorganização das atividades governamentais. Essa falta de verba acarretava um atraso no pagamento dos fornecedores e operários. Estes algumas vezes se revoltavam e, uma vez, tentaram apedrejar o escritório. Mas em geral se conformavam em continuar trabalhando, comendo no almoço apenas uma porção de farinha de mandioca. Contudo, a obra não podia parar. A firma empreiteira tinha interesse no seu prosseguimento e lançava mão de outros recursos. O problema do abastecimento do restaurante dos operários era contornado através de entendimentos particulares entre os engenheiros da obra e os comerciantes locais. Mas no refeitório só comiam os solteiros. Quando a situação se tornava crítica, já os casados e suas famílias residentes na cidade ficavam sem ter o que comer. Lançava-se mão de vales, que a firma fornecia para retirada de mantimentos em alguns armazéns da cidade. Embora houvesse quatro engenheiros na obra, apenas um fazia o trabalho de relações públicas, que envolvia desde providenciar alimentação para os operários, entendendo-se com os comerciantes da praça, até entrar em entendimentos com autoridades locais e regionais. Essas atividades divulgaram a figura do engenheiro diante da população local, que a ele passou a atribuir todos os atos da administração da obra.

O ano de 1963 contou com três acontecimentos importantes: o primeiro foi a abertura de um processo contra os dois ex-prefeitos anteriores, o Soldado e o Filho do Pescador, acusando-os de peculato. Foi distribuído pela cidade um folheto com os retratos dos mesmos e os seguintes dizeres:

DELEGACIA DE POLÍCIA DE PRESIDENTE EPITÁCIO
SOLICITA CAPTURA DE AMBOS.

(retrato)

(retrato)

O MM. Juiz da Comarca de Presidente Wenceslau, dr. ... decretou a prisão preventiva de e de por crime de peculato.

A Polícia de Presidente Epitácio e do Estado de São Paulo estão interessadas na captura dos mesmos, cuja fotografia s e vê acima.

Presidente Epitácio, 22 de março de 1963.

Del. _____

- Delegado de Polícia -

O processo contribuía assim para afastar as pretensões políticas dos dois ex-líderes trabalhistas, deixando na competição apenas o prefeito em exercício, isolado no seu reduto executivo, tolhido por uma Câmara inoperante e adversária, cultivando um ostracismo social ao qual o condenavam a sua instrução e sua origem.

O segundo fato caiu-lhe sobre os ombros com o opróbrio da população local: o município perdia grande parte do seu território para o município vizinho de Teodoro Sampaio, depois de um plebiscito em que a população interessada na cisão decidia a que município queria pertencer. A grande extensão da área do município, até então o maior do Estado de São Paulo, prejudicava a distribuição de uma infra-estrutura adequada ao município como um todo, e os recursos, bastante escassos, concentravam-se na sede. Prejudicados em seus interesses comerciais e em suas necessidades de recursos mais elementares, a população optou pela sede mais próxima. A área do município ficou reduzida a pouco mais de 1.000 km², tendo o jornal local publicado mais tarde as novas divisas, com o comentário: "Pelo visto, ganhamos novas fronteiras mas perdemos muito terreno." (15)

O terceiro acontecimento foi a instalação da Comarca, que se deu a 20 de dezembro de 1963, no novo prédio do Fórum, - construído na Avenida principal, e que dava ao município condi -
(15) - "Edital" in A Vigilância, Ano IV, nº 103. 19-7-1964.

ções de decidir suas próprias pendências e punir seus criminosos.

Nessa época, crescia a pressão da opinião pública sobre os poderes municipais, reclamando da deficiência dos recursos urbanos. Essa pressão estava estreitamente relacionada com a existência de um contingente populacional já relativamente numeroso, de pessoas provenientes de centros mais desenvolvidos, cujos interesses exigiam uma infraestrutura mais adequada ao seu desenvolvimento. O jornal local dizia: "Presidente Epitácio já exige mais do que lhe é dado atualmente. É preciso que o povo sinta os seus problemas e saiba que eles têm solução, nem sempre tão difícil como parece. Para conseguir tudo isso, é preciso apenas uma coisa: que os representantes do povo trabalhem." (16)

Porém, o trabalho somente não bastava. Um articulista analisava nos seguintes termos uma pretensão do sr. Prestes Maia, então prefeito da Capital: "É sabido que o Estado arrecada, na Capital, mais de 60% do imposto de Vendas e Consignações que é pago em todo o Estado. Coisa de mais de trezentos bilhões de cruzeiros. (...) A regra legal, pois, é esta: 'realizada a operação de compra e venda no interior, aqui é devido o imposto'. Na prática, porém, tal não ocorre. A Secretaria da Fazenda, usando um critério esdrúxulo e subreptício aos interesses dos municípios, recebe na Capital o imposto que deveria ser pago no interior. Nesse fato, alguém é lesado em 30% do excesso de arrecadação. Obviamente, o município onde a riqueza é gerada. Ora, os municípios de Presidente Epitácio, Caiuá, Marabá Paulista e tantos outros, essencialmente ligados à pecuária, apresentam uma arrecadação estadual desprimorosa em decorrência do que apontamos. Aqui são criados e engordados bois e vendidos aos marchantes da Capital. Milhares de rês são embarcadas, anualmente, e os municípios citados nenhum proveito financeiro obtêm disso. O porque está no fato do Estado arrecadar o imposto na Capital. Segue-se que, alte

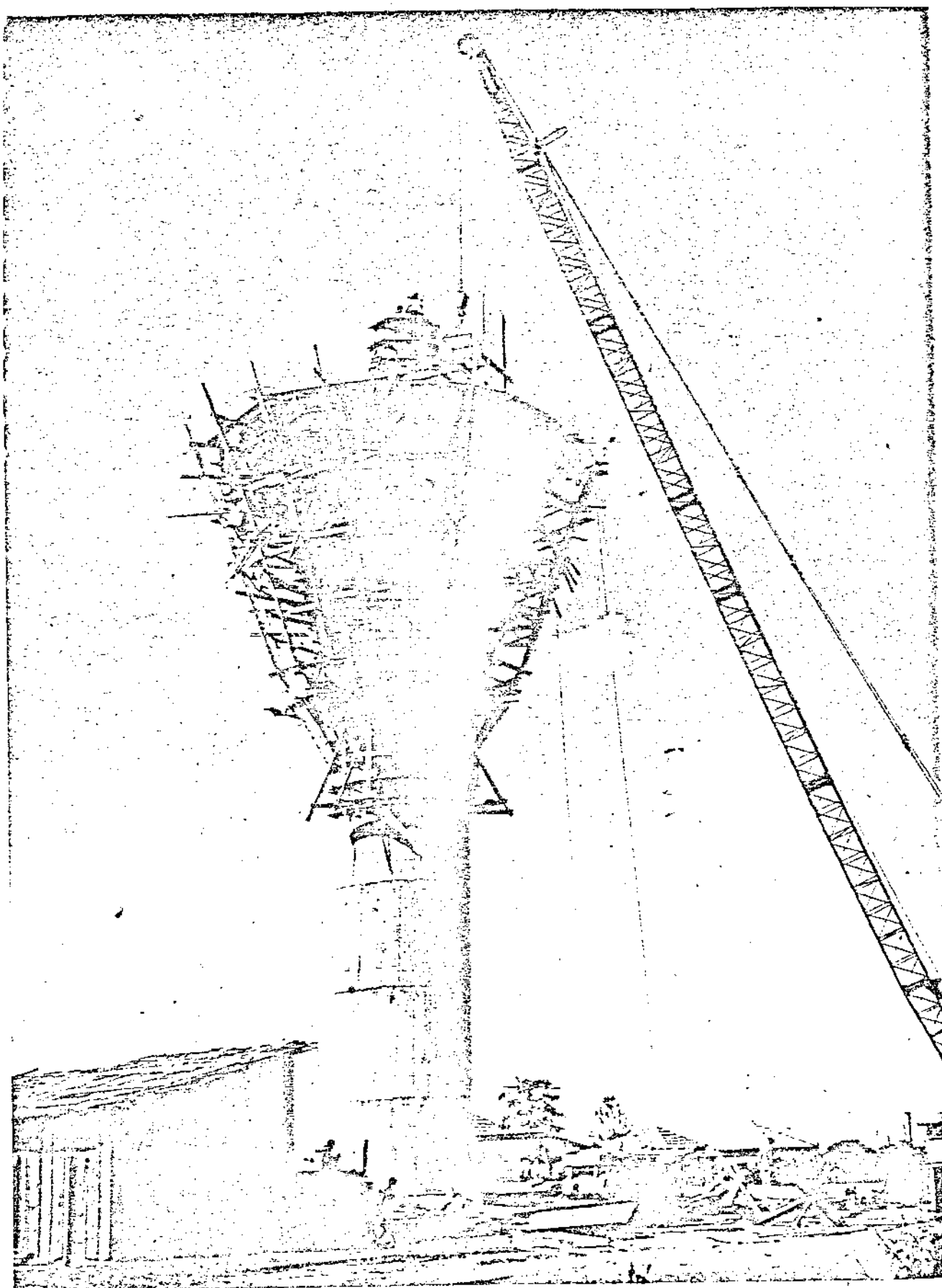
.....
(16) - "Os moradores da Vila do Gerônimo reclamam melhoramentos para o seu bairro", in A Vigilância, nº 98 - Ano IV - 14-6-1964.

rado o artigo 20 da Constituição Federal, nos termos propugnados pela Prefeitura paulistana, a continuar a forma da arrecadação na venda de gado, evidentemente irá o executivo paulistano locupletar-se à custa do interior. E este que, até agora, não conseguiu do Estado um tratamento honesto na distribuição do tributo criado e gerado no interior, certamente verá fugir suas últimas esperanças de recuperação financeira, cujos alicerces não repousam mais na riqueza do município." (17) Tal confronto esclarece a pobreza do município, incapaz de fazer frente às necessidades de sua sede, quanto mais à de seus bairros, como o de Rosana, que fora perdido por ocasião da cisão e o do Campinal, ainda não integrado, por culpa de rodovia deficiente e intransitável em certas épocas do ano.

Apesar de muitas reclamações dirigidas à administração pública, tinha-se notícia de alguns fatos considerados positivos, como a construção da Caixa D'água. Construção realizada pela mesma firma construtora da Ponte, foi recebida pela população como um grande melhoramento e comemorado o término da concretagem com uma chopada oferecida aos operários, acompanhada, como de costume, por bombas e rojões. Era visível também o adiantamento das obras do novo cais, igualmente construído pela empreiteira da Ponte que, tendo os equipamentos no local, pudera concorrer em melhores condições de preço. Essas duas obras, sendo feitas pela mesma firma empreiteira da Ponte, eram uma decorrência da influência da Ponte na vida da cidade, trazendo para dentro dela suas máquinas, seus homens e sua ação transformadora, principalmente no que diz respeito às ruas que deveriam ser conservadas para que os caminhões betoneiras chegassem com o concreto em boas condições nas obras do cais.

Assistia-se ao fim de um mandato marcado pelo desentendimento entre o Prefeito e a Câmara Municipal. Saíam desmoralizados um e outro. O primeiro, responsabilizado pelas condições precárias do Município, tanto no que era de sua incumbência, como

.....
 (17) - "O interior na volta de fora", in A Vigilância, Ano IV, nº 100 - 28-6-1964.



Caixa d'Água em construção.

no que não era. Muitos se levantavam contra a sua permanência e a grande preocupação do ano eleitoral foi a prorrogação ou não dos mandatos, que vinha sendo discutida a nível nacional. O desespero, o medo da prorrogação do mandato do prefeito em exercício sugeria medidas drásticas: "De duas uma, ou nós o engolimos assim mesmo, até o final do mandato, pois até agora ninguém conseguiu modificá-lo, ou então a Câmara toma o único caminho... de declará-lo impedido." (18)

Em resposta à sugestão, vinha um apoio radical na sessão Opinião do Leitor:

" Eu nasci e fui criado no sertão, num ambiente onde os homens, para viverem com honra e dignidade, tinham que se dispor a todas as adversidades; ninguém usava luvas de pelica quando precisava resolver um assunto qualquer ou dizer uma verdade; era ali no duro, doesse a quem doesse, tudo às claras; nada de subterfúgios, nada de indiretas. (...)...se fosse eu o articulista, eu diria assim: - Srs. Vereadores, o que é que os senhores estão esperando? Decretem de uma vez, por unanimidade, o impedimento da múmia que está aí, fantasiada de prefeito, envergonhando toda a coletividade. (...) Eia, senhores Vereadores, com ou sem ato institucional, seja lá como for, ponham o homem no olho da rua. E já vai muitíssimo tarde. Ass. Patrício epitaciano de além rio Paraná." (19)

O mesmo missivista reclamava em outra carta:

"Os prefeitos que temos tido, notadamente o atual, têm sido absolutos, ditatoriais, não dão a mínima satisfação ao povo; são contratados serviços e obras de vulto, são vendidos e adquiridos veículos, como se tudo fosse propriedade particular do prefeito. É o regime do quero, posso e mando, e o que mais revolta o povo é a indiferença com que a Câmara de Vereadores assiste a todos os desmandos... O município não tem estradas, a cidade não tem ruas, não temos esgoto, não cuidamos da arborização, bairros inteiros sem água e sem luz.(...) Em compensação, o Prefeito contratou por milhões de cruzeiros, ninguém sabe ao certo... a remodelação do jardim público e uma célebre e celebrada fonte luminosa e cantante, escarnecendo da população (!!) Ao povo romano, circo. Ao povo epitaciano, fonte luminosa! Imagine, senhor diretor, se a prorrogação de mandatos prevalecer no âmbito municipal, temos que aturar, por mais um ano, tanta incapacidade, tanta omissão..." (20)

-
- (18) - "Perfeito", in A Vigilância, Ano IV, nº 111 - 23-9-1964.
- (19) - "Opinião do Leitor" in A Vigilância, Ano IV, nº 112. 20 - 9 - 1964.
- (20) - "Opinião do Leitor" in A Vigilância, Ano IV, nº 107. 16 - 8 - 1964.

A Câmara suportava também críticas violentas e frequentes: "A Câmara de Vereadores foi morrendo aos poucos durante estes anos e agoniza, agora, irremediavelmente. Nada mais se espera dos que hoje nos governam." (21)

Em setembro, mais próximas as eleições, começou a Câmara a movimentar-se. Numa tentativa de se inocentar, responsabilizando o Prefeito, a Câmara solicitou o seu comparecimento. "Não para ridicularizá-lo, mas para estreitar os laços entre Prefeitura e Câmara." O requerimento era o seguinte:

"Sr. presidente:

Requeiro à Mesa, depois de ouvido o colendo plenário - desta augusta Casa e dispensadas as formalidades regimentais, na forma do Artigo 47º e seu Parágrafo Único, combinado com o Item IX do Art. 58º da Lei Orgânica dos Municípios, seja convocado o senhor Prefeito Municipal de Presidente Epitácio a comparecer a esta Casa no prazo previsto em lei, a fim de prestar esclarecimentos de ordem administrativa sobre os tópicos abaixo enumerados: ..."

Os tópicos enumerados referiam-se à construção de passeios públicos, concorrência para venda de veículos velhos e irrecuperáveis, criação de uma Comissão Municipal de Abastecimento e Preços, desapropriação de terreno para construção do edifício de Correios e Telégrafos, não recebimento da verba doada pelo Governo Estadual para obras complementares do matadouro municipal, extensão da rede elétrica às vilas, sargeteamento, cumprimento da lei a respeito de animais vadios, reformas no Estádio Municipal. Terminava assim:

"Justificativa: - Os poderes Legislativo e Executivo precisam agir sempre em função um do outro. Precisam irmanarem-se e apresentar um trabalho de comum acordo para o bem do município. Esse intercâmbio de idéias poderá gerar sugestões proveitosas. Não apresentei o presente Requerimento com a finalidade de ridicularizar o senhor Prefeito Municipal. Longe disso. A minha intenção é, como representante do povo, estreitar os elos que ligam Prefeitura e Câmara para que os trabalhos administrativos adquiram caráter mais sadio." (22).

.....
(21) - A Vigilância, Ano IV, nº 105. 2-8-1964.

(22) - A Vigilância, Ano IV, nº 110. 6-9-1964.

Em outubro, porém, um grande título dava conta dos desdobramentos do caso:

"Contestação às respostas 'esfarrapadas' do senhor Pre-
feito. - QUE JULGUE O POVO - Sem ser afeito a polêmica esté-
ril e inconsequente, cumpre-me, nesta oportunidade, por um im-
perativo de consciência e no zelo pelas coisas públicas de Pre-
sidente Epitácio, contestar as respostas dadas aos quesitos
por mim formulados, objeto da convocação do Chefe do Executi-
vo Municipal e publicadas neste jornal sob o título 'O Prefei-
to Responde', na edição de 27 de setembro p.p. Observa-se, nas
respostas do Sr. Prefeito, uma fórmula evasiva e imprecisa
de não dizer, absolutamente, nada. Detendo-se, porém, mais a-
tentamente em alguns dos itens respondidos, verifica-se clara-
mente a preocupação do Sr. Prefeito em faltar com a verdade .
Nas astúcias de respostas mal urdidas, mais uma vez tenta lu-
dibriar demagogicamente a boa fé dos munícipes epitacianos .
Desta vez falhou o dispositivo da mentira. Já se disse: 'Enga-
na-se o povo por certo tempo, engana-se por muito tempo, mas
não se engana por todo o tempo.' E não será Sua Senhoria que
irá burlar, a já agora, constante vigilância da gente epitacia-
na. Todos sabem, pormenorizadamente, da trama urdida nos bas-
tidores por Sua Senhoria o sr. Prefeito Municipal, para que
não desse número legal na sessão a que fora convocado para
prestar esclarecimentos de ordem administrativa. Muitos viram
o sr. Prefeito confabulando com determinado vereador no recin-
to da Câmara para, logo após, o dito vereador desaparecer mis-
teriosamente. É também do conhecimento público, que um dos -
veículos da municipalidade dirigiu-se ao Bairro do Campinal
levando mensagem a outro vereador para que não comparecesse à
propalada reunião de 21 de setembro, pois a mesma não se rea-
lizaria. É que a citada reunião não poderia realizar-se; esta-
va em jogo a suposta dignidade do sr. Prefeito. Posteriormente,
as respostas infundadas, vagas e imprecisas divulgadas
por este mesmo jornal. Bem mais fácil, imaginou Sua Senhoria.
Não haveria réplica nem contestações. Era uma fórmula, sem dú-
vida, de se evitar no 'cara a cara' os vexames das respostas
mentirosas. (...) O Prefeito Municipal não explicou porque
o cidadão... (o próprio) vem acintosamente desrespeitando a
mesma lei, pois que até hoje não construiu o passeio público
defronte sua residência. (...) O Prefeito tentou realmente -
vender um caminhão da municipalidade a um seu servidor, burlan-
do frontalmente a lei de concorrência pública... (...) Seria -
mais coerente o Chefe do Executivo Municipal dizer que não se
interessa pelo descalabro verificado nos preços reinantes no
comércio de Presidente Epitácio... (...) Desculpou-se muito es-
farrapadamente. O Sr. Prefeito, no caso da ação expropriatória
do terreno destinado aos Correios e Telégrafos. (...) respon-
sabilizando o Ato Institucional pela paralização do referido -
processo... (...) O sr. Prefeito, simplesmente, acho que o muni-
cípio não necessita de dinheiro doado pelo Governo Estadual e
não foi buscá-lo. Certamente concluiu sermos financeiramente -

auto-suficientes. (...) Não será medo dos Campos Elíseos? (...) ...o sr. Alcaide...teve a desfaçatez de estender a rede elétrica em vilas quase despovoadas...(...)...confessa o sr. Prefeito ter cometido mais uma das suas costumeiras arbitrariedades administrativas. Desde quando prestar contas do dinheiro do povo ao próprio povo é meramente um ato secundário e sem importância alguma? (...) O assentamento de guias e sarjetas não vem obedecendo planificação alguma. A distribuição das lajes é feita arbitrariamente obedecendo apenas ao destino caprichoso do nosso Alcaide. (...)...um plano de obras ou um proteccionismo? (...)Se o Estádio Municipal necessita de reparos de maior vulto, já é tempo. Sr. Prefeito de se tomar providências. Lembre-se de que o seu cargo não é vitalício.(...)

NOTA: Muitos haverão de perguntar isso: - Mas o ...,companheiro de jornadas políticas do Prefeito, seu defensor incansável e intransigente na Câmara Municipal, volta-se agora contra ele?

JUSTIFICATIVA: - É preciso, porém, compreender que, na coleta dos prós e contras é que extraí o nectar de minha posição como homem público. Sendo político, sou muito mais idealista, prático e objetivo. (...) Não me importa o homem, o cidadão: a causa administrativa epítaciana está em primeiro plano, porque para ela convergem os interesses de toda uma coletividade que já principia a perder a fé nos homens públicos que a representam. ...nem admitirei ingerências negativas e nocivas na minha forma idealista de trabalho, porque antes de ser político sou muito mais epítaciano..." (23)

Nesse meio tempo, desfalcava-se o contingente petebista da Câmara. Em agosto, três vereadores pediam licença, em outubro dois deles renunciavam, justamente o ex-presidente do IAFM, dentista e professor do Ginásio, cuja grande penetração popular lhe permitira articular e ganhar a campanha do último prefeito. E o agente do Instituto, que também tinha muita força política.

O dentista era o candidato natural às próximas eleições. Mas os acontecimentos que se sucederam à Revolução de 1964 cortaram-lhe a possibilidade: um desafeto seu, antigo morador na cidade, voltava para acusá-lo de subversão.

Outras pessoas tiveram sorte parecida, na sua totalidade de pessoas que tinham grande possibilidade de comunicação com a camada mais baixa da população, em especial, a categoria dos ma-

.....
(23) - "Contestação às respostas 'esfarrapadas' do senhor Prefeito" in A Vigilância, Ano IV, nº 116. 18-10-1965.

rítimos. Assim, foi demitido das suas funções a bem do serviço público, o Coletor Federal, acusado de corrupção, sendo mais tarde reintegrado com todas as vantagens. Também o escrivão da Coletoria Federal, acusado de arregimentar lavradores para fundar o Sindicato Rural. Tal fato foi interpretado na cidade como artimanha política do Coletor, adversário político do escrivão, e que ainda não tinha sido atingido. Ele assim se explicou:

"A demissão do escrivão... deveu-se a ideologia política apurada... e inquérito administrativo, coisa que todo o povo epítaciano sabe." (24)

Em dezembro, o jornal publicava resposta a um artigo recebido do correspondente local, publicado no Jornal Marítimo, editado no Rio de Janeiro, com o título de "Perseguições injustificadas em Presidente Epitácio - SP.

"O antigo dirigente sindical ..., ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Transportes Fluviais, desta cidade, autêntico 'leader' democrático, um dos maiores lutadores que o sindicalismo livre teve em Presidente Epitácio, está sendo vítima de perseguições e de vindicatas absolutamente infundadas. Tendo combatido a demagogia de Jango e se oposto à livre circulação de elementos comunistas e comunizantes, durante o período negro que a Revolução Democrática derrubou em 31 de março, deveria o sr. ... merecer os encômios dos atuais dirigentes do país. Mas está sendo o contrário, pois existem elementos ligados ao antigo governo que intrigam os democratas com as autoridades e estas acreditam nas infâmias. Os fluviários desta cidade estão espantados com esta situação, pois o popular (...) dirigente sindical ... é muito querido aqui." (25)

A resposta veio assinada pelo Interventor do Sindicato dos Marítimos, nos seguintes termos:

"D.D. Diretor do Jornal Marítimo:

Ao ler o jornal datado de 13-11-64, fiquei estupefato com a nota na última página, onde diz: Perseguições injustificadas em Presidente Epitácio. Desejaria que esse conceituado jornal enviasse a Presidente Epitácio um repórter para se inteirar dos fatos. Fazer uma investigação das atividades do popular (...), desde o soldado raso, até o Padre da Freguesia. Depois fosse ao 5º Distrito Naval, para ver o IPM realizado -

.....
(24) - "Opinião do Leitor" in A Vigilância, Ano IV, nº 107.
16-8-1964.

(25) - "Coisas que a revolução permite" in A Vigilância, Ano IV, nº 124. 13-12-1964.

pelo comandante Miranda; chegasse a Corumbá, para ver o IPM feito pelo Major Luiz Cavalcante Aranda, isto tudo sem contar os processos que estão correndo no DOPS, na Delegacia de Polícia e no Fórum da cidade, por crimes de peculato, apropriação indébita e malversação dos dinheiros do sindicato. ...o popular (...) está sendo chamado a Corumbá, por uma comissão de inquérito; mas como é véspera de Natal, talvez seja para receber um presente de Papai Noel." (26)

Na edição especial de Natal, na penúltima página, aparecia um comunicado com tarja preta, nos seguintes termos:

Coisas QUE DEUS PERMITI (sic)

Autoria e votos de:

Ex-presidente do Sindicato local dos Marítimos

Funcionário Autárquico

Vereador local em exercício:

Ao descer as cortinas de mais um ano em nossas vidas, voltemos (sic) nossos pensamentos para Deus creador (sic), ciente de que bem ou mal cumprimos uma jornada de nossa existência. Existência esta de sofrimentos, de dores e injustiças, de gozo e prazer, ao desabrochar de uma rosa, a um riso de criancinha.

Ao repicar os SINOS DE BELÉM e ao despontar de uma nova era que surge, volto o meu pensamento aos meus amigos os oferecendo o meu abraço fraterno e votos de felicidades. E aos inimigos gratuitos ofereço em holocausto a minha indiferença e PACIÊNCIA, peço a Deus: - Perdoai-vós Senhor, pois eles não sabem o que fazem; Eis a difícil tarefa da vida, que surgiu do pó e ao pó retornará.

Coisas que Deus permiti e manda-nos aplicar.

Ass. _____ " (27)

Os últimos acontecimentos políticos nacionais colocavam um ponto final no populismo, sob cuja inspiração se haviam desenvolvido as lideranças políticas locais. A imagem do antigo prefeito se desfigurava diante da nova fase política que se iniciava. Um final melancólico para as lutas políticas do "Baiano". As grandes transformações sociais operadas, em tão pouco tempo, haviam causado a sua inadequação. A pequena burguesia assumira a liderança da cidade, e a cidade se tornara o objeto de suas aspirações. Somente oito anos depois do seu último mandato é que o "Baiano" voltaria à luta política. Desta vez, dentro de um novo contexto, numa ingênua esperança de vitória, apareceria ele sob

(26) - Idem, ibidem.

(27) - A Vigilância, Ano IV, nº 125. 25-12-1964.

a égide da Arena II, ligado à elite que o combatera, desvinculado das aspirações igualitárias e da consciência da terra que ajudara a formar. Falando nos comícios a um número reduzido de as sistentes, tentaria reviver um passado irremediavelmente superado.

... ..

No fenômeno "coronelista", acredito ser necessário determinar três níveis de análise, relacionados o primeiro, com as características pessoais do "coronel" e os dois últimos referentes às relações estabelecidas por ele, com os eleitores, de um lado, e com o poder público, de outro.

No que diz respeito às características pessoais, os dados demonstram que os primeiros líderes políticos de Presidente Epitácio não tinham qualquer semelhança com os "Coronéis" descritos por Nunes Leal, Faoro e outros. Estavam ausentes alguns elementos importantes na caracterização, que eram o latifúndio, e o prestígio e a honra tradicionais decorrentes. (28) A violência e a troca de favores, muitas vezes citadas como característica do coronelismo, podem ser relacionadas, como foi feito no capítulo anterior, à ausência de controles sociais formais e não ao fenômeno "coronelista" como tal.

Verificando as relações que o "Coronel" estabelecia com o eleitor, podemos ver que eram produto de uma estrutura agrária, que fornecia a "base de sustentação das manifestações de poder privado..."(29) alimentados pelo poder público em função do regime representativo, "com sufrágio amplo, pois o governo não pode prescindir do eleitorado rural, cuja situação de dependência ainda é incontestável."(30) As relações, portanto, podem

.....
(28) - Nunes Leal, Vitor. Coronel, enxada e voto. Prefácio de Barbosa Lima Sobrinho, pág. XIII: "...as patentes traduziam prestígio real... No fundo estaria o nosso velho conhecido, o latifúndio, com os seus limites e o seu poder inevitável." Ainda, pág. XIV: "A base do poder vem, senão da propriedade, pelo menos da riqueza."

(29) - Idem, op. cit. pág. 20.

(30) - Idem, ibidem, pág. 20.

ser vistas como as explicitou Nunes Leal: "Ali o binômio ainda é geralmente representado pelo senhor da terra e seus dependentes." Essa rede social em forma de pirâmide, cujas linhas ligam a um único elemento, não pôde ser verificada no processo político estudado. O que se verificou foi uma trama bastante complexa, em que lealdades diferentes poderiam convergir para um determinado líder político, nem sempre de maneira direta, mas envolvendo caminhos complicados. Em 1946, Nunes Leal reconhecia haver "indícios de modificação", pois "no seio do próprio eleitorado rural verificaram-se 'traições' dos empregados aos fazendeiros, e atribui o fato à "migração de trabalhadores do campo para atividades urbanas... reduzindo o grau de sua dependência em relação ao proprietário da terra." (31) Raimundo Faoro, corroborando as afirmações de Nunes Leal, diz que "nos anos 20, (...) em simetria com a crise da ordem republicana, o mecanismo começará a claudicar, para o declínio inevitável, a partir da década seguinte." (32)

Concluimos, portanto, que a existência do compromisso e da dependência não caracteriza, de per si, o voto de cabresto, como parece supor Barbosa Lima Sobrinho, no seu prefácio a Nunes Leal, quando pergunta: "Que importa que o Coronel tenha passado a Doutor? Ou que a fazenda se tenha transformado em fábrica? Ou que os seus auxiliares tenham passado a assessores ou a técnicos? A realidade subjacente não se altera, nas áreas a que ficou confinada. O fenômeno "coronelismo" persiste até mesmo como um reflexo de uma situação de distribuição de renda, em que a condição econômica dos proletários mal chega a distinguir-se da miséria. O desamparo em que vive o cidadão, privado de todos os direitos e de todas as garantias, concorre para a continuação do "Coronel", arvorado em protetor ou defensor natural de um homem sem direitos." (33) No seu entender, a existência do miserável -

(31) - Nunes Leal, Vitor. op. cit., pág. 37

(32) - Faoro, Raimundo. op. cit., pág. 621.

(33) - Nunes Leal, Vitor. op. cit., pág. XVI

suporia a existência de um protetor, no caso o detentor dos bens de produção, assumindo uma responsabilidade social que não é sua. Não é o que se verifica nas atuais condições sócio-econômicas e o voto de cabresto deve ficar confinado a situações em que a falta de alternativas econômicas reduz o eleitor à dependência total.

O terceiro nível de análise, ou seja, o das relações que o "Coronel" estabelece com o poder público, está relacionado diretamente com a necessidade de legitimação do poder público pelo voto. Segundo Nunes Leal, o "coronelismo" pode ser concebido como "resultado da superposição de formas desenvolvidas do sistema representativo a uma estrutura econômica e social inadequada". (34) Supondo, portanto, que o sufrágio amplo só seria exequível quando o eleitor tivesse condições concretas de decidir sobre a direção do voto. Deixando de parte essa discussão, que tem sido levantada frequentemente nos tempos atuais, e que envolve alguns conceitos subjacentes bastante discutíveis, podemos dizer que a estrutura do "coronelismo", como a define Nunes Leal (35), se desenvolve e se fortalece à medida em que se aperfeiçoa a organização do poder municipal e aumenta o número de eleitores. Tanto no momento estudado, como no "coronelismo" tradicional, os votos são necessários: neste último, para conferir legitimidade aos detentores do poder (36), no primeiro para garanti-lo. Dessa forma, os dados atestam que, no momento em que a sociedade estudada começa a atingir seu ponto de cristalização, é que se encontra mais presente o esquema "coronelistas", não tão simples como no tempo em que o "coronel" comandava seus eleitores, "como quem toca uma

.....
(34) - Nunes Leal, Vitor - op. cit. pág. 20.

(35) - Idem, ibidem: "...o 'coronelismo' é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais..."

(36) - Faoro, Raimundo. op. cit. pág. 629. "Nesse esquema de supremacia estadual e da eleição sancionadora se insere o coronelismo."

tropa de burros " (37) mas, da mesma forma, envolvendo "compro-
missos", "troca de proveitos", "reciprocidades". Verifica-se ain-
da que, quanto mais importante se torna o voto no contexto polí-
tico, e esse foi o caso do populismo, melhor armado aparece o es-
quema "coronelistas". O inverso é verdadeiro, quando se observa
que, com a centralização do poder e o esvaziamento da classe po-
lítica, deixa de ter importância o intermediário das "reciproc-
dades", que aparece apenas como uma figura de retórica nos acon-
tecimentos eleitorais municipais.

.....
(37) - Nunes Leal, Vitor. op. cit. pág. 43.

4.3 - A emergência da "elite".

" Os que chegavam achavam que devia haver uma sociedade, que devia separar."

No período compreendido entre a instalação do município, em 1948, e a última gestão do prefeito "Baiano", de 1960, a 1964, verificou-se uma transformação sócio-econômica que determinaria o rumo dos acontecimentos políticos subsequentes. Um conjunto de fatores, decorrentes da instalação do município, viria alterar profundamente as relações sociais estabelecidas entre os moradores até então. Entre esses fatores, estavam a instalação das Caixas Econômicas Estadual e Federal e da Coletoria Federal, que não só introduziram um contingente humano categorizado, como também aumentaram o controle exercido pelo poder central sobre as rendas geradas no município. Também, o aumento do número de escolas, na cidade, já citado no capítulo anterior, causado pela crescente urbanização do município, foi responsável pela chegada de grande número de professores.(1) O antigo grupo escolar de madeira, mudava de prédio e de nome, funcionando agora em construção de alvenaria com 12 salas de aula, gabinete dentário e outras dependências. A população infantil matriculada nas escolas do município somava 1.713 alunos, sendo 196 do Bairro do Campinal. O ano de 1959 vai encontrar a cidade com o Ginásio instalado, ainda em prédio construído por subscrição popular, mas o Estado lotou o quadro de professores, sendo que, como se pode verificar por apontamentos da época, a maioria era formada por professores primários, que desempenhavam funções docentes nos grupos escolares locais. O mesmo acontecia em um "curso de aperfeiçoamento para comerciários", patrocinado pelo Senac-Sesc e que se servia dos mesmos professores.

.....
(1) - Folha do Povo, nº 12 27-3-1959.

O fator mais importante, porém, foi o início da construção da Ponte, em 1960, que ligaria o Estado de São Paulo ao Estado de Mato Grosso. A construção contribuiu para um aumento significativo da população proletária, acrescido de um contingente humano sub-proletário, de difícil absorção.(2) Ao mesmo tempo, o dinheiro que entrava no município através da construção estimulou a vinda de profissionais liberais, médicos, engenheiros, dentistas, advogados, economistas, que alteraram a hierarquia social local, dando possibilidade ao aparecimento de uma consciência estatal, pois a divisão básica entre proprietários e não proprietários já existia desde os primeiros tempos.

Em fins de 1958, o município contava ainda com uma área de 3.110 quilômetros quadrados e a extração de madeira atingia as terras mais afastadas da sede, sendo registrada uma exportação anual de 72.439 metros cúbicos de madeira em toros e 29.667, de madeira serrada. As pastagens ganhavam terreno e o rebanho era de 125 mil cabeças de gado bovino.(3) Porém, a vida econômica do município encontrava-se numa encruzilhada: a extração da madeira, que dera riqueza a alguns e sobrevivência a muitos, não passara de uma economia predatória e já se previa, para breve, o seu colapso. E a extensão das pastagens impedia o desenvolvimento de um mercado de mão de obra agrícola, fixando-se a grande maioria da população na cidade (4), e uma pequena parte no incipiente Bairro do Campinal. A estrada do Campinal era ainda um caminho ;

.....
 (2) - A população local que, na década de cinquenta, era maior na zona rural do que na urbana (3.875 contra 2.509), em 1960 é multiplicada por quatro na zona urbana (10.425) passando a zona rural a ter população relativamente menor (- 8.541). IBGE.

(3) - Folha do Povo, nº 12 - 27-3-1959.

(4) - D'Incao, M. Conceição: O Bóia Fria, acumulação e miséria , pág. 71: "Mas a expulsão do homem, do campo para a cidade, não se fez apenas pela via indireta das condições de trabalho oferecidas. É flagrante na região a substituição do homem pelo boi."

que se interrompia em época de chuva, impedindo a procura de recursos básicos como assistência médica a doentes e favorecendo o desvio de seus recursos agrícolas para o município vizinho, pois, na época, o Campinal já despontava como região de grande produtividade agrícola, única mancha de terra roxa no município, cujos produtos principais eram o algodão e o amendoim.

A Casa da Lavoura, recém-instalada na administração - Carvalho Pinto, fazia sua primeira estimativa de safra: "A primeira estimativa de safra do Município de Presidente Epitácio, excluindo o distrito de Rosana, prevê uma área cultivada de aproximadamente 6.000 alqueires ou 15.500 ha. Esta área abrange somente as oito plantas mais cultivadas... Em relação à área total do nosso município, esta área de cultura estimada representa 5,16%."

(5) Segundo a mesma fonte, a produção apresentava-se na seguinte proporção: 2.500 alqueires de algodão, 1.000 alqueires, respectivamente, de amendoim, arroz e milho, 200 alqueires de mamona, 120 de cana, 100 de mandioca e 40 de feijão, num total de 5.960 alqueires cultivados. Abria-se o primeiro concurso de produtividade de algodão, no qual, até o momento, estavam inscritos 19 lavradores, "quase todos do Bairro do Campinal" (6).

As terras do município passavam por um processo de legalização, através de títulos de domínio fornecidos na base da Lei Municipal nº 72, de 10 de maio de 1954, facultada pelo Decreto Lei Estadual nº 14.916, de 6 de agosto de 1945.

As grandes propriedades, porém, num regime de exploração da terra que valorizava o desmatamento e a pecuária, traziam o lavrador numa situação angustiante (7). Suas condições de tra-

(5)- "Um trabalho de inestimável valor para o município", in A Vigilância, Ano IV, nº 119 - 8-11-1964.

(6) - "Notícias da cidade", in A Vigilância, Ano IV, nº 120. 15-11-64

(7) - D'Incao, M. Conceição. O Bóia Fria: acumulação e miséria, pág. 72: "Em áreas ainda não exploradas, o homem é contratado na condição de arrendatário, para derrubar as matas e formar pastagens no período de 3 anos. No intervalo que vai da derrubada à formação das pastagens, ele faz a sua lavoura, pagando a devida renda ao proprietário. Vencido o prazo, ele é dispensado. Como as áreas inexploradas estão desaparecendo, torna-se-lhes difícil encontrar novas terras para cultivar."

balho, mediante um trato verbal já descrito acima, faziam dele um empresário sem capital, tendo que recorrer a compras a prazo nos armazéns da cidade ou à ajuda de conhecidos ou instituições. Sua condição era, mesmo em tempo de boas colheitas, de extrema penúria, já que não havia uma continuidade de permanência na terra.

"Agosto. Mês em que a terra se mostra desnuda, sêca, exposta ao sol, já limpa e arada, esperando as primeiras chuvas para receber a semente.

Agosto. Mês de desolação para o lavrador que está preparando essa terra, que está ansiando pelas primeiras chuvas, que gostaria que o tempo passasse mais depressa porque a sua fome não espera o tempo que leva a terra para produzir.

Em agosto houve uma mulher que me disse: - 'Olhe, eu vendi as minhas últimas galinhas e vim à cidade para ver se consigo mantimento para aguentar até o tempo de plantar. Eu falei com o patrão: meus filhos estão esmorecendo, tenho três moças na enxada, mais um menino de oito anos, mas com o que eles es-tão comendo, não aguentam trabalhar o dia todo. Meu marido precisa trabalhar por dia em terra dos outros para comprar o mantimento, mas ganhando 700 cruzeiros por dia, já vê que não dá. Eu falei com o patrão: meus filhos estão passando fome. E ele me disse: mas eu não forneço a ninguém, não posso fornecer a vocês. Se um tem, todos querem. Pois veja, ele está no direito dele, nós não pudemos retrucar. Mas sabe, a fome não espera. Eu não consigo dormir, depois das três horas da madrugada. Minha carne treme de fraqueza. Faz meses que comemos sem gordura e que tomamos café sem açúcar. Eu sei que é difícil fornecer, ninguém po-de fornecer. O fazendeiro falou: se vocês não aguentam, podem deixar a roça. Mas como é que nós vamos deixar, se já destoca-mos, se está tudo limpo? Para onde ir, com tantos filhos e mais um para nascer no mês que vem? Sabe, muita gente não sai por não poder...' "(8)

Região de índices pluviométricos muito baixos, suportava uma seca prolongada que, em agosto, encontrava seu ponto crítico pela facilidade da eclosão de queimadas que varriam quilômetros de pastos e devastavam as matas.

A propriedade da terra ainda se apresentava duvidosa. Em bora as grandes propriedades já se tivessem consolidado, um foco de revolta se desenvolvia nos limites do município, no Bairro do Campinal, onde uma área considerada Reserva do Estado estava sendo ocupada por posseiros a soldo de um grande proprietário da di

.....
(8) - "O drama do Lavrador" in A Vigilância, Ano IV, nº 109.

30-8-1964.

visa, através de contratos de trabalho, com os quais, mais tarde, negaria a posse dos mesmos e provaria a sua. Datam dessa época alguns conflitos com a polícia florestal, cuja incumbência era impedir a invasão e desalojar os invasores. O fazendeiro, porém, favorecia de muitas maneiras os integrantes do destacamento da Polícia Florestal, que iam para a área sem recursos e que, a partir do momento em que os recebiam do fazendeiro, caíam na sua zona de influência e acabavam trabalhando para ele.

Uma estrada foi aberta pelo fazendeiro, margeando a divisa, para escoamento da produção. Apossadas as terras e criada a questão, quiz o fazendeiro expulsar os pequenos lavradores, alegando que eles não eram mais do que seus empregados e que a terra era sua. Os métodos violentos usados na sua mocidade, quando a soldo de terceiros, repetiram-se em benefício próprio: desde a intimidação moral - atos obscenos em frente das mulheres - até o fechamento da estrada em tempo de cheia - obrigando-os a usar o rio em condições difíceis - ou, ainda, destelhamento e queima de casas, chegando mesmo à agressão e morte de lavradores. Alguns, expulsos, resignavam-se à perda e iam, sem recursos, com as famílias à procura de novas oportunidades na cidade. Outros, já alertados para a possibilidade de ficarem com as terras, resistiam(9).

Também nos arredores da cidade, a antiga demanda entre a Cia. de Viação e os Guimarães impediria a legalização do espaço - compreendido entre a cidade e Porto Tibiriçá. Assim, ainda em 1959;

.....

(9) - D'Incao, Maria Conceição. O Bóia Fria: acumulação e miséria, pág. 80: "Um outro fator que explica o crescimento da população rural, em questão, é a existência de uma boa parcela de áreas, cuja posse de terras está sendo questionada na Justiça. É por exemplo o caso do Campinal, onde centenas de "posseiros" questionam a posse da terra com os proprietários "legais" da mesma. A título de ilustração, pode-se mencionar o fato curioso de que o total da área declarada do Incra, no Município de Presidente Epitácio, onde se situa o Campinal, é bem superior à área real existente."

um jornal local publicava alguns editais do seguinte teor: "... que foram apresentados neste Departamento, para exame dos interessados, na conformidade da Lei nº 72, o requerimento e demais documentos do sr ... para obter o título de domínio sobre o seguinte: - uma data de terras sob o nº ...da quadra nº ... situada na rua, perímetro urbano da cidade." (10)

Em 1959, encontravam-se adiantados os estudos com vistas à construção da Ponte e, na cidade, crescendo a campanha que há tempo se fazia.

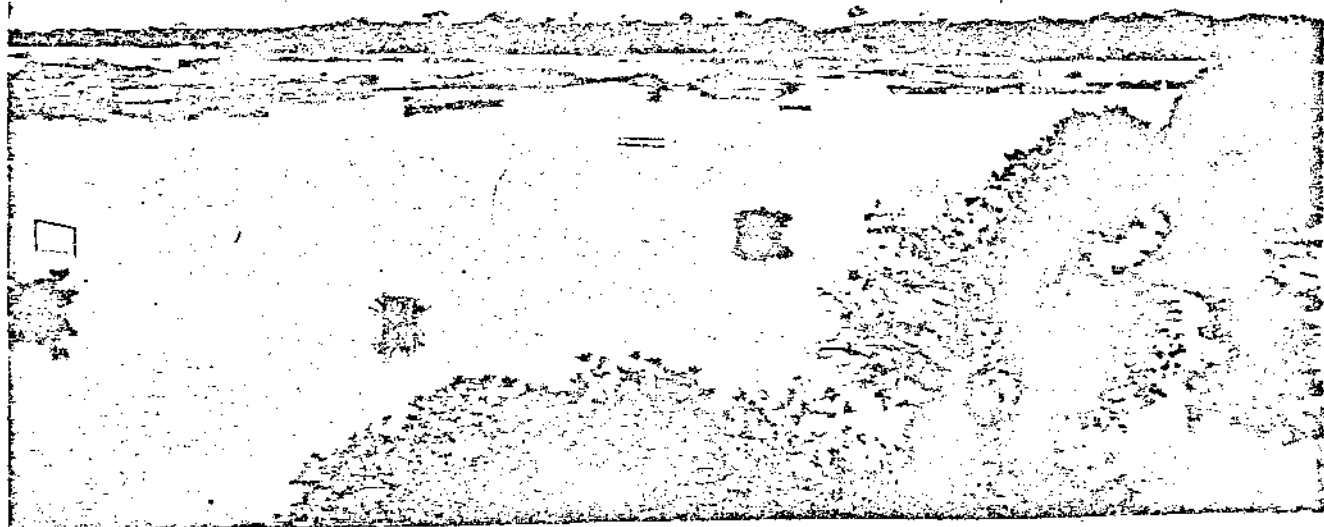
Sob as figueiras seculares de Porto Tibiriçá, continuavam a se acumular veículos de diversos tipos, desde caminhões - carregados até carros com famílias de Campo Grande, Dourados e outras cidades do sul de Mato Grosso. O problema não era novo e vinha registrado no jornal local: "A não construção da ponte sobre o rio Paraná tem causado grandes prejuízos ao nosso Estado. A travessia atualmente é feita com balsa. Muitas vezes, pela deficiência do Serviço de Navegação da Bacia do Prata, caminhões caem no rio fazendo com que paralize o serviço. Muitos caminhões precisam esperar quatro, cinco e até seis dias para poder atingir o Estado de São Paulo." Em tempo de cheia, a travessia se tornava difícil e perigosa, devido ao atracamento nas barrancas, dos dois lados, que eram apenas escoradas por troncos e tábuas. Em cheia muito grande, os veículos permaneciam vários dias à espera, sendo recurso das famílias os dois únicos hotéis existentes. A estrada que conduzia ao Porto passava por dentro da cidade, o que favorecia o movimento dos postos de gasolina, dos bares e restaurantes locais.

Nessa época, passavam diariamente pelas balsas 1.000 cabeças de gado de Mato Grosso para São Paulo e 800 veículos em geral. Em tempo de colheita, tinham seu número aumentado pelos caminhões que escoavam a produção de cereais do Estado vizinho.

O caráter nômade das serrarias, que acompanham a madei



Figueiral.



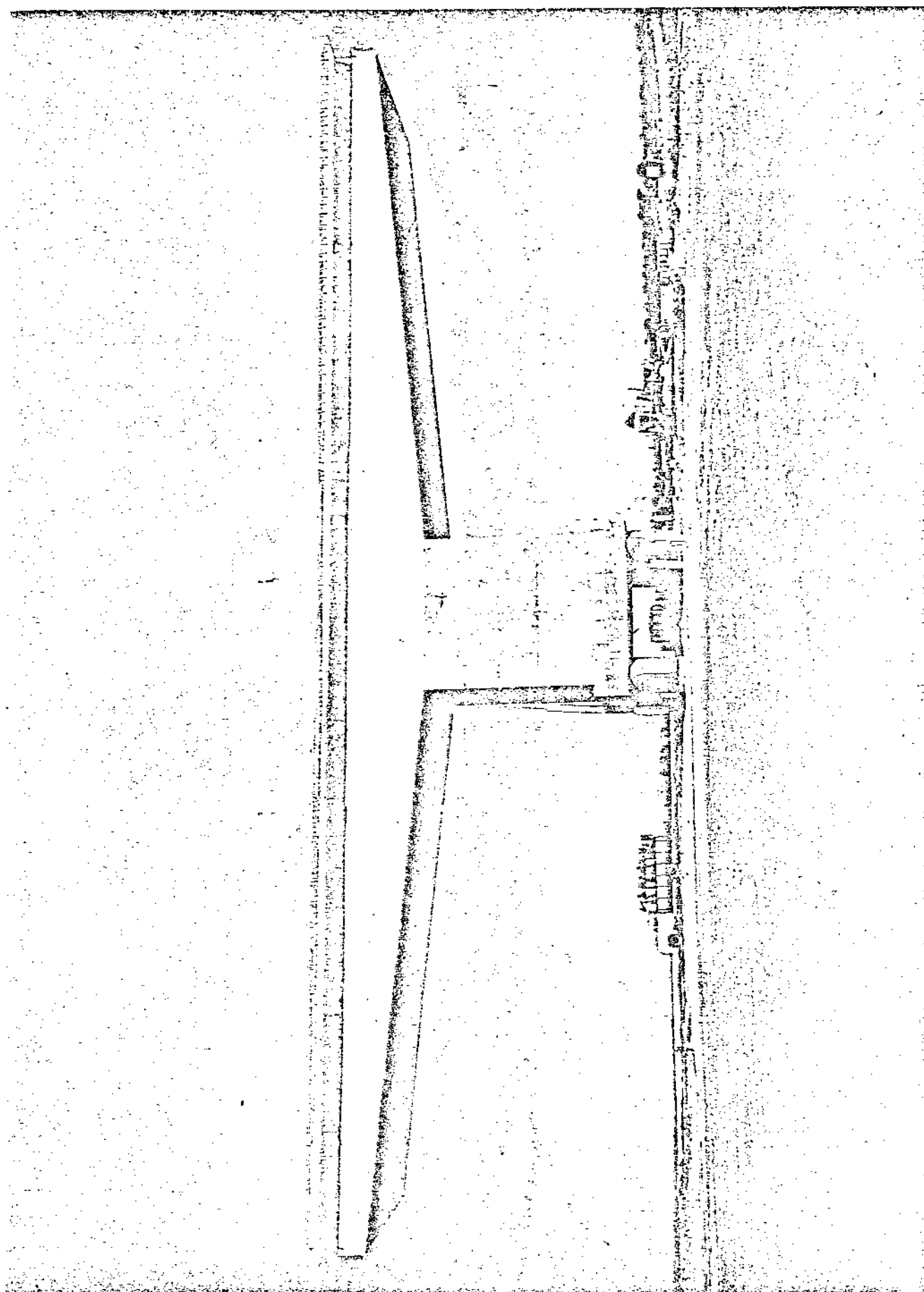
Enchente no Rio Paraná.

ra, fez com que a década de sessenta registrasse a diminuição do número delas e a consequente redução da oferta de empregos. A destruição das matas fora levando as serrarias para mais longe e, finalmente, para Mato Grosso. A pecuária, que sucedera a extração vegetal, fornecia um mercado diminuto de mão de obra. A agricultura, pouco desenvolvida, encontrava-se localizada em algumas áreas do município, sendo a maior, mais importante e mais produtiva, o Bairro do Campinal. As outras áreas não eram significativas, nem em termos de pessoas nem de produção pois, em sua maioria, eram núcleos temporários, que surgiam para formar novas pastagens ou reformar antigas, sob o regime de trato verbal: três anos de exploração da terra - um ano para desmatar, um para plantar mantimentos, outro para dar a terra com capim plantado (11).

Dois fatores foram importantes na determinação do grande afluxo populacional que se registrou nos primeiros anos da década de sessenta: a construção da Ponte e o fato da cidade estar situada no "fim da linha", isto é, ser a última servida pela Estrada de Ferro Sorocabana, na divisa do Estado.

Atraída pela esperança de emprego na Ponte, grande quantidade de mão de obra desqualificada desembarcava dos vagões de segunda classe, nas tardes de cada dia. Eram homens mal vestidos e mal nutridos, mostrando as mãos calejadas como prova de que es

-
- (11) - D'Incao, Maria Conceição. O Bóia Fria: acumulação e miséria - pág. 80: "As explicações encontradas para este aumento da população na área rural de Presidente Wenceslau levam a concluir sobre uma tendência, nos próximos anos, no sentido do que ocorre em Presidente Prudente: 1) Aquela área possuía, e possui ainda, em menor medida, áreas inexploradas. Toda a grande área de matas, do Pontal do Paranapanema, vêm sendo recentemente exploradas. O sistema usual de exploração inicial da terra é (...) o da contratação de grandes levadas de arrendatários, que se encarregam da derrubada da mata e permanecem usando o solo com lavou-
ras, pelo prazo de 3 anos. Em investigações realizadas no Pontal do Paranapanema, constatou-se a presença de numerosas famílias de arrendatários, que residem há anos nas imediações e se movimentam na área, realizando a tarefa de derrubar matas e formar pastagens. Destas famílias, todas de origem nordestina..."



A Ponte em fase adiantada de construção.

tavam acostumados ao trabalho, dizendo que faziam "de tudo", porque na realidade não sabiam fazer nada.

Mas não havia trabalho para todos. Embora a construção da Ponte, à medida que seus trabalhos se adiantavam, necessitasse de mais homens, chegando em sua capacidade máxima a setecentos, muitos mais chegavam à procura de emprego, quase sem condições de chegar e sem condições de voltar. Diariamente, dezenas de imigrantes eram despejados dos vagões de segunda classe da Estrada de Ferro, provenientes de São Paulo, a maioria com passe do Serviço de Imigração, onde estivera hospedada de passagem, já que sua viagem era mais longa, vindos do nordeste ou do norte de Minas. Vinham substituir os deportados da década de vinte, enviados sistematicamente pela polícia paulista. Mal chegados, sós ou em companhia da família, permaneciam nas imediações da Estação, em local plano, com algumas figueiras enormes, local onde eram depositadas as toras de madeira que esperavam emvarque pelas gôndolas da Estrada de Ferro. À noite, em baixo dessas árvores, pequenas fogueiras esquentavam a comida e a noite das famílias. O grande fluxo migratório que invadia a cidade criava problemas e provocava reações dos moradores. Não era difícil verem-se crianças de meses dormindo no chão de ladrilhos da Estação. Contavam-se casos de falta de socorro, dentre os quais o de uma mulher que dera à luz em pasto próximo à cidade, em gelada madrugada de inverno.

A primeira preocupação concreta com as condições de vida dos pobres foi manifestada por um padre chegado em 1961, para se incumbir dos trabalhos da paróquia que, na época, contava com uma casa paroquial modesta e uma igreja que tinha apenas as paredes levantadas e um telhado coberto, faltando-lhe todo o acabamento. A igreja ficava na praça central, substituindo a primeira capela, dentro de um jardim plantado ainda ao velho estilo, com muitos bancos e árvores, entre elas flamboyants e resedás. Suas portas eram abertas, aos domingos, por um zelador e podia-se ver uma ou outra pessoa sentada em bancos rústicos, fazendo suas ora

ções, enquanto passarinhos sobrevoavam a nave, passando de um lado para o outro e pousando em ninhos feitos no telhado.

O padre recém-chegado vinha de uma cidade grande do interior do Estado, onde já tivera experiência com obras assistenciais e de onde trouxera um estatuto que serviria de modelo. Reunindo em sua casa alguns poucos representantes do grupo de profissionais liberais, chegados recentemente à cidade, entre eles os quatro engenheiros da Ponte, procedeu à fundação do Centro Social, cuja primeira incumbência foi promover uma arrecadação que deveria ser distribuída, na Missa do Galo, aos pobres previamente inscritos e visitados pela associação. Nesse mesmo ano, o padre terminou as obras da igreja.

Em 1962, algum tempo depois de sua transferência para a direção de um orfanato, foi mandado para lá outro padre, procedente de Presidente Prudente. Homem claro e alto, de menos de trinta anos, extremamente sociável, comunicava-se muito bem com todas as camadas da população e logo adquiriu muita popularidade e simpatia. Esse padre já conhecia os engenheiros da Ponte, quando de visitas anteriores em que acompanhava o Bispo da Diocese às obras. Chegando à cidade, estabeleceu os primeiros contatos a partir dos anteriores e convocou as mesmas pessoas que haviam trabalhado na paróquia com seu antecessor. Dos casais que participavam, ficavam os homens na diretoria, reunida cada quinze dias para deliberar, e as mulheres nas atividades diárias de empacotar mantimentos e distribuí-los, tendo procedido antes à visita domiciliar do necessitado.

Duas mulheres de engenheiros da Ponte resolveram trabalhar na obra, dedicando-se, porém, a trabalhos diferentes: a primeira se encarregou de costurar enxovais para recém-nascidos ou providenciar quem os fizesse, mas as pessoas a quem recorria eram, em geral, os parentes do Rio de Janeiro, para onde ia todos os meses. Também planejava as fichas e impressos necessários, que mandava confeccionar, também, no Rio quando ia visitar a família. A segunda encarregou-se do atendimento do plantão, conversando -

particularmente com os necessitados e determinando as providências que deveriam ser tomadas.

Os mesmos problemas de definição de posições, que aparecera na organização dos partidos, aparecia dentro da obra: principalmente entre as mulheres, as de residência mais antiga resistiam aos critérios adotados pelas recém-chegadas. A maior pendência residia na questão de se atender aos da cidade ou aos de fora. Os primeiros, isto é, os mais pobres, que viviam de favores de amigos e conhecidos, eram muito poucos em relação ao número de pessoas recém-chegadas, procedentes do nordeste, via São Paulo, ou do sul de Mato Grosso, expulsos das terras pela prepotência de seus proprietários. Não eram raras as chegadas de viúvas, vestidas de preto, com filhos, das quais os proprietários haviam tomado as roças e morto o marido, por quererem defendê-las. Os que se resignavam a perdê-las chegavam vivos e engrossavam as fileiras dos desempregados.

Foi estabelecido um convênio entre o Centro Social e a Cáritas, entidade católica norte-americana de ajuda aos países incluídos no seu programa "Aliança para o Progresso", que tinha um a sede regional em Presidente Prudente. Começaram a chegar sacos de farinha de trigo, latas de manteiga, óleo de soja, trigo integral, fubá, leite em pó. Funcionava um dispensário de mantimentos em um pequeno escritório que havia na casa paroquial, onde foi posta uma mesa com uma caixinha para as fichas, que eram preenchidas com os nomes e os dados dos inscritos. Na garagem, foi organizado um armazém de mantimentos, onde as mulheres e moças empacotavam os mantimentos e distribuíam, mediante autorização do escritório.

Grandes levas de pobres invadiam o centro da cidade: eram os moradores das terras mais próximas; eram os moradores da periferia mais extrema, na sua maioria famílias de 'gondoleiros', diaristas que trabalhavam na Esplanada em carga e descarga das gôndolas da Estrada de Ferro; eram imigrantes que saíam de baixo das figueiras para garantir mais alguns dias de subsistência, até

arranjar emprego ou continuar viagem. Esses pobres eram, em sua grande maioria, sujos e magros, sem dentes ou com cacos de dentes; as mulheres, desgrenhadas e envelhecidas; as crianças barrigudas, inchadas, cheias de feridas.

Nessa época, foram expulsas algumas dezenas de famílias de uma grande fazenda próxima, cujo novo proprietário não quisera cumprir o antigo trato feito com os lavradores. Essas famílias chegavam ao Centro Social ao desabrigo. Eram lavradores que haviam derrubado o mato, plantado a terra e que, finalmente, depois da colheita, deveriam devolvê-las plantadas com capim. Seus pertences eram sacos de tralha de cozinha e alguns trapos. A diretoria da obra resolveu, como medida de emergência, alugar duas casas de madeira e alojá-los como fosse possível. Pediram colchões e móveis velhos, colocaram cada família em um cômodo, em casas de quatro cômodos, sem água encanada nem fossa. Algum tempo depois, chegavam reclamações da vizinhança, devido às arruaças que eles promoviam. Queixavam-se de que eram porcos, de que os homens eram vagabundos porque tinham sido vistos dormindo de dia. Excluindo-se o fato de serem lavradores, na maioria provenientes do nordeste, acostumados à lida da terra e ao seu conseqüente ritmo de vida, não encontravam outra ocupação a não ser a de 'gon doleiro', carregador de toras para as gôndolas da Estrada de Ferro, serviço que um dia tinha e outro não tinha. Como o ganho era pouco e o suplemento alimentar fornecido pelo Centro Social também insuficiente, nos dias em que não trabalhavam, se deitavam.

Em pouco tempo a cidade estava cheia de comentários. A ordem social que, há anos, vinha se desenvolvendo dentro de certos padrões, via-se agora subvertida: os recém-chegados, mal batizados na luta e na poeira, assumiam a direção dos empreendimentos sociais; os que não trabalhavam, recebiam recompensa enquanto eles; os moradores antigos, tinham sofrido toda sorte de privações e desconforto para chegar à situação em que estavam; os pobres, que deveriam estar em suas casas ou trabalhando nas dos outros, principalmente as mulheres, ficavam "batendo pernas" pelas

ruas, enchendo a esquina da praça principal com seus trapos e sua miséria. E só se falava no Padre, sua fama ia até as fazendas mais distantes, fazendas do sul do Mato Grosso e do norte do Paraná, cidades circunvizinhas e até muito mais longe, pois é longo o caminho da imigração e a lenda caminhava através dos trens apinhados, nos vagões de segunda classe, que levavam a sobra dos que chegavam em busca de trabalho.

Não havia fundos para sustentar uma obra que já nascia sob o influxo de grandes necessidades. Era preciso tirar o dinheiro de forma indireta, era preciso fazer festas, muitas festas para, com a diversão de poucos, mitigar a miséria de muitos. Seus membros se situavam entre os dois extremos: o contato diário com a doença, o mau cheiro, a loucura e a morte, e as festas para angariar recursos para comprar remédios, mantimentos e caixões. Em pouco tempo o trabalho assistencial assumia uma conotação política. O trabalho de atendimento à pobreza começava a levantar polêmicas: atende-se aos pobres daqui ou aos de fora? Que tem a ver pobreza com religião? Qual a relação entre pobreza e vagabundagem? Quem cuida dos pobres está fazendo sua própria promoção? Quem deveria se responsabilizar pela pobreza? Nessas perguntas estavam implícitas idéias e interesses que se confrontavam: ideais religiosos de caridade cristã, explicitados em artigos semanais no jornal local: "...a essência do novo testamento é a caridade, e o maior preceito que nos obriga é a prática dessa virtude difícil." (12); idéias adquiridas na luta pela sobrevivência, em que os mais fortes se salvaram do fracasso e se impuseram pela perseverança, pela força de vontade, pela falta de escrúpulos e de piedade; interesses dos moradores mais antigos, que já tinham estabelecido suas redes de relações, na base da concessão de favores a um certo número de dependentes e amigos e que viam seu prestígio abalado; incompreensão dos constrangimentos estruturais que provocavam uma situação como aquela, cuja solução era vista como se fosse necessário estabelecer um elo inter-.....

(12) - A Vigilância - Ano IV, nº 122. 29-11-1964.

mediário entre pobres e ricos; e finalmente, a impossibilidade dos mais abastados de assumir a grande miséria do município, que não era um campo limitado, mas um ponto de convergência, fim de linha, sofrendo as consequências do aumento populacional devido a acontecimentos econômicos, políticos e sociais mais amplos. (13)

O desenvolvimento do município contribuía de forma importante para a institucionalização da pobreza. A instalação da Comarca permitia estender até os limites do seu território, a verba que o Tribunal de Justiça destinava aos menores; a ampliação do ensino público primário desenvolvia, paralelamente, um sistema de auxílio aos alunos pobres, através da Caixa Escolar; o aumento do número de eleitores despertava o interesse dos deputados estaduais, que destinavam parcelas da verba pessoal a obras assistenciais, no caso o Centro Social, começando este a receber as primeiras doações, que juntava às arrecadações feitas na cidade. A demanda desproporcional, porém, de necessitados, em relação à receita, fez com que se desencadeasse uma campanha no sentido de se equipararem os salários dos funcionários da Prefeitura ao salário mínimo vigente, (14) podendo o Centro Social elimi

.....
(13) - O jornal local relatava assim o quadro da imigração local: "Ficamos em um dos pontos mais afastados do Estado, com dificuldades de transporte, dificuldades de comunicações telefônicas, com carência de habitações, com sobra de mão de obra não aproveitável e, ainda por cima, recebemos diariamente grande quantidade de imigrantes. Há tempos vimos notando que, por mais que se esforcem as entidades sociais da cidade, não conseguem dar conta do atendimento de indigentes. Notam-se, na cidade, espetáculos chocantes, dos quais os protagonistas são os indigentes enviados pelo Departamento de Imigração de São Paulo, para nossa cidade." (A Vigilância, Ano IV, nº 98 - 14-6-1964.)

(14) - A Vigilância, Ano IV, nº 109 - 30-8-1964: "Estão de parabéns os vereadores que, em sessão da câmara, propuseram o envio à Casa de um Projeto de Lei, concedendo aumento na base de 40% aos funcionários efetivos da municipalidade e reajustamento salarial dos diaristas, nas bases do salário mínimo em vigor na região. Desta folha partiu a primeira reclamação contra o estado de semi-indigência em que se encontravam os empregados da Prefeitura, obrigados a recorrer à Caridade Pública, pois o salário de Cr\$19.000,00 não dava, ao menos, para a alimentação."

nar dos seus fichários os funcionários da Prefeitura e aliviar suas despesas, surpimindo a suplementação de salários.

Suas preocupações agora deveriam voltar-se para um trabalho de educação, como registra o jornal do fim do ano: "Já pela segunda vez, a Agência de Serviço Social reuniu na Igreja - grande número de assistidos, para uma reunião de formação. Isso, obedecendo a uma exigência da Cáritas Diocesana, entidade mantida pelos Bispos brasileiros, que fornece alimentos que são distribuídos, principalmente o leite. A Cáritas, em suas exigências, estipula as normas de distribuição, na primeira fase. E pede para a segunda fase, um esforço educacional, visando a elevação do nível das pessoas assistidas e mesmo sua formação religiosa. Dessa forma, a Agência de Serviço Social, tendo já cumprido a primeira fase, resolveu organizar reuniões de formação para começar a fase educacional. Essas reuniões, por não possuir, ainda, o Centro Social uma sede própria, têm-se realizado na igreja, contando - com o comparecimento de 120 assistidos, em média. Embora o número de famílias assistidas se eleve a 700, grande parte não comparece por causa da distância, ou por não ter roupa ou sapato."(15)

Mas as obras da Ponte absorviam grande parte da mão de obra que diariamente chegava à cidade e seus trabalhos se desenvolveram durante a última gestão do prefeito "Baiano" (16), em ritmo sincopado, devido aos acontecimentos políticos que marcaram esse período conturbado da vida nacional.

.....
(15) - "Reuniões de formação" in A Vigilância, Ano IV, nº 114 - 4-10-1964.

(16) - O Imparcial. 23-1-1963: "(...) A ponte sobre o rio Paraná está em fase adiantada de construção...A construção iniciou-se em meados de 1960 e sua conclusão é prevista para dezembro deste ano de 1963, se não houver alteração no sistema de entrega das verbas pelo governo da República. Quando pronta, terá 2.280 metros de extensão, dos quais 1.500 metros...sobre as águas do rio Paraná. (...) A enorme faixa de concreto protendido apoia-se em 31 pilares simples e 8 pilares duplos. As fundações chegam a atingir mais de 3km de profundidade. A ponte tem a largura de 12 metros e meio e se constituirá no leito da rodovia São Paulo-Mato Grosso, permitindo o tráfego em alta velocidade. (...) A simples instalação do canteiro de obras e o início dos trabalhos já

→

O outro contingente populacional - o de profissionais liberais - chegou com a construção da Ponte ou estimulado por e la, foi juntar-se à pequena burguesia local, frequentando suas festas familiares e compartilhando com ela as aspirações de melhoria da cidade.

O desenvolvimento da iniciativa privada (17), com a - consequente concentração de elementos qualificados para incumbir-se da sua direção e administração, permitiria o desenvolvimento de uma florescente vida social, cuja fase embrionária se apresentara sob a forma de festinhas de aniversário, na década anterior, frequentadas pelos amigos mais chegados. Desenvolviam-se, principalmente, o comércio e os serviços, notando-se nesses setores a inauguração do primeiro Super-mercado e a instalação de uma clínica médica particular, "muito bem mobiliada e decorada com belas cortinas, móveis finos e, o que é mais importante, com um moderno aparelhamento médico..." (18). Inaugurou-se, também, com

.....
(16) -(cont.)...constituíram, para o município de Presidente Epitácio, um fator de benefício econômico. Realmente, a empresa Sérgio Marques de Souza S.A. emprega mensalmente na cidade, somente em pagamentos e compras, nada menos de 30 milhões de cruzeiros. Há também o benefício que não pode ser medido diretamente em dinheiro, como a possibilidade - de emprego que têm numerosos trabalhadores de Presidente Epitácio. A firma construiu junto às obras uma vila com 30 casas e m alojamento para 136 pessoas. O total de operários é de aproximadamente 400, e deles 290 residem no canteiro de obras. Os técnicos da empresa, em palestra com nossos enviados especiais, salientaram a ponderável colaboração à Prefeitura de Presidente Epitácio, com a conservação das vias de acesso às obras."

(17) - "Notícias da cidade", in A Vigilância, Ano IV, nº 104, 20-7-1964: Por exemplo, a firma Murtinho-Mendes Gonçalves, ex-Mate Laranjeira, construiu em seus estaleiros "uma chata de 200 toneladas, toda de aço, com 30 metros de comprimento, - 7,55 metros de boca, 2 metros de pontal e 1,50 metros de calado máximo, que desloca 280 toneladas, quando carregada. ...faz parte de uma encomenda de duas chatas de 200 toneladas (uma já na água e outra pronta para ser lançada) um navio de passageiros, de luxo, com 30 cabines para 60 passageiros e um Empurrador Rebocador, também de aço, com 23 metros de comprimento, equipado com dois motores de propulsão Diesel elétrica, de 100 HP cada um, capacidade para empurrar até 600 ton., a uma velocidade média de 10 km por hora."

grandes festas, o primeiro hospital.(19)

Ao lado das festas particulares, desenvolviam-se as atividades públicas patrocinadas por Clubes.O Rotary Clube local, fundado no ano anterior, via o seu presidente -um advogado -, en tregar agora seu cargo a um 'companheiro',o engenheiro do DNER. Em junho, havia acontecido a visita do Governador do Distrito 461, do Rotary International, "visando ampliar cada vez mais o campo de aplicação dos ideais de servir.Como se sabe, o Rotary é uma organização que visa, exclusivamente, servir às boas causas, em prol da coletividade, embora não tenha caráter filantrópico.Na o casião daquela visita, o clube local fará realizar um jantar de confraternização dos membros de todos os clubes vizinhos, devendo nesse mesmo dia ser empossada a nova diretoria eleita para o período 64/65." (20) O Clube já registrava alguma atuação na cidade, como a doação de cobertores e agasalhos ao Albergue, respondendo a uma campanha do Centro Social: "...os que existem têm sido insuficientes para atender aos imigrantes." (21) Uma notí -

.....
(18) - "Clínica São José - acompanhando o progresso de Presidente Epitácio", in A Vigilância, Ano IV, nº 107. - 16-8-1964.

(19) - O hospital, em setembro, oferecia uma chopada aos operários, comemorando o término das obras e em novembro era inaugurado oficialmente. "Dentre as inúmeras peças constantes do equipamento do Hospital podemos citar: mesa cirúrgica ST-Baumer, lâmpada Syalítica SV9, autoclave FABBE, estufa e incubadora Fanem, Raio X Westinghouse de 200 WA, aparelho de anestesia DAMECA, equipamento completo de laboratório, ressuscitador, forno de Bion, mesa ortopédica, instrumental cirúrgico e ortopédico completo. Os quartos e apartamentos do Hospital são mobiliados com camas Fowler." Na página inteira do jornal que noticiava o acontecimento, vi nha a explicação do nome: "Seus proprietários, ao dar-lhe o nome de São Lucas, inspiraram-se na figura sublime do médico e apóstolo..., tendo passado grande parte de sua vida em viagens pelo mundo, nas quais cuidava dos doentes, de preferência os pobres, nunca aceitando remuneração pelo seu trabalho."

(20) - "Notícias da cidade" in A Vigilância, Ano IV, nº 98. 14-6-1964.

(21) - "Notícias da cidade" in A Vigilância, Ano IV, nº 98. 14-6-1964.

cia de outubro dava conta de que "durante a reunião foram apresentadas várias proposituras relativas a assuntos de interesse da cidade, tendo as comissões respectivas ficado encarregadas da solução." (22)

Nos últimos meses do ano, foram realizadas várias reuniões festivas, sendo numa delas convidado de honra o primeiro Promotor Público da Comarca, recentemente nomeado. Outras realizações de importância foram o Baile da Primavera, - "A associação das Senhoras de Rotarianos está colaborando com a diretoria da Filarmônica, visando conseguir boa renda para o término das obras da quadra... Reserve desde já a sua mesa, pois será um grande baile", - e a Festa da Praia, no Figueiral, cuja renda foi entregue na última festiva do ano, registrada assim: "A reunião contou com a presença do representante do Juiz de Direito da Comarca, ..., Delegado de Polícia, Revmº Pe. ..., Vigário da Paróquia, alunos do Ginásio e da Escola Técnica de Comércio, Serventuários da Justiça, advogados da cidade, além dos rotarianos e suas famílias. O programa foi movimentado, destacando-se a homenagem do Rotary ao poder judiciário pelo transcurso do 1º aniversário da instalação da Comarca e a entrega de um cheque, pela Associação das Damas Rotárias ao Padre..., de R\$25.000,00 referentes ao resultado da última Festa do Figueiral e destinado ao Natal das Crianças pobres assistidas pelo Centro Social..." (23).

Enquanto o Rotary Clube desenvolvia o seu primeiro ano de atividades, o Lions encontrava-se ainda em gestação. Em agosto, realizava-se uma reunião festiva em Presidente Wenceslau, com a presença do engenheiro da Ponte, que deveria fazer uma palestra sobre o andamento das obras: "A palestra transcorreu em meio a perguntas de diversos presentes, que evidenciaram o grande interesse que ela desperta, tanto do ponto de vista de funcionamen

.....
(22) - "Notícias da cidade" in A Vigilância, Ano IV, nº 117.

25-10-1964.

(23) - "O que vai pelo Rotary" in A Vigilância, Ano IV, nº 125.
25-12-1964.

to, quanto do ponto de vista humano ou dos homens que nela trabalharam, como sobre os processos que foram usados na sua construção." (24).

A fundação do Lions deu-se em novembro. O acontecimento foi registrado na primeira folha do jornal local, sob a forma de artigo, com o título de "O homem que não vive para servir, não serve para viver."

"Sob a inspiração do lema "nós servimos", do original inglês "we serve", fundou-se em Presidente Epitácio, nos primeiros dias da semana passada, mais um Lions Clube. Ao contrário de outros clubes de serviço, cuja finalidade é prestar serviços mútuos, o Lions prega a necessidade de prestar serviços a terceiros, influenciando de maneira decisiva na comunidade, principalmente providenciando recursos aos desamparados. Tem sido, nas diversas cidades em que tem atuado, um verdadeiro mantenedor das obras sociais já existentes, programando festas cuja renda é distribuída por várias entidades, sem distinção de credo ou cor política. (...) É de praxe dizer-se, dentro do Lions, que o leão não se faz, não se forma, mas ele já existe nas comunidades; sob a forma dos elementos mais ativos, dos chamados 'cidadãos prestantes', dos homens que sempre acham tempo para mais um trabalho, para mais uma reunião, para mais um benefício à cidade onde moram. São esses os chamados 'leões sem sê-lo' e que se tornam dentro dos clubes, os melhores leões. As domadoras, ou seja, as esposas dos leões, assumem junto com os maridos a responsabilidade de um trabalho ativo e produtivo. Não se exige delas que compareçam apenas aos jantares festivos, mas é da tradição do Lions trabalho conjunto dos casais, sendo que a senhora do Presidente tem atribuições de grande responsabilidade junto às diversas comissões femininas que ela deve formar, visando a melhor organização das campanhas que deverão ser encetadas. Dessa forma, o Lions recusa a condição passiva da mulher e pede dos seus membros femininos uma grande atividade e um perfeito entrosamento dentro do ideal leonístico, contido todo na pequena frase de grande conteúdo - 'nós servimos' ..." (25).

A primeira reunião festiva realizou-se no dia primeiro de dezembro, "contando com a presença de grande número de convidados dos clubes de Presidente Prudente e Presidente Wenceslau ,

.....
(24) - "Notícias da cidade" in A Vigilância, Ano IV, nº 107.

16-8-1964.

(25) - A Vigilância, Ano IV, nº 120. 15-11-1964.

e de outros clubes. Para decidir pormenores, os diretores e suas domadoras reuniram-se em casa do sr... na noite de sexta-feira, sendo que as domadoras marcaram uma reunião... a fim de preparar o ambiente para os convidados." (26). Foi realizada "nos salões - da Filarmônica, a primeira reunião festiva do mais jovem clube de serviço dos Leões. Com grande número de visitantes de Presidente Prudente e Presidente Wenceslau, a festa decorreu em ambiente de alegria e cordialidade. Houve admissão de vários sócios, tendo o seu número ultrapassado a casa dos 20. (...) O sr. presidente do clube, dr...(engenheiro da Ponte) salientou na ocasião os objetivos do Clube e os compromissos dos leões dentro da coletividade, bem como de suas domadoras, junto aos leões." (27)

As atividades do Clube já se iniciavam, com uma apresentação do Teatro do Estudante Prudentino, na peça de Henrique Pongetti - 'Society em Baby Doll' - "A comédia é uma sátira à famosa 'alta sociedade' de nossos tempos e teve uma brilhante interpretação..." (28), e com um filme de Elizabeth Taylor e Van Johnson, "A última vez que vi Paris", no cinema. No fim do mês, anunciava-se um grande baile pró construção da Creche Melvin Jones.

Notam-se, durante o ano, dois tipos de iniciativas sociais de projeção diferente, embora ambos relacionados diretamente com a emergência dos clubes de serviço e a dinamização das relações sociais da camada alta: as iniciativas que congregavam apenas elementos da mesma faixa e iniciativas que congregavam todas as camadas da população local e, algumas vezes, regional.

Do primeiro tipo, vamos encontrar o início de funcionamento de um curso de piano na sede da Filarmônica, e a apresentação de dois recitais. Liderando estava um húngaro, oriundo da Co-
.....

(26) - "Notícias da cidade" in A Vigilância, Ano IV, nº 122.
29-11-1964.

(27) - "Notícias da cidade" in A Vigilância, Ano IV, nº 123.
6-12-1964.

(28) - "Notícias da cidade" in A Vigilância, Ano IV, nº 124.
13-12-1964.

lonia Arpad, agora proprietário de serraria e pertencente ao -
Lions local. "Noite agradável e repousante, graças ao dinamismo
de, que há muito vem lutando para elevar o nível cultural do
nosso povo." (29) Anunciando o segundo recital, dizia-se que "se
rão incluídas obras de Chopin e, no canto, obras de Puccini, Bi-
zet, Carlos Gomes" (30)

Ao segundo tipo pertencia a recém-instituída Festa da
Praia, que se realizava pela segunda vez. "Dia 27 de setembro, -
Presidente Epitácio receberá inúmeros carros de fora, que virão
especialmente para passar o dia no Figueiral, onde se realizará
um autêntico 'Garden Party'. Constan do programa uma 'ginkana' au-
tomobilística, às 10 horas da manhã, e um desfile de maiôs, às 16
horas, quando será feita a apuração dos votos com a consequente
eleição da Rainha da Praia.(...) Virão candidatas de outras cida-
des, principalmente de Presidente Prudente e Presidente Wences-
lau. Haverá barracas com bebidas e salgados, podendo o visitante
passar o dia todo na praia. Serão instalados alto-falantes e ha-
verá música para quem quiser dançar. Não resta dúvida de que se-
rá um domingo divertido." (31)

Como consequência da dinamização das relações sociais
dentro da camada alta da população, surgiu a idéia da fundação -
de um Clube de Cultura, a partir do anúncio da instalação de um
Departamento de Cultura, Esportes e Turismo no município vizinho
de Presidente Wenceslau. "Foram empossados, em Presidente Wences-
lau, os membros do Departamento de Turismo, Divulgação e Cultura
daquela cidade. Fazem parte da comissão superintendente membros
do Rotary, Lions, Imprensa e Associação Rural e Comercial. Como
se vê, os membros mais representativos e ativos da comunidade es-
tarão presentes...(...) Nós, de Presidente Epitácio, já estamos

.....
(29) - "Recital de Piano na Filarmônica" in A Vigilância, Ano IV,
nº 114. 4-11-1964.

(30) - "Notícias da cidade" in A Vigilância, Ano IV, nº 122.
29-11-1964.

(31) - "Notícias da cidade" in A Vigilância, Ano IV, nº 112.
20-9-1964.



Festa da Praia no Figueiral.



Festa da Praia.

em tempo de dar mais um passo a caminho do progresso. Já começam a vingar em nosso meio os clubes de serviço e as associações."(32)

Algum tempo depois o jornal voltava ao assunto: "Não temos, porém, um meio natural de reunião. Cada um se dedica à sua atividade mais ou menos isoladamente, reunindo-se ocasionalmente, em algum bar, para bater um papo. É certo que há os clubes de serviço. Mas além do fato desses clubes não terem finalidade cultural, seus membros apresentam-se de capacidade intelectual heterogênea, o que prejudica a troca de idéias e indagações."(33) Tal idéia frutificou em uma série de palestras organizadas pela diretoria da Sociedade Filarmônica 27 de março, sendo que em dezembro falou o Promotor Público sobre o tema "Democracia e Poder Jurídico", quando ressaltou a importância do termo 'democracia', definindo-o com elegância e clareza; distinguiu as diversas espécies de poder, fazendo entrosamento das suas idéias numa síntese em linguagem popular, acessível a toda a platéia que muito o aplaudiu." (34) Antes dele, havia falado o Juiz de Direito sobre "Evolução e dados históricos do Direito." Para janeiro do ano seguinte, deveriam falar as seguintes pessoas: o Delegado de Polícia, um médico, um dentista, três advogados, um administrador de empresa, o coletor federal, o padre, um engenheiro da Ponte e um economista.

Ainda em 1964, registrava-se a visita do Grão-Mestre do Grande Oriente, para completar a documentação necessária à oficialização da Loja Maçônica da cidade.

Pode-se verificar, portanto, que um processo de aglutinação se desenvolvia no sentido de definir uma camada privilegiada, que tomava a frente em várias iniciativas de caráter social, estimulando a interação, tanto a nível horizontal -as reuniões -

(32) - "Departamento de Turismo, Divulgação e Cultura", in A Vigilância, Ano IV, nº 105. 2-8-1964.

(33) - "Clube de Cultura" in A Vigilância, Ano IV, nº 110. 6-9-1964.

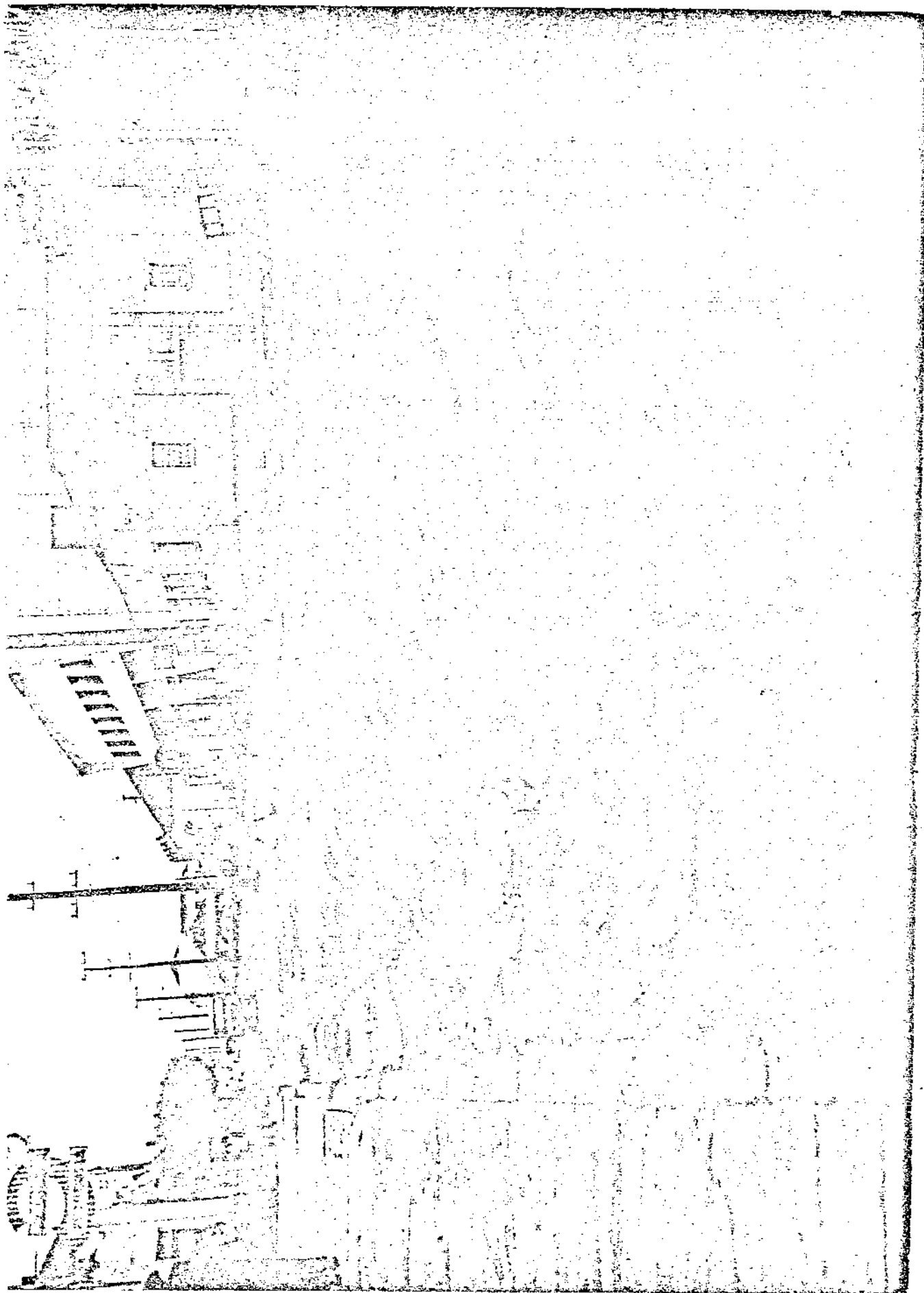
(34) - "Notícias da cidade" in A Vigilância, Ano IV, nº 124. 13-12-1964..

nos clubes e inter-clubes -, como a nível vertical - as festas populares e a assistência à pobreza. O poder público era visto, porém, como um impedimento à expansão das suas atividades.

Circulava então pela cidade, um pequeno jornal, suceso - sor em coragem e esperança do extinto "Folha do Povo", de propriedade de um professor primário dos anos cinquenta, opositor ferrenho de todas as situações, não escondendo seu zelo ao escolher o título sugestivo de "A Vigilância". O pequeno jornal sofria, como todos os congêneres do mesmo porte, da falta de colaboradores. Os novos moradores, mais afeitos ao lápis e ao papel, acharam uma oportunidade de participar. Encontramos, assim, através de uma seção intitulada 'Crônica da Cidade', uma visão que, partindo de moradora recente, poderia ser considerada como representativa da imagem que faziam os recém-chegados, de procedência e níveis sócio econômicos semelhantes. Queixavam-se da feira, "aquele amontoado de lascas de madeira... Ali se vende... tudo quanto é mercadoria, sendo a maior parte já negociada por intermediários e conseqüentemente mais cara... Vende-se carne de vaca, de porco e até de capivara, tudo na mais absoluta falta de higiene." (35) E havia pouca esperança: "Espera-se para breve a notificação aos feirantes para que desocupem o terreno em que atualmente funciona a feira... (...) A retirada da feira do local em que se encontra, representa o fim de uma favela plantada no centro da cidade. Resta saber se essa favela vai ser destruída ou apenas transferida." (36) Reclamava-se das "águas servidas: pesadelo dos moradores de Presidente Epitácio", dizia-se que "podem-se contar nos dedos as casas em que os proprietários... tiveram o cuidado de dar o destino conveniente às águas servidas. Na grande maioria delas, a água corre livremente, constantemente, por canaletas descobertas, ganhando as ruas, empoçando-se no buracos, que são já, tradicional

(35) - "Feira Livre" in A Vigilância, Ano IV, nº 121. 22-11-1964

(36) - "Notícias da cidade" in A Vigilância. Ano IV, nº 107. 16-8-1964.



Avenida central em dia de chuva.

mente, cheios d'água. Alguns moradores chegam a abrir valetas transversais nas ruas, para que a água se junte um pouco mais longe..."(37)

A cidade era vista de maneira deplorável pelos novos moradores que, no entanto, nutriam esperanças de transformá-la em um lugar agradável, no futuro. (38)

O prefeito terminava a construção da fonte luminosa, dentro de muita controvérsia, mas finalmente apoiado por todos. (39) Os problemas da cidade, porém, eram muitos e as reclamações apareciam semanalmente no pequeno jornal, atacando o poder público municipal.

"Cavalos, formigas e outros bichos.(...) Aqui não se tem sossego durante o dia, menos ainda durante a noite. Durante o dia, os espetáculos são os mais variados: cavalos pastando nas vias públicas, ou mesmo invadindo quintais e jardins alheios, fazendo o maior estrago possível, a fim de saciar sua fome: cães, sem possibilidade de serem contados, perturbando a paz e a tranquilidade, aos bandos, molestando as crianças e oferecendo, às vezes, espetáculos deprimentes. À noite, o espetáculo continua... Os cães, numa sinfonia irritante, ..., virando latas de lixo, que às vezes são recolhidas e, a maior parte delas, permanecem esparramadas pelas ruas e quintais.(...) -

.....
(37)- A Vigilância, Ano IV, nº 101 5-7-1964.

(38) - Crônica da Cidade. A Vigilância. 1963. - A cidade era vista assim: " Não procuremos olhar os quintais desta cidade. Não são quintais, são cortiços, onde se constroem quartos de madeira, de acordo com o mau gosto de cada proprietário e ali vão se acomodando famílias, muitas delas em um quarto, servindo-se de um único banheiro e de uma única torneira. Eptácio está assim corrompida, grande cortiço espalhado na planície, respirando poeira, pisando sobre poças infectas, envergonhando o povo." E era explicada assim: "Presidente Eptácio é uma cidade sem tradição. Seus moradores mais antigos não são daqui e a maior parte espera - terminar seus dias em lugar melhor. Seus moradores mais novos não são daqui, e consideram-se de passagem. Por essa razão, não existe amor pela cidade, como se nota em outros lugares, muitas vezes menores e de menos recursos. Pouca gente se preocupa em fazer construções definitivas e, menos ainda, em construir alguma obra que sirva à comunidade, visando transformar uma cidade de fronteira num meio agradável e acolhedor."

(39) -A Vigilância, Ano IV, nº 102. 12-7-1964: "Por que pararam as obras do jardim? O jardim de Presidente Eptácio já foi (segue)



Cachorros soltos na rua.

Quando se pretender construir um metrô em nossa terra, as escavações já estarão prontas, tamanha é a atividade formigueira, principalmente das senhoras saúvas, que não deixam planta vingar. É inútil exterminar-se um formigueiro no próprio terreno, pois nos terrenos vizinhos, baldíos e sujos de mato, sem que as autoridades competentes tomem conhecimento, elas continuam no seu objetivo destruidor."(40).

Cavalos e cachorros, no entanto, provocavam danos mais visíveis:

"É do nosso conhecimento que...uma criança de 5 anos - foi escouceada por um cavalo quando, em sua inocência, procura va brincar com um animal que pastava defronte de sua casa.(..) ...uma criança recém-nascida foi ali abandonada, já provavelmente morta, por uma mãe criminosa. Quando ao cair da noite, um transeúnte apercebeu-se do motivo da algazarra dos cães na aquele local, só foi possível encontrar pedaços do que fora um corpo humano...(..) Numa cidade onde matilhas de cães atacam os transeúntes, tudo pode acontecer. Seria uma obrigação cumprida e um favor aos próprios vira-latas (já chamados passa - fome) que as autoridades procedessem ao extermínio dos cães, com donos ou sem donos, que perambulam, infestando a cidade." (41).

Mas havia porcos também:

"Diversas reclamações têm sido dirigidas ao sr. prefeito municipal, no sentido de que tome providências contra numerosos porcos que andam às soltas pela cidade.(...)As pessoas que reclamaram, receberam como resposta que tinham direito de prender os animais, causadores de tantos danos. Resposta que sugere cenas muito engraçadas, em que as senhoras epitacianas, surpreendendo os terríveis delinquentes, saíam à caça dos mesmos. Teríamos, em breve, uma equipe de caçadoras eméritas..."(42)

.....
(39) - (cont.)...assunto de muita conversa, muito antes de começar a sua destruição, para posterior reconstrução. Primeiro, porque além de não ser calçado, não havia quem cuidasse dele ou ao menos molhasse as plantas, o que o fez transformar-se numa terra ressequida, da qual brotavam algumas plantas teimosas e desidratadas. Depois, voltou a ser assunto de conversa, porque o prefeito resolveu desmanchá-lo para colocar no lugar antigo, um jardim novo, de linhas modernas, e o que é mais importante, com uma fonte luminosa que iria custar muitos milhões de cruzeiros saídos do bolso do povo. Controvérsia geral: certo ou errado? Seria justo gastar tanto com fonte luminosa, quando o povo sofria a falta de luz, de água e de outros melhoramentos urbanos? "Na quarta-feira passada, foi feita a primeira experiência da iluminação do jardim. Foi um absurdo o dinheiro gasto naquele jardim, entretanto, forçoso é reconhecer-se que ficou uma beleza."

(40) - A Vigilância, Ano IV, nº 102. 12-7-1964.

(41) - "Omissão criminosa" in A Vigilância, Ano IV, nº 104, 20-7-1964.

(42) - "Caçando porcos nas ruas de Epitácio", in A Vigilância, Ano IV, nº 109. 30-8-1964.

O lixo era também um problema: "...quando recolhido, é atirado em lugar próximo à cidade, junto às Esplanadas da EFS. A limpeza pública de nossa cidade é deficiente e, acima de tudo, não conta com a cooperação dos moradores que, quando limpam seus quintais e jardins, simplesmente livram-se dos entulhos, atirando-os, esparramados, às ruas." E logo vinha a responsabilidade: "Não pode o poder público, com o dinheiro dos seus munícipes, fazer as coisas como bem entende. É preciso programar, planejar, executar...os planos para melhor aspecto da cidade, que merece urbanização condigna."(43)

A iminência do fim das obras da Ponte, alertava:

"Com a Ponte pronta, ...os que puderem resolver seus problemas de compra e abastecimento em outros lugares, ...considerando-se as deficiências do nosso comércio e o desconforto das ruas da cidade, passarão direto e preferirão mais uma hora de asfalto a dois quilômetros de terra."(44)

No segundo semestre de 1964, começaram a movimentar-se os políticos para a escolha dos candidatos e a reestruturação dos partidos. A movimentação pré-eleitoral se fazia sentir a partir do início dos ataques pessoais aos adversários, conduta mal vista pelos profissionais liberais recém-chegados, que externavam seu repúdio a tais práticas através de artigos no jornal:

"Pois é isso, nesse preâmbulo das eleições, paira no ar um aroma de novidade. Não sobre problemas municipais, mas sobre os candidatos. Os mais entusiasmados já estarão saboreando pratos picantes, em que não faltarão as referências injuriosas, para não dizer, deshonrosas, sobre negócios do candidato, sobre a família do candidato, sobre os filhos do candidato, e até sobre algum parente remoto do candidato que possa servir como notícia de sabor eleitoral... Os alegres eleitores se esquecerão absolutamente de que seus candidatos são homens como eles, cuja família é tão sagrada quanto as deles, que estimam os filhos tanto quanto eles estimam os seus próprios. Não pensarão absolutamente que haverá candidatos realmente interessados em servir à comunidade. Todos estarão reduzidos à expressão mais simples, ou seja, a simples aventureiros dispostos a servir-se do bem público. Bons e maus serão igualados diante das línguas viperinas, e esse falso julgamento favorecerá a ação dos maus, que se sentirão plenamente à vontade, num ambiente de infâmia, calúnia e injúria, que já é o seu próprio ambiente.

.....
(43) - "Aspecto negativo" in A Vigilância, Ano IV, nº 104, 20-7-1964.

(44) - "Necessidade que vem sendo adiada" in A Vigilância, Ano IV, nº 109 - 30-8-1964.

Chegou, pois, o tempo de preparar as eleições. Eleitores epítacianos, preparemos as armas para conseguirmos a vitória. Não pensemos em problemas municipais, que são complexos, são sérios, devem ser encarados com sobriedade e espírito de justiça. Aprontemo-nos para alimentar o nosso espírito com os alimentos mais doces, mais fáceis, mais conhecidos, mais usados. Aperfeiçoemos a nossa capacidade de caluniar, não deixemos nenhum boato morrer nos nossos ouvidos, mas apressemos-nos a difundi-lo pelo maior número de pessoas que nos for possível; se tivermos coragem, escrevamos algumas cartas anônimas. O candidato que conseguir nadar melhor nesse mar de lama, sairá vencedor. Para o bem do município, que continuará tendo o prefeito que merece." (45)

Assim era vista a luta política pelos recém-chegados, vindos das Faculdades de São Paulo e do Rio de Janeiro; e dessa forma era realizada a luta política pela população que defendia interesses e valores próprios, conquistados no dia a dia de sua vida pequena, na cidade poeirenta e quente das margens do Rio Paraná.

Como foi dito, a conservação das vias de acesso à cidade era feita pela Companhia construtora da Ponte, para facilitar a passagem de seus veículos e funcionários. Mais tarde, quando se iniciou a construção do cais, pela mesma Companhia, esta teve que manter conservadas também algumas ruas da cidade, pois seus caminhões betoneiras saíam da central de concreto no canteiro de obras, percorriam quatro quilômetros até a cidade e deveriam atravessá-la para chegar ao Cais. Como o fator tempo era importante, tinham de manter as ruas conservadas para chegar ao cais com o concreto em bom estado.

Nessa situação, os tratores da Companhia Construtora da Ponte eram saudados com entusiasmo pelo povo. O engenheiro que dava a ordem de serviço foi visto como a pessoa indicada para tirar o município da estagnação em que se encontrava. Isso levou os políticos a se reunirem para pressionar o engenheiro-chefe das obras a candidatar-se. Seu nome era visto como certeza de vitória e, pelo grosso da população, ele era o único homem capaz de redimir Presidente Epitácio de suas deficiências e misérias.

.....

(45) - "Eleições" in A Vigilância, Ano IV, nº 119. 8-11-1964.



Máquina da Cia. Construtora da Ponte, consertando
a rua.

A Santa Casa, já desde anos atrás, tinha sido um elemento capaz de projetar seus presidentes de Irmandade politicamente. Construção interrompida, semi-desgastada pelas intempéries, que permanecera esquecida nas franjas da cidade, era, contudo, assunto de interesse geral, já que a assistência hospitalar de urgência para a camada mais pobre era conseguida no município vizinho. Em fins de julho, reunia-se a sede semi-concluída da Associação Atlética Epitaciana, a mesa Diretora da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, "a fim de elaborar planos para o prosseguimento das obras, já em adiantada fase..." (46) Encabeçava o movimento, como provedor da Santa Casa, o proprietário do posto de gasolina da praça da Matriz, antigo taifeiro da navegação, vereador, indicado pelos partidários do PTB, como candidato às próximas eleições.

O ano de 1965 começava com grande movimentação na cidade, envolvida pela expectativa das eleições que se aproximavam. Os partidos já haviam definido seus candidatos a prefeito, vice-prefeito e vereadores. O Engenheiro da Ponte vinha apoiado pelo PDC, UDN, PSP e PTN. O Adversário, como foi chamado mais tarde - pelos correligionários do Engenheiro, vinha apoiado pelo PR, PTB e PSD. Uma coligação do PSD-PTB, alas dissidentes, deixava de apontar candidatos aos cargos executivos e propunha apenas uma lista ao legislativo. O Engenheiro tinha como vice um "baiano" da Bacia, antigo companheiro de lutas políticas do ex-prefeito "Baiano", - hoje pequeno fazendeiro em Mato Grosso. O Adversário vinha acompanhado de um professor primário, chegado no início dos anos sessenta, vereador na última legislatura. Uma observação mais demorada das siglas que acompanhavam os candidatos pode mostrar a existência de variáveis contraditórias, que impediam uma divisão simples entre os contendores.

Entre os partidos que apoiavam o Engenheiro, vamos encontrar a UDN, liderada ainda pelo coletor de impostos de Mato

(46) - "Notícias da cidade" in A Vigilância, Ano IV, nº 104.

Grosso - "que tinha pistoleiros a soldo dele" - antigo condutor de boiadas, agora estabelecido na cidade, já em idade madura, os filhos formados. Seu genro fora derrotado nas últimas eleições, caracterizando a derrota da pequena burguesia, ainda numericamente desprezível e insuficientemente coesa para eleger um candidato próprio. Vamos encontrar também o PDC, partido surgido da desunião da camada alta, que congregou principalmente professores e que apoiara o Soldado - agora dono de terras, acusado de peculato, respondendo a processo em liberdade, mas fazendo visitas periódicas ao Forum local.

Os dois outros partidos apresentavam uma índole popular: o PTN, outro partido surgido da fissão da UDN local, mas cujos elementos componentes tinham grande penetração popular, como era o caso do dentista do IAPM, professor de Ciências do Ginásio, cuja eleição para prefeito se tinha como certa. Os acontecimentos de 1964, porém, eliminando as lideranças populares, cortaram-lhe a carreira, impondo-lhe sofrimentos e humilhações que o transformaram, mais tarde, em um burocrata de gabinete, auxiliar direto de um Secretário de Estado, velho amigo seu, na Bahia. E o PSP, liderado pelo Coletor Federal da cidade, homem combativo, que congregava ao seu redor os "companheiros e simpatizantes de Ademar" (47) e cuja rede de proselitismo político atingia as camadas mais baixas da população.

Entre os partidos que apoiavam o Adversário, vamos encontrar o PTB, partido que até então fôra o beneficiário de todas as vitórias, o partido da "baianada", cujas fileiras eram compostas, em sua grande maioria, pelos funcionários do Serviço de Navegação da Bacia do Prata, também chamados genericamente de marítimos. O candidato a prefeito, embora um descendente de libanezes, era um "baiano" dos primeiros tempos, taifeiro da navegação, que desenvolvera, a partir dessa, diversas atividades, sendo na ocasião proprietário de uma casa de peças de automóveis e Posto de Gasolina na esquina da igreja e de mais uma vila de ca-

(47) - A Vigilância, Ano IV, nº 119. 8-11-1964.

sas de madeira, ao lado da Vila do Gerônimo, alugadas a pessoas de baixa renda, que reclamavam para ter direito à água, fornecida de um poço de propriedade do mesmo.

Paradoxalmente, juntava-se ao PTB o PSD, seu adversário natural nas lutas anteriores, partido composto pela pequena burguesia local, os comerciantes que prosperaram com o crescimento da cidade e que, na época, estavam bem situados ao lado da praça da igreja. Tinham em comum com o candidato, o tempo de chegada e a vida durante mais de três décadas dentro do pequeno campo social e físico em que se desenvolvera. Outro partido que o apoiava era o PR, partido formado na outra eleição do prefeito que agora entregava o cargo. Por lhe terem impedido o ingresso nos partidos existentes, recorreu ao expediente de "ir buscar um partido em São Paulo", coisa perfeitamente factível na época. O PR vinha apoiando o Adversário e tal fato se devia a que, embora sendo tido como o partido do ex-prefeito, não o tinha como candidato, que conseguira legenda mais vantajosa, completando a lista do PDC, ao lado do comerciante do largo da igreja.

A contradição da coligação PSD-PTB pode ser melhor analisada através de seus vereadores: apresentavam-se para o cargo elementos reconhecidamente petebistas, com influência entre os marítimos. (48)

A adesão do PSD se devia à sua direção, nas mãos do primeiro médico da Bacia do Prata - casado agora com rica herdeira de muitos alqueires de pasto e muitos bois -, e do candidato

.....
(48) - Na lista de vereadores proposta pela coligação, aparecem apenas nomes de reconhecida vinculação petebista, podendo ser citados: um integrante do Sindicato dos Marítimos, tido como líder rural; um pequeno proprietário do Campinal; dois funcionários da Bacia - um em atividade e um aposentado; o líder sindical perseguido e liberado, vítima que tinha sido das "coisas que Deus permiti"; um profissional de sindicato e o irmão do ex-prefeito acusado de peculato, aquele louro, este mulato, de cuja mãe se dizia vangloriar-se: "cada filho meu tem um pai."

prefeito que, embora pleiteando os votos da "baianada" e dizendo-se um deles, por ter começado a vida como taifeiro, era agora um representante da burguesia local, estabelecido na praça, identificado com ela, tendo mesmo os dois pertencido aos quadros do Rotary Clube local, não tendo permanecido por questões de desentendimento interno.

A lista de vereadores apresentada pelos outros partidos mostra uma composição heterogênea, mesclada de "baianos", com elementos de diversos níveis hierárquicos e de renda. Os "baianos", antes um grupo coeso, que disputava o poder à pequena burguesia emergente ou que a deixava de lado por insignificante, disputando entre si pelos seus líderes mais destacados, encontrava-se diluída em todos os partidos. A força dos marítimos encontrava-se abalada com a intervenção nos sindicatos e a proibição do direito de greve. Os "baianos", portanto, passaram a integrar, como componentes, outras camadas cujos indicadores de status, de alguma forma coincidiam com os seus.

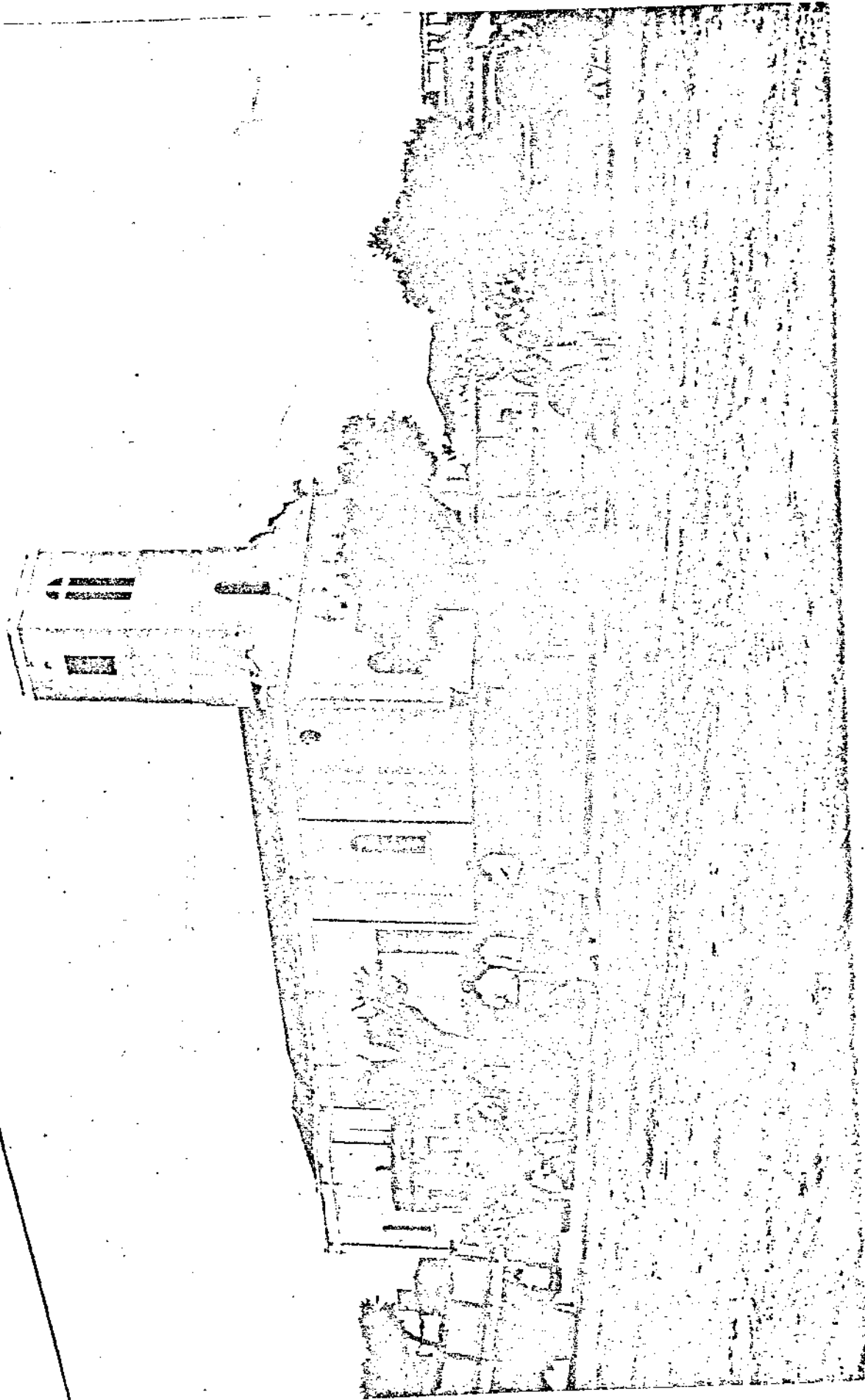
Muitos ficaram à margem, impedidos de participar e, algum tempo mais tarde, quando o Governo fechou os escritórios e oficinas locais do Serviço de Navegação da Baía do Prata, eles ficaram "em disponibilidade", funcionários sem função mas remunerados, revoltados com sua pouca importância e sua segurança.

A recém-criada Comarca de Presidente Epitácio (49) sediava agora a 195ª Zona Eleitoral do Estado de São Paulo e contava com 6.238 eleitores (50). Através dela, seguiam os trâmites legais das eleições, com a audiência pública de nomeação dos membros das mesas receptoras que funcionariam no dia 7 de março.

A campanha se desenvolvia ao redor do tema 'progresso'. Uma euforia dominava a população, antevendo a cidade esburacada e mal iluminada, com todas as suas lamentadas e decantadas deficiências urbanas, transformada em um burgo agradável, limpo, ajar

.....
(49) - Criada em 31 de dezembro de 1958, conforme lei nº 5.120.

(50) - A Vigilância. Ano V, nº 126. 3-1-1965.



Praça da Matriz.

dinado, próspero.

A pequena burguesia via, no resultado das urnas, a possibilidade de expandir-se, de aumentar seus negócios, de conseguir algum conforto.

As condições do momento mostravam-se propícias a pregações progressistas: o município que, até então, fora ponto de parada do tráfego que se desenvolvia entre São Paulo e Mato Grosso, obrigado a interromper viagem na dependência das condições de travessia, via essa fase chegar ao fim. A ponte realmente estava pronta. Até os aterros já tinham levado a terra aos pilares de concreto. Permanecia, porém, interditada. A liberação da verba final estava sendo esperada para que a obra fosse entregue, mas ela não saía. Enquanto isso, começo de ano e rio cheio, mais cheio do que em anos anteriores, os problemas da travessia se viram acrescentados: primeiro, as velhas chatas. Agora, a cheia do rio. A precariedade das chatas não permitia que se corresse o risco do escândalo de um desastre de grandes proporções. Assim é que medidas restritivas foram realmente adotadas: "O serviço de travessia do SNBP vem congestionando o trânsito entre São Paulo e Mato Grosso, em virtude de medida de segurança tomada, que só permite a passagem de 6 veículos pequenos ou três caminhões de no máximo seis toneladas cada vez. Assim, enquanto a procura daquele serviço continua em seu ritmo normal, pois os carreteiros e viajantes necessitam continuar atravessando normalmente, diminuiu em sessenta por cento a capacidade de serviço, o que vem acarretando um acúmulo sensível de conduções que, de ambos os lados do rio, aguardam a sua vez." (51)

Anunciada a abertura ao público, dentro de trinta dias, foram eles longos demais para a espera aflita dos motoristas, imersos nas águas desde os encharcados do Porto XV, cansados das cervejadas em bares inundados, forrados de tábuas, infestados de cobras e escorpiões. Ou os do lado de São Paulo, gastando em des

.....

(51) - A Vigilância. Ano V, nº 135. 21-3-1965.

pesas imprevistas o dinheiro reservado para as viagens.

Notícias davam conta de que estava "havendo estrangulamento no transporte de mercadorias entre São Paulo e Mato Grosso porque a balsa que transpõe o Rio Paraná, ligando Porto Tibiriçá ao Porto XV de Novembro, ficou com a sua capacidade reduzida para quatro caminhões por viagem. Em consequência, mais de 300 veículos permanecem estacionados, aguardando vez, numa concentração que tende a crescer porque o escoamento de caminhões se faz mais lentamente do que o ritmo de chegada de outros, procedentes tanto de Mato Grosso como de São Paulo. A eventualidade surge no momento em que se registra grande aumento no transporte rodoviário entre as duas regiões em decorrência das boas safras de amendoim e algodão. (...) Há mais de um mês faltava apenas compactar o aterro junto às cabeceiras e por tudo que foi possível ver ali, a ponte já, a esta altura, bem podia estar entregue ao público."(52)

E assim foi que, numa madrugada, não se soube começado por quem nem de que lado, ouviu-se um grande rumor dentro da Ponte. Parecia um exército a passar por ela. Os moradores remanescentes do velho acampamento que ficava à beira do barranco, levantaram-se estremunhados e correram para fora de suas casas. Uma enorme fila de carros, os faróis acesos, as buzinas tocando, atravessava toda a extensão dos dois quilômetros e meio de ponte. Os do barranco abanavam as mãos e gritavam. Os de lá respondiam, sacudindo os braços e buzinando. Ninguém soube como foram removidas as enormes treliças que impediam a passagem. Mas o certo é que elas foram postas de novo no lugar, com o auxílio de máquinas, e a travessia continuou ainda algum tempo pelo rio. O jornal dizia que "tão logo estejam concluídos alguns serviços indispensáveis para o trânsito, estará solucionado o problema que vem causando tanta polêmica em toda a região."(53)

A 31 de março, por ocasião das festividades comemorati

.....

(52) - Correio de Sorocabana, transcrito em A Vigilância, Ano V, nº 136. 28-3-1965.

(53) - A Vigilância. Ano V, nº 135. 21-3-1965.

vas do primeiro aniversário da Revolução de 1964, o DNER e o SNBP organizaram, através de seus titulares, cerimônias que culminaram com a "abertura do trânsito, a título precário, na ponte sobre o Rio Paraná, com descerramento da fita simbólica." (54)

O fato é que o capítulo "Ponte" estava encerrado. O impulso econômico que, através dela, tivera a cidade, encontrava-se no fim. Ao mesmo tempo, previa-se uma crise de desemprego que já se delineava: primeiro, com os que a Ponte desempregara; depois, com os desempregados potenciais das serrarias, registrado em setembro já em termos de crise: "...nota-se um crescente e desanimador índice de desemprego na cidade. O fato é ocasionado, principalmente, pela queda que se vinha registrando nos preços da madeira, principal produto que ocupa mão de obra dos nossos operários, seguido de perto por um sistema de navegação deficitário, segundo os armadores. (...) O fato é que, cada dia que passa, sabe-se de outra firma que dispensou seus operários ou os colocou de aviso prévio. (...) Não é possível que uma classe como a dos madeireiros se deixe mandar pelo mercado consumidor de São Paulo, que sabemos bem, é o que vem ditando os preços desde longa data, nos produtos de nossa exportação. (...) Tão logo se esgotarem as reservas proporcionadas pelas indenizações recebidas (e ninguém se iluda de que os indenizados, com as indenizações recebidas, poderão ou irão se estabelecer por conta própria, pois a cidade não oferece condições para isso), então estaremos realmente em uma situação crítica." (55)

O mesmo apelo ao progresso encantava burgueses e proletários. Os primeiros, querendo aumentar as posses e o conforto. Os outros, querendo garantir o emprego e a sobrevivência.

Dizia um marinheiro: "...os barcos particulares estão pagando quatrocentos cruzeiros para os marinheiros, e...o barco do governo paga apenas o salário mínimo...Os marinheiros sabem -

.....
(54) - A Vigilância. Ano V, nº 136. 28-3-1965.

(55) - A Vigilância. Ano V, nº 153. 12-9-1965.

que os armadores ganham fortunas e pagam a eles salários de fome... que os marinheiros têm mágoa de precisar ficar viajando e deixar a família em terra. Que eles têm vontade de mudar de emprego, mas a cidade não tem indústria e eles não têm alternativa. ...um bom prefeito deveria trazer indústrias para a cidade, que assim eles poderiam pressionar o armador para pagar mais a eles. ...Antigamente, qualquer sujeito de curso primário podia ser prefeito, mas agora a prefeitura ficou mais difícil. É preciso ter conhecimento." O dono da Tenda de Umbanda Mamãe Oxum queria um "bom prefeito porque ele já tem a casa, já tem a tenda, pretende comprar mais o terreno ao lado para construir uma igreja grande de tijolos e que se o prefeito põe água, luz, esgoto, melhora para ele, porque valoriza." O mesmo apelo, porém, não surtia o mesmo efeito em todos. Enquanto os moradores do centro se entusiasmavam com a possibilidade do asfalto, os da periferia o temiam. Não tinham condições de pagá-lo. E alguns do centro reconheciam que essa era a lei do desenvolvimento das cidades e que quando eles não pudessem mais se manter na sua velha casa de madeira, pagando impostos e taxas mais altos, mudariam para mais longe e cederiam o lugar para quem pudesse pagá-los. O importante, no momento, era criar recursos próprios, que não estivessem diretamente vinculados à economia exterior ao município, como acontecia com a madeira e o gado e que não conseguiam dar à população o número de empregos necessários. O grande afluxo populacional do início da década de sessenta deixara como consequência, instalada na cidade, uma população proletária antes inexistente. Da pobreza, que no início era condição comum a todos, embora em graus diferentes, resultou um sistema de dependência econômica por parte dos que não acumularam riquezas, firmados através de longa convivência de peripécias e amarguras. As condições demográficas e a proporção entre dependentes e auto-suficientes permitiam este tipo de relacionamento. A população flutuante era pequena e não tinha condições de fixar-se. Contam os moradores da época que, já

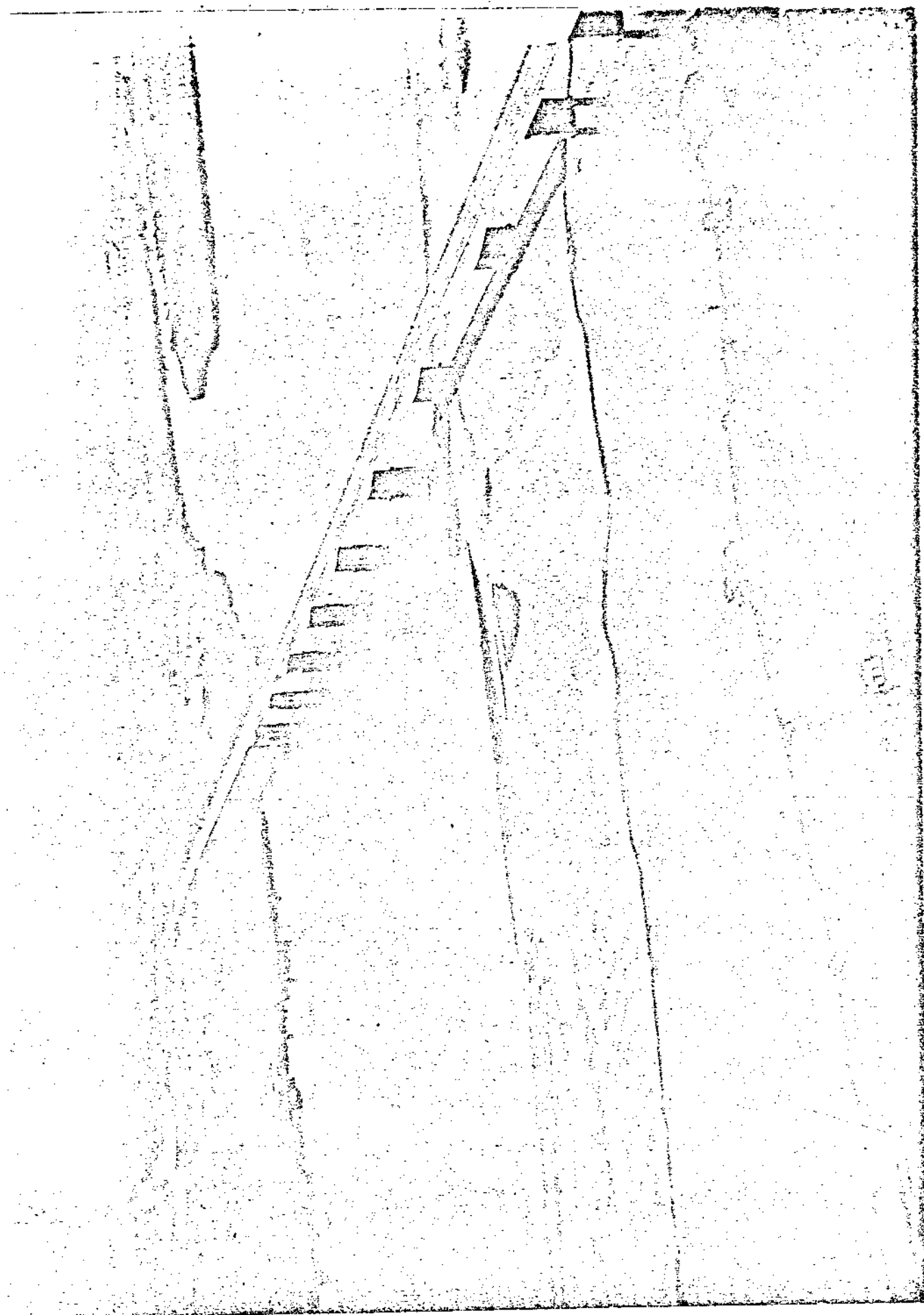
antes de 1940, havia trabalhadores diaristas que prestavam serviços esporádicos em fazendas próximas, que iam a pé para o trabalho, percorrendo os quilômetros possíveis de ida e volta e dormindo sob as enormes figueiras da Esplanada. "Mas permaneciam pouco tempo na cidade."

Terminada a Ponte, encontrava-se a cidade com uma composição demográfica bastante alterada: uma grande faixa de proletários, nome pomposo demais para uma população de diaristas, subempregados, bóias-frias, que viviam de expedientes ou da caridade pública, oscilando entre a esmola pedida nas ruas e o auxílio cobrado ao Centro Social, direito que lhe dava sua pobreza, visitada e reconhecida. Do grosso dessa população, uma minoria apenas recebia o salário mínimo e tinha direito à previdência social, e eram considerados em boa situação pela população local. Estes, porém, sentiam profundamente os efeitos da carestia e da recessão, tornando-se inseguros quanto ao futuro de seus empregos.

O apelo a essa situação difícil pela qual atravessava o país - que era visualizada em termos locais-, e o aceno a um futuro promissor não seriam, porém, suficientes para uma vitória política. Era necessário que os candidatos passassem a ser reconhecidos pelo povo em termos de suas relações com eles.

O candidato filho de libanezes, ex-taifeiro, que apregoava sua origem de "baiano", não encontrava mais condições de aglutinar os "baianos", aqueles primeiros marítimos da Companhia de Navegação dos alemães, depois funcionários públicos do Serviço de Navegação da Bacia do Prata. Muitos dos moradores antigos do Tibiriçá tinham se transferido para a cidade, já tendo filhos formados ou casados com professores ou profissionais liberais - chegados na década anterior. Sua posição encontrava-se à procura de definição: as variáveis renda, cor, instrução, não estavam - ainda bem equacionadas em termos de formar uma identidade social, encontrando-se diluídos em todas as camadas. Tinham, porém, características em comum: trabalho no rio, cor, tradição como grupo.

Ao mesmo tempo o ex-taifeiro, no momento próspero co -



A Ponte.

merciante, estava longe de ombrear-se com os "doutores" recém - chegados. Homem sem instrução, criado no trabalho, embora identificado com a burguesia local, era visto por ela como incapaz de assumir as rédeas do município em momento tão difícil. Suas ligações políticas com o ex-prefeito acusado de peculato, sua longa permanência na direção das obras da Santa Casa, que ainda não estava terminada e cujas contas levantavam suspeitas e comentários, faziam com que fosse visto com desconfiança pela burguesia ainda impregnada da moralidade difundida nos tempos revolucionários. "O governo que surgiu da Revolução de março ganhará força popular na medida em que punir os grandes ladrões deste país... Quando se percebe um desaceleramento do impulso revolucionário e sobe a maré das frustrações, cabe indagar sobre que é feito dos processos contra os grandes corruptos e corruptores..." (56) A nível local se dizia: "A teoria do 'rouba mas faz' já não convence nem mesmo os pobres que tiveram suas receitas médicas aviadas de graça."

(57) Tinha, porém, muitos correligionários a partir de lealdades diferentes e justificadas. (58) "Nesta eleição (o autor se refere às eleições de 1952), esse seu criado que subscreve a crônica, concorreu ao pleito como candidato a vereador (PSP), fui eleito, para mais tarde renunciar por não estar à altura do alto cargo a mim outorgado pelo povo. A partir daí para frente, jamais afastei-me da linha partidária, sempre ademarista ferrenho, mórbido e doentio, mas nem tudo é como nós queremos. As vezes, o impossível acontece: foi assim que em uma dessas tardes frias de julho de 64, tomei conhecimento da candidatura do meu particular amigo. Fiquei eufórico com a notícia em pauta que foi para mim uma surpresa agradável. Como não podia deixar de acontecer, logo de imediato aderi à coligação (PTB-PSD) hipotecando inteira solidariedade ao candidato. Pela primeira vez na história, deixava de la-

.....
(56)- Levy, Herbert. "Os deveres da Revolução e os preços mínimos" in A Vigilância. Ano V, nº 137. 4-4-1965.

(57) - "Fim". A Vigilância. Ano V, nº 131. 20-2-1965.

(58) - Santos, Carlos dos. "O engenheiro que trocou um trono por um prazer" in A Vigilância, Ano V, nº 167. 25-12-1965.

do a linha partidária para marchar junto na campanha política do candidato adversário de ontem (o Praça) - irmãos nas lutas da campanha eleitoral de hoje: para ajudar a eleger o velho amigo - de todos os tempos. Agora, do outro lado, junto dos meus correligionários políticos, à medida que os dias passavam, eu via tudo fácil, tudo azul para o lado do nosso candidato. As adesões espontâneas cresciam gradativamente numa explosão de entusiasmo, eu foria nunca vistos, Mas tudo que tem de acontecer tem a sua força. Certa vez, o telefone de casa tocou. Fui atender. Do outro lado da linha ouvi a voz do meu filho... que dizia assim: - O sr. sabe quem é o nosso candidato? - Não. - É o Engenheiro da Ponte. A Bacia em peso está do lado dele. Até logo.

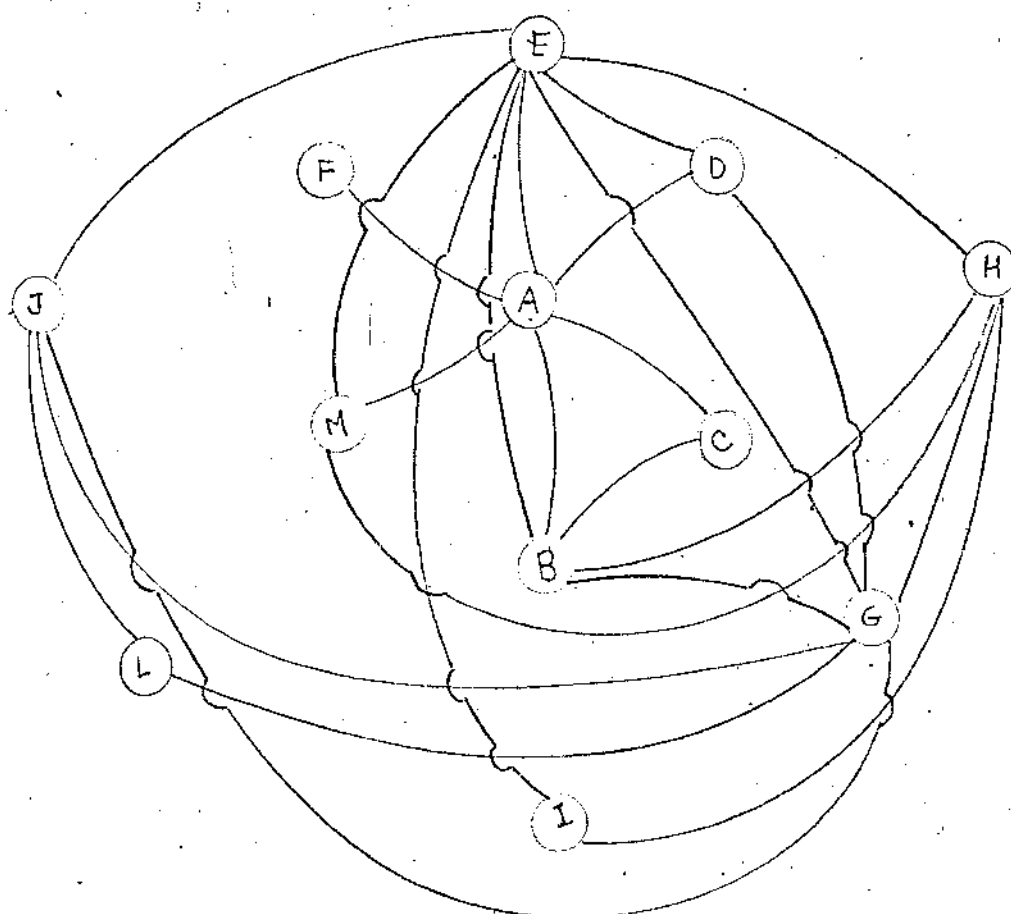
A voz desapareceu por entre os fios da longínqua linha telefônica, deixando gravado o som nos meus ouvidos: nosso candidato é o Engenheiro da Ponte. Desci o fone no gancho, fiquei meditando por muito tempo. Disse comigo mesmo: o Engenheiro da Ponte, esse famoso engenheiro, construtor da ponte, é muito evoluído para aceitar a administração de Presidente Epitácio, caso vença as eleições. É um prefeito para Presidente Prudente, Sorocaba ou mesmo São Paulo e não um pequeno lugarejo como este, enfim vamos aguardar os acontecimentos. Finalmente, veio o tão propalado dia das eleições... foi um grande baluarte. Desde as primeiras horas da madrugada despachava conduções para todas as direções - em busca de eleitores. Neste mesmo dia, 1.400 refeições foram distribuídas gratuitamente, já não falando em tantas outras despesas que muitos dos eleitores aproveitam para explorar nestas ocasiões, para depois trair miseravelmente, como fizeram... Mas estava escrito que o candidato da coligação (PTB-PSD) deveria - perder as eleições, assim aconteceu."

O candidato engenheiro, nos cinco anos em que construiu a Ponte, desenvolvera uma extensa rede de relações sociais. É necessário fazer, aqui, um parêntesis, para explicar como, sendo quatro, apenas um recebia a consagração popular. Temos aqui dois fatores importantes: a função exercida pelo profissional que mais

ou menos determina seus relacionamentos e o que Pécheux chama de "tomada de posição implícita", ou seja, a maneira peculiar e idiosincrática de reagir ao meio, advinda de contato anterior com outro contexto.

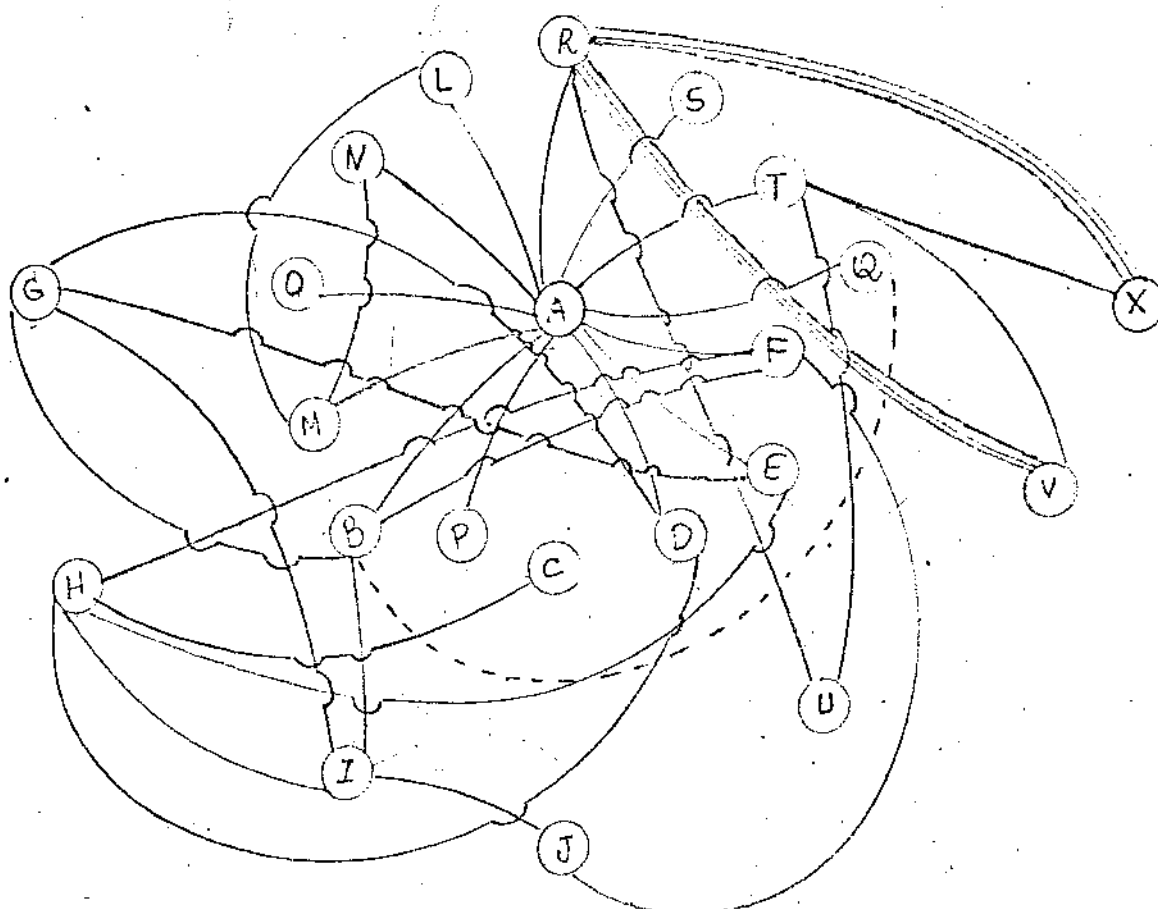
Assim, temos quatro procedências diferentes, quatro históricos diferentes, que se juntaram nas barrancas do rio em 1960, distribuídos em três diversas funções: manutenção de máquinas, aferição de projeto e relacionamento com a fiscalização, execução dos serviços de construção da obra. O quarto engenheiro era assistente deste, recém-formado, iniciando-se na profissão. Na rede social do engenheiro encarregado da manutenção das máquinas, encontramos um relacionamento apenas com a família, os companheiros de trabalho do mesmo nível hierárquico e alguns elementos da cidade, contatados através dos companheiros de serviço. Na rede social do engenheiro de projetos, encontramos quase que a mesma composição, com a variação de que a mulher, através do serviço que prestava no Centro Social, relacionava-se com os funcionários de escalão mais alto da obra, não se relacionando diretamente com os assistidos. Na rede social do engenheiro recém-formado, assistente do executor do projeto, verificamos um relacionamento mais numeroso com elementos da cidade, através de uma namorada, e com um número restrito de empregados na construção da Ponte, através de um plano de construção de casa própria, por meio de mutirão. A rede social do engenheiro executor das obras apresentava-se extensa e de longo alcance. As atividades que compunham sua função incluíam entendimentos com a prefeitura, para promover um entrosamento entre as necessidades da construção e as facilidades do poder público; relacionamento com os comerciantes locais, para fornecimento à obra e aos operários, em particular, principalmente em épocas de crise política; relacionamento com diversos escalões do SNBP para resolver problemas referentes ao transporte no rio, tanto quanto prestação de socorro em caso de acidentes nas balsas, afogamento e outros; relacionamento com visitantes das cidades próximas, e também com personalidades políticas da capital.

Rede de relações sociais do engenheiro de manutenção.



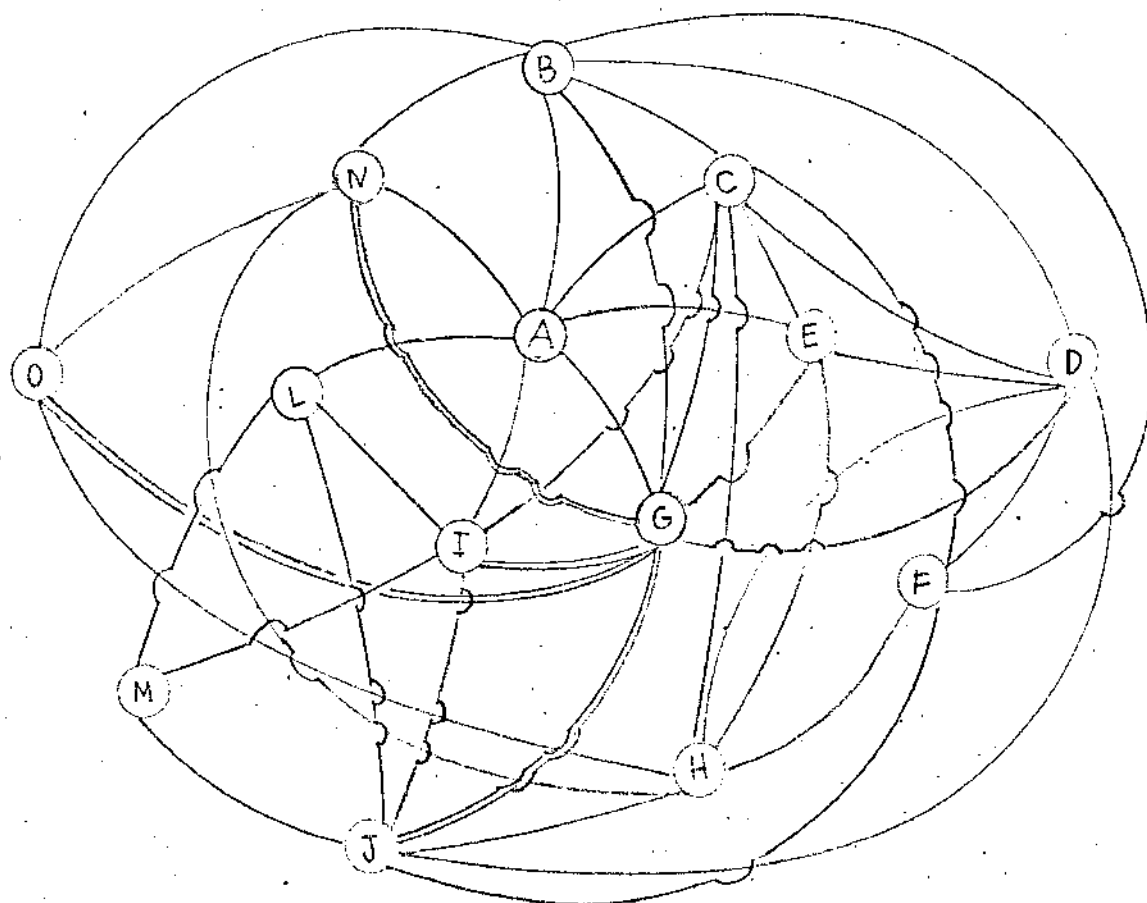
- A. eng. de manutenção
- B. esposa
- C. filhos
- D. eng. de projetos
- E. eng. de execução
- F. eng. assistente
- G. esposa
- H. esposa
- I. namorada
- J. morador da cidade (húngaro)
- L. esposa
- M. Vigário

Rede de relações sociais do engenheiro da Ponte,
candidato às eleições municipais.



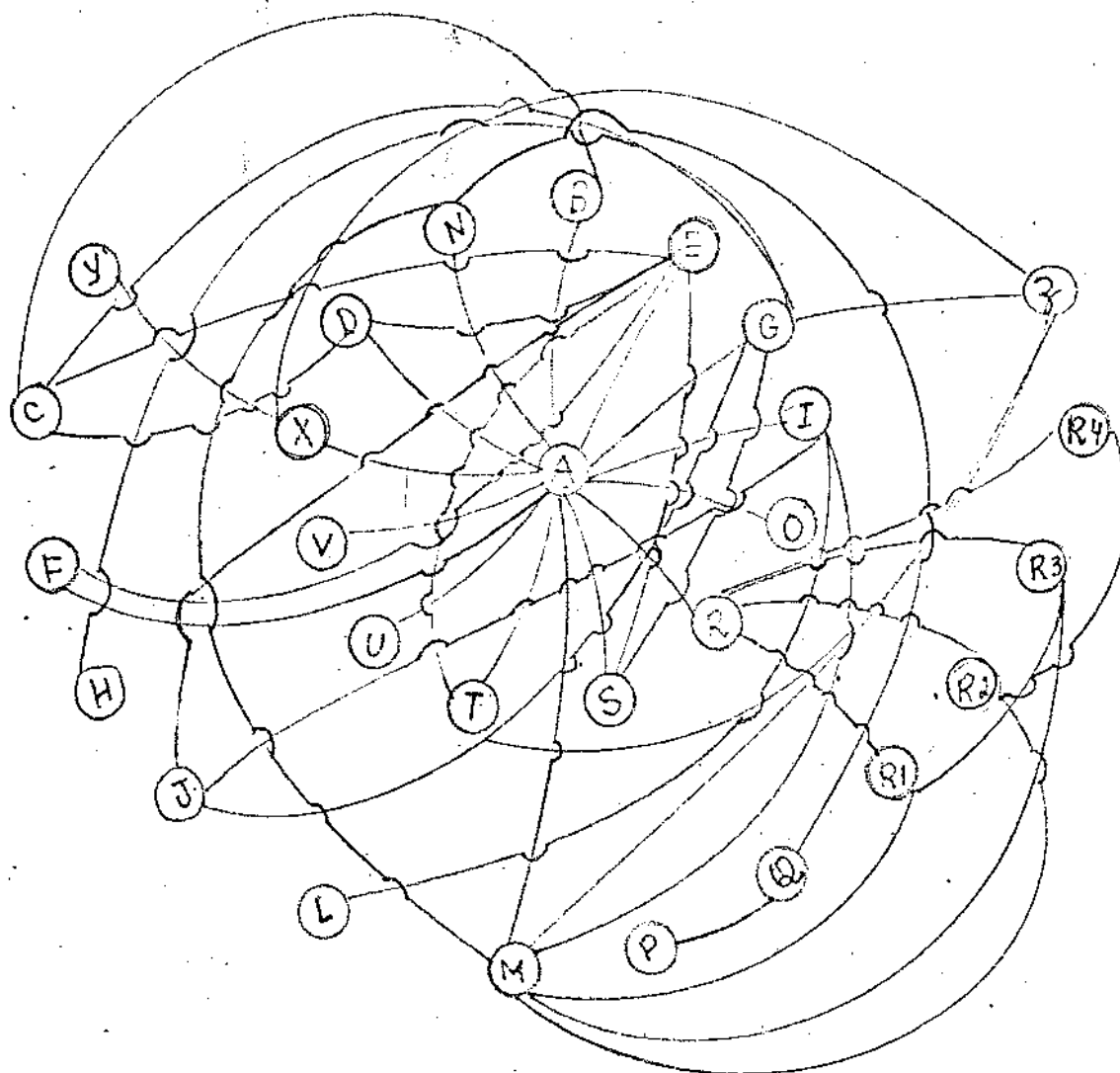
- A. eng. executivo.
- B. esposa
- C. filhos
- D. eng. de manutenção
- F. eng. assistente
- G. esposa de E.
- H. filhos
- E. eng. de projetos.
- I. esposa de D.
- J. namorada
- L. Prefeitura
- M. comerciantes locais
- N. SNBP - dirigentes e funcionários.
- O. visitantes das cidades próximas
- P. políticos do Estado e de fora.
- Q. "leões"
- R. Centro Social
- S. operários da Ponte
- T. Vigário local
- U. fornecedores
- V. funcionários
- X. assistidos.

===== relacionamentos
numerosos



- A. Vigário
- B. engenheiro da Ponte
- C. engenheiro da Ponte
- D. mulher do engenheiro
- E. engenheiro da Ponte
- F. mulher do engenheiro
- G. engenheiro da Ponte
- H. mulher do engenheiro
- I. pai do irmão do amigo do engenheiro G.
- J. mulher de I.
- L. amigo de I, vereador
- M. mulher de L, professora primária
- N. gerente de firma de navegação
- O. mulher de N.

===== relacionamentos antigos, de fora da cidade.



- A. Vigário
- B. Ginásio Estadual
- C. professores
- D. estudantes
- E. pequena burguesia local
- F. famílias
- G. profissionais liberais
- H. famílias
- I. Centro Social
- J. dirigentes
- L. funcionários
- M. assistidos
- N. famílias
- O. grandes proprietários
- P. arrendatários
- Q. famílias
- R. autoridades locais
- R1. Polícia
- R2. Forum
- R3. Prefeitura
- R4. Câmara Municipal
- S. Rotary
- T. Lions
- U. moradores do sul de MT
- V. moradores do Campinal
- X. igreja
- Y. irmandades religiosas
- Z. fiéis em geral.

Sua rede social, portanto, acrescida e fortalecida pela sua atuação como sócio fundador do Lions Clube local e como componente do Centro Social, apresentava-se atingindo quase todos os setores sociais da cidade, com um espectro suficientemente amplo para abarcar seu universo social. Essa rede social se encontrava reforçada pela rede social da mulher, que trabalhara durante os últimos anos como diretora executiva do Centro Social, justamente a função de relacionamento direto com funcionários, assistidos e fornecedores. Dessa forma, o relacionamento que não se apresentava direto em sua rede - como no caso dos assistidos do Centro Social, pois os diretores apenas se reuniam quinzenalmente para decisões -, era feito pela sua mulher que deles se ocupava concretamente, recebendo-os no plantão, visitando-os em casa, enfim, tendo com eles um contato primário, face a face. Um outro reforço à rede social do engenheiro da Ponte era a rede social - estabelecida pelo Vigário da paróquia. Auxiliado, desde o começo, pelos engenheiros da Ponte na edificação da obra de assistência social, estava socialmente comprometido com eles. Mas, além do trabalho que realizava junto aos mais pobres, em auxílios diretos - enterros, socorro a doentes, missas, batizados e casamentos gratuitos, e outros tipos de assistência - relacionava-se através da função religiosa com a pequena burguesia local - os donos de armazém ou de fazendas, em casa de quem muitas vezes tomava as refeições ou comparecia a festas. Realizava seus casamentos e batizados. Relacionava-se também com os profissionais liberais recém-chegados, mais afeitos às práticas religiosas do que os mais antigos, privados delas até bem pouco tempo atrás; com os estudantes do Ginásio, aos quais dava aulas de religião; liderava as tradicionais irmandades religiosas: Filhas de Maria, Marianos, Zeladoras do Sagrado Coração; atingia a população do Campina, onde celebrava missa aos domingos, e do sul do Mato Grosso, percorrendo as capelas durante os dias de semana; relacionava-se com os clubes de serviço, convidado sempre como autoridade eclesiástica local, encarregada de receber os auxílios destinados às

obras de caridade. Na cidade, dizia-se que não tinha inimigos: e ra sempre companhia para um café ou uma cerveja no bar, fosse en tre fiéis ou infiéis. Tentando-se sobrepor essas três redes sociais, veremos que elas coincidiam em vários pontos. Onde não - coincidiam, reforçavam-se mutuamente.

Neste ponto, é necessário verificar que a rede de rela ções sociais, mostrando-se bastante heterogênea, apresentava, por exemplo, uma certa regularidade no que se refere especificamente à rede da mulher do engenheiro: ela atingia quase que uma única camada, o que podemos chamar a massa proletária. Seu relaciona - mento com fornecedores era, ou puramente comercial - uma troca sem consequências sociais -, ou compras a partir de créditos ou financiamentos, nem sempre feitos de boa vontade, acompanhados - muitas vezes da idéia de que esse trabalho se desenvolvia com o fim de alimentar vagabundos. Também se podia verificar que o nú - mero de eleitores na camada mais prejudicada, calculada pelos fi chários do Centro Social em 1.000 famílias aproximadamente (por estimativa, 5.000 pessoas numa população de 25.000), não era sig nificativo. Poder-se-ia perguntar que peso eleitoral haveria numa ação desse tipo, considerando-se a relação simples: auxílio - voto.

Embora a população bem situada economicamente, na sua maioria, não valorizasse o trabalho de assistência à pobreza e mesmo achasse que "não ficava bem" andar em tão má companhia, ha via uma parcela muito maior que, embora não se encontrando na - mesma situação de desamparo social, ou já estivera ou se encon - trava em situação limite, o que lhes permitia sentir o problema dos necessitados. Dessa forma, embora o doente auxiliado nem sem pre ou mesmo, na maioria das vezes, não fosse eleitor, uma gran - de parcela da população valorizava o ato.

Uma eleitora, mulher de funcionário antigo da Bacia do Prata, preta, embora tivesse consciência de sua diferença social, - "disse que se sentiu mal naquela sala cheia de tapetes e pol - tronas, com clientes granfinos, mas que o médico a chamou em pri

meiro lugar e que as clientes dele devem ter pensado como ele podia atender em primeiro lugar a uma maltrapilha." - valorizava a igualdade: "...simpatizou com a mulher do engenheiro porque quando foi visitá-la na Ponte, ela lhe disse que pusesse o neto em uma cama do quarto das crianças. que também fora visitá-la, no primeiro aniversário do neto. E que, quando houve o "desastre do algodão", estenderam os mortos e os feridos no chaõ e ela colocou a mão no coração de um que ainda estava vivo e viu que estava batendo. Grãfina nenhuma ia se importar com isso." Contava, em sua história de vida, com um acontecimento cujo desfecho feliz atribuía à chilena casada com o alemão, diretor da Navegação: "...uma vez esteve lá um médico dando consulta e confundiu as fichas, dando-a como tuberculosa. A mulher chilena ficou muito preocupada e mandou-a para Santos, consultar o médico da Companhia e ele constatou que ela não estava doente. Mandou-a para um colega em São Paulo, que atendia em um instituto e que fazia chapas para empregadas domésticas, mas como o exame pedido não podia ser feito lá, deu um cartão para ela ir ao consultório dele. (...) Feito o exame e dando negativo, ele mandou-a ao Clemente Ferreira para tirar a prova. Ela disse que deve tudo isso à bondade da chilena, que se interessava por todos..." A importância política da ação junto à pobreza era notada, quando se comentava a respeito do Serviço de Colocação Familiar: "Esse serviço é uma campanha política, porque lida com esse povo pobre." E diziam da vitória do engenheiro: "Ele tinha a mulher, que já lidava com o povo."

Caracterizada a extensão e alcance das redes de relações, é importante caracterizar o modo de relacionamento social aprovado: "O povo menos esclarecido gosta de agrado", dizia o ex-prefeito "baiano" - "Todo mundo gosta de agrado, até cachorro".

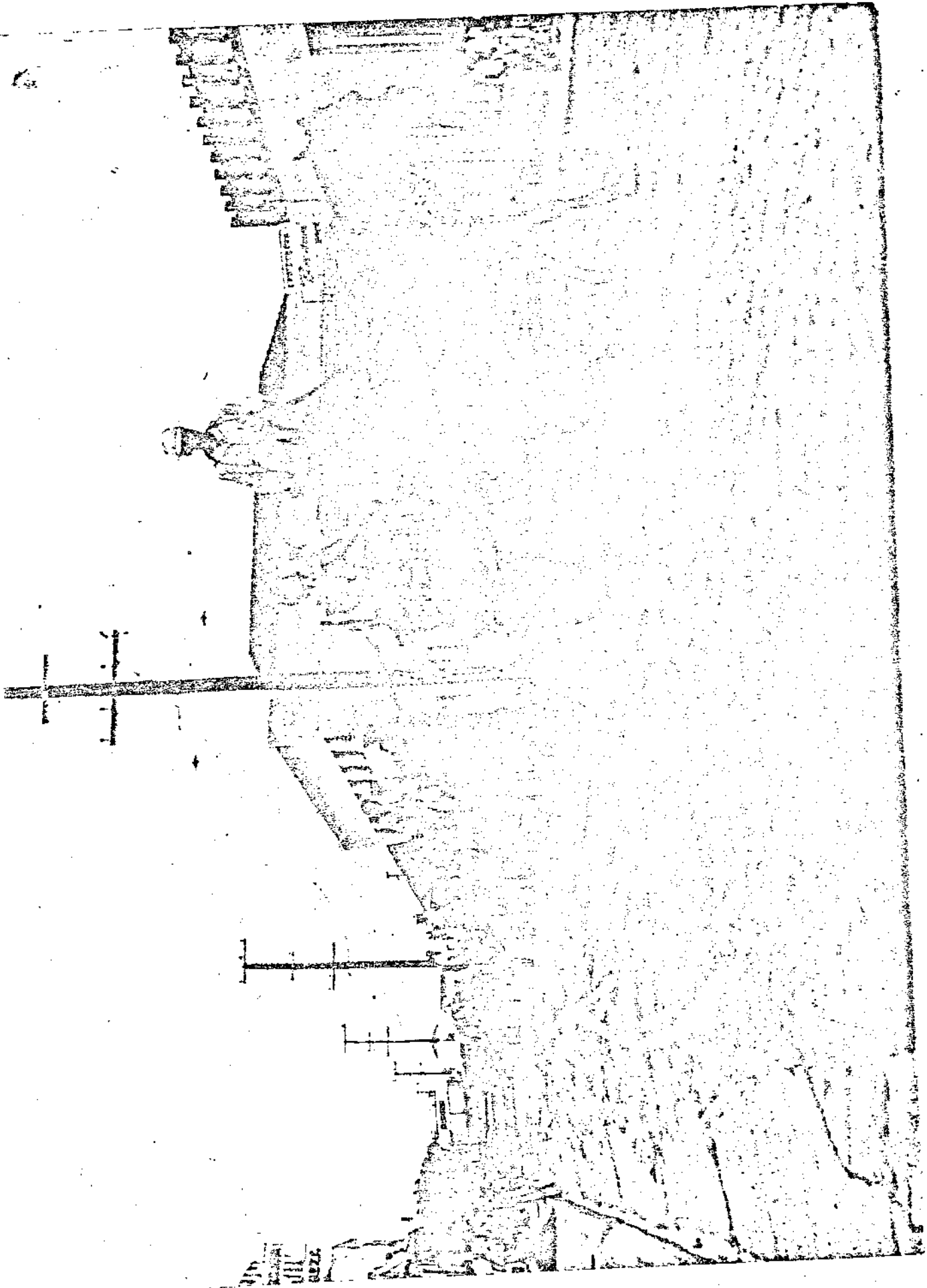
Havia uma série de exigências sociais a serem cumpridas: "O candidato não podia ter deixado de ir ao velório da empregada do Centro Social que morreu por causa da política." - "Lá em Prudente, quando morre um, o candidato é o primeiro que chega e é quem segura a alça do caixão." O dono da tenda Mamãe Oxum

disse que "um homem para ser candidato tem que ter a cara mole, saber abraçar brancos e pretos, limpos e fedidos."

Verifica-se que as redes de relações sociais haviam sido montadas sobre uma série de normas de reciprocidade social - existentes e que elas deveriam ser obedecidas pelo candidato, sob pena de impopularidade. Assim é que vemos ainda uma reação à consciência estamental que vinha ganhando corpo desde os anos - cinquenta, à medida que mais funcionários qualificados, autoridades e profissionais entravam na cidade. A discriminação contra os pretos ainda não era possível. Sua atuação no Serviço de Navegação da Bacia do Prata, onde eram bem pagos e seguros, permitiu-lhes uma posição que agora se consolidava através de casas mais confortáveis e filhos estudantes. Eles eram ainda os donos dos partidos políticos, identificados com a camada alta através de certos determinantes de status adquiridos com a ascensão social e identificados com a camada baixa, através de sua origem comum: a pobreza e a miscigenação. Em semelhante contexto, a discriminação de raça ou de classe tornava-se impopular.

Embora os indicadores sejam contraditórios, o ex-taifeiro era visto pelos da camada baixa como o rico explorador dos pobres, o orgulhoso que andava em carro de luxo e não dava carona para os pobres. Sua mulher era tida também como orgulhosa, por se dar ares de importância e tentar esquecer sua origem humilde. Enquanto o engenheiro da Ponte era tido como pessoa acessível, - sem orgulho, " que nunca deixava de atender, e chamava a pessoa pelo nome."

A campanha tomava vulto e movimentava a cidade: " Há tempos, realizou-se uma passeata de carroças e charretes, como manifestação pró Engenheiro da Ponte e vice-prefeito 'baiano'. No último domingo, houve pelas ruas da cidade nova manifestação de apreço por aqueles candidatos, tendo desfilado pelas principais vias da cidade grande quantidade de veículos de todo tipo, desde os 'chebas' até Simcas e Aero-Willys. O Engenheiro da Ponte e seu companheiro têm sido alvo das mais carinhosas manifestações



Desfile de carroças.

de solidariedade à campanha, por parte de todas as camadas da sociedade epítaciana." (59)

Já havia saído a portaria do Juiz designando as seções eleitorais. O processo político se desenvolvia, no plano institucional, através dos passos legalizados e, no plano subinstitucional, mediante vários tipos de estratégias.

O artigo de fundo do jornal traduzia a indignação de um profissional liberal diante dos métodos empregados:

"Era nossa intenção não nos manifestarmos partidariamente sobre o pleito que se avizinha. Entretanto, por imperativo de consciência e ainda por certos fatos ocorridos ultimamente, esgota-se a paciência de quem quer que seja e não resta outra alternativa senão ombrear-nos com os que já se encontram na vanguarda. Cretinos, (outra denominação seria imprópria) batem boca em botecos, dizendo ter sido esta folha comprada para silenciar sobre a pessoa do Engenheiro da Ponte. Se a compra fosse promovida pelos partidários do mesmo, seria uma péssima transação, pois dele só temos que falar bem, discordando do outro órgão de imprensa da Alta Sorocabana que fica dando ouvido a covardes que se escondem sob a máscara notenta de Amigos da Cidade. Quanto a nós vendermos para o outro lado, bem...deixaremos de comentar esse assunto. Agora, quando todo mundo (dizemos 'todo mundo', candidatos, amigos e simpatizantes da candidatura do Adversário, que diz estar construindo a Santa Casa e nega ter sido a ponte construída pelo Engenheiro da Ponte, representante e dirigente da empreiteira; que diz estar construindo a sede da Epítaciana e não se lembra dos escombros do hangar, que ele construiu mas não fala nada) percebe que o furo da barca é grande e que o naufrágio é certo, lançam mão de estratégias que julgam ser trunfos. Assim, o visitante mensal de Presidente Epítácio e ídolo caído dos trabalhadores, esteve em nossa terra proferindo discursos de 'líder'. Pensando bem, até que foi bom. Ser viu a sua passagem pela cidade para provar a todos, inclusive a ele mesmo, que o tempo das vacas gordas já se foi. Agora, mesmo em nossa terra vilipendiada por certas candidaturas 'populares', a política já recobrou seu lugar no cenário social. Agora, o povo sabe o que quer. Quer o melhor e sabe discernir qual o melhor." (60)

Seu discurso demonstrava uma clara alusão à tomada do poder pela camada mais alta da população, tirado da massa prole-

.....
(59) - "Notícias da cidade" in A Vigilância, Ano V, nº 130.
17-12-1965.

(60) - "Fim" in A Vigilância, Ano V, nº 131. 20-2-1965.

tária, que tinha sido até então sua detentora.

O Adversário, porém, tinha que atacar os redutos mais fortes do seu opositor e um deles, através da influência da mulher do engenheiro junto à faixa mais carente da população, estava confundida com a religião, fundamentação ideológica das obras realizadas pela paróquia, representada pelo Vigário local. O mesmo jornal que noticiava atos de vandalismo, cometidos contra o jipe do padre, quando "...arremessaram contra o para-brisa daquela condução uma valente tijolada", insinuando a origem política do acidente, pois "...ao que tudo indica, mesmo sem ter nada com o peixe, o Padre paga pelo desespero dos derrotados." (61)

Não só os partidários do proprietário do Posto de Gasolina do largo da igreja atacavam. Nas últimas semanas, a sanha tomava conta também dos pudicos profissionais liberais que não queriam se manifestar politicamente, e estes passavam a arremessar contra o Adversário nos mesmos termos:

" Existem vários métodos de fazer política, principalmente em Presidente Epitácio, onde muitos acham que ainda podem enganar a todos. No princípio, a campanha aberta, embora sempre camuflada por aquele verniz enganoso de quem diz pau pela frente e pedra por detrás. Depois, a oposição resolveu ser religiosa, toda ela, até os que não sabem o que seja religião; o resultado foi um fracasso.

A campanha 'casa a casa' já está se desenvolvendo há mais de um ano, com resultado igual. Não conseguindo, por falta de fé, de convicção, tornarem-se religiosos, cristãos em seus atos e falas, passam então a atacar, sempre de emboscada, sempre camuflados pela covardia das insinuações, do anonimato, tentando atingir até mesmo o Vigário da paróquia, sem se darem conta da distância e da altura que os separa do pedestal onde se encontra aquele que, há muito mais de um ano, vem lutando em nossa cidade para amenizar o sofrimento dos desprotegidos que procuram o Centro Social. No auge da boçalidade, falam em Aliança para o Progresso, sem saber o que isso significa. Esgotando-se uma parte dos métodos, apelam para o 'tempo de casa' e a autoria das obras e coisas que a nossa cidade tem. Se formos considerar qualidade para o prefeito, o fato de ser velho morador local, outros existem que o superam em muito. Quanto às obras executadas em nossa cidade, todos sabem muito bem a

.....
 (61) - "Vandalismo (político?)" in A Vigilância, Ano V, nº 132.
 28-2-1965.

ques se devem: àqueles que doaram os terrenos, que doaram o material, que doaram seu tempo de trabalho desinteressado sem disso fazerem alarde nem propaganda em véspera de eleição. Uma coisa sabemos que o Adversário fez sozinho, pois o restante da Diretoria não topou a parada - ele fez sozinho, mas não anuncia, o hangar do nosso aeroclube. É o autor único daquela obra que se espalha destrocada no chão do aeroporto. O anonimato, - a eterna arma dos fracos e dos covardes, a arma preferida pela cateria da oposição, cujo líder assina em cruz artigo para ocupar lugar oferecido graciosamente, (...) - esse anonimato serve de método também como recurso último para tentar enxovalhar no mes de homens que têm, por seu mérito, por sua dignidade, por sua honestidade, por seu idealismo desinteressado, um lugar certo, não só na política, mas na história da cidade." (62)

Os profissionais liberais acusavam o Adversário de estar sendo ajudado pelo Soldado, chamado pejorativamente de "Chefe Visitante do Forum", e mostravam-se confiantes na adesão da massa proletária: "Pelo comparecimento que se verifica nos comícios, pelas adesões no Comitê Central, pela voz que se ouve do povo, pelas casas de todas as vilas da cidade que, não sendo casas de 'elite', ostentam cartazes do Engenheiro da Ponte, essa eleição não tem mais jeito." (63)

Encerrados os comícios, os últimos acontecimentos vinham analisados à luz da religião:

"Apagaram-se os alto-falantes de mais uma campanha política em nossa cidade e terminaram os comícios... A propaganda dos candidatos ao pleito desta cidade, foi desta feita, desde a mais execranda calúnia à mais pura verdade. (...) Graças a Deus, o povo soube se comportar nestes dias em que os ânimos se exaltaram e tudo ocorreu dentro de uma ordem razoável, com exceção de algumas pedradas. (...) Por falar em pecado, o maior de todos eles foi cometido nesta campanha com o intuito exclusivo de difamar o próximo e assim conseguir mais facilmente o sucesso nas urnas. O nome exato deste pecado é: falta de caridade... Alguns, talvez amigos da cidade, cometeram o pecado de faltar com a caridade e justiça até por escrito sob anonimato - (...) É claro que os culpados não merecem o crédito nem a consideração dos que se prezam e se consideram, porque não são dignos de confiança. Entre os nomes feios divulgados nesta campanha, o mais certo de todos eles, o mais exato que se ouviu - foi, para os que estão a par da situação, o de covardes." (64)

.....
(62) - "Métodos" in A Vigilância. Ano V, nº 132. 28-2-1965.

(63) - A Vigilância. Ano V, nº 132. 28-2-1965.

(64) - "O nome exato" in A Vigilância. Ano V, nº 133. 7-3-1965.

Dia de sol no domingo quente de março. Desde cedo, os carros se movimentam transportando eleitores. Um boato se espalha como rastilho de pólvora desde a véspera: os comunistas haviam chegado para ajudar o Adversário. Ninguém sabia ao certo quais eram os homens recém-chegados, mas o da facção oposta redobrou os esforços, no intuito de minimizar a força do opositor.

Na segunda-feira, às oito horas da manhã, o Forum local iniciou as apurações que, pela primeira vez, se realizavam no município. Candidatos das duas facções encontravam-se presentes às apurações. A medida em que iam saindo os resultados, correligionários iam se juntando nas imediações do Forum. Antes do meio dia, o Adversário e seus correligionários já se haviam retirado. No meio da tarde, os partidários do Engenheiro da Ponte começavam as comemorações. Abraços, risadas, comentários, gente que entrava e saía do Forum. Sabia-se que um fazendeiro, proprietário de terras em Mato Grosso e sócio de armazém na década de trinta, já havia saído com sua caminhonete para comprar todos os rojões existentes nas cidades vizinhas. Assim é que, ao cair da noite, uma multidão enchia o centro da cidade, toda a praça e os quarteirões circunvizinhos. Os sinos da igreja começaram a tocar. Espoucavam 800 dúzias de foguetes comprados pelo fazendeiro. O Engenheiro da Ponte vinha carregado nos ombros da multidão, que ovacionava delirantemente o vencedor. Um enorme clarão iluminava a cidade. Ao contrário das eleições anteriores, os rojões não eram jogados contra os vencidos, em contendas horizontais. Seus fogos subiam para o alto e mais tarde se comentou que o seu clarão fora visto por muitos, à distância.

...

A vitória de um profissional liberal, representante do grupo de "elite", que se formara na cidade, só fora possível graças aos canais de comunicação existentes através das redes sociais, que transpunham as várias camadas da população. Embora seus limites fossem imprecisos, chegava-se a uma classificação em termos

de mais ou menos, melhor e pior, superior e inferior. A aspiração dos funcionários e pequenos comerciantes da década de cinquenta encontrara condições de se concretizar. A elite emergia da massa heterogênea da população, sem conseguir, porém, desvencilhar-se da própria heterogeneidade.

... ..

4.4 - Burocracia e carisma.

Com a eleição do primeiro profissional liberal, como decorrência de um processo de organização dos controles públicos que já se vinha desenvolvendo desde a instalação do Município, em 1949, o que se pôde observar foi um movimento decisivo em direção à ordem, no sentido de dar uma ordenação coerente com os novos componentes sociais e econômicos, a todos os setores da sociedade. Essa ordem vinha impregnada de um componente burocrático, pois a eficiência era reclamada como uma necessidade. Começando na primeira, gestão ainda impregnada de relações personalizadas, que transgrediam as barreiras recentes, o desenvolvimento burocrático acentuou-se no segundo, com a despersonalização consequente das relações sociais. A organização burocrática, supondo a ausência de impedimentos herdados à ascensão na escala dos seus pequenos degraus, tem como critério básico o treinamento. A aplicação desse esquema sobre uma ordem social em que as oportunidades não eram iguais para todos e em que a distribuição extremamente desigual da riqueza determinava que a maioria da população permanecesse em situação de dependência, levaria ao impasse que foi observado nas eleições de 1972, que foram um repúdio à nova ordem e um apelo ao restabelecimento das relações personalizadas, como a forma necessária de manter o equilíbrio precário entre pobres e ricos.

Uma semana depois das eleições, tomavam posse: um prefeito, profissional liberal, chegado na década de sessenta e um vice-prefeito 'baiano', chegado em 30, vindo como tantos outros para tentar a sorte na navegação do Rio Paraná. Embora o ex-prefeito, acusado de todas as incapacidades pela pequena burguesia local, fosse o vereador mais votado, tendo o privilégio de ler o juramento, a presidência da Câmara coube a um gerente de firma distribuidora de produtos de petróleo, chegado na década de 50 e identificado com os interesses da burguesia local; a vice-presi-

dência caberia ao comerciante que, viajante na década de cinquenta, em sessenta estabeleceu-se na esquina da praça da Matriz e prosperara com as grandes vendas que fizera à firma construtora da Ponte; como primeiro secretário estava o proprietário de um escritório de contabilidade e como segundo secretário o proprietário de um posto de gasolina.

Os que pediram licença para falar, eram representantes da 'baianada' que sobreviviam diante das reformulações políticas recentes: os dois mulatos e os dois marítimos, sendo o último, irmão do "Chefe Visitante do Fórum", ligado às composições políticas do Adversário.

Depois da posse, a vida do município voltava à mesmice rotineira. A transfiguração da realidade local pelas grandes esperanças cedia lugar à visão das deficiências realmente existentes e sentidas. A Ponte já dava passagem aos veículos. Os carros já entravam na cidade, a caminho do Figueiral. Bares e armazéns que ladeavam o percurso teriam que fechar as portas, estabelecendo-se agora em função dos residentes.

Embora a Ponte já desse passagem, depois de uma pré-inauguração realizada pelo DNER local, devido às pressões que se faziam sentir, sua inauguração oficial deu-se a primeiro de abril de 1965. Movimentaram-se os líderes locais no sentido de conseguir do Presidente da República que chegasse até o centro da cidade. (1)

Apesar das expectativas, nem Castelo Branco nem Ademar de Barros visitaram a cidade. No dia da inauguração, Ademar de Barros chegou primeiro, permanecendo no aeroporto à espera do Governador de Mato Grosso, Fernando Costa. Chegando o avião presidencial, dirigiram-se todos com o Presidente da República ao palanque de madeira armado na cabeceira da Ponte. O Ministro dos Transportes, General Juarez Távora, fez um discurso e também o homenageado, que tinha seu nome incorporado à obra recém-terminada, Maurício Joppert da Silva, cuja escolha se justificara por ter sido.....

(1) - "Pouco caso" in A Vigilância. Ano V, nº 148. 8-8-1965.



A cidade em dia de chuva.

do o criador do Fundo Rodoviário Nacional, que permitira a construção de muitas estradas e obras de arte. As campanhas pela escolha do nome, feitas pelos locais, não haviam conseguido sair do seu estreito limite. Lembrado Major Cecílio, pelo seu trabalho como desbravador e construtor da estrada que chegava às barrancas do lado do Mato Grosso; lembrado Hêlio Serejo, folclorista de região e que liderara várias campanhas pela construção da ponte; - lembrado ainda Jan Batta, acionista da Companhia de Viação São Paulo-Mato Grosso e grande proprietário no sul de Mato Grosso -, todos eles haveriam de permanecer nos limites de sua importância regional. A cidade ficava agora à margem da rodovia, entregue à própria sorte.

De princípio, dois fatos se podem observar através dos dados coletados: a aparente coesão de 'baianos' e profissionais liberais que se manifestara durante as eleições através de um prefeito profissional liberal e um vice-prefeito 'baiano' não encontrava condições concretas de existência. A maioria da Câmara Municipal era formada de profissionais liberais e pequenos comerciantes e o ex-prefeito "Baiano", embora tenha sido o vereador mais votado, logo nas primeiras sessões da Câmara achou-se sem condições de integrar a situação. Já na primeira reunião da Câmara, um vereador declarava que "o município está no CAOS. Acho que sim, porque o Ilustre Presidente da Comissão de Finanças e Relator da Matéria disse mais ainda: em seu parecer por escrito disse que o município está em estado de INSOLVÊNCIA E QUE CONSIDERA CALAMIDADE PÚBLICA." (2) Atacado e ridicularizado (3), passou a não ir às sessões; faltando a três sessões consecutivas, seu mandato foi declarado extinto.

Da segunda sessão ordinária, o "Vereador sem Cadeira" registrava: "...aqui da galeria vi quanto o povo que assistia a sessão gostou dos debates a respeito do pedido de licença do ex-.....

(2) - "Fala o vereador sem cadeira" in A Vigilância. Ano V, nº 137. 4-4-1965.

(3) - "Fala o vereador sem cadeira" in A Vigilância. Ano V, nº 138. 11-4-1965.

prefeito que quer ir à Terra de Todos os Santos por seis meses. (...)....o Presidente colocou em votação o adendo do Vereador... que concede 60 dias em vez de seis meses. A votação foi de 5 votos a favor e 3 contra e o Ilustre Vereador Ausente só terá 60 dias para ir matar suas SAUDADES em Itapoã." (...) "Sr. Presidente, a sessão do dia 10 foi de grande movimento nas galerias. Acho que foi devido à presença do ilustre Ausente no plenário que fez toda a aquele movimento; eu também na expectativa para anotar as respostas que ele deveria dar aos ataques que lhe fizeram em sessões anteriores os vereadores, mas não vimos nada, nem uma só palavra. (...) como era de se esperar, o sr. Presidente deu a palavra ao vereador...., que para defender os moradores da Vila Martins, atacou de rijo o ex-prefeito que ausente aos ataques, fingia que não era com ele, usaram ainda da palavra os vereadores....., todos em seus argumentos fizeram referências à administração passada e o ausente-presente como sempre, nem nada de nada, quando o ex-burgo-mestre quis fazer uso da palavra a respeito de um parecer da Comissão de Finanças, o sr. ...na Presidência, não consentiu, dizendo que era matéria vencida. (...) Quanto à licença do Ausente por seis meses, deixando a Câmara para o seu substituto, a troca é bem melhor... vá com Deus, fique os quatro anos por lá." (4)

O processo de ordenação se desenvolvia progressivamente, Os profissionais liberais, senhores da situação, podiam verberar através do jornal, contra os "aspectos negativos" da cidade, encontrando receptividade por parte da nova prefeitura. Assim é que se reclamava dos cães soltos, da energia elétrica, cara e deficiente (5), da poeira, da ausência de nomes nas ruas(6), exigindo-se mu-

.....
(4) - "Fala o vereador sem cadeira" in A Vigilância, Ano V, nº 139. 25-4-1965.

(5) - "Exploração de Eletricidade" in A Vigilância. Ano V, nº 140. 9-5-1965: "...mais importante para nós epítacianos é o problema da energia elétrica em nosso município. (...)... com as suas tarifas elevadas em 1/3, com o propósito de MELHORAMENTO E EXPANSÃO, a ilustre exploradora passou este mês a não mais instalar relógios medidores de consumo, pela compensação de um razoável aluguel, como finha fazendo; agora, aqueles que quiserem o benefício de uma eletricidade aumen-
(segue)

dança nas normas de admissão de funcionários (7) e medidas contra os vendedores ambulantes e contra as transgressões de horário pra

-
- (5) - (cont.) ...tada em 35% (só no preço, é claro) têm que arcar com um ônus da ordem de Cr\$50.000,00 ,sem contar as demais despesas para instalação da claridade...

Quem quiser, tem que conseguir os postes por sua própria conta, arrumar os esteios dos postes (se for o último da linha), mandar executar todos os serviços necessários e depois, para vistoria e o respeitável 'de acordo', deve se dirigir a Presidente Prudente, por sua conta, trazendo de lá o elemento responsável pela verificação da coisa e o levando de volta. E depois disso, façam o favor de nem olhar mais para o equipamento instalado, pois a Cia. fica braba e diz que não se pode mexer no equipamento que é DELA. Mas a coisa não fica aí. Logo em seguida, começam os cortes intermináveis no fornecimento e, ao primeiro trovão, munam-se os usuários de velas, pois a luz elétrica lá se vai e só Deus sabe quando volta.

Quanto ao serviço de iluminação pública, então, nem se devia falar. É simplesmente vergonhoso. A Cia. não dá os postes, não fornece as lâmpadas para serem trocadas (que vivem queimadas exclusivamente por culpa da própria Cia., que fornece energia deficiente, com variações de até 40%) e passem, senhores, não fornecem nem mesmo o material humano para trocar as lâmpadas queimadas. Se a Prefeitura quiser, mesmo pagando também 35% a mais, que forneça o material e os homens munidos de escadas para trocar as lâmpadas. E como já está trovejando, é melhor encerrar o assunto, antes que a Caiuá interrompa o funcionamento."

- (6) - A Vigilância. Ano V, nº 135. 21-3-1965: "Uma das coisas - que se nota em nossa cidade é que ninguém sabe o endereço de ninguém... Bem entendido, um endereço nos moldes ortodoxos, ou seja, uma rua com nome, uma casa com número... (...) Assim é que encontramos os endereços mais estapafúrdios possíveis, como 'ao lado da touceira de bambú', 'depois do último poste', 'bem em frente ao buracão', 'pegado ao boteco do Zeca' e outros tantos..."
- (7) - "Fala o vereador sem cadeira" in A Vigilância, Ano V, nº 140. 9-5-1965: "Quero lembrar também que os funcionários públicos municipais estão precisando ter a sua carreira estruturada. Sei que agora, para entrar na Prefeitura como funcionário, só por concurso, pois está muito certo. O que não estava certo era o 'outro' nomear funcionário com 72 anos de idade, para aposentar com 75 anos..."

ticadas pelo comércio local (8).

Parecia, agora, que tudo poderia ser consertado a uma só vez, que recursos com os quais não se sonhava há pouco, seriam agora viáveis. Assim é que um grupo de alunos do Ginásio pressionava o gerente do cinema, no sentido de melhorar seu equipamento e suas instalações. Mas as aspirações eram mais altas:

"Uma Banda Municipal bem uniformizada, alegrando o coração de todos os epitacianos com músicas bem nossas, seria mais uma realização capaz de honrar qualquer administrador municipal, bem como contribuiria para conservação de nossas tradições de povo amante de bandas, nem mesmo que sejam das famosas 'furiosas'! (9)

Queriam também uma biblioteca:

"...como nosso município está acordando para seguir o progresso de outras comunas pátrias, justo é já se ir pensando na solução de um problema dessa envergadura. Uma cidade em franco progresso reclama dos poderes públicos a organização de uma Biblioteca Pública." (10)

Entre os sonhos e a urgência do dia-a-dia, porém, era necessário que se tomassem medidas concretas. Já na primeira reunião da Câmara, em que se constituíram as comissões, noticiava-se que

"...Após encerrada essa reunião ordinária... foi realizada outra reunião em caráter extraordinário para discussão e aprovação do projeto de lei 1/65 do Executivo que, pela sua aprovação transformou-se na Lei nº 266, de 23-3-1965 e que esta

-
- (8) - Respeito - in A Vigilância, Ano V, nº 137. 4-4-1965: "Quanto aos vendedores ambulantes, não bastassem os que aqui já se 'estabeleceram' atravancando as vias públicas da cidade, - ainda uma torrente de novos camelôs resolveu fazer de Presidente Epitácio o seu habitat. E assim concorrem até mesmo com os ramos de comércio mais especializados, não sendo de admirar que logo venha algum ambulante vender até móveis e geladeiras pelas ruas. No que diz respeito ao comércio e à indústria, a própria legislação trabalhista determina que a jornada de trabalho não deve exceder oito horas diárias. Acreditamos que o Imposto de Licença que é pago à Prefeitura também dá o direito de se manterem as portas abertas durante oito horas por dia. Infelizmente, não é assim que os fatos ocorrem em nossa cidade, onde, ao que tudo indica, os comerciantes, principalmente, desobedecem às determinações nesse sentido, abrindo os seus estabelecimentos antes do horário previsto e só encerrando suas atividades muito depois das dezoito horas. Deixamos sem qualquer comentário aqueles que permanecem funcionando aos domingos e feriados, sob a desculpa de 'residência nos fundos.' "

belece prazo para arrecadação de tributos." (11)

A medida, porém, vinha abrandada:

"...concede anistia, no que diz respeito às multas sobre todos os tributos de exercícios findos ou deste exercício, desde que tais tributos sejam liquidados até o dia 30 de abril próximo." (12).

Medidas de saneamento atingiam os proprietários, pois "Começando pelas ruas centrais, onde as águas servidas correm livremente, diante das casas comerciais, escritórios e consultórios, até bairros residenciais, onde apenas algumas casas possuem as suas instalações dentro das normas ditadas pelo código, toda a cidade se encontra num estado de insalubridade... Os quintais das casas mais centrais concentram grande número de famílias, morando em quartos e quartinhos, sem as mínimas condições de habitabilidade. Finalmente, noventa por cento da população pobre não tem fossas nos quintais..." (13)

"De comum acordo, Posto de Saúde e Prefeitura, estão - sendo intimados os proprietários de prédios que ainda não tenham fossa, a construí-las imediatamente, ou arcar com as responsabilidades impostas pela Lei. Esperamos que a ação seja enérgica, a fim de eliminar da cidade córregos mal cheirosos." (14).

Mas a ação enérgica que se reclamava não seria capaz de, em pouco tempo, transformar as condições da cidade e impedir que o impossível acontecesse:

"...somos forçados a relatar bisonho fato ocorrido ... na sala de refeições do Restaurante Primor quando alguns cidadãos estavam jantando, quase foram jantados. Ressalte-se que a culpa não coube ao proprietário do Restaurante, mas sim ao dono do prédio e às autoridades, que permitem ou permitiram tal construção, pois, em meio à refeição, eis que a terra se abre numa avant-première do Apocalipse e trava para o seu seio mesa, cadeiras e comensais. Mas, segundo já se comenta, não foi nada grave, somente havia desabado uma fossa CONSTRUÍDA NO MEIO

- (9) - Marconi da Silva, Temer. "Banda Municipal para colorir o co reto do jardim" in A Vigilância. Ano V, nº 145. 27-6-1965.
- (10) - Marconi da Silva, TEmer. "Da necessidade de uma Biblioteca Municipal" in A Vigilância. Ano V, nº 152. 5-9-1965.
- (11) - A Vigilância. Ano V, nº 136. 28-3-1965.
- (12) - Idem, ibidem.
- (13) - "Saneamento" in A Vigilância. Ano V, nº 131. 20-2-1965.
- (14) - A Vigilância. Ano V, nº 140. 9-5-1965.

DO SALÃO DE REFEIÇÕES. Embora assustadas, as vítimas saíram ile sas da inédita ocorrência." (15)

A escalada em direção à ordem vinha completada no fim do ano com a publicação das novas leis municipais,

"...para dar conhecimento aos contribuintes de suas obrigações e direitos....: Em grande trabalho desenvolvido, no sentido de dotar o Executivo de legislação condizente com as condições a tuais do município, vem a câmara de Vereadores de aprovar inúmeras leis que irão mesmo revolucionar ou proporcionar condições de revolução na administração municipal. O orçamento para 1966 foi elevado para Cr\$482.000.000,00, o que representa um a umento de 200% sobre 1964." (16)

Duas semanas mais tarde, afirmava-se que "pagar impostos é vantagem":

"Esta folha está publicando algumas das leis recentemente sancionadas pelo Executivo e que entraram em vigor ou entrarão a partir de 1º de janeiro, todas elas de grande importância, principalmente para conhecimento dos senhores contribuintes. Agora, qualquer relaxamento no pagamento de impostos acarretará tão grandes despesas e tantas dores de cabeça, que não é mais vantagem ficar devendo por um ano para a prefeitura. Ao contrário da simples multa de 10% que existia até agora, o con tribuinte poderá sofrer, com correção monetária e tudo, um acréscimo de até 80% sobre os impostos em atraso. Por medida de economia, vamos pagar nossos impostos." (17)

O poder público atingia vários setores:

"Na próxima semana seguirá para São Paulo o sr. Prefeito Municipal, juntamente com o professor ... para assinar convênio com órgão especializado do Governo Federal, para atendimento da Merenda Escolar em nossa cidade." (18)

Ordem, eficiência, progresso, eram as palavras mais usadas e traziam, em conjunto, à antiga e pequena cidade poeirenta, uma nova forma de dominação.

"Desde os primeiros dias da atual administração municipal, o povo de Presidente Epitácio está sendo testemunha da re viravolta que anda pela cidade e por todo o município; máquinas que estavam jogadas como ferro velho, foram restauradas e

.....
(15) - "O impossível acontece" in A Vigilância. Ano V, nº 153. 12-9-1965.

(16) - A Vigilância. Ano V, nº 163. 28-11-1965.

(17) - A Vigilância. Ano V, nº 165. 12-12-1965.

(18) - A Vigilância. Ano V, nº 148. 8-8-1965.

estão rodando o dia inteiro, consertando ruas e estradas; estas, que demandam ao Campinal, à Santa Cruz, a Tibiriçá, ao asfalto, são patroladas diariamente. As nossas ruas, intransitáveis antes, estão sendo consertadas, dando passagem franca a qualquer veículo; os meios fios e sargetas que foram feitos sem técnica, aereamente, estão sendo postos em ordem. Em toda a cidade, em todo o município, observa-se o progresso e nota-se a satisfação da população que, durante os anos das administrações anteriores já estava descrente, decepcionada, desesperançada." (19)

A ordem atingia também a religião e a pobreza. O Centro Social, usando a retórica da religião, justificava-se:

"Uma revelação da alegria de estar unidos em nome do Senhor, reunidos duas vezes por mês, a fim de realizar uma obra do Senhor, que é a caridade com os nossos irmãos." (20) "Não exigimos que vendam as suas propriedades e os seus bens. Apenas queremos uma contribuição mínima das propriedades e dos bens, para distribuir por todos segundo a necessidade que cada um tem." (21) "Por iniciativa do Reverendo, os católicos de Presidente Epitácio estão organizando a campanha do dízimo, na base de 2% do salário. (...) A campanha prossegue e é de se esperar que o seu sucesso traga para Presidente Epitácio, no setor religião, o progresso equivalente ao que se nota em outros setores. "

Encetava-se uma campanha contra o hábito de dar esmolas, com o apoio da Delegacia de Polícia e da Prefeitura:

"Depois de contar com uma organização que lhe permite tomar as medidas necessárias, visando influir decisivamente no problema dos necessitados desta cidade, sabe-se que essa entidade vai encetar uma grande campanha publicitária no sentido de que o povo não dê mais esmolas nas ruas." (22) "A nossa cidade continua superpovoada por indigentes que aparecem dos mais longínquos rincões, para aqui solicitarem ajuda da população. (...) A população que arca, pelo menos em parte, com o ônus do Centro Social São Pedro, não pode e não deve atender... visto haver na cidade uma perfeita organização para atendimento de todos os casos." (23)

Propunha-se o modelo de Itapira e Poços de Caldas e reclamava-se:

- (19) - A Vigilância. Ano V, nº 158. 17-10-1965.
- (20) - "Acertar os passos" in A Vigilância. Ano V, nº 152. 5-9 - 1965.
- (21) - A Vigilância. Ano V, nº 153. 12-9-1965.
- (22) - A Vigilância. Ano V, nº 142. 30-5-1965.
- (23) - A Vigilância. Ano V, nº 136. 28-3-1965.

" essas duas cidades compreenderam a necessidade dessas obras como um fator de equilíbrio dentro da comunidade e mesmo como fator de progresso. Presidente Epitácio ainda não compreendeu. O Centro Social São Pedro há dois anos recolhe os mendigos da cidade. Se não o fez com mais energia é porque os outros poderes até hoje se mantiveram alheios ao problema, sendo que só agora se esboça um entrosamento: as autoridades civis, policiais e religiosas." (24)

Os mendigos de fora eram um problema adicional:

"Andando pela cidade, esta semana, mendigos de Wenceslau, Anastácio e adjacências. Sabe-se que a Prefeitura Municipal, em conjunto com a Delegacia de Polícia e o Centro Social São Pedro, pretendem pôr fim à mendicância. Deve ... o povo compreender que não deve dar esmolas na rua. O sentimentalismo, que a muitos obriga é prejudicial. Não soluciona o problema e favorece preguiçosos e malandros. Já há muito entramos na época da assistência social organizada e é necessário que o povo compreenda que a sindicância é necessária." (25)

No fim do ano, como já se fazia há algum tempo, organizavam-se cestas de Natal. Campanha difícil no começo, já se encontrava suficientemente difundida para se desenvolver quase sem esforço e tinha seu endereço certo nos pobres - os mais pobres -, visitados e fichados, do Centro Social.

"Em Presidente Epitácio, além dos preparativos de cada um, houve uma preocupação quase geral com a confecção das chamadas Cestas de Natal que, pela quarta vez consecutiva, são distribuídas aos pobres da paróquia de São Pedro. Muitas famílias as enviaram espontaneamente, outras se incumbiram de arrecadá-las. Só o Rotary Clube ofereceu mais de cem. E é compensador pensar que foram atendidas quatrocentas famílias, numa lição de fraternidade humana digna de ser imitada por outras cidades. Até aí, os fatos. Mas por trás de todos os fatos, esconde-se uma verdade, que estava dentro da Igreja naquela noite da missa: era a miséria. Se fôssemos mais duros, diríamos que a escória da sociedade estava lá: elementos incapazes de se manterem, que a doença levou à miséria ou que a miséria levou à doença; que a fome levou à bebedeira ou que a bebedeira conduziu à fome; mas de qualquer forma dependentes, incapazes de orientar a geração nova que deles depende e que cresce mirrada, doente, infeliz, marginalizada." (26)

-
- (24) - A Vigilância. Ano V, nº 142. 30-5-1965.
 (25) - A Vigilância. Ano V, nº 177. 15-5-1966.
 (26) - "As cestas de Natal" in A Vigilância. Ano V, nº 162. 25-12-1965.

No último ano de mandato, foi criada pelo Governador - Abreu Sodré, a Secretaria de Promoção Social. Tal órgão deveria racionalizar e financiar a Assistência Social do Estado, estabelecendo convênios regionais, de tal forma que determinadas instituições servissem à região, evitando que se criassem muitas semelhantes enquanto outras, necessárias, não existiam. Presidente Epitácio deveria compor com Presidente Wenceslau, Marabá Paulista e Caiuá. A Prefeitura preparou os papéis necessários para fazer jus aos benefícios e já nos seus últimos dias de governo, o convênio foi assinado pelo prefeito. A assistência social chegava agora ao seu ponto máximo de racionalização; do auxílio mútuo dos primeiros tempos, da esmola dos tempos da desordem, passava agora aos domínios do Estado. Assistentes sociais deveriam chegar, proxima-mente, preocupados com a promoção humana e prevenidos contra o "assistencialismo" que só dava benefícios sem exigir nada do "assistido"; propunham-lhe o nome de "cliente" e se dispunham a cumprir rigorosamente o "slogan": "Não dê um peixe. Ensine-o a pescar."

Último reduto das terras devolutas, os graves conflitos de terra do Campinal encontraram seu desfecho trágico. Numa madrugada de domingo, num crime bem planejado - cortaram os fios de luz e telefone, e entraram pela janela do fazendeiro, apesar de seus capangas que todos sabiam bem armados - alguns homens matavam o fazendeiro em sua própria cama. As questões de terras, que iam ser dirimidas na justiça da Comarca, deixariam de existir. Descricções como estas jamais seriam publicadas;

"...por delito praticado contra... e ..., no dia 8 de dezembro de 1962, na Fazenda Bandeirante desta comarca, tudo nos termos da denúncia de seguinte teor: "No dia acima, os acusados ... e ..., a mando de ..., constrangeram a ..., arrendatário da Fazenda Bandeirante, mediante ameaças consistentes em exibição de revólveres e mediante violência, e aí passaram a agredir a vítima. Quando agrediam a vítima, eis que surge ... seu companheiro nos terríveis arrendamentos, voltada a atenção para este, a primeira vítima foge e ...sofre uma pancada com a prancha de um facão que portava ..." (27)

Seguiu-se um período de calma. E na gestão seguinte, sen

 (27) - A Vigilância. 30-5-1965.

do secretário da agricultura Herbert Levy, foi outorgado o título de posse aos que permaneceram na terra, encerrando com essa medida o período das terras devolutas do município. Dessa data em diante, não haveria mais terras de ninguém.

As atividades desenvolvidas, porém, não conseguiam disfarçar a realidade da fraqueza municipal:

"O extenso território pátrio reclama... uma política municipalista dinâmica, consolidadora da nossa unidade nacional. Isto não significa o desvio da rota traçada pelo Governo Federal. (...) Com o saneamento administrativo, político e econômico, renasce a esperança de uma melhor e mais realista política do poderio municipal." (28)

Essa fraqueza levaria a duas estratégias: a primeira, o tradicional esquema de favores entre o poder municipal e o Estadual - definido por Nunes Leal como o esquema clássico do "Coronelismo" -, e ao qual se poderia recorrer com mais facilidade à medida em que aumentava o número de eleitores no Município. Exemplo dessa estratégia encontramos ainda na gestão do Engenheiro da Ponte, para percebê-la já, minguada e inoperante, na gestão seguinte, consequência, já assinalada em páginas anteriores, da hipertrofia do poder central e da consequente diminuição do poder do voto. Assim temos que:

" Por duas vezes o sr. Prefeito esteve em São Paulo, no Palácio do Governo, embora, por não ter sido confirmada a entrevista previamente marcada, não ter senão por breves momentos, mantido palestra com o sr. Governador. Por determinação deste, conseguiu o sr. Prefeito, da Secretaria da Agricultura, dois tratores para reparação das estradas do Campinal e de Rosana, sendo que essas máquinas que se encontram em Oswaldo Cruz, paradas, deverão brevemente estar a serviço de nosso município, por um período de tempo, a título gratuito. Ainda nessa oportunidade, S. Sa. entregou ao Governador Ademar de Barros vários ofícios solicitando providências para nosso município e para cujos pedidos recebeu a promessa de atendimento. Entre outras coisas, foi solicitada verba para recuperação do matadouro municipal e mais transferência de unidades geradoras para o Bairro do Campinal, liberação de diversas verbas, entre elas a da Caixa D'água, auxílio para extensão da rede elétrica, condições para reparação dos próprios estaduais da cidade, como

.....
(28) - "O Município e seu progresso harmônico". Marconi da Silva, Temer -in A Vigilância. Ano V, nº 164. 5-12-1965.

cadeia, grupos, posto de saúde, posto de puericultura, etc. Dependendo de confirmação, o Engenheiro da Ponte deverá ser recebido em audiência especial no próximo dia 8 de abril." (29)

E também: "Mais uma conquista do prefeito merece ser divulgada: através do sr. ... (coletor federal - ademarista), dinâmico coletor federal e presidente do diretório municipal do PSP, vem o governador Ademar de Barros de conceder, a título de auxílio, ao município de Presidente Epitácio, para extensão da rede de água aos bairros da periferia, a importância de Cr\$... 6.000.000,00 (seis milhões de cruzeiros). Alô, povo de Vila Martins, atenção que a velha aspiração do bairro está em vias de concretizar-se." (30)

A pobreza das rendas municipais era a causa da necessidade de mobilização de recursos particulares, fossem doações em espécie ou em dinheiro, ou mesmo atividade pessoal. Não só os clubes de serviço como a própria prefeitura tinham que recorrer ao bolso ou à participação de terceiros. Mas havia sempre o problema da distribuição de prestígio: a quem seria atribuída a ação para a qual tantos haviam contribuído?

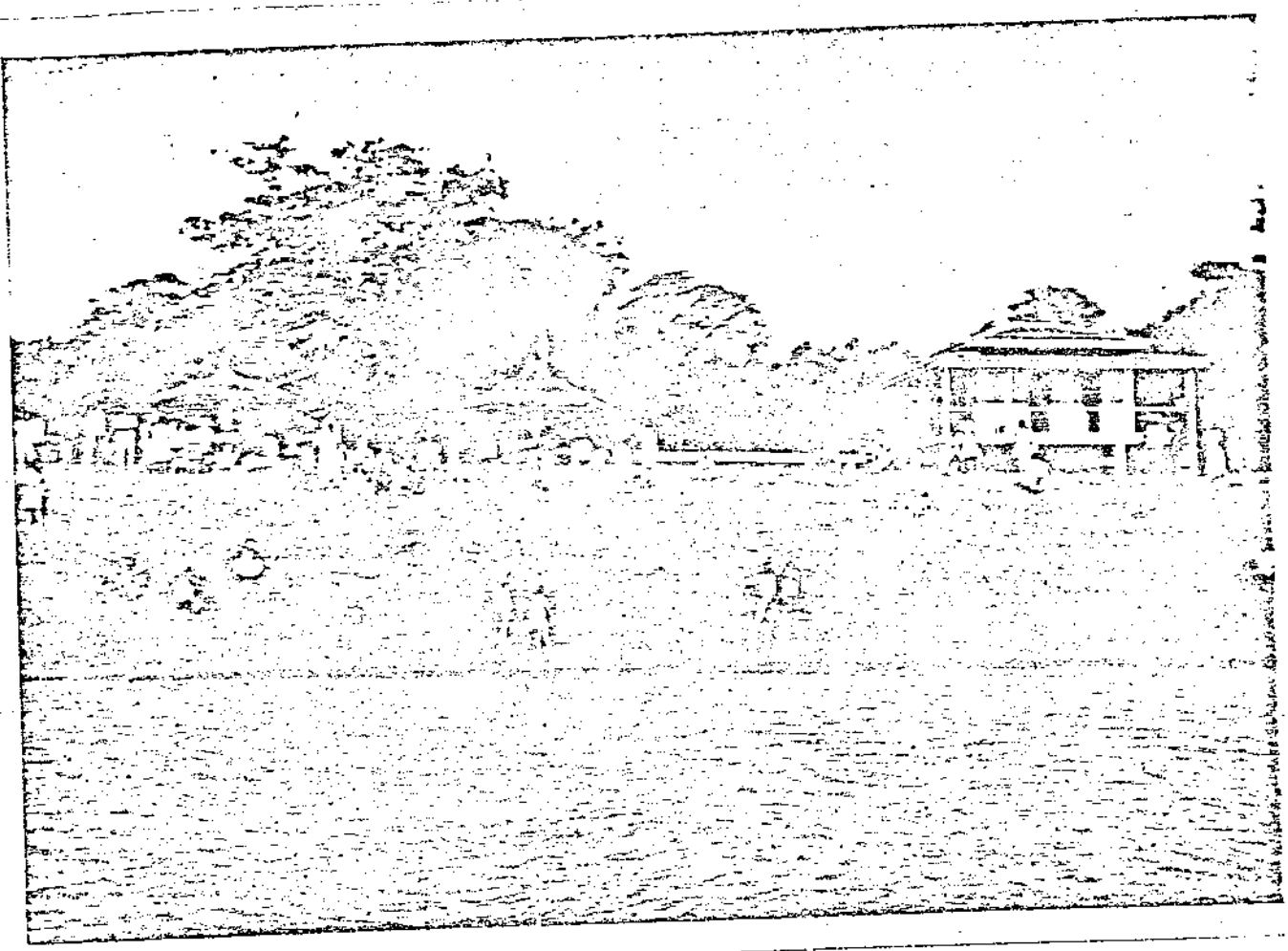
"Nota-se, cada vez mais, em nossa cidade, um afastamento de todos quantos podem fazer alguma coisa em prol do bem comum, quando são chamados a colaborar com uma parcela no aprimoramento da sociedade e da comunidade que habitamos. As mais variadas e descabidas excusas são formuladas, sempre que algo se pede, não em dinheiro, mas sim em trabalho, visando a benefícios de ordem geral. Todos preferem e fazem questão de 'dar sua parte em dinheiro', como se por acaso dinheiro fosse, sozinho, a solução para todos os problemas que afligem uma comunidade. (...) ... ainda surge agora mais um motivo, sem razão de ser para combate: o ciúme. ... os que não aceitam cargos, incumbências ou trabalhos, além de já prejudicarem a comunidade, pois desfrutam do benefício geral, explorando as iniciativas e os trabalhos alheios, ainda se acham no direito de criticar as iniciativas e seus mentores, procurando sempre atribuir deméritos às pessoas ..." (31)

Os empreendimentos encontravam ressonância desigual, conforme as pessoas atingidas. É significativo que, no fim do ano, por ocasião de mais uma Festa da Praia, tenha aparecido, embora para elogiar a colaboração, a categoria "antigos":

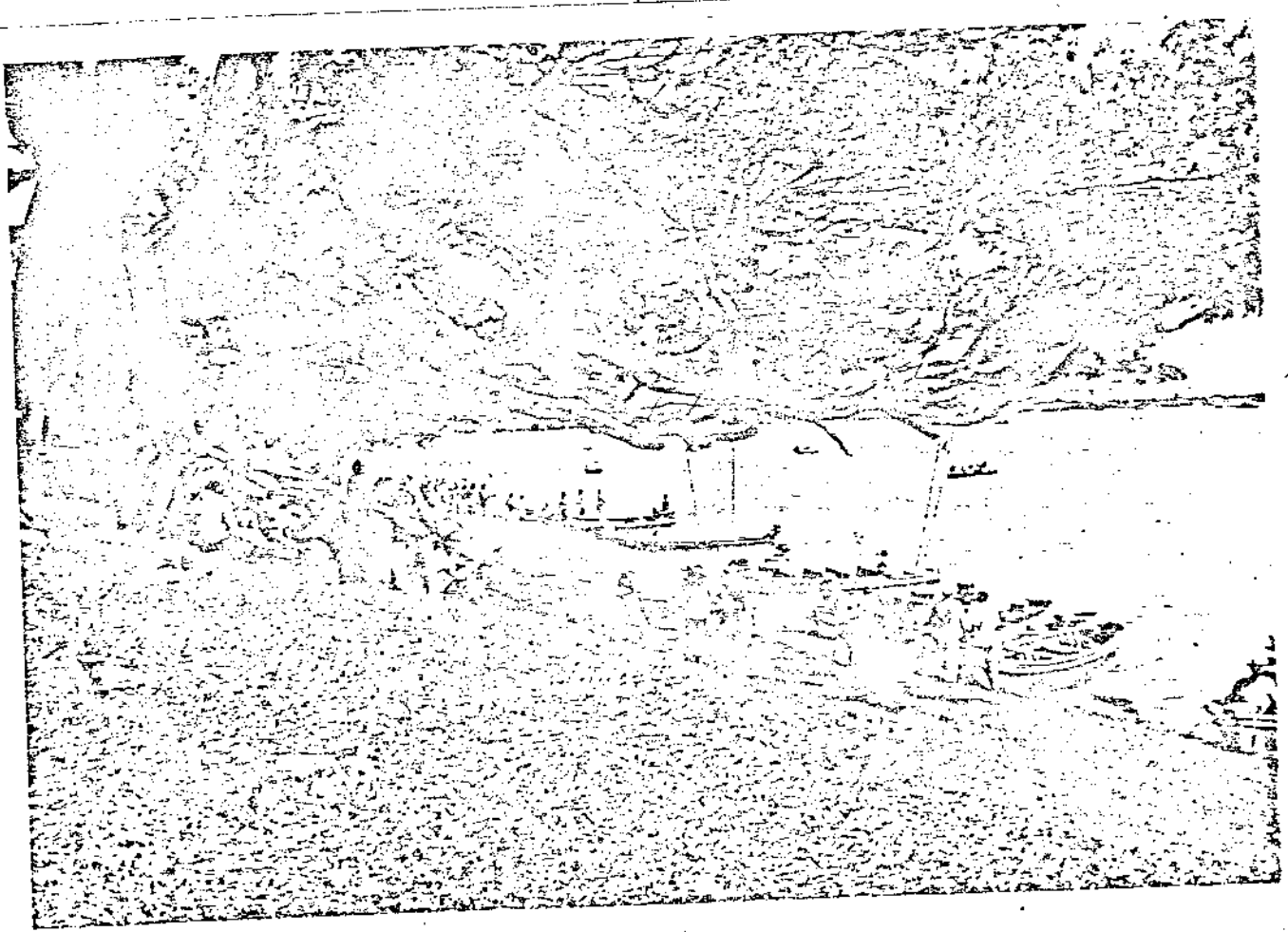
.....
(29) - A Vigilância. Ano V, nº 137. 4-4-1965.

(30) - A Vigilância. Ano V, nº 159. 24-10-1965.

(31) - "A TODOS" in A Vigilância. Ano V, nº 142. 30-5-1965.



JUN 60



JUN 60

Festa da Praia.

"Esta Festa da Praia de 65 mostrou que Presidente Epitácio, com o esforço apenas dos seus, pode organizar-se. (...) O que houve este ano foi daqui, foi da casa, foi da barranca mesmo. Os mais antigos estiveram presentes. E a festa terminou com um pré-comício para eleição do apelido, nota local que deu um colorido 'bairrista' a esta gente que já começa a se entusiasmar pela 'sua terra'." (32)

O esforço, porém, que se desenvolvia, no sentido de transformar a cidade e todas as iniciativas "pioneiras" dos últimos a chegar, não se desenvolviam em terra virgem. Assim é que, no fim do ano, Um Assunto por Semana surgia como um desabafo:

"Estão todos cansados. Bem entendido, os que trabalham. Este fim de ano tem sido pesado para muitos, que anseiam por umas férias, não tanto de trabalho material, mas do trabalho mental. (...) Acontece que, junto a esse cansaço normal, que a companhia toda atividade, vem-se insinuando uma desilusão malfez, prejudicial, derrotista, no espírito dos mais combativos. É comum a expressão: 'este povo não merece o sacrifício', 'escrever para quem?', 'trabalhar para ser combatido, caluniado, discutido, por quem não faz nada', enfim uma porção de frases que vão se tornando 'slogans'... Estamos vivendo nesta cidade um momento histórico. Um esforço sobrehumano quer transformar uma cidade inculta de fronteira, numa cidade civilizada. Um grupo de homens ...quer fazer em alguns anos, o que normalmente levaria dezenas." (33)

No começo do ano seguinte, a oposição entre novos e antigos voltava ao jornal, mas agora mais contundente, saída da pena do diretor do jornal, profissional liberal ligado por parentesco, através da mulher, a moradores radicados há longa data na cidade e, por meio deles, transformado em cliente de capitalistas locais. Frequentador assíduo da "esquina do pecado", onde se reuniam os homens para discutir os últimos acontecimentos, estava sempre bem informado a respeito do que se pensava e falava.

"Aqui, todo mundo fala, contra ou a favor, grita e briga, e ninguém tem razão, ou todos têm razão. Mesmo assim, as coisas vão indo, a nosso ver, melhores que antes, a despeito de 31 de marços, falta de dinheiro e muito boato de fuxico. O que nos entristece em todo este panorama é um certo clima de animosidade entre os moradores mais antigos, alguns, e os mais

-
- (32) - "União é prova de evolução" in a Vigilância. 3-10-1965.
 (33) - "A peneira do tempo" in A Vigilância. 5-12-1965.

novos aqui chegados, o que só pode redundar em prejuízos para toda a coletividade. Não nos parece certo nem justo, argumentam alguns (graças a Deus são apenas alguns) que forasteiros recém-chegados se arvorem em 'donos da cidade', tomando a frente de todos os movimentos, nos mais variados campos de atividade social. Entendemos que a cidade não tem 'donos', nem velhos nem novos, pois ela pertence de direito a cada um e a todos que aqui residem, trabalham, amam e depositam suas esperanças num futuro já cantado e previsto até mesmo fora de seus limites territoriais. Os que aqui chegaram por último, vieram imbuídos do mesmo ânimo dos anteriores, interessados em trabalhar, em contribuir de alguma maneira para o engrandecimento desta terra..." (34)

A tentativa de minimizar as diferenças com palavras conciliadoras, porém, não conseguia esconder a diferença vivida e sentida. E algumas vezes transpirava na fala de uns e de outros. O discurso do Presidente da Câmara, no dia do aniversário do município, era significativo:

"Um surto de progresso se opera nesta comuna; seus habitantes, agora esclarecidos pelos clubes de serviço e outras entidades existentes nesta cidade, procuraram escolher o que de melhor existia entre seus munícipes para governar esta terra e verificou-se uma transformação total. De cidade fim de linha, tornou-se conhecida em todo o Brasil. Em seus limites existe uma das maiores pontes de concreto protendido construídas no mundo... Nas margens do Paraná se vislumbra a construção de um cais de concreto de onde, futuramente, os trilhos da Sorocabana darão vazão a um tráfego real e pujante. Suas ruas, antes intransitáveis, transformaram-se em longas avenidas concretadas, proporcionando mais beleza e conforto à sua população. (...) ...entretanto, como não podia deixar de acontecer, ainda existem, felizmente muito poucos os descontentes, aqueles que procuram, no afã de diminuir a obra que se executa, taxar de elevados os impostos cobrados pela Municipalidade.

Meus amigos, infelizmente a administração atual não é milagreira; para se reformar e para se construir é preciso dinheiro, e como a Prefeitura não herdou nenhum legado, é necessário que o povo contribua, pagando regularmente seus impostos (...Quem te viu no passado e te vê agora, quase não te conhecerá. Era cidade fim de linha, acoitamento de elementos indesejáveis, onde a 'Captura' procurava os párias da sociedade. Tinha fama de terra da maleita..." (35)

.....
(34) - "Antigos e Novos" in A Vigilância. 3-4-1966.

(35) - "Discurso pronunciado pelo Vereador" in A Vigilância.
3-4-1966.

Mas a euforia do progresso, porém, encontrava obstáculos, na própria situação econômica dos moradores da cidade. Muitos empreendimentos imaginados ficavam apenas na letra do papel, como os estatutos do Virgínia Country Clube, como a sociedade para construção de um novo cinema; e em nível mais modesto, as festas organizadas e que não encontravam a necessária correspondência da população local e que davam prejuízo aos seus organizadores. Os mais nobres ideais mostravam-se impotentes diante dos bolsos vazios. "Já se antevê, pelas recusas em compra de mesas para o baile e de ingressos para o 'show' da noite, o provável fracasso da promoção. E depois, bem, depois vem um e diz que a Epitaciana não faz nada, imagine! Em outra oportunidade dissemos que a sede já estava pequena, fora de moda, para atender à população - penitenciamos-nos agora pelo erro, aquilo está até muito grande para tão restrita população que colabora com os empreendimentos locais. E muitos vão viajar, outros não podem sair de casa, vários ainda estão com a situação apertada - mas todos, sem exceção, gritam quando dois ou três dos diretores resolvem não fazer mais nada pelo clube. E como já aconteceu antes, é tempo de, se faltar colaboração, que se fechem as portas do clube e quem quiser que danse em casa ao som da vitrola".

(36)

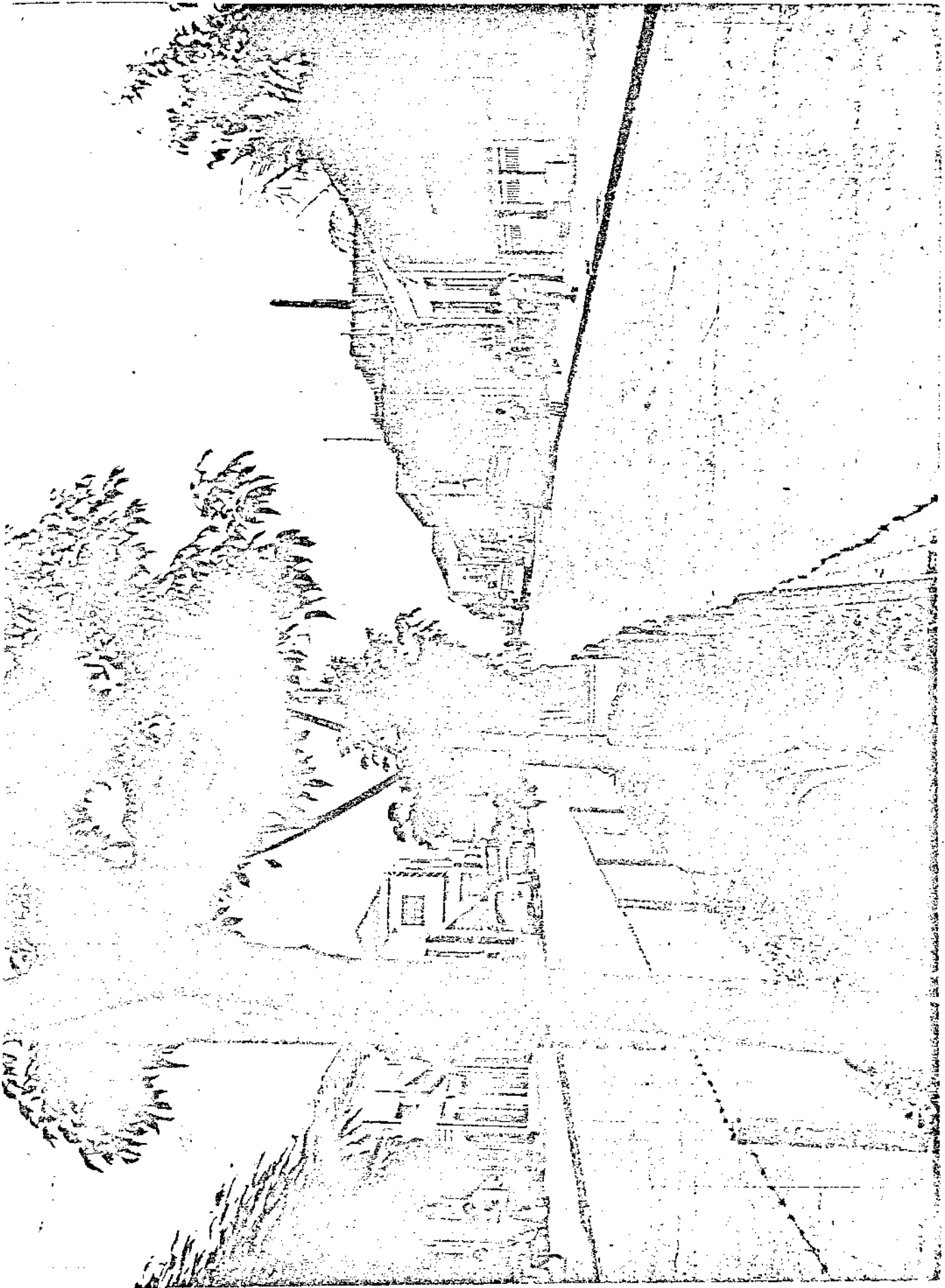
O calçamento da cidade - chamado de asfalto -, fora feito de placas de concreto. As condições financeiras da Prefeitura não permitiam a compra de equipamento nem o contrato com firma especializada em asfalto. Era necessário ater-se à realidade: cimento, areia, pedra e mão de obra estavam ao alcance. Quando havia dinheiro, o calçamento prosseguia. Sem dinheiro, parava.

A frota da Prefeitura chegava, ao fim do mandato, substancialmente aumentada. No início, porém, contava com dois caminhões Ford basculantes; um caminhão de lixo Tamis - já velho -, um trator checoslovaco que não funcionava, uma motoniveladora pequena e outra grande, Allis-Chalmers, que funcionava esporadicamente, por falta de peças para comprar.

A arrecadação da Prefeitura começou a aumentar quando se iniciou a cobrança do Imposto Territorial Rural que, nessa época

.....

(36) - "Faz... não faz" in A Vigilância. 10-4-1966.



Avenida central asfaltada.

ca, era municipal e que não fora cobrado ainda pelo prefeito anterior. Não tendo órgão lançador, isso exigiu a organização de um cadastro sumário. Contratou-se um topógrafo, que saiu de jipe percorrendo todas as propriedades e perguntando com quem faziam vizinhança. Feito um levantamento sem escala, ficou-se sabendo quais eram os contribuintes. A Prefeitura também multiplicou a alíquota dos impostos por 10, porque eles ainda não haviam sido atualizados. Havia uma resistência contra o pagamento, mas quando os fazendeiros iam reclamar, eram recebidos no gabinete do prefeito, tomavam café e ouviam as justificativas do aumento. Se eles não pagassem, nada poderia ser feito. Como tinham interesse na abertura ou conservação de suas estradas ou em melhoramentos urbanos, a maioria pagava.

O trabalho, porém, não se resumia em organizar os serviços e receber os recursos devidos, mas em conseguir recursos por meios nem sempre estabelecidos. Assim é que, tendo recebido 40 km de material elétrico para estender a rede elétrica da cidade, foi necessário recorrer aos fazendeiros para que doassem postes e, à Cia. Elétrica Caiuá, para que fornecesse mão de obra. As estradas municipais foram abertas com máquinas alugadas do DEMA. Este órgão não podia fazer contratos com Prefeituras, mas o Governo autorizou sob pretexto de que se tratava de abrir estradas na zona rural. No segundo ano de governo, com auxílio dos estudantes, foi organizado o cadastro da cidade, pois mediram os terrenos e tomaram os nomes dos proprietários. Com a reforma do Código Tributário, passou a ser da Prefeitura só o imposto territorial urbano. O imposto de Vendas e Consignações passou a ser ICM e a ser arrecadado pelo Estado, para depois ser devolvido ao município. Como medida acauteladora, a Prefeitura colocou fiscais nas divisas, para anotar a passagem da mercadoria, podendo depois exigir o que de fato lhe cabia. Dessa forma, o prefeito não era apenas um administrador de recursos, mas deveria ser suficientemente imaginativo para conseguir criá-los, manipulando relações estabelecidas em diferentes contextos. Tais recursos, porém, não eram sempre fáceis ou possí-

veis. Um desenvolvimento acelerado trazia pesado encargo para os grandes proprietários, para os comerciantes e mesmo para os que organizavam campanhas com a finalidade de consegui-los.

Assim é que, falhando as fontes de progresso, apelava-se para o dever de ter fé: "isto aqui não vai mesmo para a frente, ao demais as terras são muito ruins, não possuímos lavoura, o povo é pobre, ...(...). A verdade está na dinâmica, está na crença da vida municipal. É velho dizer que o município é a miniatura da pátria. Exige-se trabalho, fé, crença, capacidade de conjugação de esforços no sentido do verdadeiro progresso. (...) ...as dificuldades se multiplicam em rápida progressão geométrica, enquanto que as condições de dar solução às mesmas caminham em marcha aritmética." (37)

Com a criação do bi-partidarismo, descia uma camisa de força sobre uma realidade heterogênea e que, de forma alguma, estava dividida ao meio. Como era de se esperar, a Prefeitura comporia com o governo, numa época em que a oposição não era apenas inconveniente mas arriscada. O MDB foi organizado, de preferência, com mulheres que não exerciam cargos públicos e pessoas sem influência dentro da cidade, dando-se a direção a pessoas reconhecidamente fiéis à situação.

Reduzida a estratégia política a dois campos partidários, chegado o período sucessório eram necessário que se acomodassem, sob as duas siglas, as diversas correntes políticas.

De volta de São Paulo, onde estivera a serviço do Secretário da Saúde - antigo amigo seu na Bahia - o ex-dentista do - IAPM, agora com consultório próprio e dentista no Grupo Escolar, tentava recomeçar a atividade política e apresentava-se como possível candidato a prefeito. O ex-prefeito 'Baiano', também inte-grante da Arena mas opositor ferrenho do Engenheiro da Ponte, des-de que este rebaixara o nível de um quarteirão já nivelado em sua administração, tentava articular as suas bases.

Mais um candidato se movimentava: o vereador, proprietário do armazém na praça da Matriz, vice-presidente e presidente da Câmara, que estivera envolvido em vários empreendimentos: fora
(37) - "Acreditar no município é dever elementar de todos os bra-sileiros", in A Vigilância. 21-8-1966.

membro do Centro Social, presidente da Associação Atlética Epitaciana, membro e presidente do Rotary Clube local e, mais remotamente, tesoureiro da Santa Casa - onde trabalhara ao lado do Adversário, provedor, e partilhava com ele as suspeitas de malversação de fundos.

O dentista e o presidente da Câmara saíam aparentemente do mesmo grupo, embora o primeiro tivesse ligações, em profundidade, com elementos locais. Assim, tinha o apoio de antigos comerciantes, do médico mais antigo do lugar, de funcionários da Navegação - de antes e depois da encampação pelo Governo -, e de outros moradores da cidade da década de cinquenta.

O segundo encontrava-se estreitamente ligado, especialmente através dos Clubes de Serviço e da Câmara Municipal, aos interesses dos profissionais liberais chegados na década de sessenta. Seu estreito relacionamento com o ex-prefeito 'Baiano', quando da construção da Ponte, terminara tão logo se elegera vereador na gestão do Engenheiro da Ponte. O mesmo se pode dizer com respeito ao Adversário, seu 'irmão' na confraria da Santa Casa, em tempos anteriores.

Movimentavam-se, pois, os três candidatos potenciais em busca de correligionários que quisessem compor o diretório, com a finalidade de ter o seu nome homologado no dia da Convenção. E articulavam suas relações na Capital, com o fim de conseguir uma sublegenda.

O dentista e o dono do armazém deveriam conseguir suas sublegendas no mesmo bloco. O 'Baiano' conseguiria a sua através de um político de Wenceslau que, embora não tendo sido eleito, fora o mais votado na região, aumentada sua importância por ser afilhado político do Governador do Estado em exercício. Esse político era filho de antigo prefeito de Wenceslau que, em tempos idos, nomeara o jovem "Baiano" sub-prefeito de Presidente Epitácio, antes da emancipação do município.

Sentidas as primeiras repercussões, verificou-se que o dentista teria mais possibilidade de vitória que o dono do arma -

zém. Era apoiado pelos partidários do Soldado, desde que se indisputara com o "Baiano", logo depois das eleições em que participara a seu favor, sendo tido como o cérebro da sua campanha. E o apoio do Soldado era visto pelos recém-chegados como uma volta às administrações incompetentes e inconvenientes. Seria preciso levantar um terceiro candidato que minimizasse a divisão do grupo.

Sugeriu-se então o secretário da Câmara, o economista que funcionara na administração passada como Secretário de Finanças e que poderia mobilizar lealdades dentro do Rotary Clube, do qual era sócio fundador, tendo sido presidente e mentor de várias campanhas. Suas relações invadiam a área do proprietário do armazém, de quem era compadre e 'companheiro' de do dentista, cujo irmão, também 'companheiro' de Rotary, havia liderado a campanha do apelido da cidade. Ao mesmo tempo, tinha boa penetração entre a pequena burguesia local, frequentador assíduo da "esquina do pecado", onde circulavam as fofocas mais recentes e aparentado, por meio da mulher, com o dono do açougue da Praça, secretário da Prefeitura em diversas administrações. Dessa forma, lealdades entrecruzadas impediriam a cisão. O problema se apresentaria como uma competição entre o Economista e o "Baiano".

Levadas as listas para São Paulo, a fim de se proceder à homologação do diretório, era necessário ainda verificar quais os nomes indicados, pois se tentava impedir que o "Baiano" conseguisse sub-legenda e a decisão passasse à arena eleitoral. Movimentou-se o prefeito junto ao secretário do partido, no Diretório Central, em São Paulo, já conhecido seu, tentando influir na decisão pela nomeação de elementos não muito fiéis ao "Baiano", ou indecisos.

O dentista tinha, no Diretório Central, o apoio de um deputado estadual que fora muito votado na região, através de manobra feita pelo Governador. Este, para mantê-lo como seu líder na Câmara, deveria conseguir-lhe expressiva votação. O Governador, amigo pessoal do proprietário da firma Mendes Gonçalves, financiou a campanha do deputado na cidade, através do gerente lo-

cal da firma, homem de boa presença e boas falas. Assim, no momento da escolha dos nomes, o gerente da firma, com o direito que lhe dava o ter conseguido votos locais para o deputado, poderia apontar os nomes convenientes.

O "Baiano" apareceu prejudicado pelo "descuido" do político de Wenceslau, não tão interessado quanto necessário. Quando saiu a lista do Diretório, sentiu-se que o "Baiano" não teria possibilidade de indicação. Percebendo a desvantagem, o Dentista optou por compor na chapa do Economista, aparecendo como vice. Sentindo-se sem força, o proprietário do armazém não teve outra opção além de aceitar o compadre como elemento de conciliação.

Havia mais um problema a contornar. Pesadas e repesadas as lealdades dos membros do diretório, não era provável que o Economista conseguisse maioria absoluta. Uma sub-legenda foi criada às pressas. O farmacêutico antigo, o mesmo que metralhara o próprio carro em campanha anterior e que dava churrascos, mas não comparecia porque não sabia "lidar com o povo", aparece como candidato à indicação. Para a indicação do Economista, não seria necessária mais do que a maioria simples.

Empenhou-se o prefeito em uma campanha cuja tônica girava em torno da aprovação da administração anterior. Os adversários possíveis estavam impedidos de mobilizar a adesão de correligionários. A vitória do Economista estava assegurada.

... ..

Não eram estranhos ao Economista os trabalhos da Prefeitura. Há quatro anos se empenhava em organizar as finanças públicas, substituindo de fato, embora não de direito, os funcionários antigos, nomeados pelo "Baiano", cujo tesoureiro, correligionário antigo, dizia-se ser "analfabeto de pai e mãe".

A prefeitura tinha agora um orçamento, e o ordenado do prefeito era considerado, na cidade, como uma quantia invejável. A prefeitura contava com uma frota de 15 caminhões, duas pás mecânicas, três moto-niveladoras, um trator de esteira e três caminhone

tes. Sua sede tinha passado, da pequena casa de esquina - cujas janelas baixas haviam permitido a um cavalo andarilho que metesse a cabeça por ela e relinchasse em plena reunião de nobres vereadores -, para um sobrado pertencente ao Coletor Estadual de Mato Grosso, presidente do diretório local da UDN, correligionário entusiasmado do Engenheiro da Ponte e que, embora tivesse sido candidato com o maior número de votos absolutos, não conseguira eleger-se, por não ter a proporção de votos exigida pelo partido. A vida administrativa municipal, finalmente, entrava nos eixos.

A euforia da administração anterior, a ânsia de adiantar muitos passos em curto período, havia cedido lugar à rotina do possível. Os recursos, tanto econômicos como pessoais, tinham-se exaurido. Todo o trabalho desenvolvido com a pobreza não tinha conseguido estancá-la ou diminuí-la. Cansada, a pequena burguesia tomava a causa pela consequência. A saída da cidade e, consequentemente, a mudança de direção dos serviços assistenciais das mãos da mulher do prefeito para outra pessoa, era vista com alívio. - "Ela saindo, os pobres deixam de chegar, porque sabem que não têm a quem recorrer."

O Vigário tentara todos os recursos humanos dentro da igreja: Zeladoras do Coração de Jesus, Filhas de Maria, Marianos e outras, haviam sido solicitados. Mas sua colaboração não fora mais do que temporária. Muitos fatores impediam a participação num serviço que não permitia preconceitos de cor, de raça, de religião. A pobreza, que tivera seus primeiros tempos à sombra das árvores da Esplanada, afugentando o frio da noite com pequenos fogos acesos aqui e ali; que perambulava pelas ruas de mãos estendidas ao favor da esmola, - estava agora confinada. Todo um quarteirão abrigava suas mazelas: o albergue noturno não só acolhia os imigrantes, mas também os loucos e órfãos; seu refeitório fornecia alimentação a quantos estivessem com seu fogão apagado; a Agência de Serviço Social fornecia remédios, consultas, suplemento alimentar - aos que não os conseguiam por sua própria conta; e a creche recolhia as crianças cujas famílias não as podiam ter em -

casa: mulheres sem marido, lavadeiras ou empregadas domésticas, que passavam o dia trabalhando fora.

Fora eleito presidente do Centro Social, no primeiro ano da nova gestão, o proprietário do armazém da Praça, já seu conselheiro por diversas vezes, amigo pessoal do Vigário e compadre, "companheiro" e amigo do Prefeito. Suas primeiras medidas reduziam o ritmo dos atendimentos, alegando dificuldades. Instalado o Consórcio de Promoção Social, foi ele também eleito seu presidente, numa época em que a recessão econômica abalava seriamente suas finanças. As grandes somas enviadas pelo Consórcio para serem distribuídas entre as obras assistenciais regionais e, mais tarde, as verbas do convênio para a Construção do Centro de Triagem - um nome novo e uma casa nova para o velho Albergue - teriam dado a ele o lastro bancário necessário para equilibrar suas finanças. Sua eleição tivera o apoio indispensável do deputado responsável pela Secretaria da Promoção Social, na Capital, amigo pessoal e devedor dos votos locais através dele conseguidos.

No ano seguinte, foi eleito um Gerente de Banco que se limitava a pagar as contas, quando solicitado pelo tesoureiro. Os funcionários da obra se ressentiam com isso; as necessidades não eram satisfeitas, muitas vezes a assistência médica foi negada, porque a verba se esgotara.

Nas salas do Centro Social penduraram retratos do Governador. Não se faziam mais campanhas públicas de roupas e alimentos, porque se sabia que chegava grande soma mensal para a creche e outra para a Triagem.

O hospital, que atendera sem cobrar quando as finanças da obra se mostraram insuficientes e irregulares, achava-se agora no direito de exigir pagamento, desde que a manutenção da obra era feita pelo Estado. Mas como o Estado não mandava dinheiro para atendimentos diversos, os pagamentos de aluguel, os suprimentos de alimentação e roupa, assim como a assistência médica e hospitalar, viram-se seriamente prejudicados.

No terceiro ano, a presidência foi exercida por uma mu-

lher - paraguaia casada com alemão, moradores no local desde os primeiros tempos - e que já há anos se empenhava nos trabalhos de assistência social. Desenvolveu um trabalho no sentido de que os funcionários da obra fossem registrados, o que finalmente conseguiu, apesar da resistência de muitos que alegavam ser excessivo o montante da folha de pagamento. Foi o elemento destinado a conciliar a filosofia da obra com a filosofia da assistência social oficial, provocando reações desfavoráveis em funcionários antigos, nos antigos assistidos transformados em "clientes" e no Vigário local. Este, desobrigado de pedir aos ricos para dar aos pobres e sentindo-se sem poder de decisão dentro da obra, já que os recursos necessários não vinham mais de suas mãos e de sua iniciativa, foi aos poucos se desinteressando e sua presença tornou-se cada vez mais rara.

No último ano, elegeu-se presidente o marido de uma fazendeira, herdeira de terras no Mato Grosso. Como não conseguissem quem se dispusesse a assumir os encargos de diretora executiva, assumiu as funções executivas a plantonista que, há oito anos, trabalhava na obra. Esta, porém, ao assumir a nova função, não pôde fazer grande coisa, porque o dinheiro gasto com a triagem e a creche não podia ser transferido para os inúmeros pedidos de assistência médica, de pagamentos de aluguel, de suplementação alimentar, de roupas e agasalhos e até de retratos para carteira profissional.

A pobreza localizada tinha sua localização reforçada pelo aviltamento dos preços dos terrenos, e os ricos procuravam fixar-se do outro lado da cidade.

O asfalto - feito no mandato anterior - permanecia o mesmo. O lixo deixara de ser recolhido pelos caminhões da Prefeitura. Reclamava-se da conservação das estradas.

O novo cadastramento aerofotogramétrico alterou o sistema de cobrança de impostos. Muitos queriam falar com o Prefeito e não o conseguiam. Irritavam-se porque deviam, primeiro, explicar o assunto ao seu secretário, ou fazer a reclamação por es

critico. Diziam que a mulher do Prefeito não dava a mão para os pobres; que o Prefeito não cumprimentava ninguém.

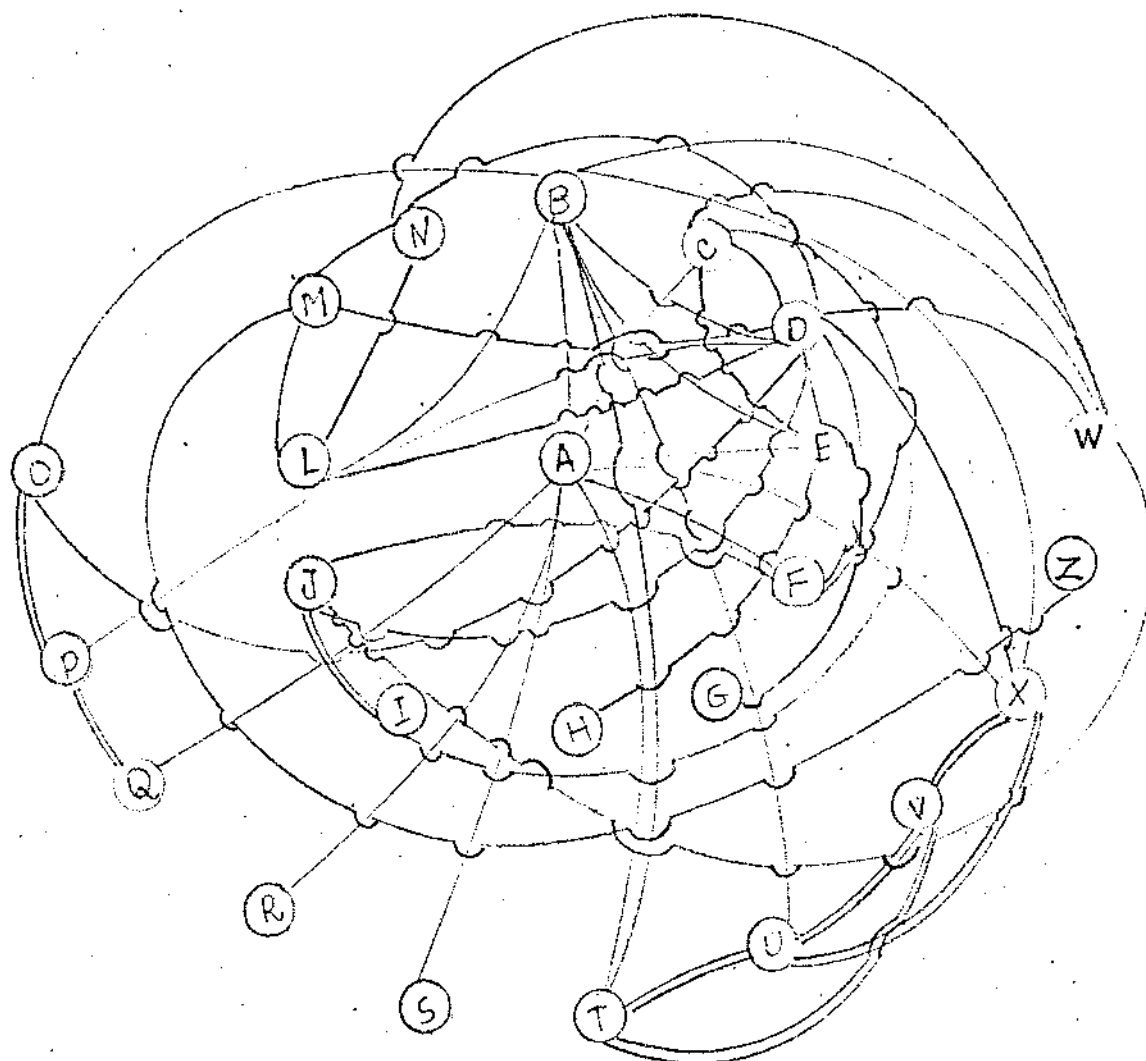
Finalmente, em 1969, foi instalada a Célula local dos Cursilhos de Cristandade. Essa organização, à semelhança das anteriores, Rotary e Lions, organizou-se a partir de núcleos existentes em cidades próximas, que convidavam elementos considerados aptos a participar da iniciação. Em primeiro lugar, deveria ir o Vigário da paróquia que, a seguir, convidaria os elementos que julgasse indicados. No caso em estudo, foram convidados o Secretário de Obras, amigo pessoal do Padre e do Prefeito; o Prefeito, o Engenheiro da Casa da Lavoura, filho de antiga família local, em cuja casa o Padre frequentemente fazia refeições; o proprietário de um posto de gasolina, o proprietário da torrefação e um fazendeiro de muitos alqueires. O critério de escolha não era o de serem religiosos, mas o da influência que poderiam exercer sobre terceiros: pessoas que tinham redes de longo alcance ou, embora de pequeno alcance, com número elevado de relacionamentos. Interessante notar que as pessoas escolhidas não tinham esses relacionamentos em mesmo nível, mas na grande maioria das vezes eram de posição hierárquica superior à das pessoas sobre as quais se esperava que influíssem.

Outro critério que entrava em consideração era o grau de instrução, a partir do pressuposto de que lidera melhor quem mais saiba. O problema fundamental era "vertebrar a comunidade." Supunha-se que o povo se sentisse influenciado pelo fato de ver "gente de responsabilidade" na igreja.

Mais tarde foram convidados gerentes de Banco, "porque lidam com muita gente e concedem empréstimos" -, proprietários de escritórios e um único elemento bastante distanciado socialmente dos demais, um "mariano", modesto sapateiro aposentado, que tinha muita influência e respeito diante das antigas associações religiosas que ainda não haviam desaparecido.

O relacionamento que existia entre os cursilhistas era o que já existia através de outros relacionamentos, como de profissão, amizade ou parentesco. Suas reuniões foram sistematizadas

Rede social mobilizada pelo Cursilho de Cristandade.



- A. Vigário local
- B. médico (L)
- C. prefeito (R)
- D. proprietário de armazém (R)
- E. proprietário posto de gasolina (L)
- F. gerente empresa de navegação (R)
- G. promotor público (L)
- H. proprietário de joalheria (L)
- I. proprietário de torrefação (L)
- J. contabilista (R)
- L. funcionário DNMR (R)
- M. gerente de Banco (R)
- N. bancário (R)
- O. comerciante (R)
- P. engenheiro agrônomo (R)
- Q. comerciante (R)
- R. sapateiro
- S. engenheiro agrônomo (R)
- T. fazendeiro (R)
- U. fazendeiro (L)
- V. fazendeiro (L)
- X. fazendeiro (L)
- Z. gerente empresa madeireira (L)
- W. contabilista (R)

R. Rotary Clube
L. Lions Clube

==== parentes.

num tripé: piedade, estudo e ação. A piedade compreendia orações, meditação e cânticos. Os momentos vividos em "comunhão com Deus" eram relatados ao grupo nas reuniões semanais. Eram lidos livros e revistas de formação moral. E a ação era concretizada através de trabalhos realizados em favor de terceiros: visitas a doentes, doações em dinheiro ou em espécie. Também entravam em conta os relacionamentos entre marido e mulher e entre pais e filhos. Alguns cursilhistas achavam que o maior benefício não era o cristianismo, mas o humanismo: "a gente fica mais responsável pelo que faz." Outros achavam que era uma oportunidade de participar de uma comunidade e também de se promover socialmente, já que só eram aceitos depois de fazerem um curso. Disseram que os participantes eram "um grupo separado, que o Cursilho uniu". Também, que "o povo mais simples se entusiasmou, vendo gente importante reunida na igreja."

Os Cursilhistas assumiram as funções da igreja, dando cursos e administrando suas finanças. Em consequência, ocorreram grandes modificações: foram organizados cursos de noivos, cursos de padrinhos. Os casamentos e batizados, que antes não eram cobrados aos pobres - que mantinham relações de amizade com o Vigário - passaram a ser cobrados indistintamente. As dívidas da igreja foram saldadas, ela foi pintada de novo e instalaram, nas paredes laterais, alto-falantes e grandes ventiladores.

Alguns ainda procuravam o Padre, mas ele estava dedicado à realização de grandes pregações e reuniões de Cursilhistas, na casa do Prefeito, do proprietário da serraria, do fazendeiro, do gerente do Banco. De tempos em tempos, grandes caravanas de cursilhistas dirigiam-se a Presidente Prudente, de onde vinha - mais um companheiro, recém-saído das trevas e violentamente colocado frente à luz de Cristo, o Chefão.

O Prefeito dividia seu tempo entre o escritório - pela manhã - e a prefeitura, à tarde. Durante seu mandato, determinou a execução de um levantamento aerofotogramétrico da cidade, atualizou o cadastro, comprou máquinas para mecanizar o processamento de impostos e taxas, organizou as finanças e prestou contas -

estritas ao Tribunal de Contas da União.

Em uma publicação lançada às vésperas da campanha, o Prefeito dá " por cumprida a primeira meta, da educação. A segunda, se saneamento, encaminha-se para a concretização, com o início da implantação do esgoto sanitário, reforma total da Estação de Tratamento de Águas e extensão da rede de água por toda a zona urbana. A terceira meta, de saúde, também poderá ser alcançada em breve, com a instalação de uma unidade integrada de saúde na sede, um posto de saúde no Campinal e equipamento para visitas por terra e por água às populações das ilhas e das margens dos rios." (38)

Finalmente, chegava-se às eleições de 1972, em que o Prefeito em exercício, da Arena, apresentava um candidato: seu Secretário de Obras, viajante de secos e molhados nos anos 50 e proprietário de armazém de secos e molhados, nos anos 60, instalado no Largo da igreja, companheiro de Rotary, compadre e amigo. Seus adversários sairiam, dentro de um novo contexto, empunhando valores que se formaram na luta contra a natureza, a doença, a cobiça e a fraqueza dos homens, quando se reuniram, por acaso, naquela beirada de rio, de chão seco e sol violento.

... ..

O dia das eleições amanheceu em chuvas torrenciais. Eleitores debaixo de chuva, eleitores pisando no barro, carros cheios de lama. Ameaças de agressão. Soldados tendo que agir para evitar que eleitores entrassem armados. Fiscais dos partidos vigiando as salas. A derrota da Situação pairava no ar, a vitória da Oposição estava prestes a eclodir.

Quando, finalmente, as urnas deram 70% de votos para a Oposição (39), os amigos do Candidato do Prefeito recomendaram - lhe que abandonasse a cidade por alguns dias e ele o fez. Sua família já estava fora há uma semana.

.....
(38) - Relatório de Atividades do Prefeito Municipal (mimeografado). 15-12-1972.

(39) - Arena I 1691 votos.
Arena II 255 votos.
MDB 4757 votos.

O candidato a vice-prefeito pela Panela, percebendo a derrota, dirigiu-se ao Forum e cumprimentou os vereadores recém-eleitos. Passou, emocionado, pelos marinheiros fardados que se aglomeravam diante do Forum, amargando a traição. Chegando em casa, chorou.

As posições na prefeitura estavam ameaçadas. Os correligionários do Prefeito sabiam que podiam procurar outro emprego e que o encontrariam com dificuldade. Os funcionários do Centro Social não sabiam que fim seria dado à obra, mas tinham certeza de sua demissão. Os vencedores dominavam os acontecimentos, mesmo antes da posse, que só se realizaria a 31 de janeiro.

Uma grande enchente no Bairro do Campinal foi noticiada pelo novo semanário local, criação mais modesta do primeiro proprietário da antiga A Vigilância, agora um tablôide mimeografado apenas. A mesma edição que dava notícia da enchente denunciava a agressão sofrida pelo jornalista, ainda a pretexto da publicação enviada ao Estado de São Paulo, quando da saída do Vigário. Depois de contar os primeiros lances, disse que o vice-prefeito eleito desceu da caminhonete e "partiu para a agressão, antecedida

de palavrões...(...) Ato contínuo, o vice-prefeito gritou que ia dar-lhe uma surra e para ser ouvido por todos, disse aos gritos: "para você apanhar melhor, me dá esses óculos", arrancando-o da vítima, e mais um outro que estava no bolso da camisa, colocando-o no banco da caminhonete. Vendo que a vítima ainda portava uma máquina fotográfica e uma pasta, arrebatou-lhas, dizendo: 'Assim fica melhor para eu te quebrar a cara'. Inteiramente à mercê de seu atacante, disse-lhe: "você vai bater num homem que não pode e nem vai reagir; bata bem." A socos e tapas, a vítima foi atirada a solo, sem esboçar o menor sinal de defesa ou reação. (...) Contido pelo guarda rodoviário... e pelo guarda do Banco ..., a vítima, já livre de seu agressor, pediu à Polícia ali presente que fizesse a prisão em flagrante, não sendo atendida, e o vice-prefeito, enfurecido, gritou: 'se você der parte, vai tomar uma surra muito maior' e a resposta do professor foi imediata: 'pode começar a bater.' (...) Horas depois, essa mesma polícia foi vista na caminhonete, com o vice-prefeito, que se dirigia para o Campinal ..."

(40)

.....
(40) - Gazeta Epitaciana. Ano I, nº 3. 4-2-1973.

A vida da cidade continuava povoada de boatos e de muitas conversas. A professora Chefe da Merenda Escolar contava os dias para sua substituição, tida como certa. Assim também a plantonista do Centro Social, que estava agora à mercê dos vencedores, esperando as eleições para a presidência, para ser despedida. Todas as noites se sentavam em frente ao portão, sobre o chão de terra do passeio público, remoendo acontecimentos e decepções. Falando da Marcha da Família com Deus pela Verdade, a primeira dizia que "tinha uma vergonha daquela marcha, que foi uma humilhação." E contava que a empregada de uma amiga fazia questão de trabalhar com a camiseta da Minhoca.

A 12 de fevereiro, realizou-se a primeira reunião da Câmara Municipal recém eleita. Nessa reunião,

"a Câmara aprovou projeto (já conhecido como projeto de indenização) que autoriza crédito ao Executivo no valor de Cr\$. 55.000,00 destinado a indenizar funcionários e operários a serem demitidos por 'revanchismo político' e abrir vagas para nomeações de "cupinchas". O projeto teve os votos contrários dos três vereadores da Arena. O vereador sargento, que era duramente combatido pelo edil advogado, entre outras piadas afirmou que o sr. Prefeito jamais dispensará servidores; que a verba é para um caso de emergência, porque o Prefeito não terá meios de se defender no caso de ser desacatado por algum servidor." (41).

O jornal de março registrava em manchete: "DEMITIDO O PRIMEIRO GRUPO DE FUNCIONÁRIOS DA PREFEITURA MUNICIPAL. Os cinco funcionários sumariamente demitidos ainda não receberam a indenização que a lei lhes garante."

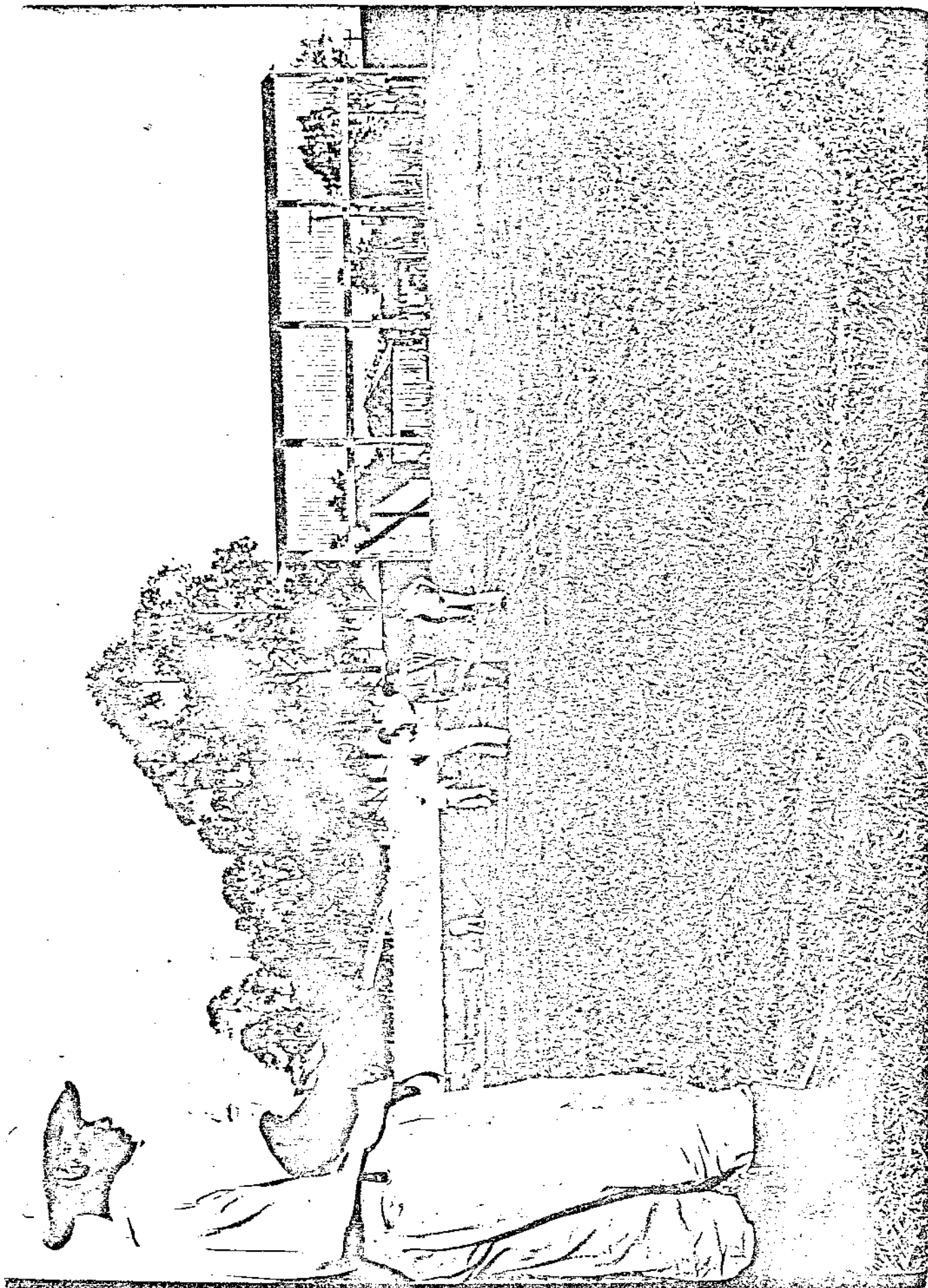
Depois de citar o nome dos cinco (um motorista, um servente de escola municipal, o encarregado do Estádio Municipal, um braçal e um tratorista), continuava:

"Outros virão. É a vingança. É o revanchismo político que domina a atual administração epitaciana."

E terminava:

"Relativamente a nós, as ameaças de agressões físicas já recebidas e as injúrias, as calúnias e difamações já iniciadas

(41) - Gazeta Epitaciana, Ano I, nº 4. 4-3-1973.



Funcionário molhando a grama do Estádio Municipal.

não nos intimidam e nem nos afastam um milímetro sequer da nossa linha jornalística. Lutaremos até o fim, sem esmorecimento, contra essa política administrativa que se esboça para o município." (42)

O mesmo jornal denunciava a limpeza de um terreno particular com máquinas da prefeitura:

"Dizia-se que ali ia ser montado um tablado para a realização de um 'carnaval popular', o que não ocorreu. Segundo se sabe, esse terreno é de propriedade do atual presidente da Câmara Municipal ..."

Explicando que o mesmo tentara a publicação de uma 'carta aberta' no seu jornal, em resposta a essa mesma denúncia,—"limpeza de um terreno de sua propriedade, executada por maquinários e operários da prefeitura" -, dizia que deixara de publicá-la

"porque fere a Lei de Imprensa no seu art. 34, itens I, II e IV. Outra razão que nos impede de publicá-la é que ela já é pública e notória. O autor deu vista do seu escrito a várias pessoas e seu conteúdo já corre de boca em boca, com nuances de interpretações ainda mais maldosas..." (43)

A carta, porém, fora publicada pelo jornal de Presidente Prudente e a Gazeta Epitaciana respondia a ela:

"A Gazeta Epitaciana, denunciando desmandos que ocorrem na atual administração ...conseguiu grangear a irritação do Executivo e Legislativo ... O atual Presidente da Câmara ...sofisma e investa arditamente contra este jornalista ...porque apontou a esse mesmo povo um ato danoso ao erário público, do qual se beneficiou. (...)...fundei dois jornais, o primeiro A Vigilância, primou pela luta sem quartel contra a corrupção, o peculato e a subversão, que tomava conta da cidade." (44)

A Gazeta Epitaciana reclamava contra a injustiça que se fazia contra a servente do Ginásio do Bairro do Campinal, cuja população se recusava a aceitar sua substituta, alegando que

"é de vida irregular e atentatória à moral". Alguns correligionários do Prefeito, querendo demovê-lo, receberam a resposta:

"... o pessoal da Panela quer guerra, então vai ter guerra." (45)

.....
(42) - Gazeta Epitaciana, Ano I, nº 5. 13-3-1973.

(43) - "Resposta a Carta Aberta" in Gazeta Epitaciana, nº 6. 27-3-1973.

(45) - "Demissão e Transferência de Serventes geram problema ao situacionismo com reflexo negativo à administração." Gazeta Epitaciana, nº 6. 27-3-1973.

A mesma Gazeta publicava: "...também foram colocados em DISPONIBILIDADE o chefe do almoxarifado e o Encarregado da Estação de Tratamento de Água. Quanto a este último, é o único empregado da Prefeitura que frequentou curso especializado para aquele trabalho, o que certamente vai desorganizar o serviço de tratamento de água da cidade. Enquanto isso, funcionários estão sendo admitidos, tanto na Prefeitura como na Câmara Municipal, sem nenhum concurso, ferindo frontalmente a legislação moralizadora do serviço público." (46)

Terminada a retaliação nos próprios da Prefeitura, houve uma tentativa de estendê-la aos grupos escolares, o que foi impedido por alguns diretores que alegaram questões de autoridade. Faltava agora apossar-se do Centro Social, cujos funcionários haviam apoiado o candidato derrotado da antiga Situação. Na impossibilidade de substituir o quadro de funcionários sem passar pelas formalidades legais, o que foi tentado sem sucesso junto ao presidente da obra, o Prefeito eleito resolveu participar das eleições anuais que se realizavam para renovação do quadro dirigente e disputar os cargos da diretoria. Algumas semanas antes da data marcada, o vice-prefeito mandava convidar seus partidários, por meio de mensageiros, de casa em casa, para a assembléia. Com o passar dos dias, evidenciou-se um quadro bastante difícil, em que a obra apresentava uma dívida grande e uma série de exigências por parte da Promoção Social, desde que quizesse receber as verbas. Os mesmos mensageiros percorreram as casas, avisando que a Prefeitura não ia mais se interessar pela obra.

Por seu lado, os elementos da Panela, responsáveis pelos trabalhos até então, articulavam-se no sentido de jogar a responsabilidade sobre os partidários da Minhoca, considerando que só havia duas alternativas: ficar com a obra e perder mais prestígio, ou entregá-la à Minhoca, que devido às condições precárias dela, perderia prestígio com isso. Não conseguindo fugir às eleições, - venceu a chapa do novo Prefeito. Foram reunidos os funcionários para receber aviso prévio. Uma apenas se recusou a abandonar o trabalho. Mais tarde, ela contaria vários incidentes acontecidos no

(46) - Idem, ibidem.

trabalho, que ela atribuía ao fato de ter sido solidária com a política derrotada. Despedidos, mas não tendo sido pagos, os funcionários moveram uma ação contra o Centro Social, tendo o Juiz confiscado os bens da entidade em garantia das dívidas que a mesma tinha com os funcionários despedidos. A indenização, no entanto, seria pequena, porque o Juiz propusera um acordo e os funcionários iam receber apenas 25% do total da dívida.

A funcionária remanescente deveria também ir procurar o Juiz depois dos últimos acontecimentos. O vice-prefeito estivera em sua casa, dizendo ser melhor que ela fosse com ele ao Fórum. Suas companheiras de serviço, porém, aconselharam-na a ir só, porque ele poderia confundí-la em suas declarações, pois era certo que os minhocas queriam minimizar os comentários a respeito das demissões realizadas depois da vitória. Ela, no entanto, disse que era melhor apoiar-se em alguém, pois estava sem saber o que fazer.

Diziam que, quando o Prefeito e o vice-prefeito entravam num bar da avenida, reduto tradicional da "elite" local, eles cumprimentavam e saíam, porque ninguém dava confiança. Havia festas em que só iam os Pannels e bailes em que se sentavam os Minhocas de um lado e os Pannels de outro. Mais tarde, comentavam que já havia gente da Panela falando com o lado de lá. E um eleitor fanático da Panela dizia que "eram todos uns sem-vergonha."

Em setembro, houve a Festa da Praia. A prefeitura procurou organizar-se para realizá-la. Eram todos elementos novos. Como exemplo de conciliação impossível, vamos encontrar a paraguaia, pertencente aos quadros da elite local mas convertida à Oposição, cuja campanha contra a Panela fora viperina, ligando-se aos novos detentores do poder e assumindo funções na festa. Por vários anos fora uma colaboradora assídua e eficiente de outras Festas. Em uma reunião, referiu-se à organização das festas anteriores, sem saber que já havia uma comissão organizadora. Com isso, ofendeu muita gente. Apesar do mal estar, continuou trabalhando e foi respon

sável pela barraca paraguaia. Como havia uma verba de turismo, ofereceram-lhe dois mil cruzeiros para ir ao Paraguai, comprar objetos típicos. Chegado o dia da viagem, como não lhe dessem o dinheiro, resolveu tirar da firma do marido, para repor na volta. Montada a barraca, ficou descontente com o tamanho da mesma, não conseguindo que a aumentassem. Da receita do primeiro domingo, descontou o dinheiro da viagem e se afastou. Na cidade, Panelas e Minhocas diziam que ela dera um desfalque de dois mil cruzeiros. Mais tarde, declarou que estava afastada de todos. Que havia tido um esgotamento nervoso por causa da campanha, "pois aquela política suja não acaba." Não era agora mais de lado nenhum.

Sabia-se, na cidade, que o Prefeito ia a São Paulo a fim de solicitar benefícios para o município e que era introduzido em Palácio através de um deputado da Arena. Os limites ideológico-partidários não conseguiam ainda conter o interesse eleito-reiro.

Em fevereiro do ano seguinte, foi feito um lançamento dos títulos de sócio patrimonial do Tênis Clube de Presidente Epitácio. A reunião foi realizada em uma fazenda próxima à cidade, que tinha uma piscina olímpica, posta à disposição dos sócios até a construção da sede social, que seria feita com dinheiro arrecadado através da venda de títulos. Logo na porteira da fazenda, havia uma placa em que se lia:

TÊNIS CLUBE DE PRESIDENTE EPITÁCIO.

Presidente: Prefeito.

Vice-presidente: Presidente da Câmara.

Estavam presentes vários elementos da Panela e outros da Minhoca. O Prefeito convidou os presentes para se reunirem na varanda da sede, onde seria explicado o motivo da fundação do clube: "conseguir um lugar aprazível para os nossos filhos e para os filhos de nossos amigos, e também para nós, que precisamos aproveitar nossas horas de lazer." A futura sede teria piscina olímpica, sauna, duas quadras de tênis e duas de vôlei, e áreas ajardinadas. Ele esperava que em breve a cidade tivesse uma equipe -

bemtreinada para competir em jogos abertos. Os títulos seriam vendidos a três mil cruzeiros, sendo quinhentos de entrada e cem por mês. Um dos presentes perguntou se a entrada não poderia ser paga parceladamente, e foi respondido que a diretoria estudaria a questão. O primeiro título foi comprado à vista, pelo dono do restaurante das peixadas, mulato, que fora cozinheiro a bordo, mas que na ocasião tinha uma filha estudando medicina em São Paulo. O fato é significativo por dois motivos: a Oposição, denunciadora do elitismo anterior e beneficiária do voto popular, tomava a frente em um empreendimento declaradamente segregador. E o primeiro sócio aparecia como o protótipo de uma elite heterogênea que não conseguira ainda codificar os seus indicadores.

No início de 74, já se desenvolvia a campanha para a eleição de deputados e senadores. Começavam a chegar os políticos à cata dos votos do interior.

O Prefeito, fazendo as honras da casa, recebeu a filha do candidato a senador pela Arena, que fez um pequeno discurso, - sendo aplaudida por pequeno número de pessoas.

Alguns dias depois, anunciava-se a chegada do candidato a senador pelo MDB. O vice-prefeito convidando o povo, faixa por todos os lados, a cidade fervilhando desde cedo. De noite, na praça, cinco mil pessoas se acotovelando, outra vez na rua a "baiana da", os "ponta de rua", batendo palmas e soltando rojões.

... ..

PS: Nas eleições municipais de 1976, competiram o vice-prefeito, o agressivo e carismático Minhoca-Tank, pelo MDB, e um funcionário público escolhido a dedo pela Arena, de muito bom relacionamento com o povo. O MDB tinha como vice o vereador mais votado nas eleições de 1972, filho de município vizinho mais antigo, exemplar "autóctone" legítimo. O vice da Arena era um advogado negro, alegre tocador de serenatas. A Arena dizia "vai dar zebra", mas não deu. O povo elegeu o Minhoca Tank e algum tempo depois chegava de volta ao município, como Secretário de Obras, o Soldado.

5 - A ANÁLISE DO MITO.

5.1 - A análise do mito segundo Lévi-Strauss e as aproximações com o método de Pêcheux.

Na primeira tentativa de análise deste material, foi utilizado o método proposto por Lévi-Strauss, em "A Estrutura dos Mitos" (1). Depois de realizado todo o procedimento, agravado por indecisões a respeito dos critérios sob os quais deveriam ser agrupados os enunciados, para que o mito não mais fosse lido, mas entendido, as conclusões a que cheguei foram dicotomias básicas contidas no texto, como pobre-rico, empreendedor-inca - paz, estagnação-progresso, passado-futuro e outras, que estavam evidentes no texto mesmo antes dos mecanismos de análise serem aplicados. Embora o método estruturalista tivesse incorporado algumas aquisições fundamentais da linguística pós-Saussure, como a oposição língua/fala, os eixos sintagmático e paradigmático, e sincronia/diacronia (2), ressentia-se ele do que Pêcheux veio a chamar de "modo de acesso ao objeto", que tinha a ver com procedimentos formais que orientassem o analista na constituição do objeto e na sua análise objetiva. O "modo de acesso ao objeto", não sendo rigorosamente definido, permitiria que se manifestasse de maneira bastante clara, a subjetividade do analista, favorecendo a constituição do objeto na dependência do que o analista quisesse colocar e aparecendo esta colocação como um dom natural, o que retiraria a sua responsabilidade (3).

Embora o procedimento adotado fosse uma técnica utilizada para análise do discurso, consideramos que ele não entra -

.....
(1) - Antropologia Estrutural - Lévi-Strauss. A estrutura dos Mitos. pág. 237.

(2) - Costa Lima, Luiz. O estruturalismo de Lévi-Strauss.

(3) - Pêcheux, M. Analyse Automatique du Discours - pág. 7.

ria em contradição com o restante do trabalho, que tem sua base estabelecida sobre a caracterização de mito feita por Lévi - Strauss e que se preocupa com a determinação da elaboração inconsciente das representações coletivas. Pelo contrário, havia algumas aproximações interessantes, que justificavam o procedimento, como quando Lévi-Strauss relaciona mito e discurso, dizendo que "o mito faz parte integrante da língua; é pela palavra que ele se nos dá a conhecer, ele provém do discurso". (4) Lévi-Strauss, aqui, situa o mito na ordem da fala e, da mesma forma, Pêcheux afirma que, pertencendo à ordem da fala, onde se manifesta a liberdade do locutor, o discurso pertence também à ordem da língua, pois faz parte de um mecanismo em funcionamento. (5) Referindo-se às dificuldades na determinação da versão "verdadeira" do mito, Lévi-Strauss explica: "O método nos livra, - pois, de uma dificuldade que se constitui, até agora, num dos principais obstáculos ao progresso dos estudos mitológicos, ou seja, a pesquisa da versão autêntica ou primitiva. Nós propomos, ao contrário, definir cada mito pelo conjunto de todas as suas versões", e "Visto que um mito se compõe do conjunto de suas variantes, a análise estrutural deverá considerá-las todas, ao mesmo título." (6) O mesmo procedimento é aplicado por Pêcheux, quando afirma que a análise do discurso não poderia ser restringida à análise de texto, "sequência linguística fechada sobre si mesma", (7) mas deveria ser estabelecido um corpus discursivo,

.....

- (4) - Lévi-Strauss, Claude. A estrutura dos Mitos - pág. 240 .
- (5) - Pêcheux, M. Analyse Automatique du Discours, pág. 14. "Du strict point de vue saussurien, le discours est, en tant que tel, de l'ordre de la parole où se manifeste la 'liberté du locuteur', encore que, bien entendu, il relève de l'ordre de la langue en tant que séquence syntaxiquement correcte."
- (6) - Lévi-Strauss, Claude. Antropologia Estrutural - pág. 250.
- (7) - Pêcheux, M. op. cit. pág. "Ceci suppose qu'il est impossible d'analyser un discours comme un texte, c'est -à dire, comme une séquence linguistique fermée sur elle-même, mais qu'il est nécessaire de le référer à l'ensemble des discours possibles à partir d'un état défini des conditions de production, ..." .

a partir do qual se pudesse determinar, através das variações su perfciais, sua estrutura profunda (8). O que se consegue, pois, aplicando a técnica de Pêcheux, é um refinamento nos procedimentos analíticos, em busca de maior segurança e objetividade na a nálise. E mais, um aprofundamento da relação entre o discurso e os dados etnográficos, desde que não se pode determinar o sentido do discurso sem relação ao contexto ou referente (9).

5.2 - A proposta de Pêcheux.

Pêcheux assenta sua análise sobre uma hipótese básica: a um determinado estado das condições de produção, corresponde uma estrutura definida do processo de produção do discurso, a partir da língua, o que significa que, se o estado das condições de produção é fixo, o conjunto de discursos suscetíveis de serem elaborados nessas condições manifestam invariantes semântico- re tóricas estáveis, dentro do conjunto considerado, e característicos do processo de produção desenvolvido. (10)

Para explicar o que entende por condições de produção, Pêcheux faz referência às teorias psico-fisiológicas e psicológicas do comportamento, e às teorias sociológicas e psico-sociológicas da comunicação, optando pelas segundas. O autor se vale do esquema informacional, rejeitando o esquema reacional, em que a estimulação é física e a resposta é orgânica, excluindo do es tudo do comportamento humano e, conseqüentemente da manifestação linguística, a influência de regras e normas que regem a ação -

-
- (8) - Pêcheux, M. op. cit. pág. 29. "Notre entreprise consiste donc à remonter de ces 'effets de surface' à la structure invisible qui les détermine: ce n'est qu'ensuite qu' une théorie générale des processus de production discursifs de viendra réalisable, en tant que théorie de la variation ré glée des 'structures profondes' ".
- (9) - Pêcheux, M. op. cit. pág. 12. "L'étude de la liaison entre les "circonstances" d'un discours - que nous appellerons désormais ses conditions de production - et son processus de production. Cette perspective est représentée dans la théorie linguistique actuelle par le rôle assigné au con texte ou à la situation, comme arrière-fond spécifique - des discours, rendant possible leus formulation e leur

dos indivíduos e desprezando a dimensão simbólica da linguagem. O esquema informacional não trata necessariamente da transmissão de uma informação, mas de um "efeito de sentido" entre destina - dor e destinatário. O esquema informacional põe em cena os prota - gonistas do discurso e o seu "referente ("contexto" ou "situa - ção" na qual aparece o discurso), cuja mensagem se transmite a - través de um código comum, em todo ou em parte, do destinador ao destinatário, através de um contato que pode ser físico ou psico - lógico (11).

Pêcheux, porém, chama atenção para o fato de que as po - sições dos protagonistas são representadas no processo discursi - vo, funcionando uma série de formações imaginárias que designam o lugar do destinador e do destinatário, imagens que se fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro. Pêcheux justifica essa co - locação pela existência, em toda formação social, de regras de projeção que estabelecem as relações entre a situação (que pode ser objetivamente definida) e a posição (que é a representação - da situação). Como a correspondência não é biunívoca, situações diferentes podem corresponder à mesma posição, de acordo com re - gras que a investigação sociológica poderá descobrir (12). Dessa forma, a posição dos protagonistas do discurso vem compor, com o contexto ou referente, as condições de produção. (13) Mas estes elementos não estão apenas justapostos. Eles mantêm relações en - tre si, que podem variar segundo a natureza dos elementos pos - tos em confronto, que não têm uma eficácia igual, podendo um de - les tornar-se dominante, determinando então a natureza, o valor e o lugar dos outros termos (14). Dentro desta perspectiva, o ob - jeto de uma sociologia do discurso seria estabelecer as ligações entre as "relações de força" (exteriores à situação do discurso) e as "relações de sentido" que se manifestam nele, colocando em evidência as "variações de dominância" (15).

.....
(11) - Pêcheux, M. op. cit. págs. 17 e ss.

(12) - Pêcheux, M. op. cit. pág. 19.

(13) - Idem, ibidem, pág. 20.

(14) - Pêcheux, M. op. cit. pág. 22.

(15) - Idem, ibidem, pág. 23.

É importante considerar aqui o aspecto institucional da língua como uma criação do indivíduo através de muitos atos de fala mas, no entanto, anterior a ele e à qual ele está obrigado por restrições estruturais. A hipótese salienta bem esse aspecto quando diz "a partir da língua", colocando o discurso como um movimento possível dentro de condições conjunturais específicas que vão ser condição necessária do desenvolvimento do processo.

A análise do discurso terá, pois, por função, determinar a interação que se processa entre as relações de força que são exteriores ao discurso e que remetem especificamente às condições de produção, ou seja, à posição dos protagonistas dentro de um contexto, e às relações de sentido, que se colocam ao nível das idéias emitidas.

Não podendo fazer uma regressão ad infinitum, às origens das condições de produção, devemos sempre partir de um estado determinado dessas condições. Sempre haverá um antes e um depois, a partir do corte operado pelo analista (16).

Pêcheux trata, sucessivamente, de duas questões: 1 - a questão da correspondência entre as condições de produção e o processo de produção; 2 - a questão da transformação das condições de produção.

Para tanto, estabelece duas regras:

- 1 - O processo de produção de um discurso Dx (em um estado n) resulta da composição das condições de produção de Dx (em um estado n) com um sistema linguístico L determinado.
- 2 - Todo processo de produção, combinado com um estado determinado de condições de produção de um discurso, provoca uma transformação nesse estado.

.....
 (16) - Idem, Ibidem, pág. 23. "Mais on a vu, d'autre part, qu'un état donné des conditions de production devait être compris comme résultant de processus discursifs sédimentés: on voit qu'il est donc impossible de définir une origine des conditions de production, puisque cette origine, proprement impensable, supposerait une récursion infinie."

O problema que devemos resolver em relação à análise do discurso é o seguinte: dado um estado definido de condições de produção de um discurso monólogo, e um conjunto finito de realizações discursivas empíricas, representativas de tal estado, determinar a estrutura do processo de produção correspondente, isto é, o conjunto de domínios semânticos postos em jogo, tanto quanto as relações de dependência existentes entre esses domínios (17). O conjunto das variáveis que compõem as condições de produção devem ser procuradas fora da sequência linguística (18), pois Pêcheux considera que o estudo do texto não pode ser restringido à análise puramente linguística fechada em si mesma, mas que deve se referir a um conjunto de discursos possíveis, a partir de condições de produção determinadas, isto é, das circunstâncias em que foi produzido o discurso (19). Cada discurso proferido é sempre calcado sobre outro, do qual o emissor tem conhecimento e ao qual dirige uma resposta, o que torna um processo discursivo uma sequência de enunciados que vão sendo paulatinamente modificados, embora conservem uma estrutura

.....
 (17) - Idem, op. cit., pág. 26.

(18) - Idem, op. cit., pág. 26. "Nous supposons qu'il est possible de définir empiriquement un ensemble d'émetteurs identifiables quant à l'état des conditions de production de Dx (et non pas, bien entendu, pour tout discours en général)... la constitution de cet ensemble repose à la fois sur le contrôle des variables sociologiques objectives caractéristiques de la place du destinataire, et sur celui des formations imaginaires propres à la situation de Dx, dont un jeu préalable de questions indirectes aura pour fonction de vérifier le contenu."

(19) - Pêcheux, M. pág. 16: "...nous énoncerons, à titre de proposition générale, que les phénomènes linguistiques de dimension supérieure à la phrase peuvent effectivement être conçus comme un fonctionnement, mais à la condition d'ajouter immédiatement que ce fonctionnement n'est pas intégralement linguistique, au sens actuel de ce terme, et qu'on ne peut le définir qu'en référence au mécanisme de mise en place des protagonistes et de l'objet du discours, mécanisme que nous avons appelé les 'conditions de production' du discours."

interna comum (20).

Pêcheux não restringe a sua teoria de análise do discurso à análise de textos, mas antevê a possibilidade de uma teoria geral da produção dos efeitos de sentido. E embora afirme que a teoria do discurso não pode, de modo algum, substituir uma teoria da ideologia, pode intervir no campo dessas teorias.

5.3 - Os objetivos da análise do discurso.

Tomamos, portanto, como corpus discursivo, os 21 panfletos mimeografados, que se compunham de textos curtos, acompanhados de ilustrações significativas, o que suponho fosse uma necessidade, pois se destinavam, não aos mais instruídos, mas à camada da população que representava o contingente humano com menor escolaridade (21). A análise a ser feita referir-se-á ao contexto das palavras Minhoca e Panela, representativas da situação no sentido de que uma remete à outra, por oposição. Não têm sentido quando isoladas, mas seu sentido vem de comporem uma dicotomia, em que a ausência de uma elimina a outra. " Para um pensamento baseado numa operação dicotômica, o princípio de tudo ou nada não tem, apenas, um valor heurístico, exprime uma

(20)-Idem, pág. 32. "...le même système de représentations se réinscrit à travers des variantes qui le répètent de proche en proche- c'est cette répétition de l'identique à travers des formes nécessairement diverses qui caractérise à nos yeux le mécanisme d'un processus de production; la "structure profonde" apparaît ainsi comme un tissu d'éléments solidaires, s'étayant et s'assurant lui-même à travers les effets métaphoriques qui permettent d'engendrer une série quasi infinie de "surfaces" tout en astreignant celles-ci à des limites de fonctionnement au-delà desquelles la "structure profonde" éclaterait."

(21)- Num trabalho realizado na cidade pelo Prof. Waldemar Lourenço, sobre a capacidade do eleitor em cumprir as formalidades eleitorais, - no caso, assinalar o candidato escolhido e votar em candidatos de um único partido (o chamado voto vinculado) -, o que se verificou foi que 15% realizava a tarefa de maneira satisfatória, 60% de maneira precária e 25% de maneira deficiente, sendo que desses, 15% não conseguia realizá-la, o que resultava em votos nulos. Esta nota vem como ilustração, porque não consegui dados sobre a amostragem.

propriedade do ser: tudo oferece um sentido, senão nada tem sentido." (22)

Os termos foram escolhidos entre outros que compunham os folhetos, por serem os mais frequentes, acompanhados de suas derivações, minhoqueiro e paneleiro, e de seus sinônimos formais, Arena e MDB (23). Partimos do pressuposto de que o contexto das palavras Minhoca e Panela nos permitirá perceber as perspectivas políticas e ideológicas dos dois partidos, tais como foram expressas verbalmente. Os panfletos, pelo seu aspecto temporal, escritos ao sabor dos últimos acontecimentos da campanha, têm a vantagem de estar delimitados num espaço de tempo preciso, registrando uma visão dinâmica dos acontecimentos, o que não aconteceria se tratássemos com um documento atemporal e que representasse uma tomada de posição de todo um partido. Sua vantagem sobre o jornal - que, na época não circulava - seria o fato de ser um instrumento esquematizado, para ser lido e apreendido rapidamente, e que retém da ideologia dos autores apenas o que é pertinente ao contexto político e conjuntural em que está situado (24).

No caso desta análise, devo considerar os 21 panfletos como 21 discursos, sendo o conjunto deles designado por Dx ($Dx_1, Dx_2, \dots, Dx_{21}$). O destinador é representado em Dx pe-

.....

(22) - Lévi-Strauss. Pensamento Selvagem, pág. 201.

(23) - Esse procedimento foi adotado por Pêcheux e Wesselius, no artigo citado a seguir.

(24) - Pêcheux, M. e J. Wesselius - À propos du mouvement étudiant et des luttes de la classe ouvrière: 3 organisations étudiantes en 1968, pág. 246.

la facção política que se denominou o Partido da Minhoca e que ocupava, na época, o lugar da oposição na luta que se travava pelo poder municipal. O que aparece no conjunto de discursos Dx é uma série de posições imaginárias que se atribuem os Minhocas e que eles atribuem aos Pannels.

Nos discursos aqui analisados, o destinador representa um pequeno grupo de correligionários da Minhoca, que se dirige a uma massa difusa de simpatizantes, já comprovadamente fiéis ou em vista de serem conquistados, e dos quais o destinador antecipa as representações, o que lhe permite fazer afirmações que serão sancionadas pelas respostas do destinatário. A antecipação depende da distância existente entre emissor e receptor, o que vai determinar a forma do discurso, visando transformar o pensamento do ouvinte ou operando apenas como cúmplice de idéias semelhantes (26). Aqui, as duas formas aparecem, pelo fato de que os eleitores não compõem uma massa homogênea e interferem muitas outras representações que podem atuar como desviantes dos objetivos propostos e que, no caso, são citadas como as obrigações advindas das relações de parentesco, amizade e outras.

A percepção que os Minhocas têm dos Pannels vem a partir de acontecimentos anteriores que foram entendidos de determinada maneira e que formam a base das colocações encontradas nos discursos (27). Vamos considerar que os discursos sofrem uma modificação progressiva, à medida em que são produzidos, pois

.....
(26) - Pêcheux, M. op. cit. pág. 21.

(27) - Pêcheux, M. op. cit. pág. 22. "Par opposition à la thèse "phénoménologique" qui poserait l'appréhension perceptive du référent, de l'autre et de soi-même comme condition pré-discursive du discours, nous supposons que la perception est toujours traversée par du "déjà entendu" et du "déjà dit", à travers lesquels se constitue la substance des formations imaginaires énoncées; les concepts de pré-supposition et d'implication, présentés et utilisés par O. Ducrot, mettent en jeu le même genre d'hypothèse:..."

todo emissor é um ouvinte virtual do seu próprio discurso, transformando-o à medida que prossegue (28).

Os panfletos vão ser considerados como uma espécie de discurso monólogo, em que o destinatador não recebe resposta do destinatário, que está presente apenas através da imagem que o destinatador tem dele.

O problema que devemos resolver em relação à análise do discurso é a seguinte: dado um estado definido de condições de produção de um discurso monólogo Dx (seja a competição entre duas facções políticas, uma no poder e outra fora dele, nas eleições municipais de 1972, em Presidente Epitácio) e um conjunto finito de realizações discursivas empíricas de Dx (os 21 panfletos que compõem o Diário da Minhoca), representativas de tal estado, determinar a estrutura do processo de produção que corresponde às condições de produção, isto é, o conjunto de domínios semânticos existentes em Dx, tanto quanto as relações de dependência existentes entre esses domínios.

Trabalhando com enunciados, os elementos mínimos do discurso (29), compete-nos colocar em relação as suas propriedades internas (como a combinação de signos) e suas propriedades externas (como elementos funcionais do discurso), com a finalidade de perceber a equivalência da interpretação semântica, preenchendo a condição de proximidade paradigmática dos termos substituíveis em determinado contexto.

.....
(28) - Pêcheux, M. - op. cit. pág. 25.

(29) - Seria interessante notar aqui que Lévi-Strauss procura também o menor elemento componente da narrativa: "Até agora, utilizamos a seguinte técnica: cada mito é analisado independentemente, procurando-se traduzir a sucessão de acontecimentos por meio de frases o mais curtas possíveis." "A estrutura dos mitos," in A.E., pág. 243.

Não basta, porém, distinguir os efeitos metafóricos, mas é necessário também determinar o efeito de dominância. Entendemos que toda condição de produção do discurso pode ser caracterizada por um processo de produção dominante que, através de realizações discursivas concretas, manifesta uma interação com processos de produção secundários. O efeito metafórico permitirá determinar os domínios semânticos e as relações de dependência lógico-retóricas. Daí se admitir que um único discurso não apresenta uma unidade orgânica na sua materialidade textual, mas que toda forma discursiva particular remete necessariamente a uma série de formas possíveis que lhe são justapostas numa operação de análise.

Devem ser definidos dois níveis de análise:

- 1 - o nível de análise dos enunciados no conjunto de discursos D_x , ligados entre si por relações funcionais características do processo de produção considerado.
- 2 - o nível de análise dos lexemas do enunciado, ligados entre si por leis de comutação/cominação característicos do processo de produção considerado.

Não sendo possível fazer uma regressão ad infinitum às origens das condições de produção, devemos sempre partir de um estado determinado dessas condições. Daí a necessidade de distinguir os "brancos semânticos" das "pausas", sendo os primeiros os delimitadores do discurso, o ponto de acesso ao papel de locutor e a saída desse mesmo papel, e as segundas, os delimitadores das frases. A análise não é feita, porém, frase por frase, porque as pausas são operadores polivalentes suscetíveis de mascarar a justaposição, a oposição, a consequência, entre duas frases. Por isso, Pêcheux propõe a absorção do nível da frase ao nível do discurso.

Supomos, portanto, que a série de discursos, submetida à análise, corresponde a um mesmo estado dominante de condições de produção, induzindo a um processo de produção correspon

dente. Serão designados por $Dx_1, Dx_2, \dots, Dx_{21}$, os discursos recolhidos sob o nome de "Diário da Minhoca" e que são representativos do conjunto de discursos possíveis, surgidos na mesma condição de produção. A tarefa constitui-se em analisar toda a superfície discursiva de Dx , em elementos mínimos, ligados entre si segundo leis próprias do seu processo de produção.

Dado o texto discursivo, o primeiro passo será a reconstituição da ordem canônica das frases, para que se possam determinar as dependências funcionais que, transpondo o nível da frase, vão conduzir ao elemento mínimo do discurso que Pêcheux chama de enunciado.

Segundo o levantamento quantitativo dos elementos componentes dos discursos, os termos mais frequentes são os termos Minhoca e Panela, com suas derivações minhoqueiro e paneleiro e com seus sinônimos formais MDB e ARENA. Dessa forma, fizemos um levantamento das frases em que esses termos aparecem explícitos e também daquelas em que se encontravam implícitos. Pêcheux considera que o conhecimento inicialmente definido por critérios externos, deve ser filtrado por meio de critérios internos, enriquecendo o conhecimento apresentado de início. Para tanto, propõe um procedimento formal:

- 1) Levantamento das frases em que aparecem, explícita ou implicitamente, os termos Minhoca, Panela, minhoqueiros, paneleiros, MDB e ARENA.
- 2) Reconstituição da ordem canônica das frases.
- 3) Redução das frases a enunciados ligados por operadores de dependência.
- 4) Estabelecimento dos domínios semânticos .

5.4 - Análise do discurso.

Aplicados os procedimentos formais determinados pelo método, deveremos tratar, em primeiro lugar, da qualificação dos personagens que aparecem na narrativa, tentando, a seguir, estabelecer a imagem que é feita dos dois partidos políticos, dos seus dirigentes e dos correligionários de um e de outro.

O personagem principal, embora quantitativamente - pouco citado, em relação à totalidade do corpus discursivo, apresenta-se-me como o núcleo de significação, pois é, a partir dele, que se desenvolve todo o processo, que culmina com a vitória da Oposição. Em termos de qualificação, ele aparece de duas formas: auto-qualificando-se e qualificado pelos seus correligionários. Na auto-qualificação, podemos verificar a afirmação de uma única qualidade, que poderia ser julgada como a que se considerou fundamental:

El1.e2. Eu (dr.Minhoca) sou filho

El1.e3 filho e da terra.

"Filho da terra" aparece aqui como uma condição para ter direito ao poder. A afirmação, porém, apresenta-se ambígua, numa cidade onde, praticamente, todos eram de fora. A formação recente ainda permitia que, na composição demográfica da cidade, estivessem presentes os imigrantes húngaros e portugueses, os paulistas da "zona velha" e os "bairanos" do São Francisco. O dr. Minhoca fazia parte da primeira geração nascida na cidade e, embora não tendo sido criado nela - sendo, como foi dito em páginas anteriores, um candidato conveniente porque sem "passado", do qual não se tinha o que condenar -, a referência ao passado não correspondia a um passado concreto e individual, mas a uma neces

sidade de afirmação de autoctonia.

Negligenciada a origem humana dos heróis, a Minhoca de cartola e bengala diz apenas que chegou, sem dizer de onde veio. O outro enunciado, revelador do mesmo mecanismo, faz uma referência global à facção.

E11.e1 . Eu (dr. Minhoca) cheguei

E21.e1. A Minhoca surgiu

São levantadas as qualidades do herói da narrativa, que devem ser suficientes para tirar o município do seu marasmo e trazer-lhe o "progresso".

E93.e2 O dr. Minhoca tem capacidade

E93.e3 vontade

E93.e4 vontade e de trabalhar

E131.e6 potencialidade

E93.e1 simpatia

Segundo a qualificação atribuída aos correligionários, podemos notar que se faz referência, tanto às qualidades técnicas, como às qualidades pessoais do candidato, o que vem de encontro à já discutida situação dos municípios brasileiros, em que a capacidade técnica, apenas, não seria suficiente para resolver os problemas municipais, dada a exiguidade das verbas.

E40.e3 O dr. Minhoca cumprirá a promessa

E40.e4 a promessa e da Panela

E170.e1 terá sucesso

E125.e5 instalará retransmissor

E125.e6 retransmissor e do povo

Aqui aparece a decorrência da capacidade técnica, na realização de uma aspiração comum, que era a instalação de um retransmissor de TV, para que a imagem chegasse nítida à cidade. A alusão à promessa da Panela acusa o partido adversário de fracasso

so e a afirmação de que o retransmissor seria do povo, remete à qualidade de grupo fechado que é atribuída a eles, e que aparecerá explícita, mais adiante.

O segundo personagem, o Minhoca Tank, aparece através de ações violentas e não recebe nenhuma qualificação técnica, mas lhe são atribuídas ações a partir das suas qualidades pessoais de valentia e agressividade, úteis durante a campanha, na luta pelos votos dos eleitores.

E111.e1	O Minhoca-Tank	acertou	sua artilharia
E111.e2			grandes tankadas
E114.e2		encostou	um chupim
E114.e5		não permitiu	sugadores
E114.e6	Ø	Ø	sugadores fazem chavecos (conchavos)?
E114.e7	Ø	Ø	sugadores procuram votos
E165.e6		oferecerá	uma peixada
E165.e8			peixada 6 para o povo

Nesta sequência, aparece a oposição elite-povo, entendendo-se que a elite, grupo voltado para os seus interesses, seria dissolvida e transformada em povo (E165.e6)

Terceiro personagem, ao Pintado é negada a qualidade de "da terra".

E181.e3 O ex-Rei Pintado é MINHOCA Ø na Bahia

"Baiano" dos primeiros tempos, líder político de longa atuação, poderia, a partir de fatos concretos, reivindicar o seu direito à terra. No entanto, sua oposição ao Soldado, agora discretamente aliado aos líderes do MDB, fizera com que ele não se acobertasse sob a mesma legenda. Por motivos também de incompatibilidade, não poderia juntar-se aos dirigentes da Arena. Seu recurso à sublegenda criou uma outra categoria de eleitores - pintados contra minhocas² e a sua inadequação às condições do

município, na última gestão, rendera-lhe a pecha de incompetente.

E35.e5 O PINTADO não fornecia água.

Embora inimigo da Panela, o Pintado aparece como solidário, desde que os votos que conseguisse pela Arena II seriam somados à Arena I.

E 89.e2 O PINTADO realizará um comício

E166.e7 auxiliará Zé Piranha

É, portanto, em nome da sua incapacidade que lhe é negada a qualidade de Minhoca, e portanto o direito à cidade.

E181.e1 O ex-Rei Pintado fará as malas

irá para sua terra

terá BOA VIAGEM

Mestre Cuca, o chefe da Panela, também chamado Burgo - Mestre, é qualificado como capaz. Isso se deve à sua qualidade de profissional liberal, que satisfazia uma convicção geral de que a capacidade pessoal venceria os obstáculos provenientes da indigência municipal. Acusada de ineficiente sua administração, negam-lhe o poder, culpando-o principalmente de fazer apropriação privada de logradouro público e de pertencer ao Clube da Panela.

E 26.e1 O MESTRE-CUCA (ser) capaz

E 26.e3. poderoso

E 26.e4. poderoso e falso

E128.e6 O sr.Mestre Cuca proprietário

E128.e7 proprietário e das chaves

E128.e8 chaves e da Igreja

E 45.e1 O Burgo-Mestre membro do clube

E 45.e2 clube e da Panela

E 45.e11 iludido

Novamente aparece a "elite", o grupo fechado, o Clube, e a sua negação é o "povo".

A ação do Burgo-Mestre aparece na sua negação. E a negação da ação manifesta as aspirações que trazem implícitas a dependência do município - "não pediu para a cidade" -, e a idéia de progresso - "não elevou o nome da cidade" -, concretizado a - através de melhoramentos como o retransmissor de TV.

E 45.e7	O Burgo-Mestre	não pediu	Ø	para a cidade
		não trouxe	indústrias	
		não elevou	o nome da cidade	
		não fez	administração conveniente	
		não lembrou	a promessa	
			promessa C de retransmissor	
		não conseguiu	NADA	

Finalmente, chegamos ao quinto personagem de primeiro plano: Zé Piranha. É ele o candidato do prefeito, o candidato da situação, comerciante da praça da igreja, considerado derrotado desde a sua indicação, e que não satisfaz às exigências eleitorais do momento político: capacidade técnica e qualidades pessoais, estas últimas evidenciadas pelo vocábulo "indicado", escolhido pelo prefeito e não pelo povo.

E115.e2	Zé Piranha	(ser)	indicado
E131.e1			coitado
E131.e2			liquidado
E115.e9			incapaz
E164.e4			ridículo.

Caracterizados os personagens da narrativa, passarei à caracterização das duas facções, Minhoca e Panela. A finalidade da caracterização será descobrir a organização interna dos grupos e as idéias subjacentes a cada um. O procedimento de análise

obedecerá aos mesmos critérios usados para a caracterização dos personagens: agrupar enunciados de qualificação e enunciados de ação.

O grupo da Minhoca aparece com várias denominações, que eu considerei oportuno reunir em três categorias: a que se refere ao partido (A Minhoca, o partido da Minhoca, o MDB), a que se refere aos dirigentes do partido (A equipe da Minhoca, os homens da Minhoca, o Clube da Minhoca, a equipe dos minhoqueiros) e a que se refere aos correligionários do partido (minhoqueiros, nós (minhoqueiros), você (minhoqueiro), minhocas, pés-de-chinelo)

O partido da Minhoca aparece qualificado através de idéias que remetem às características do signo minhoca, enquanto animal, em linguagem apenas metafórica, no sentido de não ter um esquema montado de poder como o outro partido mas passa para a linguagem mitológica ao reconhecer a diacronia do símbolo e ao criar um animal de duas cabeças.

E 13.e1 A minhoca (ser) mole
E 1 .e1 A minhoca (ter) uma história
E 2 .e2 duas cabeças.

Essa elaboração pode ser remetida à solução concreta encontrada pela oposição, para resolver o impasse político, que foi a reunião de duas lideranças, uma burocrática e uma carismática, resumida na frase inicial do Diário: "A minhoca tem duas cabeças, por isso ela pensa mais."

Enquanto partido, a Minhoca é reconhecida concretamente, como uma facção majoritária de índole igualitária.

E 42.e3 A Minhoca (ser) maioria
E 42.e2 maioria e do eleitorado
E 41.e3 equipe (igualitária)

E 49.e1 uma força
 E 49.e2 força e poderosa
 E 49.e3 força e de minhoqueiros
 E 2.e1 inteligente
 E 13.e2 forte
 E106.e7 trabalhadora

Seu posicionamento político é reconhecido como "de oposição", mas, coerentemente com os dados colhidos, é especificado o aspecto de "oposição municipal."

E148.e3 A Minhoca ser contrário
 E148.e2 contra o governo
 E124.e1 oposição
 E124.e2 oposição e contra administração atual
 E124.e3 administração e municipal

E a regionalização do conflito, visto pelos atores como desvinculado da problemática nacional, aparece na "tradução" da sigla MDB:

E112.e5 O MDB (ser) MINHOCA DO BARULHO

A pobreza municipal serve como pretexto da oposição.

E169.e1 A minhoca gosta de lama

Lama remete a ruas sem asfalto e a outras deficiências - que, gerando insatisfação, foram campo propício ao desenvolvimento de uma oposição forte.

E117.e2 A Minhoca alerta os eleitores

E 19.e4 propõe uma administração

E 19.e5 administração e boa

A possibilidade de uma "boa administração", porém, está na substituição dos quadros administrativos, em mãos da facção oposta, que deve ser eliminada-

E 99.e6 MINHOCA ESMAGA PANELA

O partido aparece como uma ameaça à posição dos atuais detentores do poder, que julgavam poder conservá-lo.

E 24.e2 A Minhoca assustou os paneleiros

E106.e4 A Minhoca trouxe a revolução.

"Revolução" tem aqui o sentido de substituição de pessoas nos cargos da administração municipal, que há oito anos permanecia nas mãos de um único grupo.

E 72.e2 A Minhoca Do Barulho resolveu o problema

problema e da sucessão
municipal

A referência mais ampla é sempre ao município:

E106.e5 A Minhoca preparou um trabalho

E106.e6 trabalho e profícuo

E106.e7 trabalho e pelo município

E106.e8 município e nosso

E as promessas eleitorais aparecem em termos vagos, dos quais o mais concreto é riqueza, assim mesmo sem especificar como conseguí-la e para quem:

E163.e2 A Minhoca dará o progresso

E129.e4 O MDB a renovação

E 31.e3 O MDB(Minhoca
Do Barulho) a redenção

E 96.e6 produzirá riqueza

E138.e2 A MINHOCA DO
BARULHO levará Epitácio para frente

E 95.e3 oferecerá melhores condições

E 95.e4 condições e de vida

E 95.e5 vida e

do município

As "melhores condições de vida para o município" vem assim resumir a proposta da oposição, notando-se a ausência absoluta de referências à ordem social existente.

No que se refere aos dirigentes do partido, embora os enunciados pareçam bastante vagos, acredito que eles denunciam a liderança de alguns, cujas qualidades citadas são reconhecidas pelos correligionários. A qualidade igualitária sugerida pela palavra "equipe", fica anulada pela verificação de que há uma cúpula dirigente.

Quanto à qualificação do grupo dirigente do partido, postulantes de cargos administrativos, o apelo é feito no sentido de ressaltar qualidades pessoais de iniciativa, vistas como necessárias para tirar o município da condição em que se encontra.

E 52.e1 O Clube da Minhoca ser responsável

E 29.e2 A equipe da Minhoca Da Boa

sensata

E 30.e1

Ø

do dr. Minhoca

E 30.e2

Ø

da Renovação

E 7.e4 Os homens da Minhoca

capaz

E 76.e3 A equipe dos MINHOQUEIROS

vigorosa

As intenções dos dirigentes do grupo são tão imponderáveis quanto as qualificações.

E 7.e4 Os homens da Minhoca (ter) uma finalidade

E 7.e5

finalidade é justa

E 7.e6

finalidade é honesta

E76.e2 A equipe dos Minhoqueiros

um horizonte brilhante

E76.e4

ideais jovens

E76.e5

ideais novos.

E a ação segue no mesmo teor:

- E 76.e8 A equipe dos MINHOQUEIROS (fazer) uma revolução
 E 76.e9 revolução e de fé
 E 76.e10 revolução e de es
 perança
 E 76.e11 revolução e de A-
 MOR À PAZ
 E 52.e2 O Clube da Minhoca união do povo
 E 52.e3 povo e
 epitaciano

Espera-se, portanto, da renovação do quadro dirigente municipal, uma revolução de fé, esperança e amor à paz, culminando com a união do povo epitaciano.

Devemos fazer, agora, referência aos correligionários da Minhoca. Eles aparecem sob os nomes de os minhocas, pés-de-chinelo, minhoqueiros, nós (minhoqueiros), você (minhoqueiro).

- E 5.e5 Os minhoqueiros (ser) donos da cidade
 E 5.e6 moradores
 E 5.e7 moradores e antigos
 E146.e2 menores de idade
 E168.e3 inexperientes
 E 78.e3 criados pelos panelas.

Vamos encontrar aqui a referência ao passado, na afirmação de que os minhoqueiros eram moradores antigos e, portanto, os donos da cidade. Ao mesmo tempo, a sua qualificação como menores de idade, inexperientes, embora parecendo contraditória, tem sua explicação nos dados etnográficos. A geração nova que comparecia entusiasticamente aos comícios da Minhoca era a primeira geração adulta nascida na cidade, filhos dos primeiros colonizadores, a

meio caminho entre os novos e os velhos tempos. E a afirmação final de que os minhoqueiros foram criados pelos painéis, aponta para o descontentamento causado pelo fechamento dos grupos de status, e finalmente, da superposição de vários deles, num grupo de "elite".

O grupo dirigente, visualizado como a "equipe" da Minhoca, em páginas anteriores, aparece reduzido a um único chefe.

E49.e5 Os minhoqueiros tem um Chefe Supremo.

No entanto, nem a visão anterior de equipe, nem a de um único chefe, correspondem à realidade da liderança. Esta é exercida por dois, um líder burocrático (o dr. Minhoca) e um líder carismático (o Minhoca Tank), vistos como um só. A importância - do enunciado citado é demonstrar o relacionamento que se verificava entre o líder (os líderes) e os seus seguidores, de índole claramente carismática. A identificação com o líder aparece no enunciado:

E 47.e1 Nós (Minhoqueiros) falamos ~~o~~ pela Minhoca

Confirmando afirmações anteriores, quanto às ações dos dirigentes, os minhoqueiros também desejam a renovação e a explicitam.

E 120.e3 Os pés-de-chinelo desejam a renovação

E 5.e4 Os minhoqueiros querem a renovação

E 5.e5 renovação é política

E124.e4 RENOVAÇÃO TOTAL

E158.e2 A vitória

E150.e4 O PROGRESSO

Portanto, a renovação proposta pelos minhocas, postula que a substituição dos administradores é condição de progresso, projetado para o futuro e promovido por eles:

- E 161.e1 Os minhocas afastarão a Panela no interesse
 E 117.e9 Os minhocas pensarão interesse e da co
 letividade
- E 50.e6 Os minhocas promoverão a elevação
 E 50.e7 elevação e do nível cultural
 E 50.e8 elevação e do nível cívico
 E 50.e9 elevação e do nível profissio
 nal
 E 50.e10 elevação e do nível esportivo.

Finalmente, condensando líderes, correligionários e o sistema de idéias relacionado ao grupo dos minhoqueiros, aparece o enunciado final-

- E 86.e2 Nós (minhoqueiros) podemos coroar a MINHOCA

A existência dos Minhocas, porém, está condicionada à existência da Panela. E a Panela aparece, nos textos, através de um julgamento extremamente rigoroso.

- E 132.e1 A PANELA ser mascarada
 E 136.e2 elite
 E 136.e2 covarde

A administração da Panela é o motivo principal das reclamações:

- E 34.e1 A Panela (ser) uma administração
 E 34.e2 administração e demagógica
- E 32.e1 O governo da
 Panela lamentável
 E 32.e2 sem planos administrativos
 E 35.e4 A admin.da Panela igual à do PINTADO
 E162.e2 A Panela uma farsa
 E162.e3 farsa e administrativa
 E147.e2 incompetente.

Consequentemente, o fracasso nas urnas será consequência das suas más qualidades e da sua má administração. Os ataques são feitos igualmente à Panela e ao Pintado, englobados numa única sigla, que a subdivisão em legendas não consegue separar. É baseado nessa analogia - incapacidade administrativa - que se recusa ao "Baiano" o direito à terra, colocando-o ao lado dos "de fora", ele que fora um dos primeiros a vir para a cidade que ajudara a formar.

A má administração aparece retratada em alusões bem diretas aos serviços públicos mais elementares:

E 34.e4	A PANELA	(ser)	culpada	da falta d'água
E 77.e6				da lama
E 77.e7				dos buracos.
E 71.e1	A PANELA	(estar)	fracassada	
E 18.e5				muito pesada
E147.e2				"atravessada na garganta"
E 84.e1				vazia.

Entre os correligionários da Panela encontramos os Panelas, chupins, Parasitas e paneleiros, mas em apenas um enunciado o termo paneleiro se refere aos eleitores desvinculados do grupo:

E 108.e3 OS PARASITAS não se aproveitarão & dos paneleiros

Isso é significativo, no sentido de que, como ficou demonstrado em páginas anteriores, as redes de relações sociais dos candidatos da Panela impediam que se recrutassem eleitores nas camadas mais baixas da população, salvo as exceções que se justificavam por relações de dependência. No mais, os termos parecem referir-se especificamente aos dirigentes, qualificados como "experientes", uma constatação, ao mesmo tempo, dos anos de serviço prestado e da qualificação técnica, mas de "inconscientes" e "sem cuca", razão do seu fracasso. A inconsciência pode

ser uma alusão à falta de percepção do grupo dirigente quanto à necessidade, dadas as condições sócio-econômicas locais, de entender as relações sociais às camadas mais baixas da população.

E 126.e4	Os Pannels	(ser)	inconscientes
E 168.e1			experientes
E 168.e2			sem cuca
E 132.e2			católicos mascarados
E 132.e4			mentirosos
E 132.e6			caluniadores
E 126.e5			fracos.

A referência a "católicos mascarados" vem a respeito da manipulação política de sentimentos religiosos, agravados pela suposta lealdade do Vigário ao grupo da situação. Retrata também a percepção da superposição dos grupos de status, um deles, o Cur sílho, de índole religiosa.

E 107.e1	Os paneleiros	serão castigados	
E 131.e5		respeitarão	a Minhoca

Desta forma, o resultado das eleições significaria a sujeição da "elite" ao "povo", ou de forma mais drástica, a eliminação dos grupos de status, através da eliminação dos seus componentes:

E 107.e4	Os paneleiros	vão	Ø	Ø	para o abismão
E 108.e2	OS PARASITAS		Ø	Ø	
E 107.e1	Chupins		Ø	Ø	

Paneleiros, chupins e parasitas, iguallados todos como aproveitadores do bem público, voltados para interesses particulares:

E 91.e1	OS CHUPINS	governam	a cidade
E 91.e3		apoiam	os parasitas
E 91.e6		forjaram	nomes

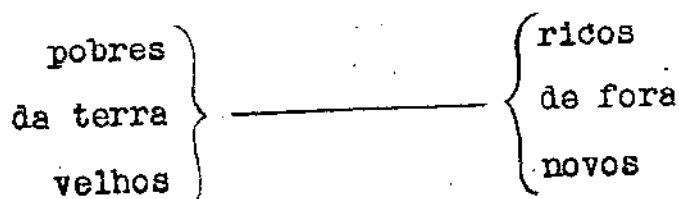
A afirmação de que "forjaram nomes" retoma o problema da liderança. A liderança de cúpula não era reconhecida pelos eleitores. A liderança carismática era a liderança legítima.

O progresso de alguns grupos em detrimento do restante da população, vem condenado na ação dos parasitas:

E 62.e7 OS PARASITAS acabaram com o progresso
E 62.e8 progresso e da cidade

E 91.e4 impedem o progresso
E 91.e5 progresso e do município.

Assim, cidade e município têm o sentido globalizante do "todo", do "de todos", do "comum", possível a partir das variáveis heterogêneas que compunham a situação de cada indivíduo, e motivo dos problemas referentes à definição da posição. Desta forma, a oposição pobres e ricos perde a força de oposição entre duas camadas hierárquicas, associando-se a outras oposições, que minimizarão o seu peso. Assim, chegamos a um sistema de oposições:



em que os "pobres" não são os pobres, porque há ricos entre eles. São tanto os despojados da riqueza, como da honra e do poder. "Ricos" não são os objetivamente ricos, os grandes proprietários e industriais, que estes tinham seus interesses econômicos e sociais voltados para fora, pouco se importando com picuinhas municipais e, principalmente, preocupados em estar bem com todos. "Ricos" eram os profissionais liberais chegados na década de 60, associados aos pequenos comerciantes, componentes dos clubes de ser

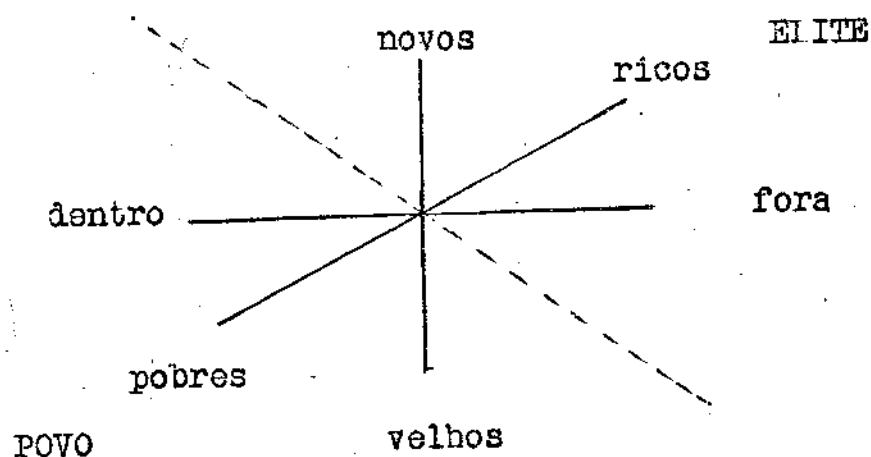
viço e que, embora considerável a defasagem da renda em relação à camada mais baixa, escandalizavam pelo "estilo de vida", o mesmo para o grupo, mas mantido por pessoas de posses desiguais. Entre os "ricos" encontravam-se pessoas das camadas mais baixas, que lhes deviam favores morais em decorrência de dependência econômica.

Entre os "da terra" estavam elementos recém-chegados; como o candidato a prefeito, ou de município vizinho, como o candidato a vice-prefeito. "Da terra" era uma referência ao passado conquistado pelos primeiros moradores da região, dos quais os candidatos eram descendentes diretos. "Da terra" tinha, entre outras significações, a desaprovação dos grupos de status, pois remetia a um tempo onde "o lugar de cada um" não estava ainda determinado e a subserviência não se transformara em norma de comportamento. Finalmente, "da terra", uma oposição aparentemente geográfica, levantava uma questão de direito: o direito ao poder.

E 11.e4 Eu (dr. Minhoca) quero ser prefeito

E 11.e5 prefeito 6 desta terra

A oposição velhos e novos estabelece uma oposição no tempo, mas entre os "velhos" estavam os novos, da geração mais jovem, herdeiros dos hábitos igualitários da fronteira, incorporando porém, no momento, condições que os levariam, necessariamente, a se identificarem com comportamentos baseados em limites e barreiras sociais, jovens profissionais liberais e herdeiros de terras que já eram. Entre os "novos" encontrava-se uma geração de meia idade, com atuação efetiva há mais de uma dezena de anos, mas que trouxera das cidades maiores, de onde vieram, o comportamento discriminatório. Junto aos "novos" estavam alguns moradores antigos, que haviam conseguido incorporar novos hábitos e atingir a "alta sociedade".



O modelo construído através deste sistema de oposições permite compreender como pôde ter êxito uma campanha que, manipulando conceitos abstratos como fé, esperança, progresso, e amor à paz, atingiu a maioria do eleitorado, entendido cada conceito a partir dos interesses individuais de cada um.

... ..

C O N C L U S ã O .

Chegando ao fim deste trabalho, quero crer que Arena e MDB tenham sido traduzidos, neste caso específico de política local, isto é, tenham sido entendidos como sinônimos contextuais, recebendo seu significado do meio onde estão inseridos.

Para tanto, este trabalho tentou demonstrar que a fronteira não traz em si, apenas, a "visão do bem ilimitado", mas a possibilidade concreta da apropriação da riqueza. E é dessa possibilidade concreta, produtora, ao mesmo tempo, do individualismo e da solidariedade, que podem surgir as idéias igualitárias, não permeando estruturas hierárquicas, mas filhas legítimas de uma realidade social indiferenciada. Assim sendo, podemos supor que a manifestação de idéias igualitárias, nas eleições de 1972, não aparece como sobrevivência ou mistificação, mas como um produto possível ou necessário, dentro das condições sociais estudadas, tendendo ao desaparecimento, ao se consolidarem as barreiras sociais.

Não é negada a existência do fenômeno coronelista no país. Entendo, porém, que ele vem acompanhado de algumas variáveis indispensáveis, como a presença do grande proprietário de terras, do empregado rural vinculado e do isolamento. A simples existência de outras variáveis relacionadas, como "empreguismo", "corrupção eleitoral" ou violência, não caracteriza o fenômeno.

Este estudo demonstra, portanto, que existem outros processos políticos locais, em desenvolvimento no Brasil. Estes processos políticos apresentam uma relação estreita com o desen

volvimento sócio-econômico local e sofrem a influência da sociedade mais ampla, principalmente no que se refere à instalação dos controles da administração burocrática. No entanto, a expansão da administração burocrática encontra um obstáculo na apropriação desigual da riqueza, o que impede a incorporação de todo o universo sujeito à sua área de influência.

O impasse que transporece no momento da crise - burocracia x carisma - remete às relações despersonalizadas da cúpula dirigente da Arena e às relações personalizadas propostas pelo MDB.

Embora se manifestasse, no modelo, a oposição elite-povo, ela não estava em questão. A questão fundamental eram as relações que deveriam existir entre essa elite e esse povo: toda a retórica eleitoral fazia um apelo igualitário, mas não propunha uma modificação da estrutura hierárquica.

Finalmente, espero ter demonstrado a qualidade de mito - do material analisado, já que obedece às características principais: ser uma história, transmitida em linguagem heteróclita, transbordante de significado, através de uma série de versões aparentemente diferentes, mas possuidoras de uma estrutura interna comum.

O arranjo estrutural nos forneceu um modelo lógico, oblique, em que a oposição vertical elite-povo vem minimizada por outras oposições. No entanto, de acordo com o método, podemos supor que o vize do modelo sugere uma tendência ao desenvolvimento de solidariedades horizontais e conflitos verticais, desde que haja alteração em seus elementos.

A condição necessária ao aparecimento do produto mítico é justificado pela necessidade de definição política, envolven-

do a classificação de lealdades diversas e variáveis heterogêneas, em momento estrutural inadequado. O mito aparece, assim, como uma resposta a uma situação problemática.

Finalmente, a partir da afirmação de Lévi-Strauss, de que o pensamento lógico não é privilégio das sociedades "civilizadas" (1), eu poderia dizer, inversamente, que o pensamento mítico não é privilégio das sociedades "primitivas".

... ..

.....
 (1) - Lévi-Strauss, Claude. "A estrutura dos mitos". pág. 265.
 "A lógica do pensamento mítico nos pareceu tão exigente - como aquela na qual repousa o pensamento positivo, e no fundo, pouco diferente. Pois a diferença se deve menos à qualidade das operações que à natureza das coisas sobre as quais se dirigem essas operações."

BIBLIOGRAFIA CITADA.

Fontes secundárias.

- Bailey, F.G. 1971. Gifts and Poison. Ed. Pavillion Series.
- Barnes, J.A. 1969. "Network and Political Process", in Social Network in Urban Situations. Manchester Univ. - Press.
- Belmont, Nicole. 1973. "Las creencias populares como relato mitológico", in Eliséo Verón, El proceso ideológico - 1973. Buenos Ayres Tiempo Contemporáneo.
- Bendix, Reinhardt. 1960. Max Weber. Amorrotu editores. Buenos Aires.
- Blau, Peter. 1964. Exchange and Power in Social Life. John Wiley and Sons In NY.
- Carvalho Franco, Maria Sylvia. 1969. Homens livres na ordem escravocrata. Inst. Estudos Brasileiros USP.
- Costa David's. Neuza. 1968. Poder local: aparência e realidade. Tese de doutoramento. Rio Claro. Mimeografado.
- Costa Lima, Luiz. 1968. O estruturalismo de Lévi-Strauss. Ed. Vozes. Petrópolis.
- Donato, Hernani. 1949. Chão Bruto. Rede Latina Editora. S.A.
- D'Incao e Mello, Maria Conceição. 1975. O Bóia-Fria: acumulação e miséria. Ed. Vozes Ltda. Petrópolis.
- Faoro, Raimundo. 1975. Os donos do poder. Ed. Globo/Ed. USP.
- Geertz, Clifford. 1973. "A ideologia como sistema cultural" in Eliséo Verón, El proceso ideológico.
- Gluckman, Max. "Les rites de passage", in Essays on ritual of social relations.

- Gross, Daniel. 1973. Faccionalism and local level politics in rural Brazil. The university of New Mexico. Albuquerque.
- Leach, Edmund. 1969. Genesis as myth and other essays. London. Jonathan Cape.
- - - - - 1970. Political Systems of Highland Burma. London.
- Lévi-Strauss, Claude. 1967. Antropologia Estrutural. Tempo Brasileiro. RJ.
- - - - - 1969. "Aula inatural" in Luiz Costa Lima. "O estruturalismo de Lévi-Strauss. Ed. Vozes Ltda.
- - - - - 1970. O Pensamento Selvagem. Cia. Ed. Nacional.
- - - - - 1976. Antropologia Estrutural II. Tempo Brasileiro. R.J.
- Mannheim, Karl. 1968. Ideologia e Utopia. Zahar.
- Mitchell, J. Clyde. 1969. "The concept and use of social network", in Social Network in Urban Situations. Manchester Univ. Press.
- Nunes Leal, Vitor. 1948. O município e o regime representativo no Brasil. Rio.
- Pêcheux, Maurice. 1969. Analyse Automatique du Discours. DUNOD. Paris.
- Queiroz, Maria Izaura Pereira de. 1969. Inst. de Estudos Brasileiros. SP.
- Ramos Jr., José. 1974. História de Presidente Epitácio. Mimeo - grafado.
- Shirley, Robert W. 1971. The end of a tradition. Comumbia University Press.
- Turner, Frederick Jackson. "The frontier thesis".

- Turner, Victor. 1974. O processo ritual. Ed. Vozes. Petrópolis.
- Van Velsen. 1969. "The extended-case method and situational analysis", in Epstein, W. The craft of social anthropology. Manchester.
- Vieira, Francisca Izabel s. 1976. O japonês na frente de expansão paulista.
- Velho, Otávio Guilherme. 1970. Frentes de expansão e estrutura agrária. Dissertação de Mestrado.
- - - - - 1976. Capitalismo autoritário e camponato. Difel. S.P. R.J.

Fontes primárias.

Artigos.

- Levy, Herbert. "Os deveres da Revolução e os preços mínimos" in A Vigilância, nº 137, 4-4-1965.
- Martins, Pery Barbosa - "Reminiscências de Presidente Epitácio" in A Vigilância, nº 126, 3-1-1965.
- Marconi da Silva, Temer. "Banda Municipal para colorir o coreto do Jardim", in A Vigilância, nº 145, 27-6-1965.
- - - - - "Da necessidade de uma biblioteca municipal", in A Vigilância, nº 152, 5-9-1965.
- Santos, Carlos dos. "O engenheiro que trocou um trono por um prazer", in A Vigilância, nº 167, 25-12-1965.
- - - - - "Como eu vi Porto Epitácio e a Navegação do Rio Paraná, de 1921 a 1926", in A Vigilância, nº 131, 20-2-1965.
- Sezucs, Luiza - "Catolicismo em Epitácio", in A Folha do Povo, nº 12. 27-3-1959.

Diversos.

Coleção de Monografias, IBGE. 05-5-955.

Plano de Desenvolvimento Integrado de Presidente Epitácio.

Censo de 1970 - IBGE.

Fitas gravadas.

Relatório de Atividades do Prefeito Municipal. 15-12-1972. Mimeo
grafado.

Diário de pesquisa.

A Gazeta Epitaciana. Ano I.	nºs	3	4- 2-1973
		4	4- 3-1973
		5	13- 3-1973
		6	27- 3-1973.

A Folha do Povo.	- Ano I.	nº	2	26- 9-1956
	Ano II.	nº	12	27- 3-1959
	Ano III	nº	45	1- 1-1961.

O Imparcial - Presidente Prudente - 23-1-1963.

A Vigilância.

nºs	data	nºs	data
98	14- 6-1964	130	17- 2-1965
100	28- 6-1964	131	20- 2-1965
101	16- 8-1964	132	28- 2-1965
102	12- 7-1964	133	7- 3-1965
103	19- 7-1964.	135	21- 3-1965
104	20- 7-1964	136	28- 3-1965
105	2- 8-1964	137	4- 4-1965
109	30- 8-1964	138	18- 4-1965
110	6- 9-1964	140	9- 5-1965
111	13- 9-1964	142	30- 5-1965
112	20- 9-1964	148	8- 8-1965
114	4-10-1964	152	5- 9-1965
116	18-10-1964	153	12- 9-1965
117	25-10-1964	156	3-10-1965
119	8-11-1964	158	17-10-1965
120	15-11-1964	159	24-10-1965
121	22-11-1964	162	21-12-1965
122	19-11-1964	163	28-11-1965
123	6-12-1964	164	5-12-1965
124	13-12-1964	165	12-12-1965
125	25-12-1964	172	3- 4-1966
126	3- 1-1965	173	10- 4-1966
127	17- 1-1965	177	15- 4-1966.
128	31- 1-1965		

A N E X O.

Exemplo do procedimento adotado para análise do corpus - discursivo Dx (Dx1, Dx2, ...Dx21), segundo o método de A.A.D., de M. Pêcheux:

I - estabelecimento das "marcas de pausa":

E2 - A Minhoca tem duas cabeças, porisso ela pensa mais...

II - restabelecimento da ordem canônica:

E2 - A minhoca pensa mais (porque) ela tem duas cabeças.

III - estabelecimento das dependências funcionais:

E2 -

e1. A minhoca pensa mais (melhor)

e2. A minhoca tem duas cabeças.

φ porque.

IV - determinação dos domínios semânticos:

exemplo:

	SN1	SV	SN2	prep.	SN'2	prep.	SN3
E19.e2	Você {minhoqueiro}	analisará	o programa				
E20.e1	Você {minhoqueiro}	votará	φ	φ	φ	φ	certo
E20.e2			φ	no	MDB	φ	φ

E42.e3	O partido da minhoca	tem	maioria	
E42.e2			maioria	é do eleitorado.

sendo:

SN1 - grupo sujeito
SV - grupo verbo
SN2 - grupo objeto direto
SN'2 - grupo objeto indireto
SN3 - grupo circunstancial
φ - ausência
φ - operador de dependência
ε - transformação.

"Marcas de pausa": sequência linguística limitada por dois "brancos semânticos", isto é, dois silêncios (reais ou virtuais) correspondentes à mudança de condições que representam o acesso ao papel do locutor e a saída desse mesmo papel. (A.A.D., cap.II)

... ..

dência caberia ao comerciante que, viajante na década de cinquenta, em sessenta estabeleceu-se na esquina da praça da Matriz e prosperara com as grandes vendas que fizera à firma construtora da Ponte; como primeiro secretário estava o proprietário de um escritório de contabilidade e como segundo secretário o proprietário de um posto de gasolina.

Os que pediram licença para falar, eram representantes da 'baianada' que sobreviviam diante das reformulações políticas recentes: os dois mulatos e os dois marítimos, sendo o último, irmão do "Chefe Visitante do Forum", ligado às composições políticas do Adversário.

Depois da posse, a vida do município voltava à mesmice rotineira. A transfiguração da realidade local pelas grandes esperanças cedia lugar à visão das deficiências realmente existentes e sentidas. A Ponte já dava passagem aos veículos. Os carros já entravam na cidade, a caminho do Figueiral. Bares e armazéns que ladeavam o percurso teriam que fechar as portas, estabelecendo-se agora em função dos residentes.

Embora a Ponte já desse passagem, depois de uma pré-inauguração realizada pelo DNER local, devido às pressões que se faziam sentir, sua inauguração oficial deu-se a primeiro de abril de 1965. Movimentaram-se os líderes locais no sentido de conseguir do Presidente da República que chegasse até o centro da cidade. (1)

Apesar das expectativas, nem Castelo Branco nem Ademar de Barros visitaram a cidade. No dia da inauguração, Ademar de Barros chegou primeiro, permanecendo no aeroporto à espera do Governador de Mato Grosso, Fernando Costa. Chegando o avião presidencial, dirigiram-se todos com o Presidente da República ao palanque de madeira armado na cabeceira da Ponte. O Ministro dos Transportes, General Juarez Távora, fez um discurso e também o homenageado, que tinha seu nome incorporado à obra recém-terminada, Maurício Joppert da Silva, cuja escolha se justificara por ter sido.....
(1) - "Pouco caso" in A Vigilância. Ano V, nº 148. 8-8-1965.



A cidade em dia de chuva.

do o criador do Fundo Rodoviário Nacional, que permitira a construção de muitas estradas e obras de arte. As campanhas pela escolha do nome, feitas pelos locais, não haviam conseguido sair do seu estreito limite. Lembrado Major Cecílio, pelo seu trabalho como desbravador e construtor da estrada que chegava às barrancas do lado do Mato Grosso; lembrado Hêlio Serejo, folclorista de região e que liderara várias campanhas pela construção da ponte; - lembrado ainda Jan Batta, acionista da Companhia de Viação São Paulo-Mato Grosso e grande proprietário no sul de Mato Grosso -, todos eles haveriam de permanecer nos limites de sua importância regional. A cidade ficava agora à margem da rodovia, entregue à própria sorte.

De princípio, dois fatos se podem observar através dos dados coletados: a aparente coesão de 'baianos' e profissionais liberais que se manifestara durante as eleições através de um prefeito profissional liberal e um vice-prefeito 'baiano' não encontrava condições concretas de existência. A maioria da Câmara Municipal era formada de profissionais liberais e pequenos comerciantes e o ex-prefeito "Baiano", embora tenha sido o vereador mais votado, logo nas primeiras sessões da Câmara achou-se sem condições de integrar a situação. Já na primeira reunião da Câmara, um vereador declarava que "o município está no CAOS. Acho que sim, porque o Ilustre Presidente da Comissão de Finanças e Relator da Matéria disse mais ainda: em seu parecer por escrito disse que o município está em estado de INSOLVÊNCIA E QUE CONSIDERA CALAMIDADE PÚBLICA." (2) Atacado e ridicularizado (3), passou a não ir às sessões; faltando a três sessões consecutivas, seu mandato foi declarado extinto.

Da segunda sessão ordinária, o "Vereador sem Cadeira" registrava: "...aqui da galeria vi quanto o povo que assistia a sessão gostou dos debates a respeito do pedido de licença do ex-.....

(2) - "Fala o vereador sem cadeira" in A Vigilância. Ano V, nº 137. 4-4-1965.

(3) - "Fala o vereador sem cadeira" in A Vigilância. Ano V, nº 138. 11-4-1965.

prefeito que quer ir à Terra de Todos os Santos por seis meses.(... ..)....o Presidente colocou em votação o adendo do Vereador... que concede 60 dias em vez de seis meses. A votação foi de 5 votos a favor e 3 contra e o Ilustre Vereador Ausente só terá 60 dias para ir matar suas SAUDADES em Itapoã." (...) "Sr. Presidente, a sessão do dia 10 foi de grande movimento nas galerias. Acho que foi devido à presença do ilustre Ausente no plenário que fez toda a aquele movimento; eu também na expectativa para anotar as respostas que ele deveria dar aos ataques que lhe fizeram em sessões anteriores os vereadores, mas não vimos nada, nem uma só palavra. (...) como era de se esperar, o sr. Presidente deu a palavra ao vereador...., que para defender os moradores da Vila Martins, atacou de rijo o ex-prefeito que ausente aos ataques, fingia que não era com ele, usaram ainda da palavra os vereadores....., todos em seus argumentos fizeram referências à administração passada e o ausente-presente como sempre, nem nada de nada, quando o ex-burgomestre quis fazer uso da palavra a respeito de um parecer da Comissão de Finanças, o sr. ...na Presidência, não consentiu, dizendo que era matéria vencida. (...) Quanto à licença do Ausente por seis meses, deixando a Câmara para o seu substituto, a troca é bem melhor... vá com Deus, fique os quatro anos por lá." (4)

O processo de ordenação se desenvolvia progressivamente, Os profissionais liberais, senhores da situação, podiam verberar através do jornal, contra os "aspectos negativos" da cidade, encontrando receptividade por parte da nova prefeitura. Assim é que se reclamava dos cães soltos, da energia elétrica, cara e deficiente (5), da poeira, da ausência de nomes nas ruas(6), exigindo-se mu-

.....
(4) - "Fala o vereador sem cadeira" in A Vigilância, Ano V, nº 139. 25-4-1965.

(5) - "Exploração de Eletricidade" in A Vigilância. Ano V, nº 140. 9-5-1965: "...mais importante para nós epítacianos é o problema da energia elétrica em nosso município. (...)... com as suas tarifas elevadas em 1/3, com o propósito de MELHORAMENTO E EXPANSÃO, a ilustre exploradora passou este mês a não mais instalar relógios medidores de consumo, pela compensação de um razoável aluguel, como finha fazendo; agora, aqueles que quiserem o benefício de uma eletricidade aumen-

(segue)

dança nas normas de admissão de funcionários (7) e medidas contra os vendedores ambulantes e contra as transgressões de horário pra

-
- (5) - (cont.) ...tada em 35% (só no preço, é claro) têm que arcar com um ônus da ordem de Cr\$50.000,00 ,sem contar as demais despesas para instalação da claridade...

Quem quiser, tem que conseguir os postes por sua própria conta, arrumar os esteios dos postes (se for o último da linha), mandar executar todos os serviços necessários e depois, para vistoria e o respeitável 'de acordo', deve se dirigir a Presidente Prudente, por sua conta, trazendo de lá o elemento responsável pela verificação da coisa e o levando de volta. E depois disso, façam o favor de nem olhar mais para o equipamento instalado, pois a Cia. fica braba e diz que não se pode mexer no equipamento que é DELA. Mas a coisa não fica aí. Logo em seguida, começam os cortes intermináveis no fornecimento e, ao primeiro trovão, munam-se os usuários de velas, pois a luz elétrica lá se vai e só Deus sabe quando volta.

Quanto ao serviço de iluminação pública, então, nem se devia falar. É simplesmente vergonhoso. A Cia. não dá os postes, não fornece as lâmpadas para serem trocadas (que vivem queimadas exclusivamente por culpa da própria Cia., que fornece energia deficiente, com variações de até 40%) e passem, senhores, não fornecem nem mesmo o material humano para trocar as lâmpadas queimadas. Se a Prefeitura quiser, mesmo pagando também 35% a mais, que forneça o material e os homens munidos de escadas para trocar as lâmpadas. E como já está trovejando, é melhor encerrar o assunto, antes que a Caiuá interrompa o funcionamento."

- (6) - A Vigilância. Ano V, nº 135. 21-3-1965: "Uma das coisas - que se nota em nossa cidade é que ninguém sabe o endereço de ninguém... Bem entendido, um endereço nos moldes ortodoxos, ou seja, uma rua com nome, uma casa com número... (...) Assim é que encontramos os endereços mais estapafúrdios possíveis, como 'ao lado da touceira de bambú', 'depois do último poste', 'bem em frente ao buracão', 'pegado ao boteco do Zeca' e outros tantos..."
- (7) - "Fala o vereador sem cadeira" in A Vigilância, Ano V, nº 140. 9-5-1965: "Quero lembrar também que os funcionários públicos municipais estão precisando ter a sua carreira estruturada. Sei que agora, para entrar na Prefeitura como funcionário, só por concurso, pois está muito certo. O que não estava certo era o 'outro' nomear funcionário com 72 anos de idade, para aposentar com 75 anos..."

ticadas pelo comércio local (8).

Parecia, agora, que tudo poderia ser consertado a uma só vez, que recursos com os quais não se sonhava há pouco, seriam agora viáveis. Assim é que um grupo de alunos do Ginásio pressionava o gerente do cinema, no sentido de melhorar seu equipamento e suas instalações. Mas as aspirações eram mais altas:

"Uma Banda Municipal bem uniformizada, alegrando o coração de todos os epítacianos com músicas bem nossas, seria mais uma realização capaz de honrar qualquer administrador municipal, bem como contribuiria para conservação de nossas tradições de povo amante de bandas, nem mesmo que sejam das famosas 'furiosas'! (9)

Queriam também uma biblioteca:

"...como nosso município está acordando para seguir o progresso de outras comunas pátrias, justo é já se ir pensando na solução de um problema dessa envergadura. Uma cidade em franco progresso reclama dos poderes públicos a organização de uma Biblioteca Pública." (10)

Entre os sonhos e a urgência do dia-a-dia, porém, era necessário que se tomassem medidas concretas. Já na primeira reunião da Câmara, em que se constituíram as comissões, noticiava-se que

"...Após encerrada essa reunião ordinária... foi realizada outra reunião em caráter extraordinário para discussão e aprovação do projeto de lei 1/65 do Executivo que, pela sua aprovação transformou-se na Lei nº 266, de 23-3-1965 e que esta

-
- (8) - Respeito - in A Vigilância, Ano V, nº 137. 4-4-1965: "Quanto aos vendedores ambulantes, não bastassem os que aqui já se 'estabeleceram' atravancando as vias públicas da cidade, - ainda uma torrente de novos camelôs resolveu fazer de Presidente Epitácio o seu habitat. E assim concorrem até mesmo com os ramos de comércio mais especializados, não sendo de admirar que logo venha algum ambulante vender até móveis e geladeiras pelas ruas. No que diz respeito ao comércio e à indústria, a própria legislação trabalhista determina que a jornada de trabalho não deve exceder oito horas diárias. Acreditamos que o Imposto de Licença que é pago à Prefeitura também dá o direito de se manterem as portas abertas durante oito horas por dia. Infelizmente, não é assim que os fatos ocorrem em nossa cidade, onde, ao que tudo indica, os comerciantes, principalmente, desobedecem às determinações nesse sentido, abrindo os seus estabelecimentos antes do horário previsto e só encerrando suas atividades muito depois das dezoito horas. Deixamos sem qualquer comentário aqueles que permanecem funcionando aos domingos e feriados, sob a desculpa de 'residência nos fundos.' "

belece prazo para arrecadação de tributos." (11)

A medida, porém, vinha abrandada:

"...concede anistia, no que diz respeito às multas sobre todos os tributos de exercícios findos ou deste exercício, desde que tais tributos sejam liquidados até o dia 30 de abril próximo." (12).

Medidas de saneamento atingiam os proprietários, pois "Começando pelas ruas centrais, onde as águas servidas correm livremente, diante das casas comerciais, escritórios e consultórios, até bairros residenciais, onde apenas algumas casas possuem as suas instalações dentro das normas ditadas pelo código, toda a cidade se encontra num estado de insalubridade... Os quintais das casas mais centrais concentram grande número de famílias, morando em quartos e quartinhos, sem as mínimas condições de habitabilidade. Finalmente, noventa por cento da população pobre não tem fossas nos quintais..." (13)

"De comum acordo, Posto de Saúde e Prefeitura, estão - sendo intimados os proprietários de prédios que ainda não tenham fossa, a construí-las imediatamente, ou arcar com as responsabilidades impostas pela Lei. Esperamos que a ação seja enérgica, a fim de eliminar da cidade córregos mal cheirosos." (14).

Mas a ação enérgica que se reclamava não seria capaz de, em pouco tempo, transformar as condições da cidade e impedir que o impossível acontecesse:

"...somos forçados a relatar bisonho fato ocorrido ... na sala de refeições do Restaurante Primor quando alguns cidadãos estavam jantando, quase foram jantados. Ressalte-se que a culpa não coube ao proprietário do Restaurante, mas sim ao dono do prédio e às autoridades, que permitem ou permitiram tal construção, pois, em meio à refeição, eis que a terra se abre numa avant-première do Apocalipse e trava para o seu seio mesa, cadeiras e comensais. Mas, segundo já se comenta, não foi nada grave, somente havia desabado uma fossa CONSTRUÍDA NO MEIO

- (9) - Marconi da Silva, Temer. "Banda Municipal para colorir o coreto do jardim" in A Vigilância. Ano V, nº 145. 27-6-1965.
- (10) - Marconi da Silva, TEMer. "Da necessidade de uma Biblioteca Municipal" in A Vigilância. Ano V, nº 152. 5-9-1965.
- (11) - A Vigilância. Ano V, nº 136. 28-3-1965.
- (12) - Idem, ibidem.
- (13) - "Saneamento" in A Vigilância. Ano V, nº 131. 20-2-1965.
- (14) - A Vigilância. Ano V, nº 140. 9-5-1965.